



TIPOLOGIA INTRAURBANA

Espaços de diferenciação socioeconômica
nas concentrações urbanas do Brasil

Presidente da República

Michel Miguel Elias Temer Lulia

Ministro do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão

Dyogo Henrique de Oliveira

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE

Presidente

Roberto Luís Olinto Ramos

Diretor-Executivo

Fernando J. Abrantes

ÓRGÃOS ESPECÍFICOS SINGULARES

Diretoria de Pesquisas

Claudio Dutra Crespo

Diretoria de Geociências

Wadih João Scandar Neto

Diretoria de Informática

José Sant'Anna Bevilaqua

Centro de Documentação e Disseminação de Informações

David Wu Tai

Escola Nacional de Ciências Estatísticas

Maysa Sacramento de Magalhães

UNIDADE RESPONSÁVEL

Diretoria de Geociências

Coordenação de Geografia

Claudio Stenner

Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE
Diretoria de Geociências
Coordenação de Geografia

Tipologia Intraurbana
Espaços de diferenciação socioeconômica
nas concentrações urbanas do Brasil

Rio de Janeiro
2017

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Av. Franklin Roosevelt, 166 - Centro - 20021-120 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

ISBN 978-85-240-4429-8 (meio impresso)

© IBGE, 2017

Produção do e-book

Roberto Cavararo

Capa

Mônica Pimentel Cinelli Ribeiro - Gerência de Editoração/
Centro de Documentação e Disseminação de Informações - CDDI

Fotografia da capa: Pixabay.com/pt

Tipologia intraurbana : espaços de diferenciação socioeconômica nas concentrações urbanas do Brasil / IBGE, Coordenação de Geografia. - Rio de Janeiro : IBGE, 2017. 164p.

ISBN 978-85-240-4429-8

1. Geografia urbana – Brasil. 2. Geografia humana. 3. Urbanização. 4. Territorialidade humana. 5. Planejamento urbano. 6. Desenvolvimento sustentável. I. IBGE. Coordenação de Geografia.

Gerência de Biblioteca e Acervos Especiais
RJ/2017-20

CDU 911.3:711(81)
GEO

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

O FENÔMENO URBANO

Diferenciação socioespacial

PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS E ASPECTOS METODOLÓGICOS

Preparação da base de dados

Organização dos dados alfanuméricos

Organização dos dados gráficos

Análise de agrupamentos e a criação da tipologia

Análise de agrupamentos

Análise de agrupamentos para as variáveis de adequação de moradia

Análise de agrupamentos para as variáveis socioeconômicas

Junção das duas etapas

Ordenamento dos tipos gerados

Análise de agrupamentos para as demais Áreas de Ponderação

Recorte das áreas de ponderação pelas manchas urbanizadas

TIPOLOGIA INTRAURBANA

Caracterização dos tipos

Formas urbanas e distribuição socioeconômica da população

Tipos intraurbanos no Brasil

Perfis de distribuição da população segundo os tipos intraurbanos por Concentrações Urbanas

Acima de 2,5 milhões de habitantes

Acima de 1 milhão a 2, 5 milhões de habitantes

Acima de 750 000 a 1 milhão de habitantes

Entre 500 000 e 750 000 habitantes

Menor que 500 000 habitantes

APÊNDICES

1 Mapas dos tipos intraurbanos segundo as Concentrações Urbanas selecionadas

2 Mapas de detalhes dos tipos intraurbanos segundo as 12 metrópoles brasileiras

3 Correspondência entre os nomes dos grupos de ocupação

4 Áreas de Ponderação com menos de 400 domicílios (já existentes e criadas)

5 Gráficos de distribuição da população segundo os tipos intraurbanos

6 População por Concentração Urbana e tipo intraurbano

7 Percentual da População por Concentração Urbana e tipo intraurbano

8 Área por Concentração Urbana e tipo intraurbano

9 Percentual de área por Concentração Urbana e tipo intraurbano

REFERÊNCIAS



Convenções

–
Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento
..
Não se aplica dado numérico
...
Dado numérico não disponível
x
Dado numérico omitido a fim de evitar a individualização da informação
0; 0,0; 0,00
Dado numérico igual a zero resultante de arredondamento de um dado numérico originalmente positivo
-0; -0,0; -0,00
Dado numérico igual a zero resultante de arredondamento de um dado numérico originalmente negativo

Siglas das Unidades da Federação

RO Rondônia
AC Acre
AM Amazonas
RR Roraima
PA Pará
AP Amapá
TO Tocantins

MA Maranhão
PI Piauí
CE Ceará
RN Rio Grande do Norte
PB Paraíba
PE Pernambuco
AL Alagoas
SE Sergipe
BA Bahia

MG Minas Gerais
ES Espírito Santo
RJ Rio de Janeiro
SP São Paulo

PR Paraná
SC Santa Catarina
RS Rio Grande do Sul

MS Mato Grosso do Sul
MT Mato Grosso
GO Goiás
DF Distrito Federal

O início deste novo milênio é marcado pela globalização e pela interconectividade, sendo a cidade o espaço preferencial de realização de múltiplas atividades humanas, de forma intensa e desigual. A importância da análise intraurbana provém da necessidade de compreensão do espaço urbano e suas consequências num contexto em que seu crescimento ocorre, muitas vezes, rapidamente, com problemas não superados que comprometem a sustentabilidade das cidades, devido à forma de organização da produção e do consumo no seu interior.

A publicação *Tipologia intraurbana: espaços de diferenciação socioeconômica nas concentrações urbanas do Brasil* retoma uma linha de investigação de estudos cuja trajetória, no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, remonta à primeira metade do Século XX. Trata-se de um estudo que aborda a urbanização contemporânea brasileira em sua diversidade socioespacial intraurbana, e reforça a relevância de conhecimento atualizado em questões que dizem respeito ao futuro das maiores cidades brasileiras.

Esta publicação dá continuidade a um plano de pesquisas urbanas em desenvolvimento na Coordenação de Geografia. Dentre elas, pode-se citar a *Divisão urbano-regional*, divulgada pelo IBGE em 2013, que identifica três níveis regionais segundo a articulação dos centros urbanos. Ainda nessa linha de investigação, pode-se mencionar o estudo dos *Arranjos populacionais e concentrações urbanas do Brasil* (2016), que revela a integração entre os municípios e a formação de múltiplos arranjos em suas diversas escalas, incluindo a metropolitana.

O IBGE une-se, assim, aos esforços dos principais institutos nacionais e internacionais na reflexão e medição do fenômeno urbano e, ao compartilhar esta publicação, vem atender a necessidade de conhecimento sobre as Concentrações Urbanas. Compreender esses

espaços, por meio da escala intraurbana, é de suma importância para o planejamento, além de conferir visibilidade a oportunidades que promovam o desenvolvimento de ações voltadas à diminuição das desigualdades socioespaciais.

Wadih João Scandar Neto
Diretor de Geociências

INTRODUÇÃO

A diferenciação e a organização espacial respondem por um amplo temário de estudos na atualidade. Privilegiam-se, nessas abordagens, as facetas que vinculam à cidade contemporânea, expressão maior do processo de produção social do espaço, a crescente complexidade e multiplicidade de atividades, frutos de uma nova ordem urbana. Tal ordem suporta uma variedade de atividades que acontecem simultaneamente o que leva a mudanças em suas localizações, devido à rapidez com que articulam ou desarticulam as esferas econômicas, sociais e políticas.

A identificação das diferenças e semelhanças nas condições socioespaciais constitui um desafio em face das diversidades existentes no território brasileiro. Refletem, por um lado, as lógicas diversas dos agentes modeladores das cidades, e por outro lado, as escalas da urbanização, que assumem características cada vez mais complexas, ao formar grandes unidades urbanas (SANTOS, 2013).

A diversidade de áreas nas cidades com características econômicas e sociais distintas ocorre devido a alguns fatores, dentre eles a valorização de lugares para moradia, ou para executar atividades econômicas, dentre outros. As áreas centrais de negócios e serviços, bairros residenciais, subcentros de comércio e condomínios industriais, por exemplo, são porções do território que se distinguem e se diferenciam no tecido urbano.

A finalidade deste estudo é investigar a vertente intraurbana, de modo a contribuir e aprofundar o conhecimento segundo a diversidade socioeconômica e de infraestrutura nas áreas residenciais. A análise empreendida foca nas 63 maiores Concentrações Urbanas do País (ARRANJOS..., 2016), com relação à população, além das capitais estaduais Palmas (TO) e Boa Vista (RR). No total o estudo abrange 435 municípios brasileiros.

A concepção de uma tipologia intraurbana, com a escolha de variáveis temáticas apoiadas

em dados socioeconômicos e de infraestrutura, busca conferir um retrato comparável sobre as diferenças e as semelhanças expressas nas Concentrações Urbanas brasileiras, tendo como base os dados do Censo Demográfico 2010. Ao se privilegiar uma abordagem que utiliza dados censitários, o estudo possibilita compor uma tipologia que serve de insumo para o planejamento urbano e outras atividades de interesse público e privado.

A publicação está estruturada em três capítulos: **O fenômeno urbano, Procedimentos operacionais e aspectos metodológicos e Tipologia intraurbana**. No capítulo **O fenômeno urbano** são apresentadas algumas abordagens e reflexões que serviram de referência à temática em questão e no subcapítulo **Diferenciação socioespacial** se aborda o termo, contextualizando-o e comparando-o a outros temas correlatos.

No capítulo **Procedimentos operacionais e aspectos metodológicos** é discorrido sobre o processo de construção da tipologia intraurbana. Como unidade espacial mínima para a realização do estudo foram utilizadas as Áreas de Ponderação, sendo que 12,2% tiveram a sua composição, de setores censitários, alterada devido à grande disparidade interna de condições socioeconômicas ou por serem superdimensionadas. Apoiando-se em uma metodologia que utilizou análise de agrupamentos e outras medidas estatísticas, gerou-se os tipos intraurbanos que caracterizam as Concentrações Urbanas selecionadas.

No último capítulo **Tipologia intraurbana** a análise dos resultados foi realizada segundo quatro abordagens. Na primeira, os tipos são descritos e qualificados segundo os dados utilizados para sua criação. Assim, fica evidente a diferença que os tipos possuem entre si com relação a: coleta de lixo; distribuição de água por rede; acesso a esgotamento sanitário; densidade de moradores por dormitório; presença de alvenaria externa; presença de máquina de lavar;

existência de computador com Internet; razão de dependência de menores de 15 anos; nível de instrução; e rendimento domiciliar *per capita*.

Na segunda abordagem, foram esboçados modelos que refletem diferentes aceções sobre as formas das manchas urbanizadas: radial; litorânea; condicionadas pelo relevo e massas d'água; zonais, dentre outras. Tais características advêm tanto de condicionantes naturais quanto dos modos de organização espacial e da complexidade da urbanização. A organização socioespacial das Grandes e Médias Concentrações revela diferentes padrões na disposição dos tipos intraurbanos e, assim, ao final do capítulo, o resultado indica como cada concentração urbana pode ser inserida em uma ou mais formas urbanas, concomitantemente.

A terceira abordagem descreve a distribuição da população segundo os tipos intraurbanos para os recortes espaciais de Grandes Regiões e Brasil. Utiliza-se para leitura dos padrões, além da população a área que cada tipo recobre segundo o recorte considerado. Assim, consegue-se perceber as diferenças e similaridades entre os padrões que ocorrem nas diferentes regiões do País.

A quarta abordagem faz uma leitura da proporção da população distribuída nos tipos intraurbanos, por faixas populacionais segundo as Concentrações Urbanas. Os perfis identificados são variados e consoantes ao tamanho da população; à pujança econômica; às especificidades regionais; e à diversidade social. Dessa forma, aquelas concentrações que possuíam semelhanças em seus perfis foram analisadas conjuntamente, enquanto aquelas que apresentaram perfis próprios foram descritas separadamente. Ao final de cada faixa populacional, outras características foram analisadas como: distribuição etária; composição da estrutura familiar; religião; cor ou raça; e ocupação.

Ao final deste estudo, o quadro identificado reproduziu um retrato das condições de vida da população nas Concentrações Urbanas do País, capaz de ensejar novas formas de percepção da diferenciação socioespacial. Insere-se, assim, no debate contemporâneo acerca das questões urbanas, uma vez que pode servir como subsídio para outros trabalhos, incluindo aqueles ligados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS. Cabe ressaltar que as Conferências das Nações Unidas sobre Moradia e Desenvolvimento Urbano Sustentável - Habitats

I, II e III vêm debatendo a cidade com ênfase no desenvolvimento e sustentabilidade desde 1976. A Agenda 2030 contém 17 ODS a serem alcançados, sendo que o ODS 11, sobre as cidades, reconhece a importância das mesmas como força transformadora para o desenvolvimento sustentável.

A publicação inclui ainda um conjunto de nove apêndices cujo conteúdo vem detalhar alguns dos aspectos tratados ao longo do texto. Assim, são compostos por conjuntos de mapas (Apêndices 1 e 2), quadros (Apêndices 3 e 4), gráficos (Apêndice 5) e tabelas (Apêndices de 6 a 9).

Agradecimentos especiais

A realização deste estudo contou com a contribuição muito valorosa de professores e pesquisadores que ao longo dos trabalhos de campo foram consultados. Assim, o IBGE vem agradecer de modo muito especial:

Aos Doutores *José Aldemir de Oliveira*, *Paola Verri de Santana* e *Geraldo Alves de Souza*, do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades na Amazônia - NEPECAB (Departamento de Geografia, Universidade Federal do Amazonas - UFAM).

Às Doutoradas *Doralice Sátyro Maia* e *Andréa Leandra Porto Sales*, do Laboratório de Estudos Urbanos - LEU (Departamento de Geociências, Universidade Federal da Paraíba - UFPB).

À Doutora *Leila Christina Duarte Dias*, do Programa de Pós-Graduação em Geografia (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC).

Ao Doutor *Jan Bitoun*, do Departamento de Ciências Geográficas (Universidade Federal de Pernambuco - UFPE).

O fenômeno urbano

Tratar o urbano é uma tarefa complexa que exige a visão de diferentes disciplinas, dentre elas a Geografia, a Economia, a Arquitetura e a Sociologia. Essas têm a urbanização em seu temário e tratam-na como um dos processos mais importantes e mais marcantes da atualidade, uma vez que implica em concentrar em espaços relativamente reduzidos elevados contingentes de pessoas, infraestruturas, informações, recursos financeiros entre outros.

Analisar a cidade e o fenômeno urbano é uma tarefa que demanda uma abordagem interescalar. A grandiosidade do tema é tal que no mínimo deve-se tentar entender o fenômeno nas escalas intraurbana, metropolitana e regional segundo suas diversas articulações e complementaridades de funções. Isso ocorre, atualmente, devido à multiplicidade de processos e formas que percorrem o espaço urbano e revelam novas espacialidades, recriando as condições sociais de modo cada vez mais complexo e ampliado, redefinindo assim o papel de cada lugar (SANTOS, 2012).

A configuração do espaço urbano é fruto da sobreposição dos vários processos que ocorreram ao longo da história da humanidade. Muito se discute quando surgiram as primeiras cidades e quais os seus papéis nos “mundos” de suas épocas. Porém, a noção de urbano sempre esteve associada à concentração de pessoas vivendo em pequenas porções do território, em uma paisagem peculiar (de moradias conjuntamente a prédios religiosos, político-administrativos e militares) e ocupadas em atividades laborais das mais diversas. Desta forma, a palavra urbano nos remete a um modo de vida em espaços construídos característicos, comumente identificados pela sua forma na paisagem.

A presença de certas atividades caracterizaram as funções que serviram para definir o que se entende como cidade ao longo da história. Para Mack e McElrath (1974) a presença de funções de coordenação e controle são inerentes às cidades. Comentam os autores:

A urbanização envolve a localização de funções de coordenação e controle nas cidades. [...] É inconteste que a cidade é o lar de trabalhadores cujas principais funções envolvem a coordenação e controle de um amplo leque de atividades econômicas, políticas, militares e religiosas¹ (p. 147, tradução nossa).

Weber (1979), ao discutir o conceito e categorias da cidade, aponta os diferentes perfis que cada uma tem ao longo da história, comparando as cidades da Europa e Ásia segundo suas funções e autonomia. Entende-se aqui que este é o ponto fundamental no entendimento da cidade, ou seja, ela é aquele ambiente urbano que possui certas funções ou atividades que acabam por enquadrá-la nesta categoria. Entretanto, ao longo do tempo a noção das funções pertinentes à cidade variou de lugar para lugar, segundo a história de formação de cada nação. Mas, em todas as épocas, as funções de coordenação e controle estavam presentes, definindo a abrangência da atuação de cada uma em um dado território.

As cidades articulam-se entre si compondo um sistema hierárquico e heterárquico (de complementariedade) de funções (SPOSITO; CATELAN, 2014). Desta forma, elas são *hubs* de uma ou mais redes de cidades que se articulam de modo a viabilizar o fluxo de mercadorias, informações e ordens.

À medida que a cidade concentra mais funções, um maior contingente populacional torna-se necessário para o bom funcionamento. Tal fato acarreta o aumento de suas manchas urbanizadas, alcançando proporções gigantescas em alguns casos. No Brasil, comumente integram vários municípios que passam a funcionar como um único “organismo”. Com isso, são essas unidades metropolitanas as mais adequadas para compor estudos de rede urbana e hierarquia de

¹ “Urbanization involves locating coordination and control functions in cities. [...] It is a truism that the city is the home of workers whose majors functions involve coordinating and controlling wide-ranging economic, political, military and religious activities”.

idades, uma vez que a dimensão que cada uma ocupa é a dimensão pontual, ou seja, de nó numa rede, como mencionado anteriormente.

As cidades são, mais do que qualquer outro modelo territorial e ambiente construído, o lugar da mais complexa e inter-relacionada forma de produção e espacialização humana. Parece marcante que as mudanças mais intensas estejam ocorrendo no interior das principais estruturas urbanas com a reestruturação da produção e do emprego, com a expansão urbana, criando:

Uma plataforma moderna, altamente organizada e integrada dinamicamente no mercado mundial, [...] e um "resto da cidade" majoritário, inorgânico, descapitalizado [...]² (CORAGGIO, 2000, p. 11, tradução nossa).

No Brasil, grosso modo, o modelo ao qual Coraggio (2000) se refere, gera, internamente, núcleos metropolitanos com funções mais qualificadas nas áreas centrais, enquanto as áreas periféricas se expandem, configurando muitas vezes espaços de urbanização precária e eventualmente com a presença de condomínios residenciais, industriais ou de serviços que renovam a produção do espaço urbano. A presença de novas funções, dentre elas, as de gerência e controle de operações estratégicas de alto nível, apoiadas em tecnologias avançadas, são, principalmente, aquelas que determinam as novas centralidades, e determinam também o papel das cidades no mundo globalizado, mesmo que esta inserção seja periférica (SASSEN, 2012).

A estrutura interna dos centros urbanos, neste contexto, constitui um tradicional eixo de investigação e revela-se importante, pois nele desvendam-se os processos e formas espaciais que caracterizam as cidades e suas áreas, via articulação do espaço urbano e suas condições sociais diferenciadas, típicas dos ambientes urbanos.

Atualmente, a noção de cidade amplia-se como estrutura física e nela renovam-se funcionalidades que respondem a um ritmo marcado pela rapidez e sofisticação tecnológica, convivendo com formas pretéritas e rompendo, muitas vezes, com limites político-administrativos para dar origem a novos recortes territoriais. São novas formas urbanas, novos conteúdos sociais, novos padrões espaciais, entre outras modificações, que aparecem na configuração do urbano (CAPEL, 2003). Esses constituem um novo sistema produtivo que inclui os aparatos de comando e controle, os centros de criação de novos produtos e processos, a produção tecnológica de ponta e os múltiplos serviços necessários a este fim, aglutinando-se em um número restrito de metrópoles servidas por *hubs* (COFFEY; MANZAGOL; SHEARMUR, 2000).

Soja (2000) afirma que a única certeza entre os estudiosos é que estas transformações resultam de uma intensa reestruturação urbana que já ocorre ao longo das últimas décadas no mundo. Um aspecto a ser mencionado é que esta espacialidade tem sido estudada de inúmeras maneiras e nem sempre existe acordo nas análises, métodos e interpretações utilizados.

As divergências acerca da capacidade de antigos paradigmas analisarem e interpretarem as transformações que ocorrem nas aglomerações urbanas podem ser superadas, em parte porque as investigações sobre o processo de reestruturação urbana, a produção de conhecimento atualizado sobre as cidades, revigoram os marcos teórico-metodológicos, assim como a percepção dos problemas e os métodos específicos de análise.

As bases teórico-conceituais, adotadas neste estudo, articulam a análise espacial à expansão e à diferenciação intraurbana contemporâneas, permitindo apreender a dinâmica, a composição (conteúdo) e a diversidade socioespacial das Concentrações Urbanas do País.

Diferenciação socioespacial

Pode-se afirmar que a atuação das forças que diferenciam as classes sociais reforçam uma maior diferenciação do espaço residencial via acesso diferenciado ao mercado habitacional que, leva cada classe social ou fração de classes a resolver diferentemente o problema de como e onde morar. Neste contexto a residência é um bem com características bastante específicas quanto à qualidade (conforto, duração, tipo de construção), à forma (individual, coletiva, integrada ou não ao conjunto das outras habitações e ao bairro, e estilo arquitetônico) e ao "estatuto institucional" (sem título, de aluguel, em propriedade, em co-propriedade). Caracteriza-se por ser uma mercadoria de produção lenta, cara e artesanal. Para construção da habitação depende, ela ainda, da terra urbana, base de sua edificação, também mercadoria em nossa sociedade e portanto, sujeita às mesmas leis de mercado. A destinação dos terrenos (seus diferentes usos) articula-se à complexidade da estrutura do setor imobiliário e à articulação, também complexa, entre as formas de apropriação da propriedade da terra urbana e a produção da habitação. A habitação e sua localização definem o tipo de seus habitantes seja num contexto espontâneo, seja planejado. (O'NEILL, 1983, p. 31-32, grifo nosso).

A reflexão de O'Neill (1983), supracitada, traz alguns elementos-chaves que interagem e compõem o espaço urbano capitalista, daí a quantidade de abordagens conceituais desenvolvidas ao longo dos últimos 100 anos. Independentemente da abordagem escolhida, vemos que os termos destacados (sublinhados) estão mais ou menos presentes na tentativa de explicar e mapear as diferenças existentes no tecido urbano.

2 "una plataforma moderna, altamente organizada e integrada dinamicamente al mercado mundial, [...] y un 'resto de la ciudad' mayoritario, inorgánico, descapitalizado [...]".

A relação entre a sociedade e o lugar (com todas as suas propriedades de posição, recursos e barreiras físicas ou “humanas”) é o ponto central da formação do espaço urbano. A presença de uma ou outra palavra isoladamente não seria capaz de explicar o processo em questão. Daí a escolha do termo “diferenciação socioespacial”³ para encaixar o título deste subcapítulo. Não obstante, esse traz consigo todo um significado implícito, sendo talvez, dentre a constelação de termos existentes, o mais amplo e abrangente, uma vez que a “diferenciação socioespacial aparece em contextos variados e é resultante de vários processos” (VASCONCELOS, 2016, p. 18). Esta natureza híbrida de formação do espaço urbano apresenta com frequência situações nas quais os mesmos conteúdos sociais geram paisagens completamente diferentes, assim como, paisagens semelhantes são compostas por conteúdos sociais diferentes. Vasconcelos (2016) comenta a este respeito como certas diferenças são vistas do avião (como as das favelas brasileiras em relação ao restante da cidade), e como outras passam despercebidas como os guetos negros norte-americanos. Entretanto, cabe aqui ressaltar que, ainda que algumas diferenças entre as partes da cidade não sejam percebidas do avião, elas são claramente percebidas e sentidas ao se circular pelas suas ruas.

Na verdade, o que as diferentes abordagens visam sistematizar e apresentar é algo bem conhecido da pessoa comum que vive na cidade, ou seja, o mosaico interno que a compõe. Estas diferenças entre as partes internas da cidade são fruto de todo um histórico de criação das cidades e dos interesses em jogo das instâncias que a compunham em cada momento. Santos (2012, p. 308) comenta a este respeito:

A paisagem urbana reúne e associa pedaços de tempo materializados de forma diversa, autorizando comportamento econômicos e sociais diversos.

As áreas internas das cidades diferenciam-se, assim, tanto no que tange à divisão econômica do espaço quanto à divisão social do espaço, que mantêm interdependência entre si (CORRÊA, 2007). A espacialização do núcleo central de negócios, setores da zona periférica do centro, áreas industriais, subcentros de negócios e serviços, eixos comerciais, dentre outros, traduzem a diferenciação intraurbana quanto aos setores econômicos. Por outro lado, a divisão social do espaço denota que características infraestruturais, socioeconômicas, familiares, étnico-raciais, dentre outras, distinguem as diversas áreas do tecido urbano, constituindo um mosaico de diferenciação da mancha urbanizada.

Walker (1978), ao tratar da temática urbana, considera a diferenciação socioespacial como um fenômeno complexo que transcorre de maneira mais vigorosa com a ampliação do capitalismo e as dinâmicas que lhe são próprias. Trata-se de um processo gradual e dinâmico, que pode ocorrer de maneira mais ou menos intensa e célere a partir de fatores concorrentes: a ação estatal (instalação de equipamentos urbanos, requalificação de determinados espaços da cidade etc.), investimentos privados do setor imobiliário, ocupações ilegais, dentre outros. À vista disso, a diferenciação socioespacial resulta de diferentes processos que decorrem de maneira desigual e combinada no espaço (SOJA, 1983).

Tais processos são conduzidos e articulados pelos diferentes agentes modeladores do espaço urbano, nos quais as lógicas de ocupação variam conforme a regulação estatal, a disponibilidade de solo, o valor do solo, a infraestrutura instalada, a distância do centro, amenidades existentes etc. Ao longo da história alguns agentes surgem, outros desaparecem e outros mudam a sua forma de atuação.

Em uma perspectiva urbanística a diferenciação no espaço urbano pode ser verificada a partir das formas dos objetos que o compõem e o definem. A organização/disposição de lotes, com as vias e logradouros que os articulam e os delimitam, resultam em texturas, tecidos e padrões dos mais diversos: malhas ortogonais e traçados orgânicos, sobreposições e dispersões, ambientes projetados ou improvisados, numa relação dialógica com a própria natureza. Sua forma, volumetria, aparência, uso, produção e sua relação com o terreno e com entorno imediato tanto podem reforçar a noção de conjunto quanto diluí-la ou rompê-la. A relação entre o lote e a edificação, entre a terra e o uso que dela se faz, pode ser aferida e quantificada por meio de grandezas como a densidade. Acioly Junior e Davidson (1998) lembram que apesar de ser uma relação matemática entre volumes e quantidades com determinada área, a densidade pode variar culturalmente, de lugar para lugar, conforme uma relação construída historicamente entre terra e uso⁴. Entretanto, a diferenciação do espaço urbano é fruto, principalmente, de processos de construção/formação de lugares, identidades, bairros, recintos, ambientes, trechos, partes que adquirem configurações morfológicas distintas numa relação complexa com os conteúdos sociais, econômicos e culturais: são mosaicos de diferentes padrões que se espalham pelo relevo, que ora se altera pela urbanização e ora a delimita.

3 Alguns autores, como Souza (2006), utilizam o hífen quando se referem às dimensões espaciais e sociais em pé de igualdade, com uma existência própria, separada, ontologicamente diferente das relações sociais (econômicas, culturais etc.). Entretanto, decidiuse utilizar neste estudo a grafia sem o hífen, ainda que se tenha o mesmo entendimento do significado e existência das duas dimensões em pé de igualdade.

4 Apesar da alta densidade indicar, de certa forma, o aproveitamento verticalizado de áreas mais valorizadas da cidade, a aplicação pura e simples da relação matemática entre parcela e edificação não explicará totalmente as diferenciações no espaço urbano. Uma área de transição urbano-rural, ocupada por famílias pobres no cinturão periférico de uma região metropolitana pode ter densidade habitacional ou construtiva similar à de um condomínio de luxo em áreas privilegiadas em infraestrutura, mobilidade e qualidade de vida.

É interessante notar que não se deve focar os olhares somente nas áreas construídas mais consolidadas ao se levar adiante esta discussão. Intraurbano refere-se, também, às bordas das manchas urbanizadas principais, assim como, à miríade de “satélites” de núcleos urbanizados que as orbitam. Todas estas partes se relacionam e constroem um discurso, nem sempre harmônico, do contexto de cada cidade. Soja (2000) comenta como as rápidas mudanças sociais ocorridas nos últimos 30 anos geraram transformações que deixaram estes mosaicos mais complexos e caleidoscópios do que até então, o que exige uma superação de certos modelos. O autor cunha assim o termo *metropolarities* para dar conta destes mosaicos sociais reestruturados com seus padrões mais complexos.

Antes de continuar esta reflexão, cabe ainda alguns comentários sobre um termo correlato ao da diferenciação: a segregação socioespacial. Entende-se que esse termo não seria o mais adequado para expressar a análise e os resultados deste estudo. Uma vez que as concentrações urbanas foram todas tratadas ao mesmo tempo, segundo as mesmas variáveis, os resultados exprimem uma síntese dos processos ocorridos ao longo do tempo em cada uma delas, incluindo os de segregação. Não foi avaliado para cada área o processo de formação e se a conjuntura promovia espaços segregados (segundo rendimento, cor, etnia, religião etc.). Sposito (2016, p. 65), ao tratar a relação entre os conceitos de diferenciação e segregação, comenta:

Este é, então, um ponto central: só cabe a aplicação do conceito de segregação quando as formas de diferenciação levam à separação espacial radical e implicam rompimento, sempre relativo, entre a parte segregada e o conjunto do espaço urbano, dificultando as relações e articulações que movem a vida urbana.

Sendo assim, os resultados deste estudo revelam nas concentrações urbanas selecionadas um retrato no tempo, síntese dos processos que ocorreram e que se evidenciam de diversos modos, apresentando uma variedade consoante ao tamanho da concentração. Há áreas dotadas de melhor infraestrutura (esgotamento sanitário, água, energia, comunicações, calçamento, iluminação pública, pavimentação etc.), onde a valorização, decorrente de uma gama de fatores (existência de amenidades, distância do centro comercial etc.), pode propiciar maior verticalização, com edifícios de padrão mais alto, e ainda, áreas com residências amplas e confortáveis. À medida que se consideram as áreas mais

distantes daquelas com melhores condições de infraestrutura, e especialmente nas bordas das manchas urbanizadas, contrastam áreas com maior precariedade na infraestrutura e residências com mais baixos padrões construtivos.

As áreas se diferenciam, também, no tocante ao nível de instrução, de renda, disponibilidade de bens, dentre outros aspectos socioeconômicos, da população residente nas Concentrações Urbanas. De maneira geral, pode-se dizer que as áreas dotadas de melhor infraestrutura urbana e onde residem as pessoas com maiores níveis de instrução, renda e disponibilidade de bens são as que possuem melhores condições de vida. Em sentido oposto, as áreas mais precárias em relação à infraestrutura do tecido urbano e que concentram pessoas com menores níveis de renda, instrução e disponibilidade de bens são as com piores condições de vida.

Frisa-se que há, entre as áreas com melhores e piores condições de vida, variações quanto a essas características. Nesse sentido, pode haver áreas com boa infraestrutura urbana onde residam pessoas em piores condições socioeconômicas, ou também, áreas com pessoas em melhores condições socioeconômicas e piores condições no tocante à infraestrutura urbana instalada. São múltiplos os fatores que influenciam nessa diferenciação: o tempo de existência da área, mudanças na valorização de determinadas características espaciais, condicionantes particulares na formação da área, atuação do poder público etc.

Dessa forma, as diversidades socioeconômicas e de infraestrutura existentes dentro das grandes unidades urbanas do País são foco das análises realizadas por diferentes estudos. Assim, este estudo se soma àqueles que privilegiam uma abordagem do espaço urbano a partir da reflexão sobre as desigualdades socioespaciais intraurbanas. Nesse sentido, são outros exemplos o *Atlas de vulnerabilidade social nas regiões metropolitanas brasileiras* (2015), do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA; o *Atlas de desenvolvimento humano nas regiões metropolitanas brasileiras* (2014), do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento no Brasil - PNUD Brasil e colaboradores; os estudos desenvolvidos pelo Observatório das Metrôpoles, coordenado pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - IPPUR, da Universidade Federal do Rio de Janeiro; a série Cidades em Transição da Rede de Pesquisa-

dores sobre Cidades Médias - ReCiMe; e outros inúmeros trabalhos acadêmicos (ligados a grupos de pesquisas, teses e dissertações) que tratam, de forma mais pormenorizada, as diferenciações socioespaciais nas cidades brasileiras.

Procedimentos operacionais e aspectos metodológicos

O presente capítulo tem o intuito de apresentar as etapas percorridas ao longo do estudo de definição da tipologia intraurbana, assim como expor os aspectos metodológicos e conceituais das técnicas utilizadas. Nos subcapítulos serão discutidos os processos de preparação da base de dados (gráfica e alfanumérica), a escolha das variáveis, as técnicas utilizadas (análise de agrupamentos, R^2 , Box-Plot etc.), os critérios de ordenação dos tipos segundo as melhores condições de vida e, por fim, o recorte do resultado pelas manchas urbanizadas. O texto está construído de maneira a apresentar os problemas, as soluções adotadas e os motivos que levaram a equipe a tomar tais decisões.

Preparação da base de dados

A primeira etapa teve como foco preparar a base de dados alfanumérica e gráfica (mapas) no intuito de se escolher aqueles que melhor pudessem refletir o fenômeno estudado. Para os dados alfanuméricos foram selecionadas variáveis que refletissem aspectos dos domicílios e socioeconômicos da população. Já para a parte gráfica foram escolhidas, como ponto de partida, as Áreas de Ponderação do Censo Demográfico 2010, uma vez que são “o menor nível geográfico de identificação dos microdados da amostra” (METODOLOGIA..., 2016, p. 57).

Organização dos dados alfanuméricos

Todos os dados utilizados na formação da tipologia intraurbana são oriundos do Censo Demográfico 2010. A escolha dos dados alfanuméricos seguiu a noção de melhor/pior qualidade de vida da população. Assim, a variável escolhida deveria ter um comportamento que permitisse afirmar que tal característica era melhor ou pior. Nesse sentido, tomou-se como exemplo a variável percentual de idosos, já que, em um primeiro momento, pode-se considerar que muitos anos de vida demandam

mais cuidados e gastos para esta população, colocando-a em desvantagem em relação às outras faixas etárias. Entretanto, em muitas regiões do Brasil, essa parte da população é responsável pelo sustento da família e pela movimentação da economia. Dessa forma, a variável percentual de idosos reflete uma vantagem para a qualidade de vida em alguns lugares, já em outros reflete uma desvantagem. Esse seria um caso de variável não selecionada para integrar o estudo.

Foram, assim, escolhidas 13 variáveis:

- Percentual de pessoas cujo domicílio possui rede geral de esgoto ou pluvial, ou fossa séptica;
- Percentual de pessoas cujo domicílio possui água distribuída por rede geral de abastecimento;
- Percentual de pessoas cujo domicílio possui coleta de lixo diretamente por serviço de limpeza ou em caçamba de serviço de limpeza;
- Percentual de pessoas em domicílios com densidade de até dois moradores por dormitório;
- Mediana do rendimento domiciliar *per capita*⁵;
- Razão de dependência de menores de 15 anos. Dado pela fórmula:
$$\text{Razão de dependência de menores} = \frac{\text{Pessoas de 0 a 14 anos}}{\text{Pessoas de 15 a 64 anos de 15 anos}}$$
- Níveis de escolaridade:
 - a) Percentual de pessoas sem instrução ou com fundamental incompleto e 18 anos ou mais de idade;

⁵ Em variáveis cuja amplitude dos dados seja elevada, a leitura da mediana é mais apropriada que a da média, uma vez que esta última é muito influenciada por valores extremos.

- b) Percentual de pessoas com fundamental completo ou médio incompleto e 18 anos ou mais de idade;
- c) Percentual de pessoas com médio completo ou superior incompleto e 18 anos ou mais de idade; e
- d) Percentual de pessoas com superior completo e 18 anos ou mais de idade;
- Percentual de pessoas em domicílios com existência de máquina de lavar;
- Percentual de pessoas em domicílios com existência de computador com acesso à Internet; e
- Percentual de pessoas em domicílios com alvenaria predominante nas paredes externas.

As primeiras quatro variáveis estão alinhadas à noção de adequação de moradia⁶, as demais estão associadas a características socioeconômicas da população. Essas duas noções conceituais serão importantes e utilizadas ao longo das demais etapas do estudo.

Organização dos dados gráficos

Foram utilizadas como ponto de partida as Áreas de Ponderação definidas para o Censo Demográfico 2010⁷. Cada uma delas é

formada por um agrupamento de setores censitários contíguos, onde foi feita a aplicação dos procedimentos de calibração das estimativas para o cálculo dos fatores de expansão (pesos) de cada domicílio e pessoa, a partir das informações conhecidas para a população como um todo. O menor tamanho de uma área de ponderação não municipal é de 400 domicílios particulares ocupados na amostra (METODOLOGIA ..., 2016, p. 57).

Entretanto, para melhor aproveitar os dados do Censo, considerou-se necessário alterar a composição de algumas Áreas de Ponderação. Tal fato gerou duas subetapas: tratamento de Áreas de Ponderação com grandes diferenças internas de rendimento e tratamento de Áreas de Ponderação superdimensionadas. Por fim, recorreu-se a mais uma etapa que associou os setores vazios a uma Área de Ponderação.

Tratamento das áreas de ponderação com grandes diferenças internas de rendimento

A motivação para alterar a composição de algumas Áreas de Ponderação, segundo os seus setores censitários, veio dos primeiros testes realizados. Os mesmos revelavam que as Áreas de Ponderação que possuíam alta polarização nas condições de vida da população geravam resultados insatisfatórios na classificação final da

tipologia. Dessa forma, as que eram mais homogêneas, do ponto de vista socioeconômico, geravam resultados mais satisfatórios do que aquelas que eram muito heterogêneas internamente.

A fim de minimizar esta característica, decidiu-se mudar a composição de setores censitários das Áreas de Ponderação muito polarizadas. Para definir quais delas deveriam sofrer modificações recorreu-se à variável mediana do rendimento domiciliar *per capita* (MRDpC) de acordo com as etapas abaixo:

- Cada Área de Ponderação⁸ teve seus setores censitários agrupados⁹ em dois conjuntos segundo as medianas do rendimento domiciliar *per capita*;
- Classificou-se cada um dos conjuntos gerados em 12 classes segundo a mediana do rendimento domiciliar *per capita* (Figura 1); e
- Foram consideradas Áreas de Ponderação com alta polaridade aquelas que possuíam quatro classes ou mais de diferença na mediana do rendimento domiciliar *per capita* entre os dois conjuntos internos identificados desde que ambos possuísem mais de 5% dos domicílios da Área de Ponderação;

Exemplo: classe > 4 590 a 25 000 (12)
 – classe > 765 a 1 020 (6)

 6 classes de diferença

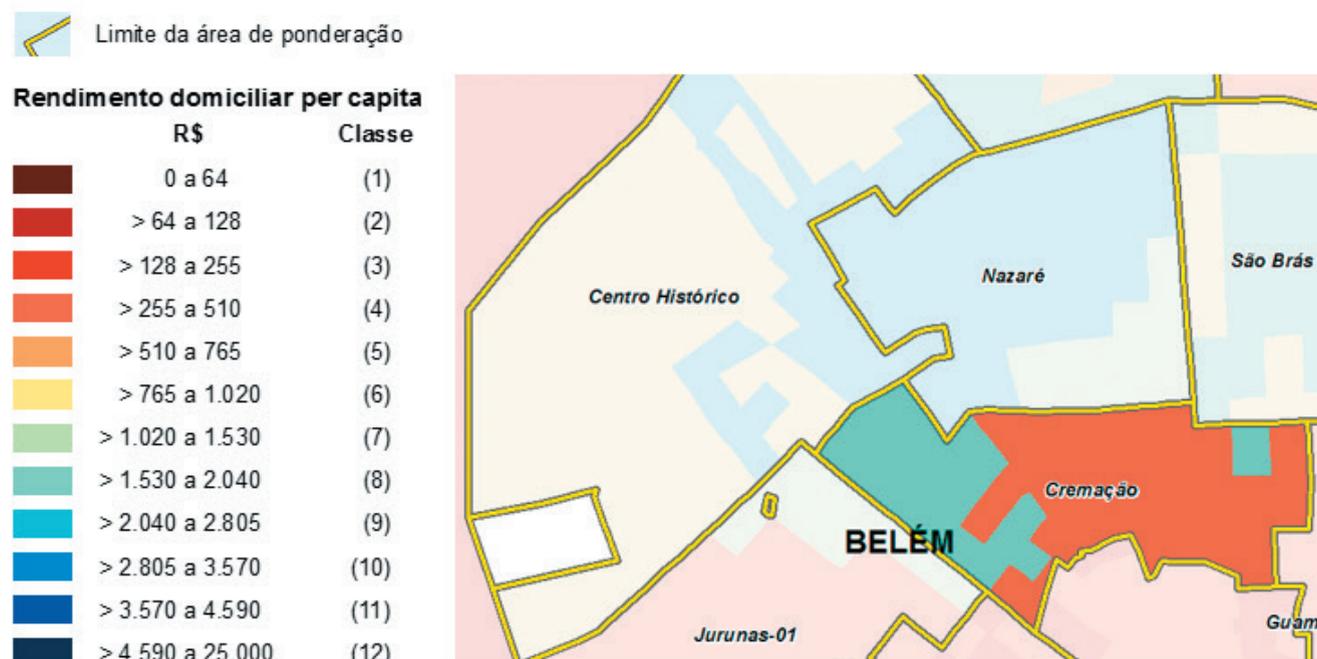
⁶ É considerada moradia adequada “quando o domicílio atendia a todas as seguintes condições: até dois moradores por dormitório; abastecimento de água por rede geral de distribuição; esgotamento sanitário por rede geral de esgoto ou pluvial, ou por fossa séptica; e lixo coletado, diretamente por serviço de limpeza ou em caçamba de serviço de limpeza” (CENSO DEMOGRÁFICO, 2012, p. 34).

⁷ Para os municípios que tiveram as suas Áreas de Ponderação refeitas pelas prefeituras, *a posteriori* da divulgação do Censo Demográfico, este novo recorte foi utilizado como ponto de partida.

⁸ Considerando somente aquelas Áreas de Ponderação das Concentrações Urbanas selecionadas para o projeto.

⁹ Segundo a técnica de análise de agrupamentos descritos nos subcapítulos seguintes.

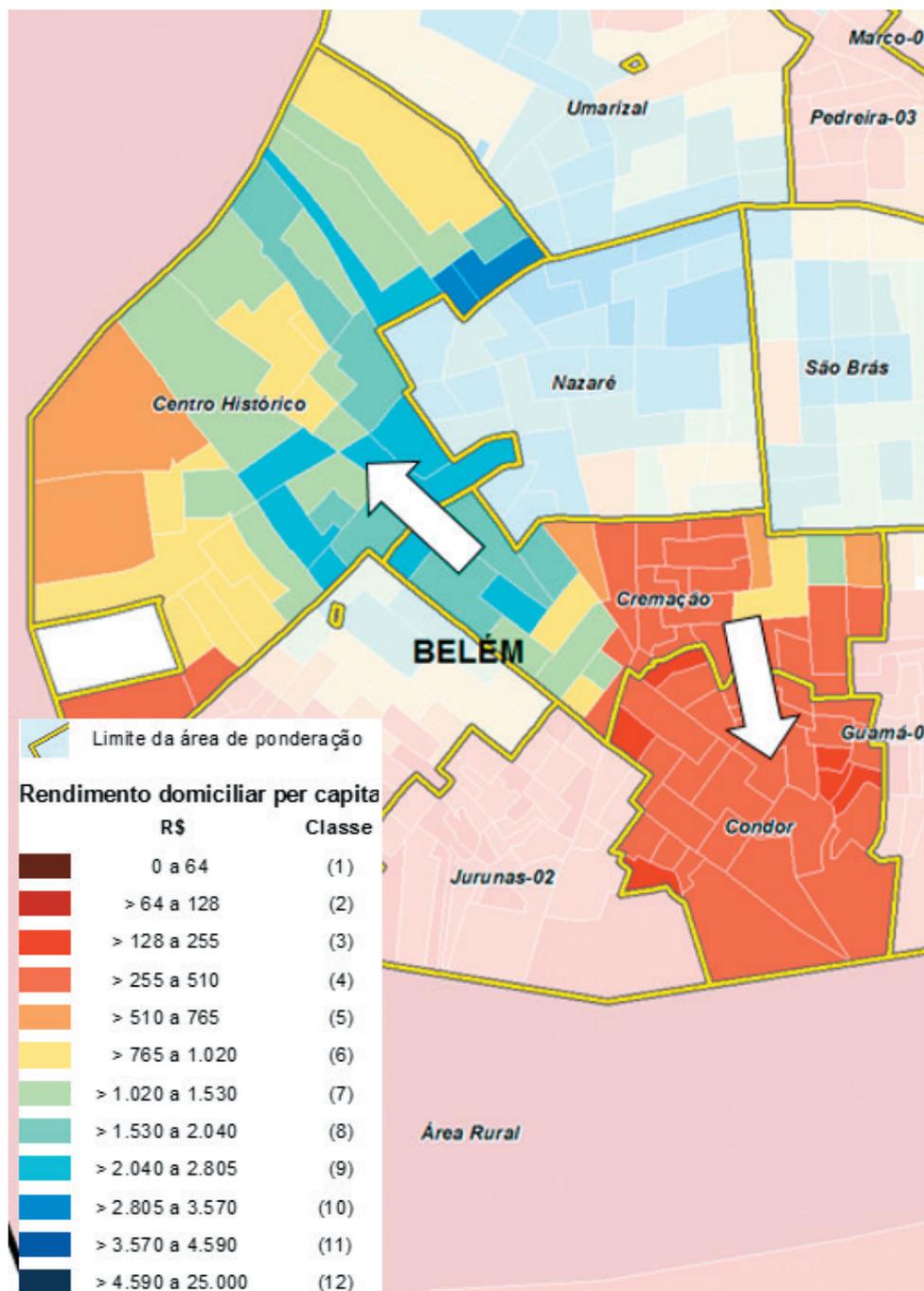
Figura 1 - Critério para identificar Áreas de Ponderação polarizadas



Após identificadas quais Áreas de Ponderação deveriam sofrer alterações em sua composição, iniciou-se o processo de remanejamento de setores censitários de modo a criar novas áreas mais homogêneas internamente (Figura 2) para expansão dos dados da amostra.

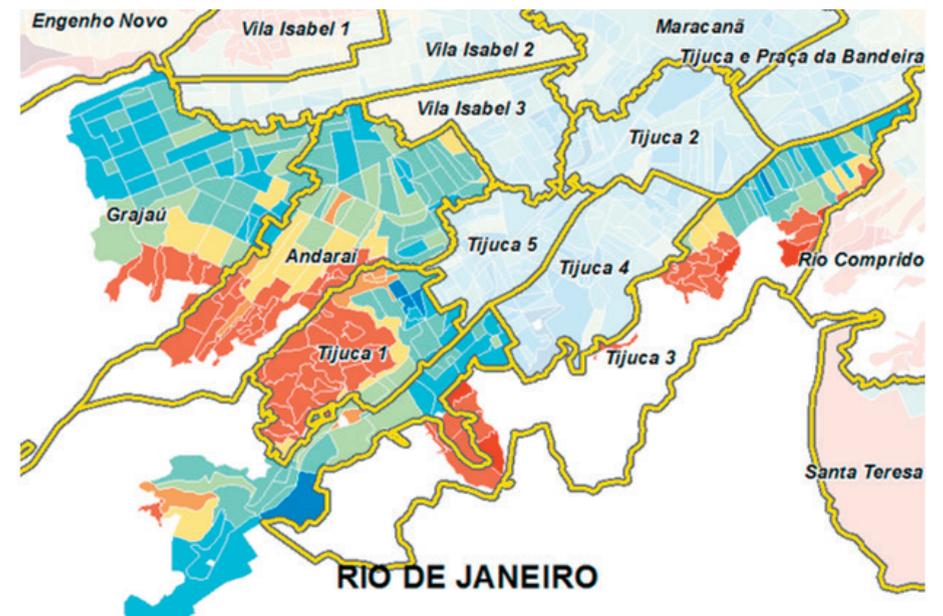
Nesta redistribuição de setores censitários, nem sempre foi seguido o critério de contiguidade, assim sendo, foram criadas Áreas de Ponderação descontínuas. Entretanto, vale mencionar que mesmo com as discontinuidades espaciais tentou-se manter a lógica do processo de formação (Figura 3 e 4).

Figura 2 - Remanejamento de setores censitários



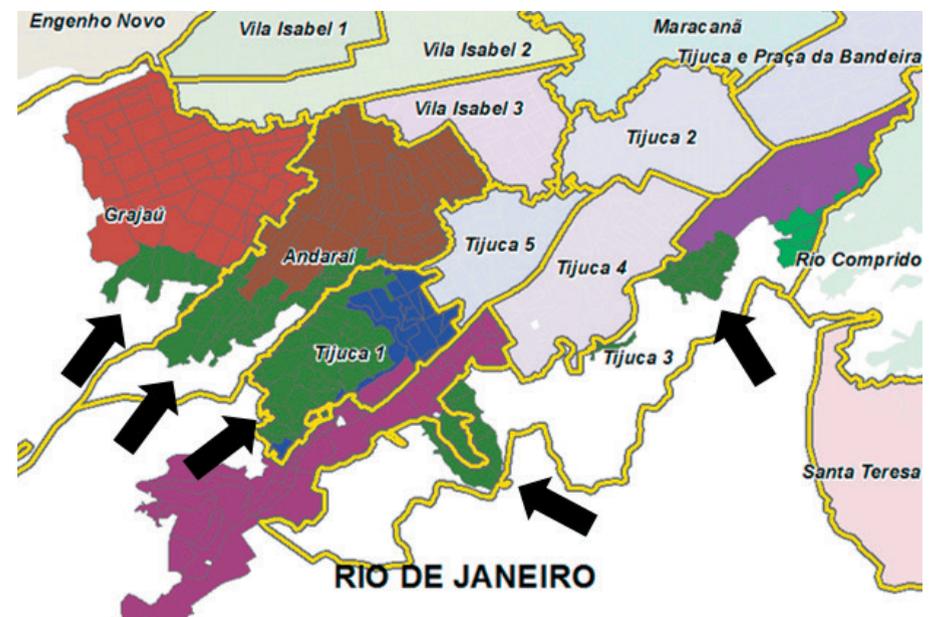
Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Métodos e Qualidade.

Figura 3 - Processo comum de formação em áreas descontínuas



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Métodos e Qualidade.

Figura 4 - Criação de Área de Ponderação descontínua



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Métodos e Qualidade.

O critério de 400 domicílios amostrados foi mantido¹⁰, e na redistribuição tentou-se ao máximo manter a aderência aos limites políticos-administrativos, porém o foco principal foi o da criação de áreas mais homogêneas¹¹. Os limites municipais foram respeitados, ou seja, nenhuma Área de Ponderação nova os ultrapassa.

Ao final do processo, 181 Áreas de Ponderação foram investigadas e 273 foram alteradas, o que correspondeu a aproximadamente 8% do universo inicial. Em termos de número de setores censitários, resultou no remanejamento de 14 277 (9,8%).

Tratamento de áreas de ponderação superdimensionadas

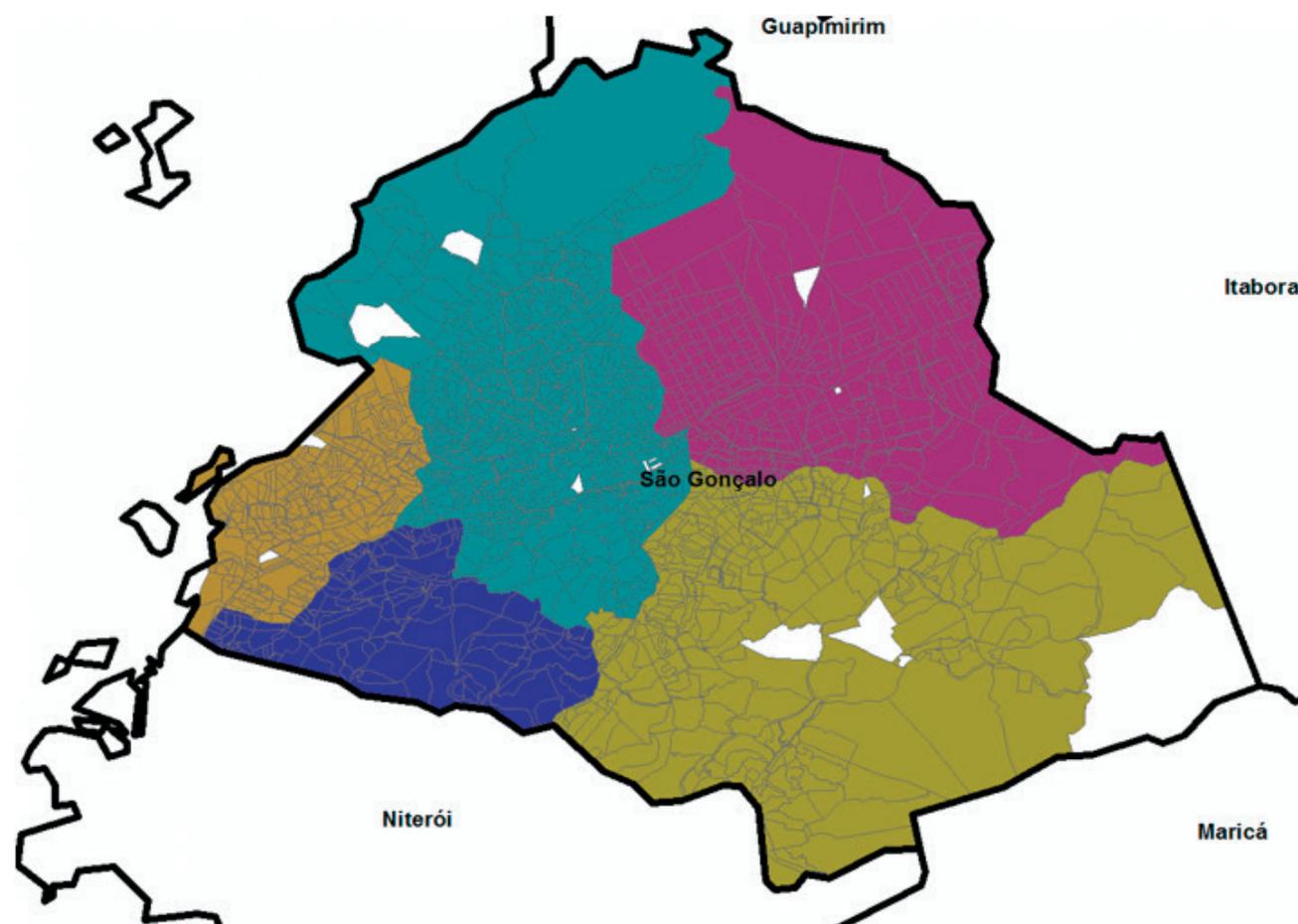
Cada Área de Ponderação é composta por setores censitários e estes possuem uma quantidade de domicílios particulares permanentes ocupados nos quais o Questionário da Amostra foi aplicado durante o Censo Demográfico. Para criar uma Área de Ponderação, os setores foram agrupados obedecendo vários critérios, sendo um deles a quantidade mínima de 400 domicílios amostrados. Desta maneira, à medida que o número supera este valor menos detalhe espacial é esperado.

Como este estudo visa à diferenciação espacial intraurbana, teve-se o interesse de maximizar o detalhamento espacial. Assim, decidiu-se subdividir as áreas com elevado número de domicílios. Foram consideradas Áreas de Ponderação¹² superdimensionadas aquelas que possuíam mais de 900 domicílios particulares permanentes ocupados onde o Questionário da Amostra do Censo Demográfico 2010 foi aplicado.

Tal característica foi encontrada em 265 Áreas de Ponderação (7,8%), resultando em 673 partes geradas pela subdivisão. Durante o processo levou-se em consideração, na medida do possível, a compatibilidade com os limites político-administrativos, porém o critério principal levado em conta foi o da homogeneidade interna (avaliado pela mediana do rendimento domiciliar *per capita* dos setores censitários, semelhanças nos padrões urbanísticos¹³, e o fato de estarem localizados do mesmo lado de rios, rodovias, avenidas ou vias férreas etc.). As Figuras 5 e 6 ilustram o processo de subdivisão no Município de São Gonçalo (RJ).

Ao final desta etapa o total de Áreas de Ponderação alcançou 3 792, sendo estas utilizadas como base para a realização do trabalho em suas etapas subsequentes.

Figura 5 - Áreas de Ponderação superdimensionadas antes do processo de subdivisão



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Métodos e Qualidade.

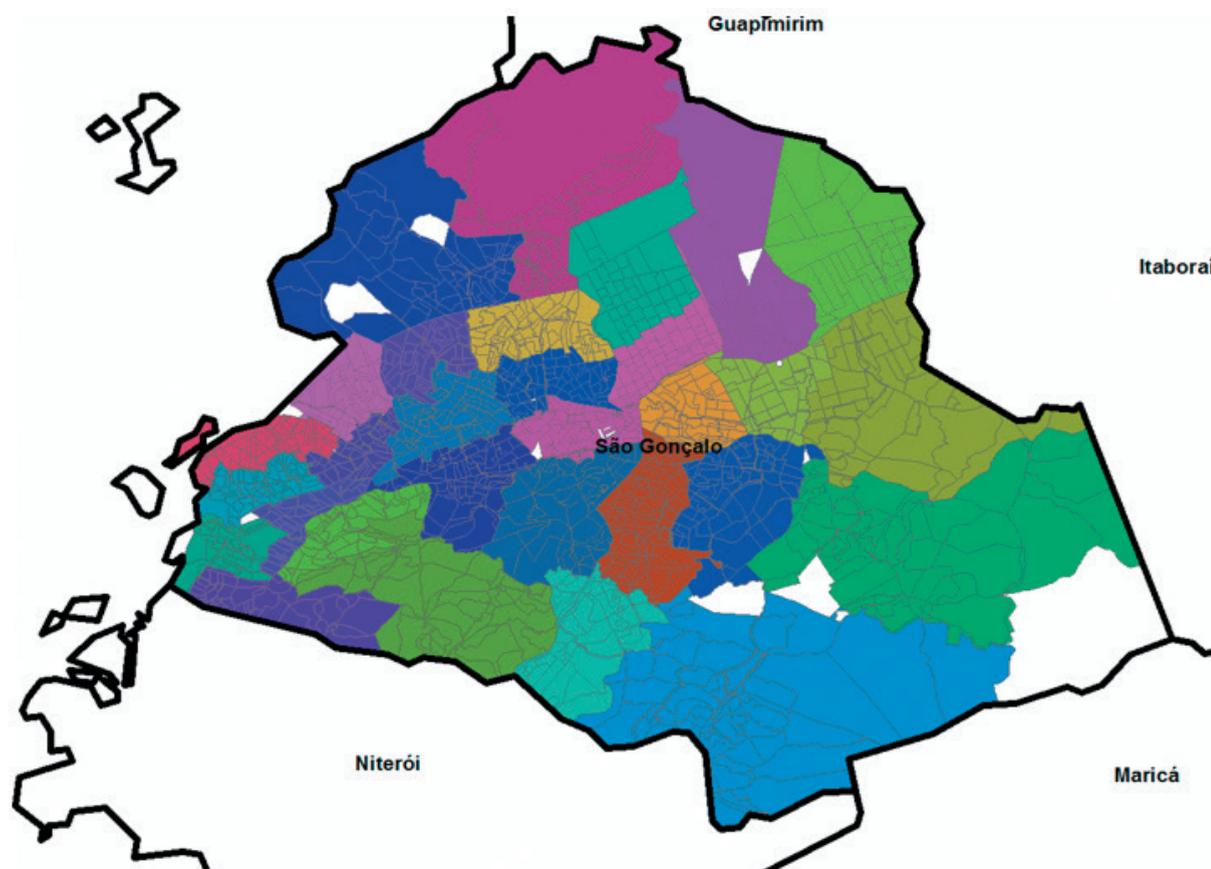
¹⁰ Somente pouquíssimos casos foram exceções (Apêndice 4), após sofrerem uma avaliação individual de viabilidade estatística.

¹¹ Foram considerados, também, critérios de similaridade baseados na mediana do rendimento domiciliar *per capita* dos setores censitários, nas semelhanças dos padrões urbanísticos (avaliados por imagens de satélite de várias fontes), se estavam localizados do mesmo lado de rios, rodovias, avenidas ou vias férreas etc.

¹² Nesta etapa do trabalho são consideradas as Áreas de Ponderação resultantes da etapa anterior.

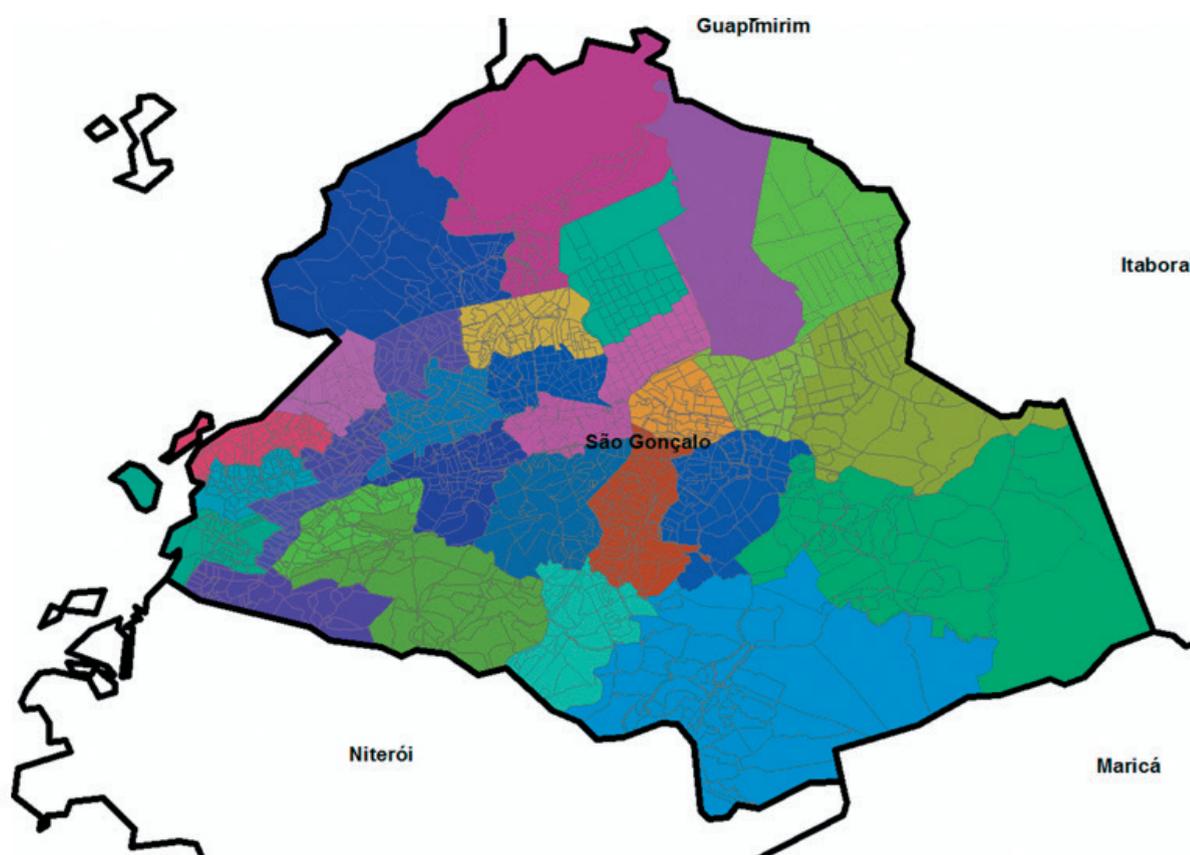
¹³ Avaliado por imagens de satélite de várias fontes.

Figura 6 - Áreas de Ponderação subdivididas



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Métodos e Qualidade.

Figura 7 - Setores vazios associados às Áreas de Ponderação do projeto



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Métodos e Qualidade.

Associação de setores vazios a uma área de ponderação

Áreas não habitadas como florestas, lagoas, estádios, dentre outras, foram isoladas como setores censitários no Censo Demográfico 2010¹⁴, porém estas não possuíam domicílios e, desta forma, não foi aplicado questionário (básico ou amostra) ao longo do período de coleta do Censo, a exemplo das áreas em branco, dentro do Município de São Gonçalo (RJ), na Figura 6. Por este motivo, em alguns municípios, tais setores não foram associados a Áreas de Ponderação.

Decidiu-se, assim, no âmbito do projeto, que seria importante ter todo o município recoberto por Áreas de Ponderação, o que levou à associação destes setores vazios a uma das 3 792 Áreas de Ponderação resultantes dos processos anteriores.

Como alguns municípios já possuíam estes setores censitários vazios associados a uma Área de Ponderação, priorizou-se ao máximo mantê-los conforme o quadro original. Em resumo, todos os setores vazios foram associados a uma área de acordo com o cenário das 3 792 geradas. Para aquelas nas quais o quadro original era factível, manteve-se a associação do setor à Área de Ponderação original. Naquelas em que o quadro original não apresentava mais coerência, os setores censitários foram associados às novas áreas geradas (Figura 7).

Análise de agrupamentos e a criação da tipologia

Após a organização da base de dados (alfanumérica e gráfica), foram iniciados os procedimentos para geração da tipologia intraurbana. Dentre os vários métodos disponíveis, considerou-se a análise de *cluster* como a mais interessante para o desenvolvimento do estudo, uma vez que permite uma constante interação entre os técnicos/especialistas, os dados e a classificação gerada.

¹⁴ Foram considerados setores censitários vazios aqueles cuja variável total de domicílios era zero na base de dados do Censo Demográfico 2010.

Foram necessárias cinco etapas para se alcançar o resultado final. Elas se mostraram necessárias para resolver as nuances que um estudo desta natureza demanda. Desta forma, serão descritas, nos próximos subcapítulos, as seguintes etapas: análise de agrupamentos para as variáveis de adequação de moradia; análise de agrupamentos para as variáveis socioeconômicas; junção das duas etapas; ordenamento dos tipos gerados; e análise de agrupamentos para as demais Áreas de Ponderação. Entretanto, antes da descrição de cada etapa, faz-se necessário acrescentar alguns comentários sobre a técnica de análise de agrupamentos, base para este estudo.

Análise de agrupamentos

A necessidade de estudar a tipologia intraurbana das Áreas de Ponderação a partir das variáveis do Censo Demográfico 2010 justifica a aplicação de um método estatístico, sendo que a análise multivariada dos dados oferece um leque de opções. Dentre essas, a análise de agrupamentos estabelece medidas de similaridade para grupos de objetos ou variáveis, a fim de apresentar os resultados de forma condensada, o que facilita o entendimento do fenômeno estudado.

A análise de agrupamentos, ou análise de *cluster*, é uma técnica usada para classificar objetos em grupos relativamente homogêneos, chamados de conglomerados. Neste estudo, as áreas de ponderação, redefinidas segundo as etapas anteriores, são os objetos que se pretende agrupar. Esta técnica permite, por meio de um conjunto de variáveis quantitativas, agrupar os objetos com características semelhantes, sem perder informações de todo o conjunto de variáveis estudadas, de modo que cada observação pertença a um e apenas um conglomerado. A análise de agrupamentos tem por finalidade reunir, por algum critério de classificação, as unidades em grupos, de tal forma que exista homogeneidade dentro do grupo e heterogeneidade entre grupos (JOHNSON; WICHERN, 1992; CRUZ; REGAZZI, 1994). Nesse sentido, a análise de *cluster* é amplamente utilizada nas diversas áreas de conhecimento por possibilitar a interpretação individual de cada grupo e a relação que este grupo possui com os demais.

As análises de agrupamentos baseiam-se em processos de aglomeração hierárquicos e não hierárquicos. Os métodos de agrupamento hierárquicos são executados ou por uma série de sucessivas fusões ou uma série de sucessivas divisões.

Os métodos hierárquicos aglomerativos iniciam-se pelos objetos individualmente. Assim, no princípio, há tantos grupos quantos objetos. Primeiramente, são agrupados os objetos mais similares e esses grupos iniciais são fundidos de acordo com suas similaridades. Na medida em que a similaridade decresce, todos os subgrupos são fundidos num único grupo. Os métodos hierárquicos divisionistas agem em sentido inverso. Um único grupo inicial de objetos é dividido em dois subgrupos de tal forma que os objetos em um subgrupo estejam relativamente distantes dos objetos do outro subgrupo. Cada subgrupo é, então, dividido em novos subgrupos dissimilares entre si. O processo continua até que haja tantos subgrupos quantos objetos, ou seja, até que cada objeto forme um grupo.

Diferentemente, os métodos não hierárquicos separam os dados originais em uma repartição inicial dos objetos em um número de grupos pré-definido pelos especialistas. Estatísticas auxiliares são utilizadas para interpretar a capacidade explicativa desta repartição. Geralmente, são testadas algumas repartições, cada qual com uma quantidade de grupos, até que se decida qual é aquela que melhor reflete o fenômeno estudado.

Para proceder a estas classificações, faz-se necessário definir matematicamente o que venha ser caracterizado por proximidade¹⁵, ou seja, a distância entre dois objetos. Entre as medidas mais usuais para estabelecer o conceito de distância entre dois objetos, podem-se destacar as seguintes formas de mensuração: (a) Coeficiente Correlação Linear de Pearson; (b) Distância Euclidiana; (c) Distância de Manhattan; (d) Distância de Mahalanobis; e (e) Distância de Chebychev. É importante mencionar que as observações não podem ter valores faltantes e que, em geral, os softwares estatísticos permitem especificar o número máximo de *cluster* e uma distância mínima para separação dos *clusters*.

Neste estudo, utilizou-se o método não hierárquico *k-means* do *software* SAS System. Neste método, a quantidade de conglomerados é definida *a priori* pelos especialistas e a técnica calcula as médias de cada conglomerado. Após este processo, cada objeto é alocado no conglomerado de média mais próxima utilizando a distância mínima entre eles, medida pela distância euclidiana. O processo de cálculo das médias nos conglomerados é repetido cada vez que um objeto é adicionado ao *cluster*. O processo termina quando nenhum objeto é realocado para outro *cluster* distinto do *cluster* atual, isto é, os *clusters* se estabilizaram. A distância

15 É pela proximidade matemática entre os objetos (segundo as variáveis escolhidas) que se identifica a maior homogeneidade interna nos grupos, assim como a maior heterogeneidade entre os grupos.

euclidiana entre dois indivíduos pode ser calculada pela seguinte fórmula:

$$d_{i_1, i_2} = \left[\sum_{j=1}^m (x_{i_1, j} - x_{i_2, j})^2 \right]^{\frac{1}{2}}$$

Onde x_{ij} o valor da j -ésima variável da i -ésima observação (Área de Ponderação) e $i=1, \dots, n$; $j=1, \dots, m$

Barroso e Artes (2003) indicam o método não hierárquico *k-means* como o mais apropriado, em relação aos demais métodos hierárquicos, nas circunstâncias de se utilizar grandes massas de dados. Geralmente, utilizam-se estatísticas auxiliares para interpretação dos resultados, assim como no processo decisório da quantidade de conglomerados que melhor refletem o fenômeno estudado. Para tanto, utilizou-se neste estudo, preferencialmente, a estatística R^2 , definida como:

$$R^2 = \frac{TSS - ESS}{TSS}$$

em que:

$$ESS = \sum_i^n \sum_j^m \sum_k^a (X_{ijk} - \bar{X}_{.jk})^2, \quad TSS = \sum_i^n \sum_j^m \sum_k^a (X_{ijk} - \bar{X}_{..k})^2$$

Denota-se X_{ijk} o valor j -ésima variável na i -ésima observação (Área de Ponderação) pertencentes ao k -ésimo cluster, onde $i=1, \dots, n$; $j=1, \dots, m$; $k=1, \dots, a$; e

$$\bar{X}_{.jk} = \sum_i^n \sum_k^a \frac{X_{ijk}}{n}$$

$$\bar{X}_{..k} = \sum_i^n \sum_j^m \sum_k^a \frac{X_{ijk}}{n.a}$$

A soma do quadrado dos erros, ESS, é definida como a soma das diferenças ao quadrado entre as variáveis e a média de todas as variáveis dentro de cada *cluster*. Aqui se compara a observação individual de cada *cluster* em relação às médias para essa variável em cada *cluster*. Nota-se que, quando se tem um valor pequeno para o erro quadrático, as observações estão perto da média do *cluster*, o que implica dizer que um conjunto de unidades foi formado como um *cluster*. Portanto, por essa soma mede-se a variabilidade interna dos grupos.

A soma de quadrados total, TSS, é definida de forma semelhante. Aqui se compara a observação individual de cada variável contra a

média geral para essa variável. Mede-se, assim, a variação geral de todas as observações.

A ideia de utilizar a estatística R^2 está em comparar as observações individuais de cada variável contra o que o *cluster* significa para essa variável. Assim, o principal critério para determinar o número de *clusters*, que a análise necessita para explicar todas as variáveis consideradas no estudo, levou em conta a contribuição de cada variável para a estatística R^2 . Desta forma, cada passo do algoritmo visa minimizar os resultados do erro quadrático ou alternativamente maximizar o R^2 , o qual por princípio deve possuir valor maior do que 0,5 (ou seja, metade de toda variabilidade dos seus dados). Quanto mais próximo de 1 for esse valor (ou seja, 100% da variabilidade de seus dados explicada), melhor foi o agrupamento construído. Entretanto, o desafio que se apresenta refere-se à quantidade mínima de *clusters* necessária para explicar o máximo da variabilidade dos seus dados. Neste estudo, ainda, optou-se por evitar *clusters* com poucos elementos, sendo que o menor deles possui sete áreas, uma vez que se visava identificar os grandes padrões intraurbanos.

Ao final do processo, os conglomerados formados estão o mais homogêneos internamente e o mais heterogêneos entre eles. O R^2 final disponibilizado pelo SAS representa o quanto da variabilidade total foi explicada por aquela quantidade inicial de conglomerados definida pelos especialistas. Sendo assim, o R^2 auxilia os especialistas na tomada de decisão da quantidade mínima de conglomerados que deve ser definida para melhor explicar o fenômeno estudado.

A padronização das variáveis

Antes da aplicação da análise de agrupamentos, é essencial a padronização das variáveis para que se garanta a eficiência do método, isto porque, o mesmo utiliza medida de distância para mensurar a similaridade entre os objetos. Neste sentido, ao se medir a distância entre um rendimento de R\$ 7 500,00 e uma proporção de 75% de pessoas em domicílios com máquina de lavar, naturalmente o maior peso da distância será devido ao rendimento, ou seja, praticamente não consideraria o poder explicativo da segunda variável. Ao colocar o rendimento em base percentual, minimizamos este efeito, porém, este tipo de padronização ainda não é o mais eficiente¹⁶.

Tal fato levou a equipe a utilizar no estudo a padronização de cada variável de forma a ter média zero e variância 1, a partir da seguinte fórmula:

16 Geralmente, quando todas as variáveis estão em base percentual, tem-se a noção que sua escala varia de 0% a 100%, dando uma ideia de padronização. Entretanto, em circunstâncias reais é comum ocorrer que a amplitude de uma variável fique entre 0% a 40%, assim como outra pode se comportar entre 70% a 90%. Este fato, em uma análise de agrupamentos, fará com que o resultado seja mais influenciado pela segunda variável, diminuindo o poder explicativo da primeira.

$$Z_{ij} = \frac{X_{ij} - \bar{X}_j}{S_j}$$

em que,

X_{ij} é a j -ésima variável estudada para i -ésima Área de Ponderação que possui média \bar{X}_j , desvio-padrão S_j . Assim, tem-se em Z_{ij} a j -ésima variável padronizada da i -ésima Área de Ponderação.

Para o cálculo da média \bar{X}_j , e desvio padrão S_j , utilizou-se o total de moradores em domicílios particulares permanentes ocupados para cada Área de Ponderação a fim de que o peso dos mesmos fossem considerados na padronização das variáveis, em que

$$\bar{X}_j = \sum_{i=1}^n \frac{X_{ij} \cdot w_i}{w_j}, S_j = \sqrt{\sum_{i=1}^n \frac{w_i (X_{ij} - \bar{X}_j)^2}{w_j - 1}}, w_i = \frac{t_i}{t}$$

e w_i é o peso do total de moradores em domicílios particulares permanentes ocupados da i -ésima Área de Ponderação, nos dados do Questionário da Amostra do Censo Demográfico 2010. Sendo t_i o total de moradores em domicílios particulares permanentes ocupados na amostra da i -ésima Área de Ponderação, e t o total de moradores em domicílios particulares permanentes ocupados na amostra.

Separação dos dados em dois subconjuntos

A análise de agrupamentos terá melhor resultado quanto mais bem-definido for o fenômeno estudado e melhor se faça a escolha das variáveis que refletem o seu comportamento. Para tanto, os dados foram divididos em dois subconjuntos: Áreas de Ponderação com 85% ou mais de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana (ou 3 414 Áreas de Ponderação); e Áreas de Ponderação com menos de 85% e 40% ou mais de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana (ou 312 Áreas de Ponderação).

Para executar a divisão, foram consideradas as seguintes situações de setores censitários no Censo Demográfico 2010 (CENSO..., 2017):

- 1 - Área urbanizada: setor urbano situado em áreas legalmente definidas como urbanas, caracterizadas por construções, arruamentos e intensa ocupação humana; áreas afetadas por transformações decorrentes do desenvolvimento urbano e aquelas reservadas à expansão urbana;
- 3 - Área urbanizada isolada: setor urbano situado em áreas definidas por lei municipal e separadas da sede municipal ou

distrital por área rural ou por um outro limite legal; e

4 - Área rural de extensão urbana: setor rural situado em assentamentos situados em área externa ao perímetro urbano legal, mas desenvolvidos a partir de uma cidade ou vila, ou por elas englobados em sua extensão.

Tal decisão foi tomada, pois, após vários testes realizados, constatou-se que considerar as Áreas de Ponderação com muitos domicílios em situação não urbana implicava em gerar agrupamentos não muito bem-formados, devido à diversidade intrínseca das áreas. Daí o corte de 85%, ou seja, entende-se que os agrupamentos gerados com este subconjunto seriam mais homogêneos ao refletir o fenômeno urbano. Em resumo, quanto mais aderentes os dados ao fenômeno estudado, mais coerentes são os agrupamentos formados pela técnica estatística.

Desta forma, os dois subconjuntos foram abordados separadamente para a geração da tipologia. Primeiramente, foi tratado o conjunto de Áreas de Ponderação com 85% ou mais de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana, visto que, certamente este grupo caracteriza o fenômeno urbano. Posteriormente, foram tratadas as Áreas de Ponderação com menos de 85% e 40% ou mais de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana e inseridas na tipologia previamente criada, pois entende-se que este subconjunto de dados possui influência do fenômeno urbano e de outros aspectos, o que interfere no comportamento de seus dados.

As Áreas de Ponderação com menos de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana (ou 66 Áreas de Ponderação) não foram utilizadas no estudo, uma vez que refletem mais outros fenômenos de que não o urbano. As etapas subsequentes têm o objetivo de detalhar todos estes procedimentos executados.

Análise de agrupamentos para as variáveis de adequação de moradia

A primeira etapa para geração da tipologia intraurbana refere-se à aplicação da análise de agrupamentos para as variáveis de adequação de moradia nas Áreas de Ponderação com 85% ou mais de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana. Esta etapa foi considerada necessária, pois os testes realizados ao longo do estudo mostraram que variáveis como o rendimento ou o acesso à Internet possuíam compor-

tamentos distintos dependendo da região do País. Neste sentido, ao se realizar a análise de agrupamentos com todas as variáveis conjuntamente, algumas áreas internas de cidades nas Regiões Norte ou Nordeste se apresentavam em desvantagem em relação às demais, o que não significava necessariamente piores condições de vida¹⁷.

A análise de agrupamentos das variáveis relacionadas à adequação de moradia (CENSO DEMOGRÁFICO, 2012) teve a intenção de medir, para todas as áreas do estudo, o quanto elas estavam aderentes ao conceito de adequação de moradia. Considerou-se, assim, que independentemente da região do País ou do tamanho da Concentração Urbana, tais características deveriam ser satisfatórias nestes quesitos. A tipologia resultante desta etapa serviu como pilar para entendimento de quais áreas possuíam melhores ou piores condições de vida, porém seus resultados eram simplificados, daí a necessidade de incorporar outras variáveis socioeconômicas, conforme as etapas subsequentes.

As variáveis utilizadas para esta etapa foram:

- Percentual de pessoas cujo domicílio possui rede geral de esgoto ou pluvial, ou fossa séptica;
- Percentual de pessoas cujo domicílio possui água distribuída por rede geral de abastecimento;

- Percentual de pessoas cujo domicílio possui coleta de lixo diretamente por serviço de limpeza ou em caçamba de serviço de limpeza; e
- Percentual de pessoas em domicílios com densidade de até dois moradores por dormitório.

O resultado desta etapa é composto por cinco grupos (uma vez que a partir de seis grupos a capacidade de explicação não tinha um aumento relevante), no qual o R^2 alcançado foi de 68,3%. Ao final, os cinco grupos foram ordenados de forma que o grupo 1 representasse as piores condições de moradia e o grupo 5, as melhores, conforme ilustrado na Figura 8.

Análise de agrupamentos para as variáveis socioeconômicas

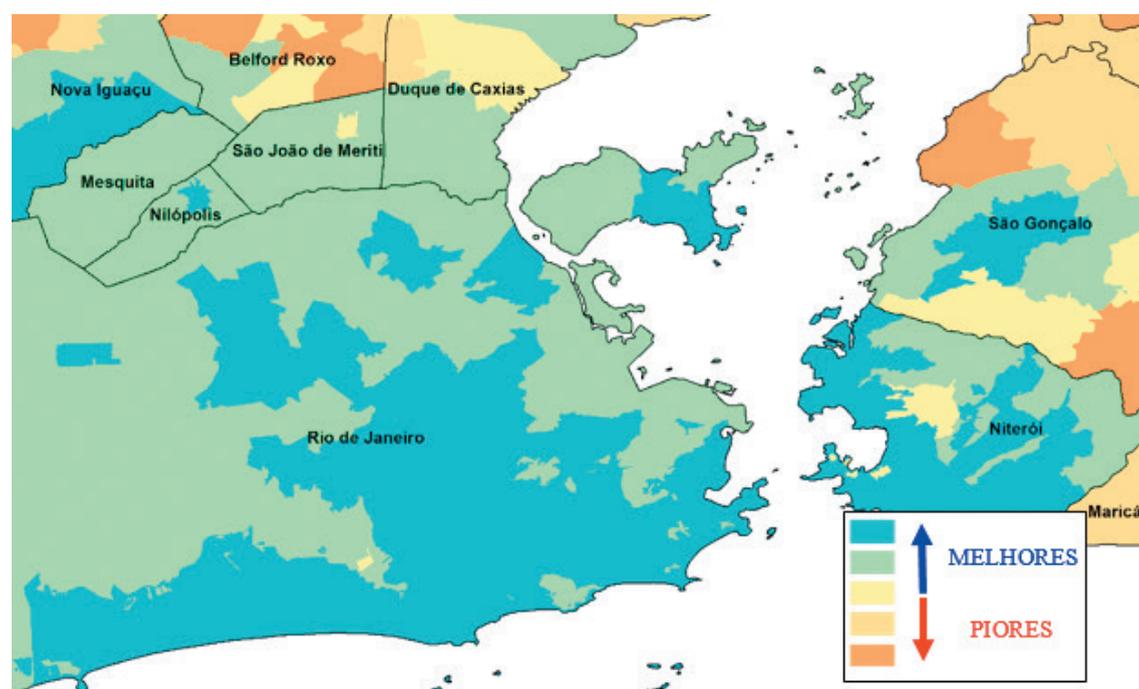
Para cada grupo da etapa anterior foi aplicada a análise de agrupamentos para as demais variáveis, nas Áreas de Ponderação com 85% ou mais de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana. Isso significa dizer que a técnica foi aplicada cinco vezes, uma vez para cada conjunto de Áreas de Ponderação de acordo com o grupo a que pertencia devido a etapa anterior.

As variáveis utilizadas nesta etapa foram:

- Mediana do rendimento domiciliar *per capita*;
- Razão de dependência de menores de 15 anos;
- Níveis de escolaridade:
 - a) Percentual de pessoas sem instrução ou com fundamental incompleto e 18 anos ou mais de idade;
 - b) Percentual de pessoas com fundamental completo ou médio incompleto e 18 anos ou mais de idade;
 - c) Percentual de pessoas com médio completo ou superior incompleto e 18 anos ou mais de idade; e
 - d) Percentual de pessoas com superior completo e 18 anos ou mais de idade.
- Percentual de pessoas em domicílios com existência de máquina de lavar;
- Percentual de pessoas em domicílios com existência de computador com acesso à Internet; e
- Percentual de pessoas em domicílios com alvenaria predominante nas paredes externas.

¹⁷ Vale lembrar que o custo de vida é diferente de região para região do País, assim como, de Grandes Concentrações Urbanas para Médias Concentrações Urbanas. No caso do acesso à Internet, muitas vezes a cobertura das operadoras não alcançava determinadas áreas, mas não significava exatamente que os moradores dali não tinham recursos financeiros para contratá-la.

Figura 8 - Grupos por adequação de moradia



Como resultado foram obtidos 25 grupos distribuídos da seguinte forma:

- Grupo 1 (de adequação de moradia): quatro subgrupos;
- Grupo 2 (de adequação de moradia): quatro subgrupos;
- Grupo 3 (de adequação de moradia): sete subgrupos;
- Grupo 4 (de adequação de moradia): sete subgrupos; e
- Grupo 5 (de adequação de moradia): três subgrupos.

Os R² foram os seguintes respectivamente: 60%, 59%, 62%, 62% e 66%.

Junção das duas etapas

O procedimento seguinte foi consolidar os cinco grupos de adequação com os seus 25 subgrupos em uma só tipologia. Entende-se que, dentre os 25 subgrupos gerados, alguns deles apresentavam semelhanças no conjunto das variáveis, apesar de pertencerem a grupos diferentes. O principal objetivo desta etapa foi o de unificar as duas fases de agrupamento, na qual, além de agregar os subgrupos similares, gerou também um resultado mais aderente e enxuto.

Novamente foi utilizada a análise de agrupamentos para avaliar a similaridade entre os subgrupos. Entretanto, desta vez, a unidade de comparação não foi a Área de Ponderação, mas sim cada subgrupo como um todo. Para tanto, utilizou-se a mediana de cada variável no subgrupo para medir a sua similaridade com os demais subgrupos.

Para um subgrupo ser unido a outro deveria obedecer ao critério de estar somente a um grupo de distância de outro, ou seja, só poderiam ser unidos se pertencessem a grupos vizinhos de adequação de moradia. Este procedimento proporcionou a diminuição dos impactos produzidos pelas diferenças regionais e de tamanho entre as Concentrações Urbanas, principalmente em algumas variáveis (como rendimento e posse de Internet, por exemplo). Assim, mesmo que a variável rendimento fosse muito menor em alguma região, os subgrupos desta região não eram unidos automaticamente a outros de piores condições de vida em outras regiões, isso porque a etapa de adequação de moradia gerava uma base de referência que serviu de parâmetro nas uniões dos subgrupos.

Como resultado, 15 agrupamentos foram obtidos e posteriormente ordenados segundo a noção de melhores condições de vida.

Ordenamento dos tipos gerados

Após a identificação dos agrupamentos houve a necessidade de ordená-los segundo as condições de vida. Para a execução desta etapa foram utilizadas todas as variáveis que participaram da análise de agrupamentos, com exceção das de percentual de pessoas sem instrução ou com fundamental incompleto e 18 anos ou mais de idade e percentual de pessoas com fundamental completo ou médio incompleto e 18 anos ou mais de idade, uma vez que as demais variáveis de níveis de escolaridade já discriminavam de forma complementar o comportamento do agrupamento neste quesito.

Antes de ordenar os agrupamentos, foram necessários alguns procedimentos, executados seguindo cronologicamente as etapas abaixo:

- As variáveis percentual de pessoas com médio completo ou superior incompleto e 18 anos ou mais de idade e percentual de pessoas com superior completo e 18 anos ou mais de idade foram somadas;
- A variável razão de dependência de menores de 15 anos foi multiplicada por -1 para que os valores menores correspondessem às piores condições de vida e os maiores, às melhores condições de vida. Vale a pena mencionar que as demais variáveis já possuíam este comportamento;
- Foram calculadas as medianas para cada variável em seu agrupamento; e
- As medianas geradas foram padronizadas, segundo o método exposto no capítulo anterior.

Para ordenamento dos agrupamentos obtidos, segundo a noção de condições de vida, recorreu-se à soma de todas as variáveis¹⁸ do agrupamento. Assim sendo, cada agrupamento apresentou uma soma, na qual, quanto maior fosse o valor, melhores eram as condições de vida.

Tipologia resultante

A tipologia intraurbana foi obtida a partir dos dois procedimentos descritos a seguir:

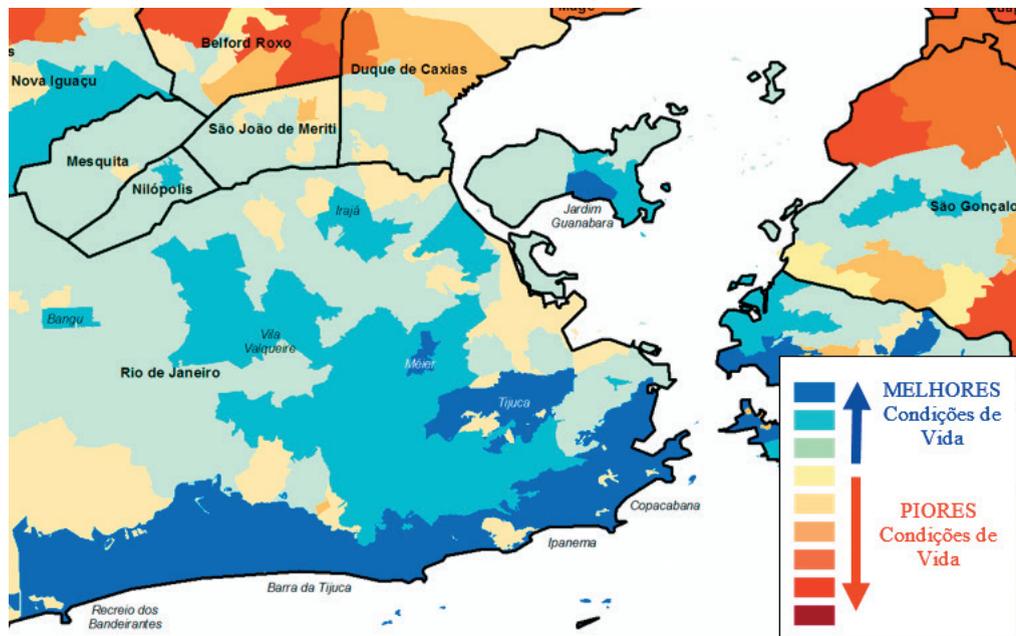
- Após o ordenamento, quando os agrupamentos tiveram valores muito próximos com relação à soma das variáveis¹⁹, eles foram alocados em um único tipo²⁰, porém mantendo-se suas individualidades identi-

¹⁸ Esta soma foi gerada a partir das medianas padronizadas de cada variável em cada agrupamento.

¹⁹ Após a soma das variáveis na fase de ordenamento, os agrupamentos cuja diferença entre eles fosse menor ou igual a 1,5, foram agregados.

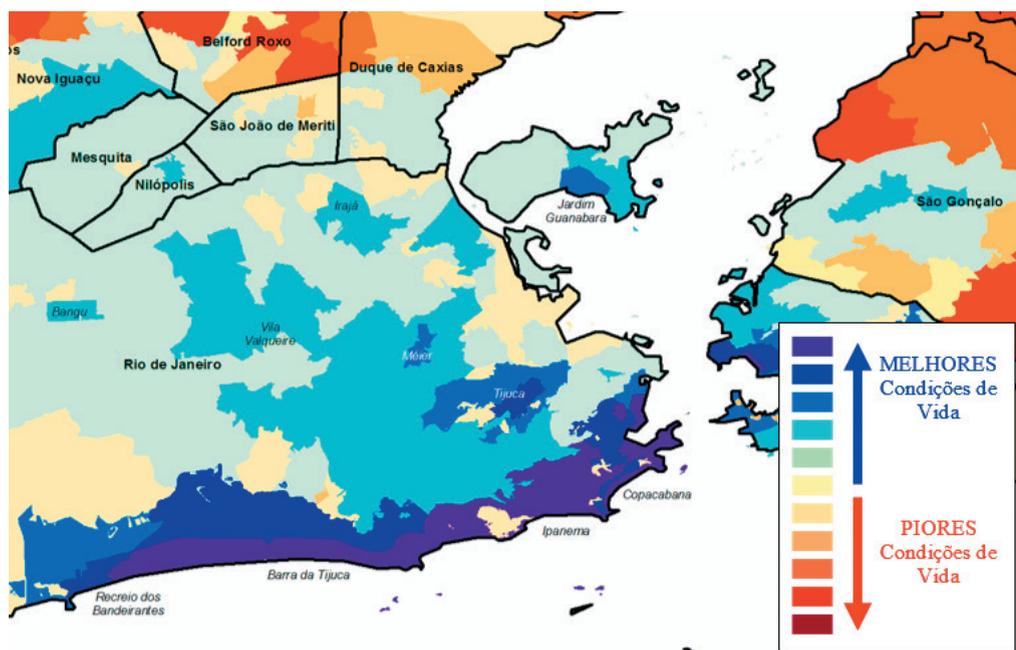
²⁰ Vale ressaltar que o agrupamento 6 não foi alocado ao tipo G, mesmo possuindo valores mais próximos a este tipo (com relação à soma das variáveis), devido a sua mediana de rendimento domiciliar *per capita* ser relativamente elevada (quinta dentre as 15), ou seja, considerou-se que este fator vem a compensar a deficiência em outras variáveis avaliadas. Desta forma, decidiu-se alocar o agrupamento 6 conjuntamente com o 9 para formar o tipo F.

Figura 9 - Os nove tipos intraurbanos preliminares representados



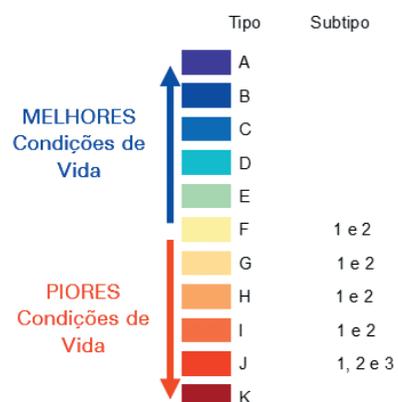
Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Métodos e Qualidade.

Figura 10 - Os 11 tipos intraurbanos finais representados



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Métodos e Qualidade.

Figura 11 - Tipos e subtipos intraurbanos



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.

ficadas como subtipos. Isso significa dizer que os agrupamentos que foram alocados conjuntamente são de alguma forma equivalentes em relação às condições de vida, porém por motivos diferentes; e

- Para o agrupamento 13, que obteve melhor desempenho no ordenamento, sentiu-se a necessidade de dividi-lo em três tipos segundo a mediana do rendimento domiciliar *per capita*. Isto foi motivado porque áreas com nítidas diferenças de riqueza estavam contidas em um único agrupamento. Uma vez que os valores obtidos para nível de instrução, bens e adequação de moradia eram bons em todas estas áreas, o que as diferenciavam, de fato, era o rendimento.

Desta forma, foram separadas as Áreas de Ponderação, utilizadas no projeto, em três faixas de mediana do rendimento domiciliar *per capita*:

- R\$ 1 328,00 a R\$ 2 000,00;
- R\$ 2 001,00 a R\$ 2 800,00; e
- R\$ 2 801,00 a R\$ 5 000,00.

O resultado desse procedimento pode ser visto nas figuras a seguir, em que a orla do “Rio de Janeiro/RJ” aparece com somente um tipo, na Figura 9, e em três tipos na Figura 10.

Ao final de todas as etapas descritas foram obtidos 11 tipos intraurbanos e 11 subtipos intraurbanos nas Concentrações Urbanas do Brasil acima de 300 000 habitantes, mais Palmas (TO) e Boa Vista (RR), que serão retratados e analisados nos capítulos seguintes. Cada tipo recebeu uma letra e uma cor para representá-lo, variando do roxo para o marrom segundo as condições de vida, conforme a Figura 11.

Análise de agrupamentos para as demais Áreas de Ponderação

Como explicitado anteriormente, as Áreas de Ponderação com menos de 85% e 40% ou mais de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana foram tratadas separadamente e inseridas nos tipos e subtipos intraurbanos previamente criados. Tais áreas possuem a influência do fenômeno urbano e, por isso, foram abordadas neste estudo. Com isso, a inclusão dessas áreas foi necessária, porém de forma complementar.

Para executar a etapa, foi aplicado neste subconjunto a técnica de análise de agrupamentos, considerando desta vez todas as variá-

veis conjuntamente. Não foram aplicadas duas etapas de agrupamento, como no outro subconjunto (acima de 85% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana) porque os tipos e subtipos já estavam construídos e consolidados.

Foram geradas medidas de similaridade entre os vetores de medianas dos agrupamentos desta etapa e os agrupamentos resultantes da etapa anterior. Assim, cada agrupamento desta etapa foi inserido em um agrupamento preexistente, obedecendo ao mesmo ordenamento anterior. As Figuras 12 e 13 ilustram o resultado obtido.

Recorte das áreas de ponderação pelas manchas urbanizadas

Muitas vezes os limites das Áreas de Ponderação recobrem o município inteiro, mesmo quando as áreas urbanizadas não ocupam todo o território. Graficamente, ou seja, em mapas, a análise fica limitada, uma vez que processos urbanos de ocupação que ocorrem ao longo de rios, estradas, dentre outros, não são representados pela forma da Área de Ponderação.

O mapeamento das manchas urbanizadas tem o intuito de representar as áreas construídas das cidades brasileiras (ÁREAS..., 2017). Assim, representam as formas que os espaços urbanizados do País assumem devido às suas histórias de construção e ocupação.

A junção da tipologia com as manchas urbanizadas traz um refinamento no entendimento dos padrões de diferenciação espacial intraurbano, uma vez que expõe em quais condições de vida está cada “pedaço” da cidade e que forma esta possui. Neste sentido, as Áreas de Ponderação foram recortadas pelas manchas urbanizadas de modo a imprimir o seu formato. A Figura 14 representa este novo recorte.

Figura 12 - Tipologia das Áreas de Ponderação com 85% ou mais de domicílios em situação urbana

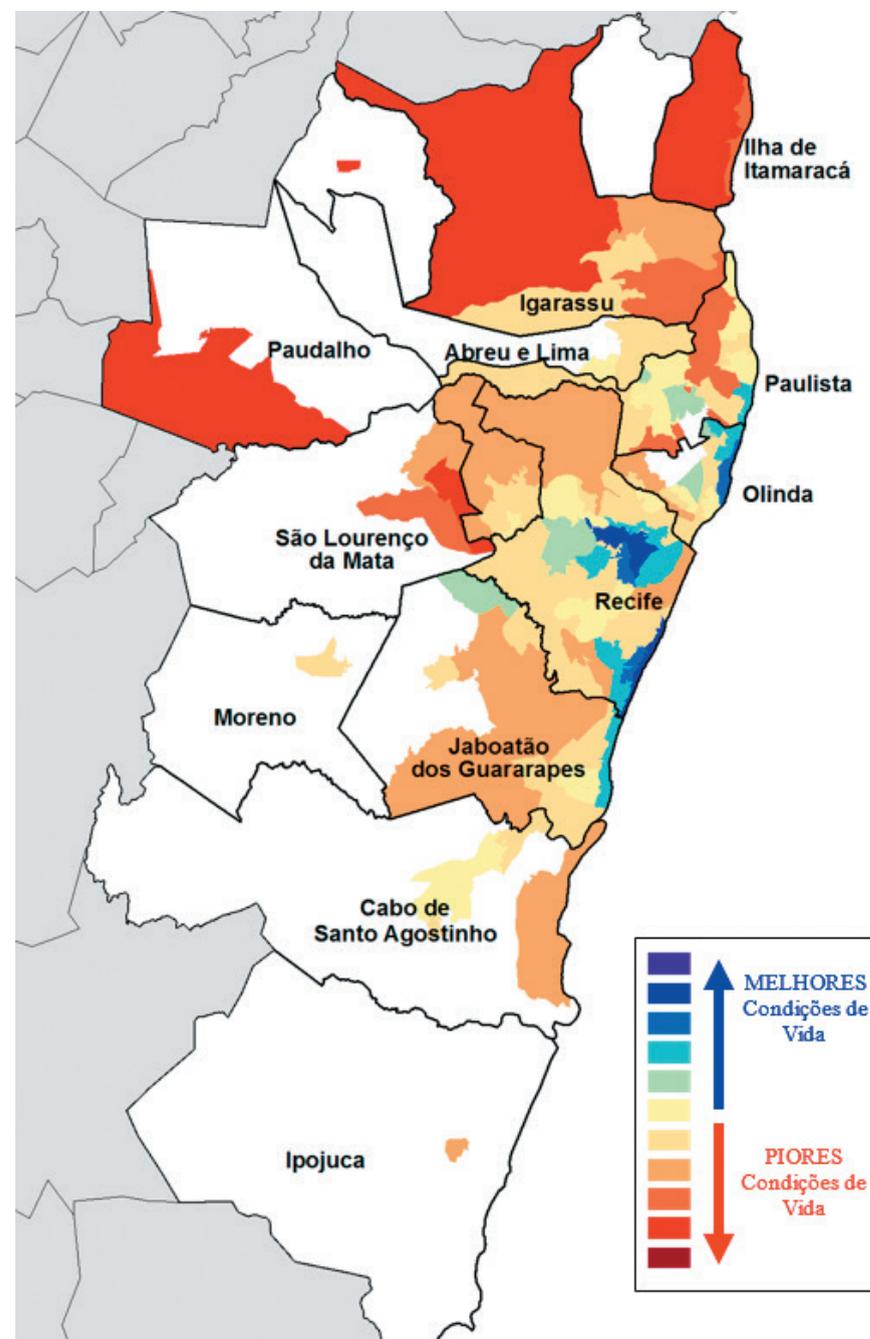
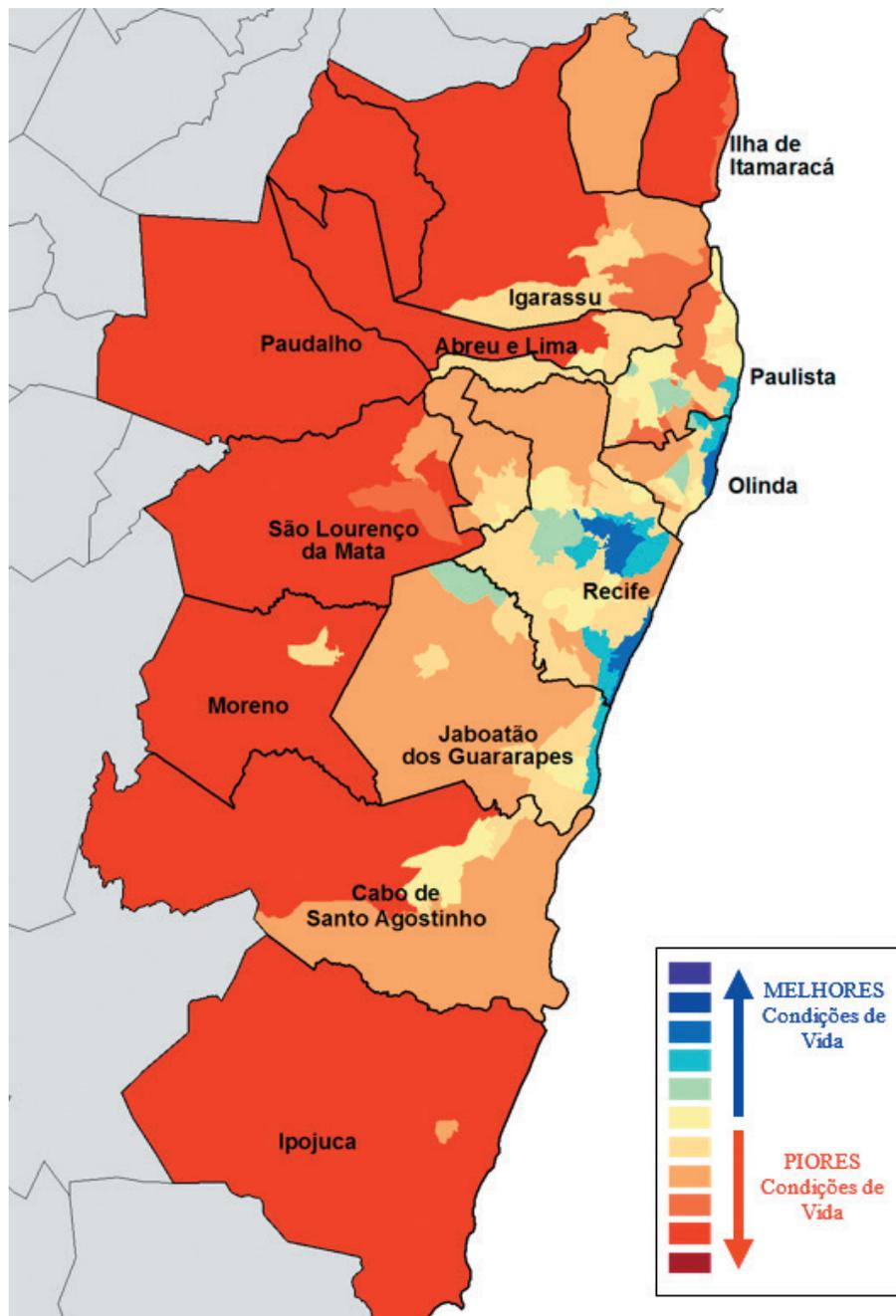
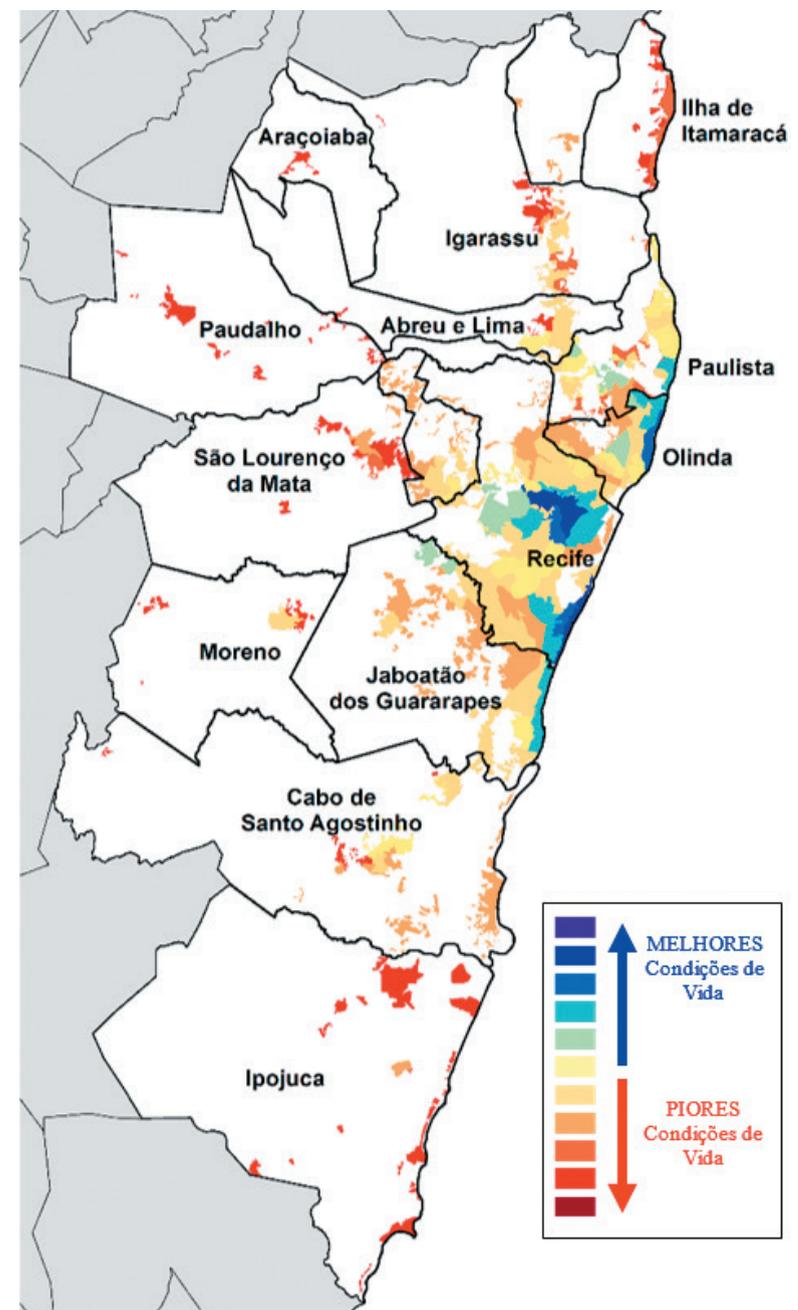


Figura 13 - Tipologia das Áreas de Ponderação com 40% ou mais de domicílios em situação urbana em situação urbana



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Métodos e Qualidade.

Figura 14 - Tipologia intraurbana recortada pelas manchas urbanizadas



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
 Nota: As áreas em branco dentro dos municípios da Concentração Urbana de "Recife/PE" correspondem àquelas não urbanizadas.

Tipologia intraurbana

O presente capítulo apresenta características intrínsecas das Concentrações Urbanas brasileiras segundo os tipos e subtipos intraurbanos identificados. Serão, assim, abordados quatro assuntos: a caracterização dos tipos; a análise das formas urbanas e da distribuição socioeconômica da população; análise da distribuição de tipos no Brasil e Grandes Regiões; e análise dos perfis de distribuição da população segundo os tipos intraurbanos, por Concentrações Urbanas.

É importante ressaltar que a leitura dos mapas, dados e padrões que os tipos e subtipos intraurbanos revelam não deve ser feita de forma linear. Sendo assim, para correto entendimento dos subcapítulos a seguir, alguns pontos devem ser observados obrigatoriamente:

- **Escala:** os tipos e subtipos intraurbanos não revelam todos os detalhes e situações presentes nas cidades brasileiras. Sendo assim, é possível que haja áreas com boas condições de vida dentro de tipos que representam condições de vida insatisfatórias e vice-versa. Os mapas que apresentam a tipologia intraurbana têm o intuito de mostrar o padrão geral presente em cada Concentração Urbana;
- **Conteúdo:** os tipos e subtipos intraurbanos revelam áreas com características comuns, medidas segundo os temas escolhidos. Entretanto, é importante notar que processos socioeconômicos semelhantes geram paisagens diferentes, fruto da diferença de tamanho populacional das Concentrações Urbanas, da região do País em que se localizam, do sítio em que a cidade foi construída, dos aspectos culturais correntes na época das construções e do papel que a cidade desempenha no sistema urbano brasileiro. Assim, um mesmo tipo pode abrigar áreas de prédios em uma cidade e de casas em outra, ou pode ser mais agradável de se estar em umas do que em outras e assim por diante;

- **Data de referência dos dados:** conforme mencionado, os dados são de 2010, o que reflete dinâmicas dos anos anteriores e as do momento de realização do Censo Demográfico; e
- **Dados utilizados:** nas análises a seguir, diferentes conjuntos de dados serão adotados. Por exemplo, para caracterização dos tipos serão utilizados os mesmos dados que subsidiaram a criação da tipologia, ou seja, todas aquelas variáveis supracitadas no capítulo **Procedimentos operacionais e aspectos metodológicos**. Já nos demais subcapítulos serão utilizados dados de domicílios, famílias e pessoas.

Caracterização dos tipos

A classificação em 11 tipos evidencia a diferenciação socioespacial nas condições de vida das Concentrações Urbanas avaliadas, refletindo perfis populacionais diversos quanto às condições de moradia, aos níveis educacionais, acesso a bens etc.

A caracterização dos tipos e subtipos intraurbanos²¹ foi feita a partir das medianas²² das variáveis que os compõem. Ao longo da descrição serão utilizados nomes abreviados das variáveis, a saber:

- **Lixo:** mediana do percentual de pessoas cujo domicílio possui coleta de lixo diretamente por serviço de limpeza ou em caçamba de serviço de limpeza;
- **Água:** mediana do percentual de pessoas cujo domicílio possui água distribuída por rede geral de abastecimento;

²¹ Para caracterizar os tipos e subtipos foi considerado o conjunto de dados correspondente às Áreas de Ponderação com 40% ou mais de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana (ou 3 726 Áreas de Ponderação)

²² Vale destacar que a mediana é uma medida central do comportamento de uma distribuição. Assim, efetivamente, a mediana de cada variável, por tipo e subtipo, significa que metade dos valores estão acima e a outra metade abaixo dela.

- **Esgotamento sanitário:** mediana do percentual de pessoas cujo domicílio possui rede geral de esgoto ou pluvial, ou fossa séptica;
- **Densidade de moradores por dormitório:** mediana do percentual de pessoas em domicílios com densidade de até dois moradores por dormitório;
- **Alvenaria com revestimento externo:** mediana do percentual de pessoas em domicílios com alvenaria predominante nas paredes externas;
- **Razão de dependência de menores de 15 anos:** mediana da razão de dependência de menores de 15 anos. É representado pela unidade crianças por 100 adultos;
- **Computador com acesso à Internet:** mediana do percentual de pessoas em domicílios com existência de computador com acesso à Internet;
- **Máquina de lavar:** mediana do percentual de pessoas em domicílios com existência de máquina de lavar;
- **Instrução nível médio e superior completo:** mediana do percentual do somatório de pessoas com médio completo ou superior incompleto e 18 anos ou mais de idade e pessoas com superior completo e 18 anos ou mais de idade; e
- **Rendimento²³:** mediana do rendimento domiciliar *per capita*.

Para melhor viabilizar uma fluidez no texto, a leitura dos dados e a descrição dos tipos e subtipos intraurbanos foram associados a alguns termos que representam o comportamento das variáveis. Tal recurso é importante para o bom entendimento do fenômeno aqui em pauta. Os Quadros 1 e 2 apresentam os significados dos termos.

Quadro 1 - Termos associados às faixas percentuais para descrição dos tipos e subtipos intraurbanos

Faixas percentuais	Termos associados
> 99,5% a 100%	Universalizado
> 95,0% a 99,5%	Vasto, amplo
> 85,0% a 95,0%	Muito elevado, muito grande
> 75,0% a 85,0%	Elevado, grande
> 65,0% a 75,0%	Expressivo, considerável
> 55,0% a 65,0%	Razoável
> 45,0% a 55,0%	Metade, moderado
> 35,0% a 45,0%	Reduzida, limitada
> 25,0% a 35,0%	Muito reduzida, muito limitada
> 15,0% a 25,0%	Raro
> 5,0% a 15,0%	Muito raro, muito pequeno
> 0,0% a 5,0%	Praticamente ausente
0,00%	Ausente

Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Métodos e Qualidade.

Quadro 2 - Termos associados às faixas de razão de dependência de menores de 15 anos, para descrição dos tipos e subtipos intraurbanos

Crianças para cada 100 adultos	Termos associados
> 17 a 26	Muito pequena
> 26 a 34	Pequena
> 34 a 42	Moderada
> 42 a 50	Alta

Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.

A seguir estão descritos, assim, os tipos e subtipos, conforme os valores apresentados na Tabela 1:

Tipo A - apresenta o melhor desempenho na classificação, uma vez que todos os percentuais registrados são os mais elevados dentre os temas analisados, caracterizando áreas com boas condições de vida. Configura as áreas mais ricas dentro das Concentrações Urbanas avaliadas, ocorrendo em lugares com amenidades naturais, ou de posicionamento em relação ao centro de negócios, além de condomínios de luxo espalhados dentro ou fora da mancha urbanizada principal. O rendimento domiciliar *per capita* é de R\$ 3 250,00, o que propicia um alto padrão de consumo corroborado pela presença de comércio de luxo, serviços voltados para a elite e um bom acabamento externo nas residências. É registrada em quase todas as Grandes Regiões do País, com exceção da Norte, não ocorrendo em Concentrações Urbanas com menos de 1 milhão de habitantes. As maiores áreas estão em “Brasília/DF” (159,3 km²), “São

²³ Vale lembrar que o salário mínimo nacional vigente, em 2010, era de R\$ 510,00.

Tabela 1 - Dados de apoio à caracterização dos tipos e subtipos intraurbanos

Tipo	Subtipo	Mediana do percentual de pessoas em domicílios com							Mediana do Percentual de pessoas com nível médio ou superior ¹ (%)	Mediana da razão de dependência de menores de 15 anos (crianças / 100 adultos)	Mediana do rendimento domiciliar <i>per capita</i> (R\$)
		Coleta de lixo diretamente por serviço de limpeza ou em caçamba de serviço de limpeza (%)	Água distribuída por rede geral de abastecimento (%)	Rede geral de esgoto ou pluvial, ou fossa séptica (%)	Densidade de até dois moradores por dormitório (%)	Alvenaria predominante nas paredes externas (%)	Existência de computador com acesso à Internet (%)	Existência de máquina de lavar (%)			
A		100,00	99,80	99,70	95,90	98,70	89,60	95,40	85,80	17	3 250,00
B		100,00	99,60	99,50	94,50	98,40	86,00	93,30	83,90	18	2 500,00
C		100,00	99,80	99,10	92,70	97,00	81,60	92,40	77,80	19	1 750,00
D		99,90	99,50	98,10	84,40	94,20	65,50	85,30	62,10	24	870,00
E		99,80	99,30	94,00	72,30	87,40	44,90	73,70	43,20	31	510,00
F	F1	98,90	95,80	73,50	69,60	87,40	35,30	44,00	51,30	31	440,00
	F2	99,10	51,80	65,80	71,90	84,50	43,00	61,80	55,90	31	555,00
G	G1	99,40	98,50	87,70	58,40	78,30	31,70	64,00	30,90	38	400,00
	G2	98,10	96,90	70,40	68,30	87,10	24,10	30,70	37,70	35	325,00
H	H1	95,60	89,90	52,50	64,10	78,40	21,00	36,70	30,50	40	340,00
	H2	96,60	46,10	60,70	65,80	78,90	23,40	50,60	32,00	37	380,00
I	I1	81,00	73,80	60,50	58,10	75,70	22,80	50,70	29,40	38	333,00
	I2	98,20	85,00	44,50	47,30	42,20	17,60	36,70	38,80	49	320,00
J	J1	80,50	66,00	52,80	55,00	70,10	14,20	22,60	49,00	42	267,00
	J2	96,70	43,70	40,90	44,10	54,70	11,10	34,30	33,90	50	255,00
	J3	75,50	62,00	32,70	66,40	77,70	10,50	16,10	21,90	43	255,00
K		70,10	59,10	31,90	49,10	50,10	5,20	12,60	33,00	47	217,00

Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Métodos e Qualidade.

(1) Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana, nas Concentrações Urbanas selecionadas neste estudo.

Paulo/SP” (81,9 km²), “Belo Horizonte/MG” (34 km²) e “Rio de Janeiro/RJ” (32,9 km²).

Os serviços ligados à adequação de moradia (água, esgotamento sanitário e coleta de lixo) estão universalizados, alcançando ≈99,8% dos moradores. Quase universalizado, figuram os temas de alvenaria com revestimento (98,7%) e densidade adequada de moradores por dormitório (95,9%). São muito elevados os percentuais de posse de máquina de lavar (95,4%) e de computador com acesso à Internet (89,6%), assim como a população com nível instrução médio ou superior (85,8%). A razão de dependência de menores de 15 anos é muito pequena (17 crianças para 100 adultos).

Tipo B - caracteriza-se por ter ótimo desempenho, dentre os temas avaliados, porém não superior ao do tipo A. Está presente em todas as Grandes Regiões do Brasil, no entanto, não são verificadas em Concentrações Urbanas com menos de 750 000 habitantes. Representa áreas ricas também, com boas condições de vida. Possui, no que diz respeito à localização, o mesmo comportamento do tipo A, em relação às amenidades naturais ou à boa localização, próximo aos centros de

negócios. Quando ocorre concomitantemente ao tipo A, em geral, são áreas próximas ou vizinhas a essas. Ocupam maiores extensões nas Concentrações Urbanas de “São Paulo/SP” (46,6 km²), “Brasília/DF” (40,4 km²), “Rio de Janeiro/RJ” (31,3 km²) e “Campinas/SP” (12 km²).

O rendimento domiciliar *per capita* é de R\$ 2 500,00 e a razão de dependência é muito pequena (18 crianças para cada 100 adultos). Os serviços de coleta de lixo e de distribuição de água estão universalizados, o que praticamente ocorre na alvenaria com revestimento e no esgotamento sanitário, que alcançam valores superiores a 98%. A posse de máquina de lavar (93,3%) e computador acesso à Internet (86,0%) é muito elevada, assim como o percentual de densidade de até dois moradores por dormitório (94,5%). A população é composta principalmente por pessoas com nível de instrução médio ou superior, já que o percentual desse tema é elevado (83,9%).

Tipo C - áreas com boas condições de vida, diferenciando-se diminutamente dos tipos anteriores em relação aos temas: presença de computador com acesso à Internet, nível de instrução e rendimento. É um tipo recorrente em todas as

Grandes Regiões do País, porém menos expressivo na Região Norte. É composto por áreas que se avizinham às mais ricas nos municípios sede das Grandes Concentrações ou nos subnúcleos intraurbanos mais importantes. Nas Médias Concentrações, geralmente, são encontradas somente no município sede, quando é o caso. As maiores extensões são registradas em “São Paulo/SP” (119,5 km²), “Campinas/SP” (67,4 km²), “Curitiba/PR” (47,3 km²) e “Rio de Janeiro/RJ” (43,1 km²).

O rendimento domiciliar *per capita* é de R\$ 1 750,00 e a razão de dependência muito pequena (19 crianças para 100 adultos). Como no tipo B, os serviços de água e coleta de lixo são universalizados, já o esgotamento sanitário (99,1%) e a alvenaria com revestimento (97,0%) alcançam quase o mesmo patamar. Com percentuais muito elevados figuram os temas densidade de até dois moradores por dormitório (92,7%) e posse de máquina de lavar (92,4%). Os demais temas, presença de computador com acesso à Internet (81,6%) e população com nível de instrução médio ou superior (77,8%), encontram-se com graus elevados de abrangência.

Tipo D - áreas onde predomina bom desempenho na maioria das variáveis. É um tipo que ainda reflete boas condições de vida, estando disposto comumente próximo ou no entorno de áreas mais ricas, além de ocorrer em zonas centrais de Médias Concentrações Urbanas. Nas Grandes Concentrações Urbanas é recorrente naqueles municípios mais pujantes economicamente, mas que não são o núcleo da Concentração. Possui maior extensão em “São Paulo/SP” (370,1 km²), “Rio de Janeiro/RJ” (166,1 km²) e “Curitiba/PR” (127,3 km²).

Os serviços de água e lixo estão universalizados (≈99,7%), já o esgotamento sanitário tem uma vasta abrangência, cobrindo 98,1% da população. Na alvenaria com revestimento externo, o percentual figura muito elevado (94,2%). São grandes, ainda, os valores para presença de máquina de lavar (85,3%) e densidade de até dois moradores por dormitório (84,4%). O rendimento domiciliar *per capita* alcança R\$ 870,00 e a razão de dependência de menores de 15 anos é muito pequena (24 crianças para 100 adultos). Os mais baixos percentuais possuem níveis razoáveis de abrangência, uma vez que 62,1% da população tem nível médio ou superior e 65,5% computador com acesso à Internet.

Tipo E - caracteriza condições médias de vida, com vários temas com percentuais satisfatórios, porém com alguns ainda a melhorar. Em geral, ocupam grandes parcelas da mancha urbanizada principal, interligando áreas com melhores e piores condições de vida. É característica ainda nas áreas centrais de municípios que não são núcleos de Concentrações Urbanas. Está presente em todas as Grandes Regiões, sendo o tipo de maior abrangência territorial. “São Paulo/SP” tem um total de 756,3 km² no tipo E, sendo a Concentração com maior extensão territorial desse tipo, seguida de “Rio de Janeiro/RJ” (447,9 km²) e “Belo Horizonte/MG” (292,8 km²).

O serviço de coleta de lixo está universalizado (99,8%) e o de abastecimento de água tem uma ampla cobertura (99,3%). A adequação do esgotamento sanitário e a alvenaria com revestimento alcançam um percentual muito elevado da população (94,0% e 87,4%, respectivamente). São expressivos, também, os valores de densidade de até dois moradores por dormitório (72,3%) e de presença de máquina de lavar (73,7%). O rendimento domiciliar *per capita* é de R\$ 510,00 e a razão de dependência é pequena (31 crianças para 100 adultos). Os temas com

piores desempenhos são: pessoas com nível de instrução médio ou superior e posse de computador com acesso à Internet, uma vez que ambos têm uma abrangência limitada (≈44%).

Tipo F - caracteriza, também, áreas com condições de vida médias, porém com pendências em vários dos temas avaliados. É comum em Concentrações Urbanas do Norte e Nordeste, sendo manchas próximas e/ou ao redor das áreas com melhores condições de vida. É recorrente, também, ao longo do litoral em zonas de expansão de residências para veraneio ou estabelecimentos de turismo. As maiores áreas são encontradas em Manaus (AM) (122,4 km²), “Rio de Janeiro/RJ” (88 km²), “Fortaleza/CE” (76 km²) e “Salvador/BA” (72,2 km²).

É composto por dois subtipos com vários percentuais similares dentre os temas avaliados. A razão de dependência é pequena (31 crianças para 100 adultos) e o serviço de coleta de lixo, com quase universalização da cobertura, é o de melhor desempenho (99,0%), seguido da alvenaria com revestimento externo, que tem percentuais muito elevados (≈86%). De maneira expressiva posicionam-se duas das variáveis de adequação de moradia: esgotamento sanitário (≈70%) e densidade de até dois moradores por dormitório (≈71%). A proporção da população com nível de instrução médio ou superior é de moderada a razoável (≈54%), já o número de pessoas que possuem computador com acesso à Internet é reduzido (≈39%). Dessa forma, os subtipos se diferenciam em:

- Subtipo 1: o rendimento domiciliar *per capita* é de R\$ 440,00 e a cobertura da rede de abastecimento de água é ampla, com 95,8%. A presença de máquina de lavar é reduzida, alcançando 44,0% dos residentes; e
- Subtipo 2: é de R\$ 555,00 o rendimento domiciliar *per capita* e o percentual de abastecimento de água por rede só alcança a metade da população (51,8%). A posse de máquina de lavar é razoável, com abrangência de 61,8%.

Tipo G - áreas onde prevalecem fortes oscilações nos resultados das variáveis analisadas. Está presente em todas as Grandes Regiões do País e são comumente encontradas nas maiores Concentrações Urbanas. Possuem, de modo geral, a característica de se localizarem entremeadas, no tecido urbano, junto às áreas com melhores condições de vida, ou na borda da

mancha urbanizada principal formando, muitas vezes, uma faixa entre os tipos melhores e piores. O tipo G recobre a maior área na Concentração de “São Paulo/SP”, totalizando 327 km², sendo seguida por “Rio de Janeiro/RJ” (191,1 km²) e “Porto Alegre/RS” (145,8 km²). Os serviços de água e lixo são quase universalizados (≈98%) e a razão de dependência é moderada (≈37 crianças para 100 adultos). É formado por dois subtipos com diferenças em vários dos temas avaliados:

- Subtipo 1: apresenta um desempenho muito reduzido (31,7%) quanto à população que possui computador com acesso à Internet e a que tem o ensino médio ou superior concluído (30,9%). A densidade adequada de moradores por dormitório é razoável (58,4%) e alvenaria com revestimento externo figura com valores elevados (78,3%). Apesar do rendimento domiciliar *per capita* de R\$ 400,00, são áreas com uma cobertura muito elevada de esgotamento sanitário (87,7%); e
- Subtipo 2: com um rendimento de R\$ 325,00, somente em raros casos se registra a presença de computador com acesso à Internet, uma vez que alcança 24,1% da população. Os percentuais do nível de escolaridade média e superior também são reduzidos (37,7%), porém há uma expressiva parcela de pessoas em domicílios adequados com relação ao esgotamento sanitário (70,4%) e a densidade de até dois moradores por dormitório (68,3%). A alvenaria com revestimento externo destaca-se com percentual muito elevado (87,1%).

Tipo H - caracteriza-se por ter resultados bons, médios e ruins de acordo com o tema avaliado. Está presente em todas as Grandes Regiões do País e, de modo geral, compõe grandes parcelas da mancha urbanizada principal (predominando em municípios que não são núcleos de Concentrações Urbanas), porém formam também, em alguns casos, uma miríade de fragmentos urbanizados que orbitam a principal. As maiores áreas são registradas nas Concentrações Urbanas do “Rio de Janeiro/RJ” (404,7 km²), “São Paulo/SP” (230 km²) e “Goiânia/GO” (209,1 km²). Possui dois subtipos com similaridades nos valores de diversos temas. O rendimento domiciliar *per capita*, por exemplo, era de aproximadamente R\$ 360,00, com a razão de dependência moderada (≈38 crianças para 100 adultos). Já a presença de computador com acesso à Internet

é rara (≈22%), ao contrário da coleta de lixo que possui amplo alcance (≈96%). O desempenho é elevado em relação à alvenaria com revestimento externo (≈78,5%) e expressivo com respeito à densidade de até dois moradores por dormitório (≈65%). O nível de instrução médio ou superior abrangia um percentual muito limitado da população (≈31%). As diferenças entre os dois subtipos são sensíveis em:

- Subtipo 1: este subtipo só possui melhor resultado do que o subtipo 2 no abastecimento de água, com percentuais muito elevados de atendimento (89,9%). O esgotamento sanitário, por sua vez, tem uma cobertura moderada (52,5%) e a presença de máquina de lavar limitada (36,7%); e
- Subtipo 2: o esgotamento sanitário tem um alcance razoável, cobrindo 60,7% da população. Já o abastecimento de água por rede geral é menos satisfatório, chegando à quase metade (46,1%) dos moradores, à semelhança da posse de máquina de lavar, com 50,6% de cobertura.

Tipo I - áreas que possuem deficiência em vários dos atributos avaliados. São encontradas em quase todas as Grandes Regiões do Brasil, à exceção da Sul, e possui a maior área identificada na Concentração Urbana do “Rio de Janeiro/RJ” (84,5 km²). Em geral, localiza-se na borda das manchas urbanizadas principais e em fragmentos mais afastados ao longo das rodovias. Formado por dois subtipos, possui valores próximos em relação ao rendimento (R\$ ≈327,00) e à rara presença de computador com acesso à Internet (≈20%). Já o revestimento externo figura com a maior amplitude (33,5%) entre os valores registrados nos subtipos. Os subtipos se diferenciam, ainda, em:

- Subtipo 1: a população com nível médio ou superior de instrução é a que possui o segundo pior desempenho dentre os temas avaliados, constando com percentual muito reduzido de 29,4%. A razão de dependência é moderada (38 crianças para 100 adultos) e metade dos residentes tem acesso à máquina de lavar (50,7%). A quantidade de pessoas em moradias com esgotamento sanitário é razoável (60,5%), assim como a densidade adequada de moradores por dormitório (58,1%). O serviço de abastecimento de água é expressivo (73,8%) e o de lixo possui uma cobertura elevada (81,0%), de igual modo a presença de alvenaria externa nas residências (75,7%); e

- Subtipo 2: possui como melhores indicadores a coleta de lixo, com uma ampla cobertura (98,2%) e abastecimento de água, com alcance elevado de 85,0%. As demais variáveis sofrem um acentuado decréscimo com relação aos seus percentuais. Por exemplo, com uma abrangência limitada pode-se citar o acesso ao esgotamento sanitário (44,5%), domicílios com revestimento externo (42,2%), presença de máquina de lavar (36,7%) e pessoas com nível médio ou superior (38,8%). A densidade de moradores é levemente melhor, com um alcance moderado de 47,3%. A razão de dependência figura com valor alto de 49 crianças para 100 adultos.

Tipo J - segundo tipo de pior desempenho na classificação. Do mesmo modo que o tipo I, ocorre comumente em fragmentos urbanizados afastados da mancha principal (ao longo de rodovias) ou em sua borda. As maiores áreas localizam-se em Manaus (AM) (86,1 km²) e “Belém/PA” (72,2 km²), sendo registrada também em “Recife/PE”, “Porto Velho/RO” e “São Luís/MA”. É formado por três subtipos que apresentam em comum a proximidade dos valores em relação às medianas de rendimento domiciliar *per capita* (R\$ ≈260,00), a alta razão de dependência (≈45 crianças para 100 adultos) e a ausência de computador com acesso à Internet, uma vez que somente ≈12% das pessoas possuem esse bem. Os outros atributos diferenciam os subtipos a partir de variações de suas medianas, a destacar:

- Subtipo 1: a máquina de lavar figura como um bem pouco acessível, já que é rara a sua presença nos domicílios (22,6%). Somente metade da população possui nível médio ou superior (49,0%), acesso ao esgotamento sanitário (52,8%) e uma adequada densidade de moradores por dormitório (55,0%). A alvenaria com revestimento é expressiva, da mesma forma que o abastecimento de água por rede geral, figurando com 70,1% e 66,0%, respectivamente. O melhor indicador refere-se à coleta de lixo com elevado percentual de cobertura (80,5%);
- Subtipo 2: o que mais se destaca, nesse subtipo, é justamente a cobertura da coleta de lixo, com um amplo atendimento que alcança 96,7% das pessoas. Tal característica contrasta com os demais temas ligados à adequação de moradia, a exemplo da limitada abrangência do serviço de água (43,7%), esgotamento sanitário (40,9%),

assim como a densidade de moradores até duas pessoas por dormitório (44,1%). O percentual de pessoas com mais de 18 anos que possui nível de instrução médio ou superior é muito reduzido, da mesma forma que a posse de máquina de lavar, uma vez que registram somente 33,9% e 34,3%, respectivamente. Por outro lado, a presença de alvenaria com revestimento é moderada, alcançando um pouco mais da metade da população (54,7%); e

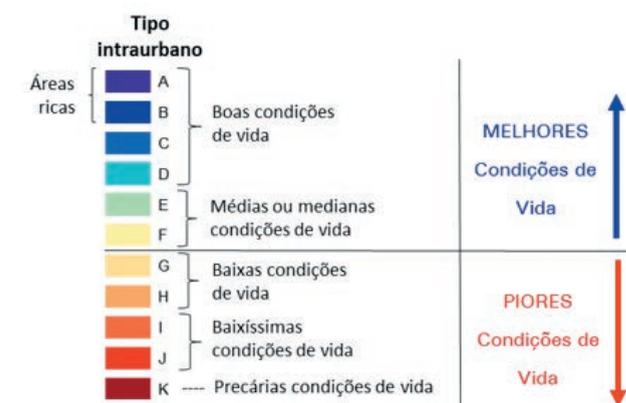
- Subtipo 3: possui elevados percentuais de cobertura com relação a residências com revestimento externo (77,7%). A presença de máquina de lavar é muito rara, alcançando somente 16,1% da população. A parcela de moradores com nível médio e superior só registra 21,9%, e o esgotamento sanitário também não é dos mais satisfatórios com uma cobertura muito reduzida de 32,7%. O percentual da população em residências adequadas, segundo a densidade de até dois moradores, é considerável com valor de 66,4%, assim como a de coleta de lixo (75,5%). O acesso à água é razoável registrando 62,0%.

Tipo K - apresenta o pior desempenho na classificação de modo geral, uma vez que possui vários percentuais com os mais baixos valores dentre os temas analisados. Configura áreas muito pobres, onde o rendimento estava na faixa de R\$ 217,00 em 2010 e a razão de dependência era alta (47 crianças para 100 adultos). Tal fato é coerente com a ausência de máquina de lavar e computador com acesso à Internet²⁴, sendo muito raro domicílios com a presença desses bens (12,6% e 5,2%, respectivamente). No tocante à instrução da população, é muito reduzido o percentual de pessoas com nível médio ou superior (33,0%), da mesma forma que a cobertura do esgotamento sanitário (31,9%). De forma moderada figuram a alvenaria externa (50,1%) e a densidade de até dois moradores por dormitório (49,1%). A coleta de lixo e o acesso à água são os melhores indicadores, sendo o primeiro de cobertura considerável (70,1%) e o segundo razoável (59,1%). As maiores áreas são registradas em “São Luís/MA” e estão presentes em somente algumas Concentrações Urbanas das Regiões Norte e Nordeste.

Como recurso para comentar as análises, a seguir, serão utilizados os seguintes termos (Figura 15), segundo os tipos intraurbanos:

24 A presença de computador com acesso à Internet possui outro elemento influenciador, uma vez que o tipo K geralmente é composto por áreas mais afastadas da mancha urbanizada principal e dos tipos mais ricos.

Figura 15 - Termos utilizados para descrever a análise dos perfis de distribuição populacional segundo os tipos intraurbanos



Formas urbanas e distribuição socioeconômica da população

As cidades brasileiras possuem formas variadas, frutos dos sítios onde foram construídas e dos processos econômicos e sociais que ali atuaram ao longo de suas histórias. Fundamental nesse contexto aparecem os corpos d'água (baías, costas e rios, principalmente os navegáveis), as vias de acesso, e outros elementos que possibilitam a movimentação de pessoas e mercadorias, assim como, o relevo que atua como um condicionador da expansão urbana, direcionando os eixos de ocupação nas cidades.

É importante ressaltar que as formas urbanas, ainda que possibilitem a identificação de modelos mais gerais, resultam do processo contínuo de urbanização/suburbanização originado na migração e no crescimento natural da população, assim como nas intervenções urbanísticas ou na não existência delas. Figuram, sobretudo, na dispersão ou justaposição de funções/atividades que desenham formas de expansão aumentando as cidades em grandes proporções com o surgimento de manchas isoladas e ocasionais, muitas vezes unifuncionais (residenciais, *shopping centers*, distritos de logística etc.).

A análise das formas urbanas neste estudo se dá a partir das Concentrações Urbanas selecionadas. Assim, quando a Concentração é composta por vários municípios, todos são considerados conjuntamente, já para aqueles que são formados por apenas um município, somente o seu contexto é abordado. Como material analítico, é utilizado o mapeamento das manchas urbanizadas conjuntamente com a tipologia intraurbana, o que nos fornece uma visão aprofundada dos elementos que compõem as principais Concentrações Urbanas brasileiras.

Uma característica importante a ser notada é que, de forma geral, existe um efeito centropérfia²⁵. Muitas vezes o centro localiza-se em áreas litorâneas da Concentração, em outras é efetivamente a área mais central, e em outras segue uma lógica de defesa ou de articulação das atividades econômicas. Sendo assim, é exposto a seguir alguns modelos nos quais as 65 Concentrações Urbanas brasileiras estudadas se encaixam. Longe de esgotar a discussão sobre o assunto, tem-se o intuito de abordar alguns dos fatores mais relevantes que as caracterizam. Cabe ainda notar que uma Concentração Urbana pode ser enquadrada simultaneamente em diferentes formas.

Concentrações urbanas radiais

Concentrações Urbanas onde o sítio ou restrições institucionais não oferecem obstáculos relevantes (como presença de morros, rios largos, pântanos, reservas ambientais, áreas militares etc.) tendem a ter um padrão radial, onde as melhores condições de vida localizam-se no centro geométrico da mancha urbanizada. À medida que se afasta das áreas centrais há uma tendência de piora nas condições de vida da população (Figura 16).

No processo de expansão das manchas urbanizadas as vias de comunicação (rodovias, ferrovias e hidrovias) são vetores para as novas ocupações. Geralmente essas não são acompanhadas de infraestrutura (sanitária, urbanística, serviços e meios de transportes) apropriada, em um primeiro momento. Tal fato gera espaços urbanos com baixas condições de vida, figurando na tipologia com as classes que representam as piores condições de vida (cores alaranjadas e avermelhadas). Pode-se citar “Maringá/PR” (Mapa 50, Apêndice 1) como um exemplo da forma radial.

Concentrações Urbanas litorâneas

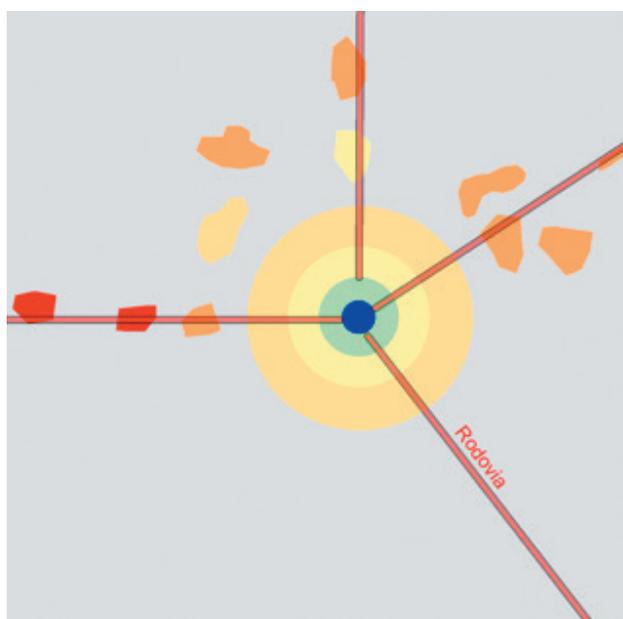
O elevado número de cidades ao longo do litoral brasileiro é resultado do processo de ocupação e colonização do território. Em 2011, 24,6% da população no Brasil (ATLAS..., 2011) vivia em municípios costeiros, a maior parte em cidades que se formaram para viabilizar o modelo de exportação adotado e possibilitar a inserção do País na economia-mundo (ARAÚJO, 2013). Posteriormente, o litoral propiciou, também, a formação de cidades que responderam a demandas dos grandes centros por áreas de veraneio.

Em busca dos melhores sítios, em face do momento econômico-administrativo do País, algumas baías tornaram-se *loci* privilegiados para o surgimento e desenvolvimento de centros urbanos, devido à sua posição. Seguindo a mesma lógica das cidades formadas junto às baías, outras surgiram ao longo do litoral brasileiro, muitas vezes vinculadas à presença de portos. Cabe ressaltar que muitas dessas cidades foram estabelecidas nas áreas mais elevadas dos morros próximo às praias, devido a uma lógica de defesa da costa brasileira.

As Concentrações Urbanas litorâneas têm como propriedade a forma alongada, alinhada à costa. Áreas junto às faixas de areia geralmente são mais valorizadas e à medida que se afasta as condições de vida decrescem. É comum, também,

25 Considerando o centro como áreas com melhores condições de vida.

Figura 16 - Concentração Urbana radial



que áreas litorâneas mais afastadas daquelas mais valorizadas possuam piores condições de vida, ou que alguma barreira, natural ou construída (como separação por rios ou estradas muito largas etc.), produza contrastes entre as condições de vida em áreas vizinhas alinhadas à costa. De forma geral, as Concentrações Urbanas litorâneas apresentam as mesmas características das radiais, porém os processos se dão em formato de meia elipse (Figura 17).

O papel das rodovias como indutores da expansão urbana, também em áreas litorâneas, é notavelmente exemplificado pela Concentração Urbana de “Recife/PE”, onde se encontram fragmentos urbanos afastados com baixas condições de vida ao longo das vias.

Algumas cidades litorâneas apresentaram um maior crescimento devido à atividade de veraneio. Assim como as demais Concentrações Urbanas litorâneas, possuem também uma forma alongada, porém, geralmente, com grandes manchas urbanizadas apresentando deficiência em uma ou mais infraestruturas de saneamento ou de urbanismo (pavimentação, calçamento etc.). É comum encontrar uma paisagem formada por casas amplas e bem-construídas que são utilizadas somente em alguns períodos do ano. Quando há uma maior densidade de pousadas e hotéis, fixa uma população para dar suporte a essas atividades locais, contudo os rendimentos não são dos mais elevados, da mesma maneira que as ocupações demandadas. Na tipologia, tais áreas em geral apresentam os centros, que podem ser parcialmente verticalizados, ocupados pelas classes de melhores condições de vida (cores azuis ou verdes)²⁶ e o restante de suas áreas classificadas como de desempenho médio a ruim (cores amarela ou laranja), conforme ilustra a Figura 18.

Cabe notar que o Município de Balneário Camboriú (SC) foge ao padrão de predomínio de casas, pois se especializou em turismo e veraneio de alto luxo, onde os apartamentos localizados em torres residenciais são o padrão.

Concentrações Urbanas condicionadas pelo relevo e por massas d’água

Muitas vezes determinadas feições naturais como rios, lagoas, morros e serras influenciam a ocupação e direcionam a expansão urbana. Em casos como o da Concentração Urbana de “Petrópolis/RJ”, por exemplo, a urbanização se faz de forma encaixada acompanhando os vales. Outro exemplo seria “Blumenau/SC” onde a mancha urbanizada acompanha o Rio Itajaí-Açu.

Em relação à estrutura urbana, geralmente há um centro com melhores condições de vida e à medida que se afasta há um decréscimo das mesmas. A peculiaridade encontra-se justamente por onde as manchas urbanas crescem, ou seja, dispostas segundo as feições naturais da paisagem (Figuras 19 e 20).

Ser condicionada por feições naturais não significa dizer que as mesmas são intransponíveis, mas sim que durante algum tempo, segundo os momentos econômicos e tecnológicos por qual passou a cidade, não foi de interesse ou mesmo possível transpassar tais barreiras. Desse modo, a forma urbana acabou se adequando aos obstáculos naturais.

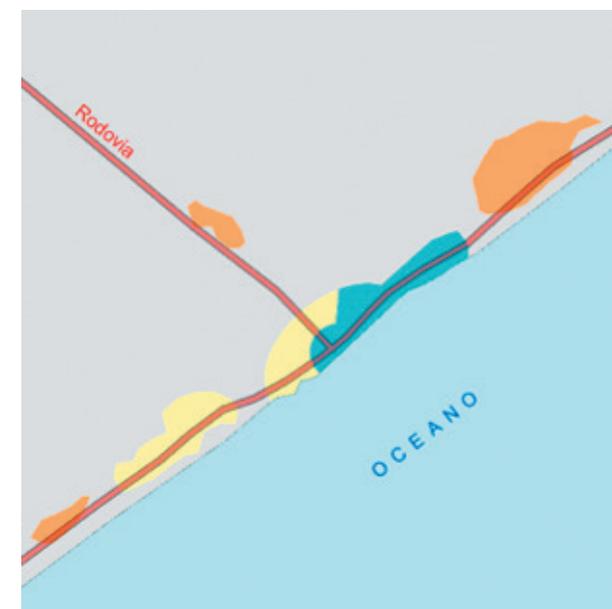
26 Justamente devido à população que ali reside, e não pela população que possui residências.

Figura 17 - Concentração Urbana litorânea



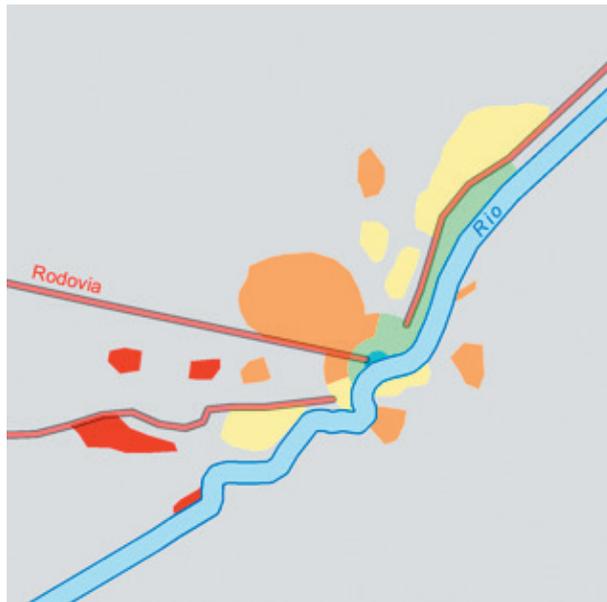
Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.

Figura 18 - Concentração Urbana litorânea de veraneio



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.

Figura 19 - Concentração Urbana condicionada por massa d'água



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.

Concentrações Urbanas alinhadas

Da mesma maneira que os aspectos naturais da paisagem, outros construídos pelo homem influenciam nas formas das cidades. As rodovias, nesse contexto, exercem um papel central. Pode-se perceber que em todas as formas apresentadas há a influência das vias na expansão urbana. Entretanto, em alguns casos, as rodovias têm um papel fundamental na expansão das cidades, uma vez que a mancha urbanizada se desenvolve ao longo das mesmas. Um exemplo bem marcante é encontrado na Concentração Urbana de “São José dos Campos/SP”, onde a Rodovia Presidente Dutra (BR-116) tem um peso muito forte como indutor da urbanização. As Concentrações Urbanas alinhadas possuem, em geral, uma forma alongada com as condições de vida decrescendo a partir do centro de uma elipse (Figura 21).

Concentrações Urbanas zonais

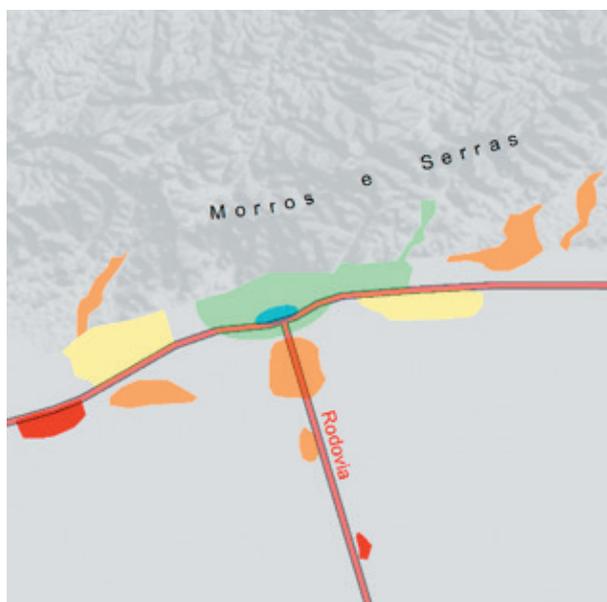
Em vários casos da urbanização brasileira, elementos como amenidades naturais, boa infraestrutura de acesso, interesses imobiliários, planejamentos governamentais (ou falta deles) etc., levaram as cidades a apresentar, associado com as formas, uma distribuição da população em

zonas. Ao contrário do modelo radial, não existe uma gradação das condições de vida à medida que se afasta das áreas mais ricas, o que leva ao avizinhamo de áreas com distintas condições de vida umas às outras. Daí a noção de formarem zonas, na qual uma área rica pode estar ao lado de uma área pobre (Figura 22)

Concentrações Urbanas contíguas e espalhadas

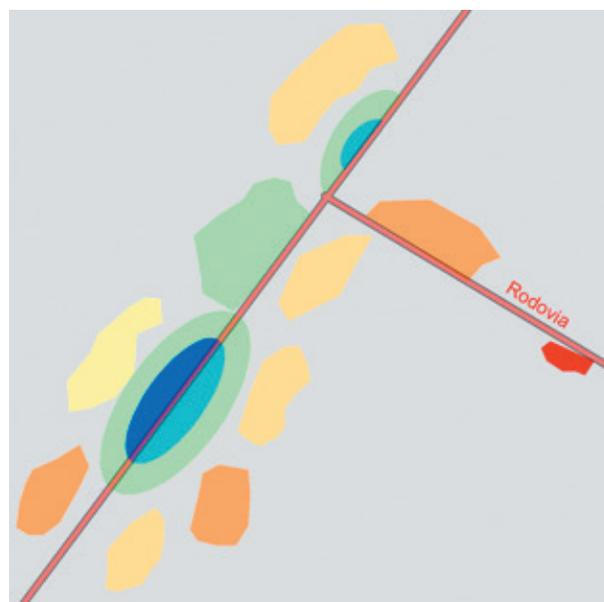
Na urbanização brasileira é comum que junto à mancha urbanizada principal haja várias outras menores em seu entorno. Geralmente, esses fragmentos seguem eixos viários principais, mas existem inúmeros casos onde a lógica de localização se dá por outros motivos, como é o caso de alguns condomínios residenciais e de ocupações irregulares. Há, contudo, extremos a essa característica, uma vez que algumas Concentrações Urbanas possuem praticamente só a mancha urbanizada principal e outras onde se registra um número elevado de pequenas outras manchas urbanas. Daí, associado às formas já mencionadas, pode-se acrescentar ainda a característica de contígua ou espalhada, quando for o caso.

Figura 20 - Concentração Urbana condicionada pelo relevo



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.

Figura 21 - Concentração Urbana alinhada



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.

Figura 22 - Concentração Urbana zonal



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.

As Concentrações Urbanas contíguas (Figura 23) são formadas principalmente por uma única mancha urbanizada e, portanto, não possuem muitas manchas menores a orbitando. Alguns fatores levam a essa configuração, como o vigor econômico moderado do núcleo, localizar-se em áreas longínquas de outros centros urbanos maiores ou de mesmo porte, o uso e cobertura da terra em seu entorno (como agricultura, florestas, reservas etc.) e a intensidade das atividades econômicas que a circundam. Uberlândia (MG) e Vitória da Conquista (BA), são bons exemplos dessa situação. Pode-se citar também Manaus (AM) que, apesar de seu porte econômico e populacional, possui poucas manchas orbitando a mancha urbanizada principal.

As Concentrações Urbanas espalhadas são aquelas onde a urbanização se alastrou, ficando separada da mancha principal por intervalos não urbanizados. Interfere, neste processo de expansão urbana, a pujança econômica que cada cidade possui. Aquelas Concentrações com altos contingentes populacionais e hierarquias mais elevadas no sistema urbano possuem uma miríade de manchas urbanizadas orbitando a mancha principal (Figura 24). Em alguns casos, são acompanhadas de vários subnúcleos que ajudam a articular a economia, o que gera uma riqueza local, propiciando, assim, a formação de suas próprias áreas com boas condições de vida (a exemplo de “São Paulo/SP” e “Rio de Janeiro/RJ”).

Onde a articulação entre Concentrações Urbanas ocorre de modo mais complexo e intenso, a distribuição das manchas urbanizadas e das condições de vida pode assumir um padrão polinucleado, como é o caso da Cidade-Região de “São Paulo/SP” (ARRANJOS..., 2016). Nesses casos, os núcleos das diversas Concentrações, que compõem essas unidades, possuem fortes relações econômicas entre si (porém, marcadamente em relação ao núcleo principal) e complementaridade de funções. Tal fato gera uma dinâmica integrada entre as Concentrações, e assim influencia o crescimento das manchas urbanizadas e das condições de vida em cada uma delas.

A diferença entre Concentração espalhada e polinucleada é a complexidade da estrutura urbana. Na primeira, o que existe é uma Concentração com seus subnúcleos; na outra, são várias Concentrações com seus núcleos e subnúcleos.

Os modelos aqui representados servem para exemplificar as diferentes formas que as Concentrações Urbanas avaliadas neste estudo podem assumir. Tem-se aqui um pequeno subs-

trato para leitura e interpretação das Concentrações em questão. O Quadro 3 resume as formas urbanas e a distribuição socioeconômica da população das Concentrações Urbanas selecionadas.

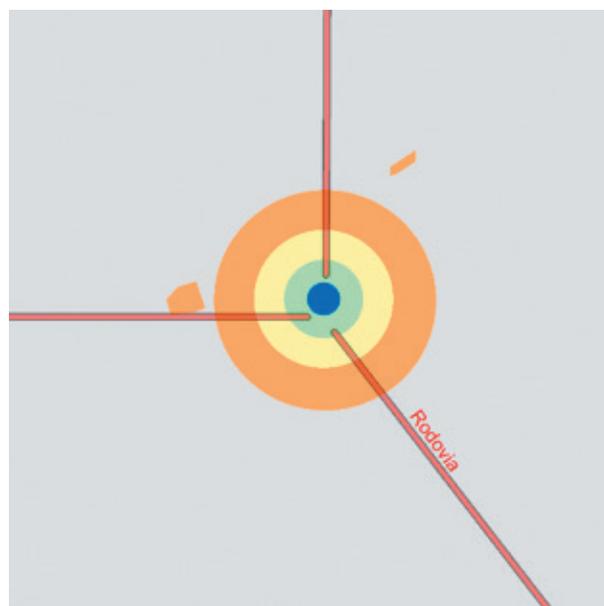
Entende-se que as formas urbanas aqui descritas servem para apoiar os planejadores e pesquisadores, bem como levantar questões que incentivem investigações ao aprofundar a percepção dos modelos apresentados. Possibilita, assim, o avanço, a partir desses modelos, da identificação e delimitação de processos espaciais em curso nessas Concentrações. Os modelos apresentados servem de referencial ao planejamento urbano sugerindo o envolvimento, em parceria, de entes da Federação interessados em macropolíticas urbanas. Esses modelos também suscitam inúmeros questionamentos e servem como fonte primária para futuras análises do fenômeno urbano no Brasil.

Tipos intraurbanos no Brasil

Os tipos intraurbanos apresentam tamanhos variados segundo a população e a área que ocupam no Brasil. A Tabela 2 apresenta um resumo da composição dos tipos nas 65 Concentrações Urbanas avaliadas neste estudo.

Em 2010, as boas condições de vida (tipos A, B, C e D) alcançam 23,9% da população (22,6 milhões de pessoas) e ocupam uma extensão de 3 770,47 km² ou 24,9% das áreas avaliadas. Em ambos os casos o tipo D é o que possui valores mais elevados.

Figura 23 - Concentração Urbana contígua



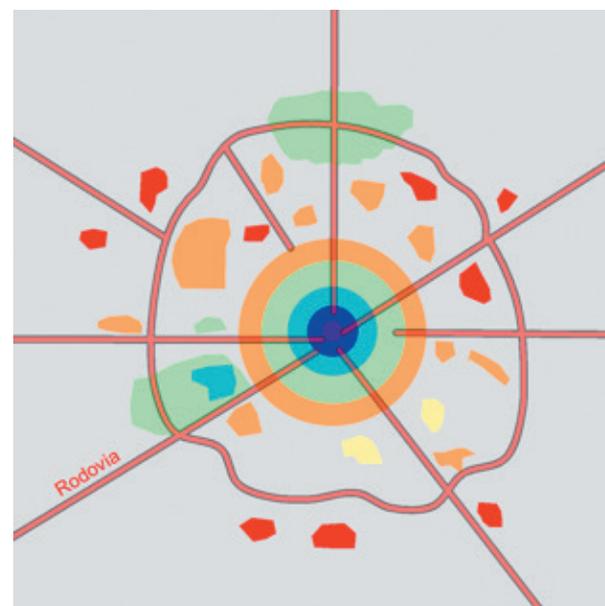
Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.

Tabela 2 - População e área segundo o tipo intraurbano, nas Concentrações Urbanas selecionadas - Brasil - 2010

TIPO	População 2010		Área	
	Pessoas	Percentual (%)	km ²	Percentual (%)
A	1 765 519	1,9	332,34	2,2
B	2 014 572	2,1	254,88	1,7
C	3 682 776	3,9	656,11	4,4
D	15 173 546	16	2 457,14	16,5
E	29 204 266	30,9	4 125,77	27,8
F	6 651 242	7,0	970,82	6,5
G	19 504 040	20,6	2 467,61	16,6
H	12 112 094	12,8	2 686,11	18,1
I	1 155 174	1,2	196,98	1,3
J	2 928 872	3,1	618,99	4,2
K	373 159	0,4	83,6	0,6
Total	94 565 260	100	14 850,35	100

Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Figura 24 - Concentração Urbana espalhada



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.

Quadro 3 - Concentrações Urbanas selecionadas e suas formas

Concentração urbana	Número de municípios (1)	População (2)	Forma	Mapa
				(Apêndice 1)
Americana - Santa Bárbara d'Oeste/SP	3	441 889	Alinhada e Espalhada	38
Anápolis (GO)	1	334 613	Zonal	62
Aracaju/SE	12	926 399	Litorânea, espalhada e condicionada pelo rio	15
Baixada Santista/SP	7	1 556 718	Litorânea, Litorânea de Veraneio, alinhada à rodovia e condicionada pelo relevo	44
Bauru/SP	2	356 009	Zonal	46
Belém/PA	4	2 025 276	Condicionada pelo rio e alinhada	3
Belo Horizonte/MG	23	4 744 706	Espalhada e condicionada pelo relevo	25
Blumenau/SC	4	434 201	Condicionada pelo relevo e pelo rio	56
Boa Vista (RR)	1	284 313	Condicionada pelo rio e contígua	1
Brasília/DF	9	3 360 552	Zonal e Espalhada	65
Cabo Frio/RJ	4	329 377	Litorânea de veraneio	32
Campina Grande/PB	5	477 987	Zonal	13
Campinas/SP	8	1 874 442	Alinhada e espalhada.	37
Campo Grande (MS)	1	786 797	Zonal e Contígua	63
Campos dos Goytacazes/RJ	2	496 478	Zonal, espalhada, condicionada pelo rio e alinhada	34
Caruaru (PE)	1	314 912	Zonal e Alinhada (a ferrovia e rodovia)	17
Caxias do Sul/RS	3	504 317	Radial	59
Criciúma/SC	10	357 921	Radial e espalhada	57
Cuiabá/MT	2	803 694	Zonal	61
Curitiba/PR	18	3 054 076	Radial e espalhada	48
Feira de Santana (BA)	1	556 642	Zonal e Contígua	20
Florianópolis/SC	10	883 808	Zonal, espalhada, litorânea de veraneio e condicionada pelo relevo	53
Fortaleza/CE	8	3 327 021	Litorânea, espalhada e zonal	10
Franca/SP	7	360 544	Radial	41
Goiânia/GO	15	2 078 399	Radial e espalhada	64
Internacional de Foz do Iguaçu/Brasil - Ciudad del Este/Paraguai	2	674 669	Condicionada pelo rio	49
Ipatinga/MG	10	509 110	Condicionada por relevo e alinhada (à ferrovia)	27
Itajaí - Balneário Camboriú/SC	7	478 984	Litorânea e litorânea de veraneio	54
João Pessoa/PB	6	1 034 615	Litorânea e zonal	14
Joinville/SC	2	540 098	Radial e alinhada com a rodovia	55
Juazeiro do Norte/CE	3	426 690	Alinhada (ferrovia e rodovia)	11
Juiz de Fora/MG	5	538 764	Condicionada pelo relevo e alinhada (ferrovia)	28
Jundiaí/SP	7	698 724	Alinhada e espalhada	39
Londrina/PR	4	663 507	Zonal e alinhada à rodovia	51
Macaé - Rio das Ostras/RJ	5	382 321	Litorânea, litorânea de veraneio.	31
Macapá/AP	2	499 466	Condicionada pelo rio	2
Maceió/AL	9	1 115 485	Litorânea, Zonal e alinhada à rodovia	16
Manaus (AM)	1	1 802 014	Zonal, Contígua e condicionada pelo rio	4
Maringá/PR	10	551 656	Radial	50
Montes Claros (MG)	1	361 915	Radial e Contígua	24
Natal/RN	5	1 187 899	Litorânea	12
Palmas (TO)	1	228 332	Condicionada pelo rio	9
Pelotas/RS	3	355 303	Zonal	60
Petrolina/PE - Juazeiro/BA	2	491 927	Zonal e contígua	19
Petrópolis/RJ	2	307 340	Zonal, espalhada e Condicionada pelo relevo	30
Piracicaba/SP	4	416 216	Zonal	36
Ponta Grossa/PR	2	330 774	Zonal	52
Porto Alegre/RS	29	3 701 482	Alinhada à rodovia, condicionada pelas massas d'água e espalhada	58
Porto Velho/RO	2	448 306	Zonal, Condicionada pelo rio e alinhada	6
Presidente Prudente/SP	15	329 497	Radial	45
Recife/PE	15	3 741 904	Litorânea e espalhada	18
Ribeirão Preto/SP	7	747 228	Zonal	42
Rio Branco (AC)	1	336 038	Condicionada pelo rio e alinhada	5
Rio de Janeiro/RJ	21	11 946 398	Litorânea, condicionada pelo relevo e espalhada	29
Salvador/BA	10	3 482 615	Litorânea, condicionada pelo relevo e espalhada	21
São José do Rio Preto/SP	12	549 203	Zonal	40
São José dos Campos/SP	10	1 419 657	Alinhada e espalhada	43
São Luís/MA	4	1 309 330	Litorânea e Zonal	7
São Paulo/SP	37	19 629 394	Radial e espalhada	35
Sorocaba/SP	5	779 704	Radial e espalhada	47
Teresina/PI	2	969 690	Zonal e condicionada pelo rio	8
Uberlândia	1	604 013	Radial e Contígua	26
Vitória	6	1 582 418	Litorânea e espalhada	23
Vitória da Conquista	1	306 866	Zonal e Contígua	22
Volta Redonda - Barra Mansa/RJ	3	458 335	Condicionada pelo rio e relevo	33

Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.

(1) Municípios brasileiros.

(2) População total considerando as pessoas que vivem em países vizinhos ao Brasil, quando é uma Concentração Urbana internacional. A população do Brasil refere-se a 2010.

As médias condições de vida (tipos E e F) concentram a maior parcela da população 35,8 milhões de pessoas (ou 37,9%). Desse percentual, figura com destaque o tipo E que, sozinho, respondia por quase 1/3 da população em uma área de 4 125,77 km² (ou 27,8%).

As baixas condições de vida (tipos G e H) concentram o segundo maior contingente populacional, 31,6 milhões de pessoas (ou 33,4%), sendo o tipo G o mais expressivo. Em termos de área, os dois tipos ocupam, conjuntamente, uma área de 5 153,71 km².

Com baixíssimas condições de vida (tipos I e J) figura uma pequena parcela da população em valores percentuais, 4,3%, porém, em valores absolutos, abrange 4,8 milhões de pessoas. Em relação à área, soma 815,97 km² (ou 5,5%). Nesse contexto, destaca-se o tipo J com maior participação em ambos os temas.

O tipo K, representando precárias condições de vida, era residual em termos percentuais (0,4% da população), ainda assim, é uma realidade para mais de 373 000 pessoas. Estava disposto em uma extensão de 83,6 km².

Ao avaliar-se a distribuição da população por Grandes Regiões (Gráfico 1), constata-se o quão diferente é o padrão em cada uma delas.

Semelhante ao padrão do Brasil figura a Região Centro-Oeste, com percentuais relevantes nos tipos D e E; e G e H. Da mesma forma, o Sul e o Sudeste assemelham-se, uma vez que possuem uma grande faixa da população reunida no tipo E (44,6% e 41,2%, respectivamente), seguidos dos tipos D (≈19%) e G (18,2%).

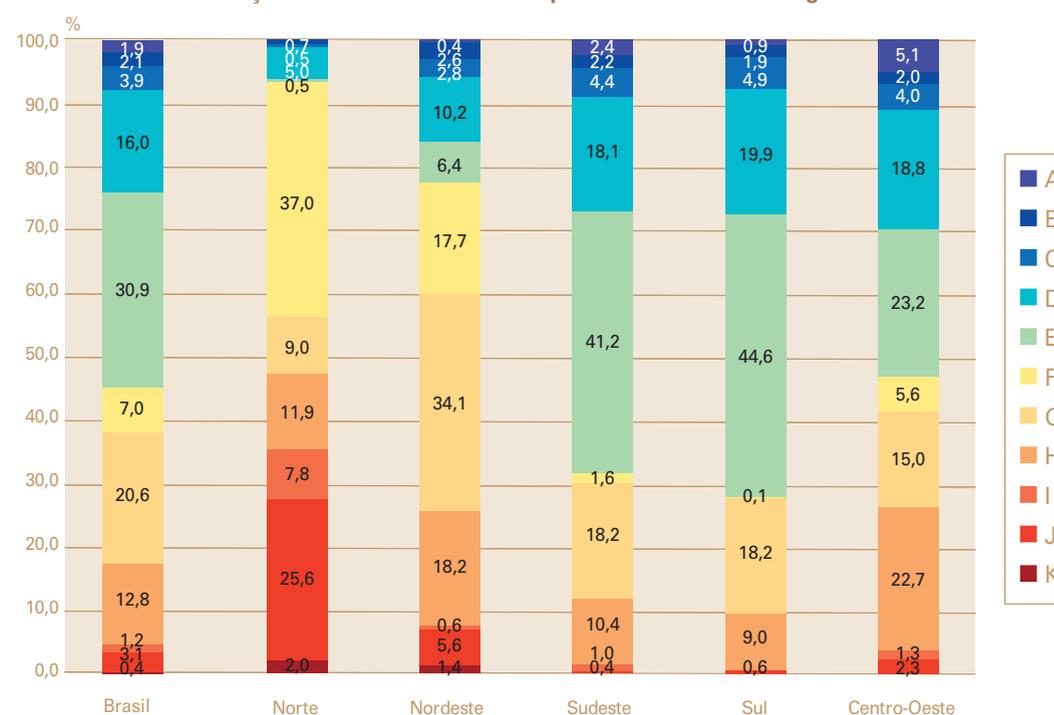
As Regiões Norte e Nordeste apresentam padrões próprios. O primeiro tem como característica um elevado percentual da população concentrada no tipo F (37,0%), seguido do tipo J (25,6%). Já o Nordeste reúne no tipo G a maior parcela de pessoas (34,1%), seguido dos tipos H e F, com 18,2% e 17,7%, respectivamente.

Algumas características específicas podem ser apontadas. A Região Sul, por exemplo, é a que possui maior parcela da população com boas e médias condições de vida (tipos A ao F), 72,2% de sua população, e principalmente concentrada nos tipos D e E. Ao se observar os tipos mais ricos (A e B), o Centro-Oeste se destaca, uma vez que possui 7,1% de sua população localizada nessas áreas. Entretanto, em termos absolutos (Tabela 3), o Sudeste possui 2,3 milhões de pessoas nesses tipos, o que equivale a 61,5% do total avaliado. Por fim, cabe ressaltar que somente a Região Nordeste possui todos os 11 tipos intraurbanos.

A análise dos valores absolutos de população e área por Grande Região apresenta características importantes. O tipo A, por exemplo, possui a maior área no Centro-Oeste (159,30 km²), porém somente com 1/3 da população do Sudeste. Em termos de área, o Sudeste sozinho apresenta mais da metade da área urbanizada (7,4 mil km²) total. O tipo E dessa região é o que ocupa maior extensão (2 605,61 km²), entre todos os tipos, e o que reúne maior população (21 015 021 hab), equivalente a 22,2% da população total avaliada neste estudo.

O segundo tipo com maior volume populacional é o tipo G, com 9 279 676 hab, também na Região Sudeste. Sua área é de 1 097,40 km², o que denota áreas densamente povoadas. Já o terceiro tipo que reúne maior número de pessoas é o D (9 245 257 hab), também no Sudeste, porém, com uma densidade inferior ao do tipo G, uma vez que ocupa uma área de 1 384 46 km².

Gráfico 1 - Distribuição percentual da população, segundo o tipo intraurbano, nas Concentrações Urbanas selecionadas por Brasil e Grandes Regiões - 2010



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

São expressivos na Região Norte os valores de população no tipo F (2 031 709 hab) e no tipo J (1 405 104 hab). No entanto, uma análise de suas áreas revela que o tipo F possui uma densidade populacional 20,6% superior ao do J, coerente com o fato de serem áreas mais consolidadas dentro dos tecidos urbanos. Tais valores evidenciam, ainda, o caráter regional que o tipo F possui, corroborado por seus valores elevados, na ordem de milhões de habitantes nas Regiões Norte e Nordeste.

Cabe ressaltar os valores elevados de população no tipo G no Nordeste (6 505 566 hab), que representa 6,9% da população total avaliada neste estudo. No Sul, o tipo E reúne, em uma área de 490 km², uma população de 5 262 363 hab, o que equivale a 5,6% do total de pessoas analisadas neste trabalho.

Tais padrões apresentados servem para evidenciar traços que distinguem as regiões brasileiras no tocante às diferenciações do espaço intraurbano. No entanto, a análise em uma escala mais detalhada revela que há similaridades entre Concentrações Urbanas de diferentes regiões do País. Dessa forma, o subcapítulo seguinte fornece uma leitura mais pormenorizada da distribuição da população, segundo os tipos intraurbanos.

Perfis de distribuição da população segundo os tipos intraurbanos por Concentrações Urbanas

No sentido de agregar conhecimento sobre a urbanização do Brasil, foram analisados os perfis de distribuição percentual da população em 2010 por tipo intraurbano, identificando-se, assim, as Concentrações Urbanas com padrões semelhantes.

Optou-se por proceder à análise por patamares populacionais, uma vez que reúnem Concentrações Urbanas que apresentam, de certa maneira, um grau de complexidade interna equivalente. Assim, o primeiro conjunto trata das Concentrações acima de 2,5 milhões de habitantes, o segundo se refere àquelas acima de 1 milhão a 2,5 milhões de habitantes, o terceiro daquelas acima de 750 000 a 1 milhão de habitantes, o quarto das acima de 500 000 a 750 000 habitantes e a última daquelas acima de 300 000 a 500 000 habitantes, acrescidas das Concentrações Urbanas de Boa Vista (RR) e Palmas (TO).

A leitura dessas escalas populacionais revela que a urbanização significa, entre inúmeras interpretações, um processo de concentração de população impulsionado pelas forças produtivas,

Tabela 3 - População e área segundo o tipo intraurbano, nas Concentrações Urbanas selecionadas por Grandes Regiões - Brasil - 2010

TIPO	Norte		Nordeste		Sudeste		Sul		Centro-Oeste		Brasil	
	População	Área (km ²)	População	Área (km ²)	População	Área (km ²)	População	Área (km ²)	População	Área (km ²)	População	Área (km ²)
A	-	-	78 625	7,27	1 212 981	153,7	109 387	12,08	364 526	159,3	1 765 519	332,34
B	38 120	9,56	502 696	51,49	1 111 091	112,85	220 106	25,61	142 559	55,37	2 014 572	254,88
C	28 918	2	542 647	101,5	2 248 259	366,5	576 348	116,87	286 604	69,24	3 682 776	656,11
D	272 088	69,7	1 950 508	242,52	9 245 257	1 384,46	2 348 221	490	1 357 472	270,46	15 173 546	2 457,14
E	30 073	2,21	1 221 820	123,61	21 015 021	2 605,61	5 262 363	1 113,09	1 674 989	281,25	29 204 266	4 125,77
F	2 031 709	296,43	3 383 465	354,63	819 089	214,35	16 755	3,99	400 224	101,42	6 651 242	970,82
G	495 055	39,04	6 505 566	673,23	9 279 676	1 097,40	2 143 675	459,74	1 080 068	198,2	19 504 040	2 467,61
H	654 190	78,36	3 467 092	543,57	5 284 467	1 326,03	1 066 663	291,42	1 639 682	446,72	12 112 094	2 686,11
I	429 633	67,88	115 309	20,93	514 642	92,32	-	-	95 590	15,86	1 155 174	196,98
J	1 405 104	258,36	1 066 173	211,36	223 575	75,55	67 220	12,06	166 800	61,66	2 928 872	618,99
K	110 185	21,65	262 974	61,95	-	-	-	-	-	-	373 159	83,6
Total	5 495 075	845,19	19 096 875	2 392,06	50 954 058	7 428,76	11 810 738	2 524,86	7 208 514	1 659,48	94 565 260	14 850,35

Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.

Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

mas também por dinâmicas particulares de cada estrutura urbana (PRETECEILLE; RIBEIRO, 1999).

Acima de 2,5 milhões de habitantes

As Concentrações Urbanas em pauta são espaços marcados por intensa urbanização que se estendem por grandes extensões. São os principais centros de articulação do País, metrópoles difusoras de ideias, ordens, capital e produtos e, portanto, *loci* de sedes de empresas e órgãos governamentais que demandam um amplo leque de trabalhadores, nas mais variadas especialidades. Tais elementos se concretizam no espaço urbano de maneira complexa e diversificada, o que leva ao surgimento de inúmeros tipos intraurbanos identificados neste estudo.

As nove maiores Concentrações Urbanas possuem estrutura social que conformam três padrões de distribuição da população segundo os tipos intraurbanos. Os padrões separam, de maneira geral, Concentrações localizadas no Centro-Sul e no Nordeste do País. Os gráficos, a seguir, ilustram as regularidades e as diferenças que marcam essas Concentrações, indicando que algumas das estruturas revelam profundas desigualdades em suas diversidades socioespaciais.

“Belo Horizonte/MG”, “São Paulo/SP”, “Curitiba/PR” e “Porto Alegre/RS”

O Gráfico 2 representa as Concentrações Urbanas de “Belo Horizonte/MG”, “São Paulo/SP”, “Curitiba/PR” e “Porto Alegre/RS” que possuem como principal característica grande parcela da população residindo em áreas com médias condições de vida (tipo E, ±44%). Em um patamar menos elevado, figuram dois conjuntos: o primeiro é representado pelas áreas com boas condições de vida, tipos A ao D, que reúnem por volta de 28% de população; o segundo representa as áreas com baixas condições de vida, tipos G e H, que, em conjunto, respondem por aproximadamente 27% da população.

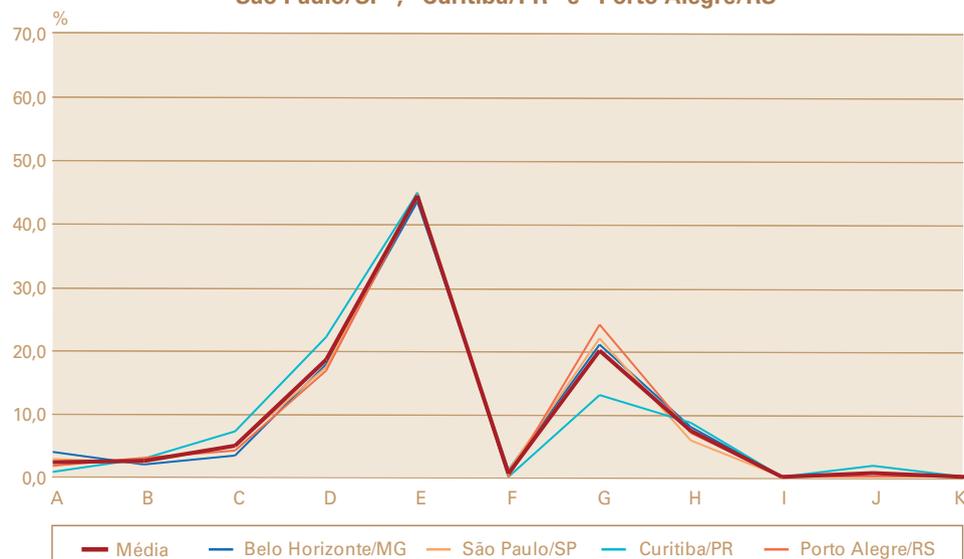
O conjunto analisado possui duas Concentrações com forma radial (“São Paulo/SP” e “Curitiba/PR”), uma alinhada à rodovia (“Porto Alegre/RS”) e outra condicionada pelo relevo (“Belo Horizonte/MG”). As áreas mais nobres não se encontram no centro, mas sim em bairros próximos, muito coerente com o porte demográfico delas, característica que lhes imprime, também, uma forma espalhada.

A Cidade de Curitiba, fundada em 1693, foi ocupada por índios, mamelucos, portugueses e espanhóis até o Século XVIII, cenário modificado

com a intensa imigração de europeus na segunda metade do Século XIX, promovida pelo governo. A partir de década de 1970, iniciou-se um projeto urbano, alterado no decorrer do tempo pelas exigências capitalistas, a fim de apresentar uma “cidade modelo”, “cidade humana”, “cidade eficiente e viável”, “cidade planejada” (MOURA; KORNIN, 2009, p. 25). A intenção era que Curitiba atuasse competitivamente no cenário nacional e mundial, por ser uma cidade onde os problemas são resolvidos e os políticos atuam positivamente criando um ambiente propício aos negócios. Em 2010, a Concentração Urbana de “Curitiba/PR” era a nona colocada no *ranking* de população (3 054 076 hab), sendo formada por 18 municípios (Mapa 48, Apêndice1).

As áreas mais ricas da Concentração localizam-se em Curitiba, sendo o tipo A encontrado nos arredores da Rua Castro Alves, Bairro de Água Verde, (0,8% da população, 1,2 km²) e o tipo B (2,9% da população, 11,5 km²) em bairros como o Batel e Juvevê. As demais áreas com boas condições de vida (tipos C e D) envolvem, de certo modo, as mais ricas e reúnem, no tipo C, 7,1% dos residentes (47,3 km²) em bairros como Centro, Mercês, Seminário e Jardim Botânico. Na Concentração, o tipo D alcança 21,9% da população (127,3 km²) em bairros da capital paranaense, como Santa Felicidade, Novo Mundo, Santa Quitéria e Capão da Imbuia, além do centro e bairros vizinhos no Município de São José dos Pinhais.

Gráfico 2 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, nas Concentrações Urbanas de “Belo Horizonte/MG”, “São Paulo/SP”, “Curitiba/PR” e “Porto Alegre/RS”



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

As médias condições de vida (tipo E) abarcam a maior parcela da população (44,4%) e a maior área (254,7 km²). Formam um arco externo às áreas com boas condições de vida, além de se estender a vários outros municípios da Concentração. Nas bordas das manchas urbanizadas registram-se, com baixas condições de vida, os tipos G e H (12,8% e 8,5% da população – 72,6 km² e 49,5 km², respectivamente). No Município de Curitiba, são bairros como Tatuquara e Butiatuvinha, além de expressivas ocorrências nos Municípios de Almirante Tamandaré, Campo Largo (ao longo da Rodovia do Café), Fazenda Rio Grande e Piraquara. O tipo J ocorre nos Municípios de Itaperuçu, Rio Branco do Sul e Bocaiúva do Sul, todos ao norte de Curitiba.

A Cidade de Belo Horizonte, planejada no final do Século XIX, surgiu para substituir Ouro Preto como capital do Estado de Minas Gerais. A planta da cidade, no formato de um tabuleiro de xadrez, possuía uma concepção moderna para a época, pois previa amplas avenidas, uma zona suburbana e inúmeros parques, com espaços vazios. Planejada para uma população de não mais que 100 000 habitantes, na década de 1940, a cidade já havia alcançado mais de 300 000 habitantes, e sua expansão veio acompanhada de novos projetos urbanísticos, como o Complexo Arquitetônico da Pampulha, empreendidos pelo então Prefeito Juscelino Kubitschek. Nas décadas de 1960 e 1970, Belo Horizonte se expande e incorpora, ao seu contínuo urbano, os Municípios de Sabará, Contagem, Betim, Nova Lima entre outros. Em 2010, a Concentração Urbana de “Belo Horizonte/MG” era a terceira maior em contingente populacional no Brasil (4 744 706 hab), sendo composta por 23 municípios (Mapa 25, Apêndice 1).

A elite residente nas áreas mais ricas está localizada no município sede e em Nova Lima. No tipo A, 3,9% da população reside em uma área que soma 34 km², em bairros como Savassi e Mangabeiras, em Belo Horizonte. Tais áreas da capital mineira extravasam para Nova Lima, algumas vezes dentro de condomínios de luxo. No tipo B, 1,9% da população vive em 9,4 km², em bairros como Estoril, Serra e Grajaú. As demais áreas com boas condições de vida se localizam ao centro-norte do território da capital (Centro, Prado, Castelo e Jardim Atlântico), além de espalhadas por outros municípios, como Contagem, Betim e Nova Lima. Na Concentração, o tipo C corresponde a 3,3% da população em

uma área de 18 km² localizada somente em Belo Horizonte, enquanto o tipo D, com 17,6% da população, estende-se por 122,4 km².

O tipo E compreende áreas com médias condições de vida e abrange um total de 43,0% da população da Concentração, estendendo-se por 292,8 km². Esse tipo intraurbano interliga e envolve, na maioria das vezes, as áreas com boas condições de vida, quando se trata da mancha urbanizada principal (por exemplo, bairros como Coqueiros e Guarani, na capital; Amazonas e Piraguara, em Contagem; e Dom Bosco, em Betim). Encontra-se, também, em vários núcleos urbanos espalhados pelos demais municípios da Concentração. O tipo F restringe-se a poucas áreas nos Municípios de Lagoa Santa e Pedro Leopoldo.

As áreas com baixas condições de vida (tipos G e H) se encontram nas bordas da mancha urbanizada principal e espalhadas ao longo de vários fragmentos urbanos por toda a Concentração, estando muitas vezes alinhadas a eixos rodoviários. Grandes áreas são encontradas no Município de Ribeirão das Neves, em bairros como Florença e San Genaro ou no Município de Juatuba. Na capital, algumas áreas localizam-se próximas às mais ricas, como são os casos de Santa Rita de Cássia e Nossa Senhora da Conceição. O tipo G compreende, no conjunto da Concentração, 20,7% da população em 139,2 km², e o tipo H abarca, em 125,2 km², 7,8% dos residentes. O tipo J se encontra em áreas mais remotas, no Município de Esmeraldas.

A Cidade de Porto Alegre fundada no Século XVIII com a finalidade de servir como porto de escoamento dos produtos da região e, a partir das ligações com os Rios Guaíba, Grande e Pardo, estabelecer uma rede de transporte. Após o fim da Revolução Farroupilha (1835-1845), a cidade intensificou o seu crescimento com a chegada de imigrantes alemães e italianos, além de árabes e poloneses, que instalaram comércios, abriram restaurantes e pensões, fundaram pequenas manufaturas, olarias etc. A Guerra do Paraguai (1865-1870) concedeu uma posição estratégica a Porto Alegre, devido à proximidade com as operações de guerra. A cidade passou a receber ajuda do governo com a implantação e melhoria de serviços como o telégrafo, novos estaleiros, serviços de transporte com o bonde. No Século XX, Porto Alegre desenvolveu melhorias nos setores de energia elétrica, rede de esgotos, transporte elétrico, água enca-

nada e telefonia, transformando-se em um dos maiores centros urbanos do País. Nos dias atuais, destaca-se na Concentração, um setor terciário complexo, condizente com as necessidades de uma grande Concentração Urbana, com demandas crescentes por mão de obra especializada, atividades de pesquisa e tecnologia e oferta de tecnologia de ponta (DESENVOLVIMENTO..., 2002).

Com sua forma alinhada, a Concentração Urbana de “Porto Alegre/RS” estende-se por mais de 65 km ao longo da Rodovia BR-116, com vários subcentros importantes posicionados entre a capital e Novo Hamburgo. Em direção ao litoral, também se desenvolve uma parte significativa da mancha urbanizada, com subcentros importantes como Cachoeirinha e Gravataí. Em 2010, “Porto Alegre/RS” (Mapa 58, Apêndice 1) ocupava a quinta posição em contingente populacional no Brasil (3 701 482 hab), sendo composta por 29 municípios, atrás apenas da Concentração Urbana de “São Paulo/SP” em número de unidades municipais.

As áreas mais ricas, tipos A e B, somam 4,7% (em 19,5 km²) da população e localizam-se somente na capital, em bairros a exemplo de Moinhos de Vento, Três Figueiras e Boa Vista (tipo A); e Petrópolis, Rio Branco e Praia de Belas (tipo B). Outras áreas com boas condições de vida são encontradas no tipo C (4,1% da população, 16,7 km²), em bairros porto-alegrenses como Santana e Vila Conceição, ou no tipo D (16,6% de residentes, 115,3 km²), em áreas centrais dos Municípios de Canoas, Esteio, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Cachoeirinha e Gravataí, além de bairros que envolvem as demais áreas com boas condições de vida, como Cristal, Passo d’Areia e São Sebastião.

Áreas medianas em relação às condições de vida reúnem 43,9% da população, conformando 291,7 km² no tipo E. Comumente, estão dispostas ao longo da Rodovia BR-116, próximas ou envolvendo aquelas com boas condições de vida. O mesmo ocorre em direção ao litoral, a partir da capital. São exemplos os Bairros de Monte Belo e Vera Cruz, em Gravataí; Farrapos, em Porto Alegre; Bairro Fátima, em Canoas; e Jardim América, em São Leopoldo.

Com baixas condições de vida, figuram os tipos G (23,8% da população em 145,8 km²) e H (6,9% em 63 km²), dispostos por quase todos os municípios da Concentração. Em geral, o tipo G faz parte da mancha urbanizada principal, com áreas entremeadas ao longo do tecido urbano,

predominantemente em Porto Alegre ou próximo a esse, nas bordas da urbanização. São áreas como o Cruzeiro do Sul e Mato Sampaio, que se localizam vizinhas às áreas com melhores condições de vida na capital, Aparecida, no Município de Alvorada; Viamópolis, em Viamão; e Santos Dumont, em São Leopoldo. O tipo H é mais presente em fragmentos urbanos distantes da sede da Concentração, ocorrendo principalmente em municípios como Nova Hartz, Portão, Capela de Santana, Nova Santa Rita e Gravataí.

O quadro metropolitano da Concentração Urbana de “São Paulo/SP” é resultado de um processo de crescimento que aliou fluxos migratórios e crescimento vegetativo durante décadas, iniciado com o apogeu da cultura cafeeira no estado no final do Século XIX. A industrialização pela qual o Brasil passou foi mais intensa na Região Sudeste e, em especial, em São Paulo que, com a presença de capitais acumulados do ciclo do café, possuía base comercial e administrativa, além da mão de obra. Entre 1940 e 1980, a população de São Paulo cresceu significativamente, em uma taxa média de crescimento superior a 5% nas décadas de 1940 e 1950, e de 4,5% e 3,6% nas décadas de 1960 e 1970, respectivamente.

Por décadas a industrialização avançou para centros ao longo dos eixos ferroviários e viários, Santos-Jundiaí e Central do Brasil, no final da década de 1940. No início de 1950, seguiu apoiada nas Rodovias Anchieta, Anhanguera e Presidente Dutra para São Bernardo do Campo, Santo André, São Caetano, Mauá, Diadema, Guarulhos, entre outros municípios. Posteriormente, nos anos 1960, alcança Campinas, o Vale do Paraíba, Sorocaba e Ribeirão Preto (CANO, 1998).

Nas décadas de 1980 e 1990, o Município de São Paulo reduziu o seu crescimento, de 1,1% para 0,8%, mas, mesmo assim, a população extravasou para a periferia e municípios do interior do estado, ocasionando a formação de aglomerações urbanas de tamanho populacional significativo. De 2000 a 2010, o Município de São Paulo apresentou uma taxa média geométrica de crescimento anual menor, 0,8% (SINOPSE..., 2011), mesmo que esse valor signifique em termos absolutos um aumento de aproximadamente 820 000 habitantes no período.

Uma característica da urbanização na Concentração, em especial no Município de São Paulo, é a refuncionalização de áreas. O espaço

econômico paulistano renova-se continuamente, tendo como principais componentes nos novos requisitos locacionais o conhecimento, a tecnologia e a inovação. Os setores da economia moderna possuem seu espaço preferencial em áreas que se estendem da Avenida Paulista – centro da metrópole, e avançam em direção ao sudoeste, incorporando antigas áreas industriais. Acompanhando o deslocamento para o novo centro empresarial está presente o turismo de negócios que cria uma infraestrutura hoteleira e atende aos segmentos que se deslocam para São Paulo a trabalho (CARLOS, 2009).

Nos espaços do terciário avançado, desde a Avenida Paulista até a Marginal Pinheiros, a infraestrutura urbana acompanha esse deslocamento, apoiada nos poderes públicos e articulada aos setores econômicos hegemônicos. Surgem edifícios inteligentes e condomínios com serviços, destinados a aluguel e voltados para abrigar sedes de empresas e novos setores econômicos que incluem empresas de consultoria voltadas para as áreas de informática, financeira, processamento de dados. A renovação urbana ocorre com a desapropriação ou venda de residências, a valorização dos terrenos e a expulsão das favelas (CARLOS, 2009).

Outro processo que ocorre na Concentração Urbana de “São Paulo/SP” é a suburbanização da população, ainda que numa escala pequena, com o deslocamento de moradores do Município de São Paulo para outros municípios da Concentração. Os municípios como Santana do Parnaíba, Barueri, Cotia, e outros, têm recebido investimentos significativos no setor imobiliário e abrigam antigos moradores da capital.

A Concentração Urbana de “São Paulo/SP” (Mapa 35, Apêndice 1) ocupava, em 2010, a primeira colocação no *ranking* populacional brasileiro, possuindo mais de 19,5 milhões de habitantes em 37 municípios. Apresenta uma grande mancha urbanizada principal que se estende de modo compacto por vários municípios. Mesmo com seu gigantesco porte populacional, destaca-se o fato de não possuir áreas classificadas nos piores tipos intraurbanos (I, J e K). A sua forma urbana tende a radial, porém com alguns subtipos com piores condições de vida entremeados aos de melhores condições de vida.

A Concentração Urbana de “São Paulo/SP” possui a característica de ter duas grandes áreas classificadas como tipo A: uma na capital, em bairros como Moema, Itaim Bibi, Jardins, Alto de

Pinheiros e Vila Andrade; e outra nos Municípios de Barueri e Santana de Parnaíba, formado pelo complexo residencial e empresarial de Alphaville. Tais áreas, conjuntamente, recobrem uma extensão de 81,9 km², abarcando 2,8% da população. Outras áreas ricas, representadas pelo tipo B (2,3% de habitantes em 46,6 km²), encontram-se somente na capital, em bairros vizinhos aos supracitados, como Cidade Jardim, Chácara Flora, Vila Mariana, Higienópolis, Sumaré e Vila Leopoldina.

Outras áreas com boas condições de vida (tipos C e D) reúnem 22,1% da população em 489,8 km². São áreas vizinhas às mais ricas e subcentros relevantes no tecido urbano, posicionados dentro da capital e nos demais municípios da Concentração, em especial com maiores dinâmicas econômicas. No tipo C, são representadas por lugares como Lapa, Tatuapé, Butantã, Liberdade, Planalto Paulista e Vila Almeida, na capital, e em bairros nobres dos Municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul (ABC Paulista), além de condomínios residenciais no Município de Cotia e bairros de Osasco junto aos limites paulistanos. O tipo D segue a mesma lógica do anterior e, de modo geral, envolve ou se avizinha às demais áreas já citadas, sendo presentes, também, em municípios como Diadema, Ribeirão Pires, Mauá, Suzano, Mogi das Cruzes, Guarulhos, Caieiras, Carapicuíba e Taboão da Serra.

O tipo E, com medianas condições de vida, soma uma área de 756,3 km² na Concentração Urbana de “São Paulo/SP”, sendo a maior dentre todas as áreas identificadas neste estudo, segundo os tipos intraurbanos. Comporta 44,6% da população, envolvendo as áreas com boas condições de vida ou estando presente nas áreas centrais de vários municípios mais distantes da capital, como Arujá, Santa Isabel, Francisco Morato, Vargem Grande Paulista, Itapevi e Cajamar. O tipo F é encontrado isoladamente em municípios como Poá e Mogi das Cruzes.

Os tipos com baixas condições de vida (G e H) respondem por 27,4% da população em 557 km². O maior deles, tipo G, posiciona-se na borda de toda a mancha urbanizada principal (em áreas como Jardim Ângela e Grajaú), ou entremeada ou vizinha a áreas de boas e médias condições de vida como, por exemplo, Paraisópolis e Heliópolis. O tipo H se localiza, majoritariamente, nos fragmentos urbanizados que orbitam a mancha principal, com destaque para Francisco Morato, Biritiba-Mirim, Embu-Guaçu e o sul da capital.

“Rio de Janeiro/RJ” e “Brasília/DF”

O Gráfico 3 representa o perfil de distribuição da população nas Concentrações Urbanas do “Rio de Janeiro/RJ” e de “Brasília/DF”, segundo o tipo intraurbano. Pode-se constatar a semelhança com as das demais Concentrações descritas anteriormente, porém, o contingente populacional no tipo E é menor e o tipo H figura em patamares mais elevados, além de possuir uma pequena parcela da população nos tipos I e J.

As áreas com boas condições de vida, tipos A a D, concentram por volta de 29% da população. Os tipos E e F somam em torno de 35%, com destaque para o tipo E. Outros 30% da população residiam em áreas com baixas condições de vida, sendo divididos quase que igualmente pelos tipos G e H. Por fim, as baixíssimas condições de vida abrangem por volta de 5% das pessoas.

A Cidade de Brasília, fundada em 1960, cresceu de forma significativa na sua primeira década, com um aumento de população de 284%. Posteriormente, contida pelo seu plano-piloto, a cidade formou rapidamente uma periferia resultado do seu excedente populacional.

A função política de Brasília (DF) conforma uma economia predominantemente apoiada nos serviços, com forte função administrativa, em que várias das maiores empresas públicas possuem as suas sedes. O entorno da capital federal apresenta uma atividade agro-industrial moderna, com destaque para a presença de produtos voltados para o abastecimento da cidade e cultivo de grãos, como a soja. A Concentração Urbana de “Brasília/DF” destaca-se por estar no topo da hierarquia urbana e por ser o principal centro de gestão pública do País, o que consolida sua posição no sistema urbano brasileiro.

Em 2010, a Concentração Urbana de “Brasília/DF” ocupava a sétima posição em número de habitantes (3 360 552), dentre as maiores Concentrações do País, sendo composta por oito municípios e o Distrito Federal (Mapa 65, Apêndice 1). Com sua forma zonal, a sede da Concentração exibe vários tipos de diferentes condições de vida se avizinando uns aos outros, cada qual com sua idade, projeto de implantação e características próprias.

Brasília, por ser recente e planejada, reúne, em quase sua totalidade, as áreas com melhores de condição de vida na sede da Concentração. As áreas mais ricas representadas pelo tipo A reúnem 11,2% da população (364 526 habitantes) em uma área de 159,3 km², sendo a maior deste tipo intraurbano

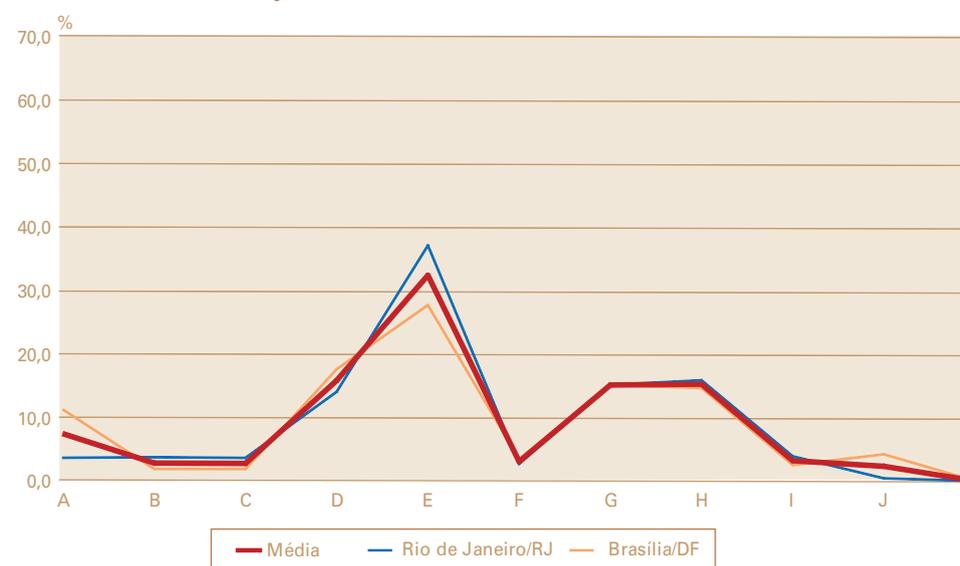
encontrada no Brasil²⁷. Estão localizadas, também, em lugares no plano-piloto e às margens do Lago Paranoá, além de Águas Claras. O tipo B abrange 1,9% da população (40,4 km²) e é encontrado na Asa Norte, entre o eixo rodoviário de Brasília e o Parque Nacional de Brasília e em áreas próximas ao Jardim Botânico.

Outras áreas com boas condições de vida são representadas pelo tipo C e D que, conjuntamente, respondem por 19,5% da população (116,5 km²). São áreas como SH Grande Colorado (tipo C) e SRIA II, Sobradinho, Planaltina, Taguatinga e Gama, no Distrito Federal, e Parque Esplanada III, em Valparaíso de Goiás, todos classificados como tipo D.

Áreas com medianas condições de vida, tipo E (27,7% da população em 100,4 km²), são encontradas em alguns núcleos urbanizados, podendo se destacar Ceilândia e parte de Samambaia Sul, no Distrito Federal, além daqueles dos Municípios de Luziânia e Cidade Ocidental. Outras áreas são encontradas no Setor Habitacional Vicente Pires, no tipo F.

²⁷ Para se ter ideia de como a relação entre os valores de área e população são peculiares em “Brasília/DF”, ao ser comparado com os das Concentrações do “Rio de Janeiro/RJ” e de “São Paulo/SP”, nota-se a população com distribuição de 3,6% (433 548 hab) e 2,8% (543 039 hab), respectivamente, estando muito mais densificadas, pois ocupam áreas de 32,9 km² e 81,9 km² em cada uma.

Gráfico 3 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, nas Concentrações Urbanas do “Rio de Janeiro/RJ” e “Brasília/DF”



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Áreas com baixas condições de vida, como o tipo G (15,1% da população em 62 km²), caracterizam-se por estarem distribuídas em vários núcleos urbanizados do Distrito Federal e dos municípios em seu entorno, a exemplo da área central de Planaltina. O tipo H (14,6% de residentes em 111,6 km²) possui várias áreas dispostas por toda a Concentração, cabendo destacar aquelas ao longo da Rodovia BR-040, entre Luziânia e Brasília, além das encontradas em Águas Lindas de Goiás e Novo Gama. No Distrito Federal, tem-se como exemplo o Setor Complementar de Indústria e Abastecimento.

Os tipos de baixíssimas condições de vida (I e J) representam apenas 6,7% da população, recobrando uma área de 48,2 km². Encontram-se nas bordas das áreas com baixas condições de vida, a exemplo de Planaltina e Luziânia. Áreas afastadas da mancha urbanizada principal são registradas no Município de Padre Bernardo.

A Cidade do Rio de Janeiro, fundada em 1565, surgiu para proteção do território às margens da Baía de Guanabara. Com o advento da transferência da capital de Salvador para o Rio de Janeiro, em 1763, há o aumento do papel concentrador da cidade, acumulando funções portuária, comercial e de gestão público-administrativa do território brasileiro. Os fatos políticos e econômicos que ocorreram no Brasil durante esse período até 1960, quando passou o posto de capital para Brasília, conduziram o País de uma sociedade rural para uma sociedade urbano-industrial. Dessa forma, para a Cidade do Rio de Janeiro convergiram os elementos destinados a garantir a realização de suas atividades, tornando seu território privilegiado na localização de instituições, empresas, infraestrutura, pessoas, deixando marcas que permanecem ainda hoje.

A Concentração Urbana do “Rio de Janeiro/RJ” possui uma característica macrocefálica, uma vez que acumula elevado percentual de população e de atividades econômicas quando se comparadas às do Estado do Rio de Janeiro ou às de sua área de influência. Apesar de ter havido uma perda de relevância econômica no cenário nacional nas últimas décadas, com a saída de várias indústrias e de instituições financeiras, o mercado de trabalho se reorganizou e se voltou para o setor de serviços. O legado de capital federal se faz notar, ainda, com a presença de sedes de grandes empresas e instituições federais (a exemplo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, da Petróleo do Brasil -

PETROBRAS e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES). Outras empresas ligadas à indústria do petróleo e do turismo também apresentam destaque no quadro econômico e estratégico da Concentração, além de centros de pesquisas de multinacionais, como o da General Electric.

Em 2010, a Concentração Urbana do “Rio de Janeiro/RJ” (Mapa 29, Apêndice 1) era composta por 21 municípios, ocupando a segunda colocação do *ranking* populacional das maiores Concentrações Urbanas do País, totalizando quase 12 milhões de habitantes. A expansão do tecido urbano ocorreu ao longo do litoral e a partir das ferrovias interioranas, entremeando a cidade pela sua topografia acidentada. As áreas mais ricas estendem-se por uma longa e estreita faixa junto às praias, e à medida que a urbanização avança para o interior as condições de vida vão, em geral, piorando. O Município do Rio de Janeiro possui vários subcentros comerciais/residenciais importantes, com algumas áreas classificadas com boas condições de vida, fruto da expansão urbana ao longo das vias férreas na zona norte da cidade e Baixada Fluminense. Outros municípios, além da sede, apresentam esses tipos também, como é o caso de Niterói, Nova Iguaçu, Nilópolis, São Gonçalo e Maricá.

É interessante notar como as elites seguiram lógicas diferenciadas para estabelecer suas residências, ao se comparar as Metrôpoles de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. Na primeira, o tipo A está concentrado nas áreas planejadas do plano-piloto e do entorno do Lago Paranoá; na segunda, a expansão urbana da elite acompanhou as áreas de amenidades litorâneas, junto às praias, a começar pelo Bairro de Botafogo (final do Século XIX) até alcançar o da Barra da Tijuca (final do Século XX). Já em São Paulo, a lógica de localização da elite na capital seguiu eixos preferenciais, como o da Avenida Paulista e de bairros construídos para tal fim, próximos aos centros financeiros e de comando empresarial, como as Avenidas Brigadeiro Faria Lima e Engenheiro Luiz Carlos Berrini, ambos associados à marginal do Rio Pinheiros.

As áreas mais ricas (tipo A) da Concentração Urbana do “Rio de Janeiro/RJ”, como mencionado, ocupam a orla da capital fluminense, principalmente, em bairros tradicionais como Ipanema, Lagoa e Leblon ou nos mais recentes como São Conrado e parte da Barra da Tijuca, assim como as quadras junto à praia de Icaraí no Município de Niterói. Tais áreas reúnem, ao total, 3,6% da popu-

lação e se estendem por 32,9 km². Junto a essas, outras áreas nobres se avizinham, porém classificadas como tipo B (3,7% dos habitantes em 31,3 km²). São lugares, na capital, como o Recreio dos Bandeirantes (entre a Avenida das Américas e a praia) a faixa entre a Avenida Embaixador Abelardo Bueno e a Avenida das Américas e parte do Bairro das Laranjeiras, ou em Niterói a exemplo de Ingá e parte de Icaraí. No Município do Rio de Janeiro figura ainda, um pouco afastado da orla, o Bairro da Tijuca, um subcentro tradicional da Zona Norte.

Áreas com boas condições de vida, representadas pelos tipos C (3,6% de habitantes, em 43,1 km²) e D (14,0%, em 166,1 km²), estão distribuídas dentro da capital e nos demais municípios. São exemplos do tipo C bairros como Méier, Jardim Guanabara (Ilha do Governador), Catete e Grajaú, no Rio de Janeiro, e Santa Rosa e São Francisco, em Niterói. O tipo D se posiciona em várias partes da mancha urbanizada principal: no Município do Rio de Janeiro está disposto ao longo das linhas férreas (a exemplo de Irajá, Bangu e Campo Grande) ou em Jacarepaguá; na Baixada Fluminense são as áreas centrais do entorno da linha férrea; em Niterói está próximo aos outros tipos mais ricos (como Centro e Fonseca); e em São Gonçalo e Maricá coincide com os bairros das áreas centrais.

As medianas condições de vida representadas pelo tipo E (37,0% da população em 447,9 km²) formam uma grande parte da mancha urbanizada principal que interliga as demais áreas com boas condições de vida, muitas vezes as circundando. Na capital são bairros como Vaz Lobo, Realengo, Riachuelo e Cosmos; em Nova Iguaçu, pode-se citar Dona Neli; em São João de Meriti e Duque de Caxias, o Centro; e em São Gonçalo, o Rocha. O tipo F (2,7% de habitantes, em 88 km²) é registrado em áreas de veraneio de Maricá, Saquarema e Mangaratiba, assim como, no centro de Itaboraí e espalhadas em fragmentos por toda a Concentração.

As baixas condições de vida estão dispostas na borda da mancha urbanizada principal e em fragmentos ao longo do tecido urbano. O tipo G (15,1% da população em 191,1 km²) figura muitas vezes entremeado às áreas com boas e médias condições de vida, coincidindo em alguns casos com áreas de aglomerados subnormais. São áreas como Cidade de Deus, Benfica, Santo Cristo e Parada de Lucas, no Município do Rio de Janeiro. O tipo H (15,8% em 404,7 km²) ocorre com mais frequência na borda urbana, principalmente nos Municípios de Belford Roxo, São Gonçalo, Japeri, Magé, Duque de Caxias, Maricá e Saquarema.

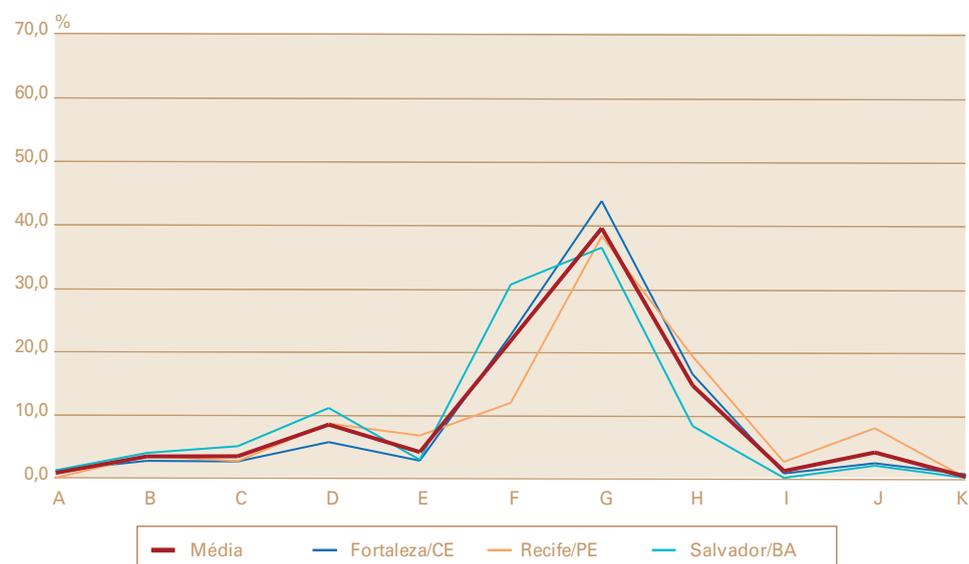
Com baixíssimas condições de vida encontram-se os tipos I e J, reunindo 4,3% da população em 99 km². O primeiro encontra-se no limite da mancha urbanizada, com grandes áreas em Belford Roxo e São Gonçalo; o segundo é formado por manchas menores, com destaque para Japeri, Queimados e Tanguá.

“Fortaleza/CE”, “Recife/PE” e “Salvador/BA”

A distribuição da população segundo a tipologia intraurbana (Gráfico 4), nas três maiores Concentrações Urbanas nordestinas, revela um padrão predominantemente concentrado no tipo G (≈39%). Como grandes espaços urbanos que são, possuem uma estrutura social diversificada, conformada por um grande leque de tipos identificados. “Fortaleza/CE” destaca-se nesse ponto, pois é a única Concentração, dentre as 65 estudadas, em que todos os tipos estão presentes. Todas as três apresentam uma forma urbana litorânea em que a disposição das melhores áreas situam-se no litoral e as condições de vida caem em direção ao interior.

A tipologia distribui-se ainda em outros conjuntos. O primeiro, formado pelos tipos A, B, C e D, possui um volume de ≈16% da população. O segundo, abrange os tipos E e F situando-se em torno de 25%. No terceiro, por volta de 53%, nos tipos G e H e, por fim, nos tipos I, J e K, com 5%.

Gráfico 4 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, nas Concentrações Urbanas de “Fortaleza/CE”, “Recife/PE” e “Salvador/BA”



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Apesar das três Concentrações Urbanas apresentarem semelhanças na distribuição da população pela tipologia, algumas especificidades podem ser destacadas. “Salvador/BA”, por exemplo, figura, relativamente, com melhor estrutura social, uma vez que possui maiores percentuais de população nos tipos D e F e menores no tipo H. “Recife/PE”, por sua vez, não possui o tipo A e tem o maior contingente no tipo J.

A Cidade de Fortaleza surgiu em 1603 com a construção de um forte às margens do Rio Ceará. Durante o Século XIX, a então Província do Ceará viveu, principalmente, da produção e exportação do algodão e, em meados desse século, inicia-se o apogeu de Fortaleza. No Século XX, o êxodo rural concentra população na metrópole e durante o período militar desenvolve-se com os projetos da SUDENE e com a implantação de um distrito industrial. Após a década de 1970, a expansão urbana ocupou as regiões sul e sudoeste do núcleo e seguiu, na década seguinte, para Maracanaú, Pacatuba e Caucaia, apoiada na rede de trens suburbanos, com a construção de conjuntos habitacionais para as camadas de menor poder aquisitivo (DANTAS; SILVA, 2009).

A Concentração Urbana de “Fortaleza/CE” possui uma estrutura econômica fortemente orientada para os serviços. O comércio é importante e diversificado, e atende não só a população residente na Concentração, como a do seu entorno. Além disso, “Fortaleza/CE” é um importante centro de ensino médio e superior na Região Nordeste na área de P&D (pesquisa e desenvolvimento), com estudos voltados para a agroindústria tropical e um observatório astronômico na Universidade Federal do Ceará - UFC; e na área de tecnologia, o Centro Nacional de Processamento de Alto Desempenho - CENAPAD, da UFC, dentre outros.

Em 2010, a Concentração Urbana encontrava-se na oitava posição dentre as maiores Concentrações do País em relação ao contingente populacional (3 327 021 hab), sendo composta por oito municípios. Caracteriza-se por um padrão híbrido com características de formas litorâneas e zonais, uma vez que possui áreas com boas condições de vida, tanto junto a algumas praias, quanto em eixos afastados dessas (Mapa 10, Apêndice 1).

Somente no município sede, encontram-se as áreas com boas condições de vida. As áreas mais ricas respondem por 3,9% da população (1,2% no tipo A e 2,7% no B) e ocupam uma área 10,5 km² (2,6 km² no tipo A e 7,9 km² no tipo B), sendo exemplos os Bairros de Meireles (A) e Aldeota (B). As demais áreas com boas condições

de vida localizam-se em zonas específicas. Tem-se no tipo C (2,6% da população em 16,6 km²) exemplos como Cambé e Guararapes, e no tipo D (5,6% da população em 16,3 km²) em áreas como o Jardim América.

Com medianas condições de vida destaca-se mais o tipo F (22,3% habitantes em 76 km²) do que o E (2,7% de residentes em 5,7 km²). Esse último possui apenas três pequenas manchas: uma no Município de Fortaleza (São João do Tauape), uma em Maracanaú (Jereissati) e outra em Caucaia. O tipo F ocupa grandes extensões da mancha urbanizada principal, majoritariamente, no Município de Fortaleza, em bairros como Itaóca, Maraponga, Centro e Messejana; e, em Maracanaú, o Centro.

Os tipos com baixas condições de vida recobrem uma grande área e a maior parcela da população. Somente o tipo G responde por 43,3% dos habitantes, ocupando uma área de 145,2 km² na Concentração. São grandes espaços que formam a mancha urbanizada principal marcadamente em Fortaleza (a exemplo de Bonsucesso, Genibaú, Barra do Ceará, Aerolândia, Vicente Pinzon e Passaré) e em Maracanaú (Timbó e Pajuçara). O tipo H (16,2% de habitantes em 74,8 km²) localiza-se na borda da mancha urbanizada principal, especialmente nos Municípios de Pacatuba, Itaitinga, Eusébio, Maracanaú (como o Horto) e Fortaleza (como Granja Lisboa).

Com baixíssimas condições de vida (tipos I e J) destacam-se os Municípios de Aquiraz e Caucaia. Conjuntamente, abrangem 3,0% da população em uma área de 29,9 km². São fragmentos urbanos majoritariamente separados da mancha urbanizada principal. O tipo I é relevante na orla de Caucaia, já o tipo J nas áreas interiores desse município, além daquelas registradas em Aquiraz. Em condições de vida críticas, tipo K (0,6% da população, em 1,3 km²), figuram pequenos fragmentos urbanizados distantes de Fortaleza no Município de Maranguape, em locais como Itapebussu.

São Salvador da Bahia de Todos os Santos, núcleo da Concentração, foi fundado em 1549, por Tomé de Souza, e elevado a capital do primeiro governo geral do Brasil, papel que manteve até 1763. Durante o Século XVII, a cultura açucareira era o principal produto exportado pela Colônia e Salvador o maior porto exportador do produto. A presença de escravos impulsionou outras culturas como o algodão, o fumo e a criação de gado, economias que marcaram a formação da Região

Nordeste brasileira e conformaram regiões como o Recôncavo, a Cacaueira e os Sertões. Salvador, por ser uma cidade antiga, passou por vários processos de reestruturação urbana, iniciados a partir da década de 1940. A Cidade Alta, formada no passado, gerou, por exemplo, o centro tradicional, Pelourinho, Calçada e Liberdade, que constituem um conjunto arquitetônico colonial que passou por uma refuncionalização. Na Cidade Baixa, novos núcleos formaram-se a partir de 1970, para atender a população, como o Centro formado no Vale do Camurugipe.

Na Concentração Urbana de “Salvador/BA”, a base econômica é uma das mais diversificadas do Nordeste, com destaque para empresas de serviços públicos, tecnologia e computação, comércio varejista, papel e celulose, telecomunicações, construção civil, alimentar, petroquímica, automobilística, bebidas e fumo. Outra importante atividade que se destaca em Salvador é a turística, uma vez que é o segundo destino do turismo internacional no Brasil, além de contar com elevados fluxos de turismo interno. Os principais interesses dos turistas são as praias, o aspecto cultural, que reúne um conjunto arquitetônico riquíssimo, música, religiosidade, culinária e, em especial, o Carnaval.

A Concentração Urbana de “Salvador/BA” era composta por 10 municípios em 2010 e ocupava a sexta posição no *ranking* das maiores Concentrações em número de habitantes (3 482 615). As desigualdades sociais marcam as suas formas urbanas, com uma distribuição litorânea, estendendo suas melhores áreas no litoral do Município de Salvador para o de Lauro de Freitas. A topografia possui um papel importante na construção e evolução da metrópole, influenciando a forma que a mesma possui nos dias atuais (Mapa 21, Apêndice 1).

Em “Salvador/BA” as áreas mais ricas localizam-se somente na capital. O tipo A reúne 1,2% da população em 4,6 km², em bairros como Itaigara e Caminho das Árvores. Vizinho a esse, em direção à orla, encontra-se Pituba que, conjuntamente com a Barra, Ondina, Graça e outros bairros dessa região, conformam as áreas classificadas como tipo B (3,9% da população em 9,3 km²). Outras áreas com boas condições de vida, representadas pelo tipo C e D, posicionam-se com algumas especificidades. De modo geral, o tipo C (4,9% de habitantes em 36,8 km²) ocupa as áreas próximas ao litoral, na orla soteropolitana (a exemplo de Rio Vermelho, Amaralina, Costa Azul e Jaguaribe) e lauro-freitense (Vilas do Atlântico).

Já o tipo D (10,9% em 24,4 km²) só ocorre na capital, estando localizado, em geral, em bairros mais afastados da costa oceânica (a exemplo de Nazaré, Santa Teresa e Boa Viagem).

As áreas com medianas condições de vida são formadas quase que exclusivamente pelo tipo F (30,2% hab, 72,2 km²). Na capital estão dispostas entremeadas no tecido urbano principal, muitas vezes avizinhandando-se às áreas mais ricas. São exemplos os Bairros de Federação, Amaralina (parte afastada da orla), Santa Mônica e Itapuã. Nos demais municípios da Concentração, o tipo F localiza-se nas áreas centrais de Simões Filho e Camaçari, onde também ocupa a faixa litorânea. Com uma pequena abrangência, o tipo E (2,8% hab, 5,9 km²) figura igualmente entremeadado às áreas ricas do Município de Salvador, da mesma forma que no centro de Candeias e Madre de Deus.

O tipo G, baixas condições de vida, possui a maior proporção de habitantes (36,0% da população) e de área (110,3 km²). Conjuntamente com o F, reúne 66,2% dos habitantes em 182,5 km². O tipo G é característico da mancha urbanizada principal da Concentração, com grandes porções nas áreas mais afastadas da costa oceânica da capital (são exemplos, Campinas, São Marcos e Itingá). Registra-se também, notavelmente, no entorno da área central do Município de Camaçari e em Dias d’Ávila, Mata de São João e São Sebastião do Passé. Com uma população pequena (8,1%), mas em uma área de 73,3 km², o tipo H distribui-se por quase todos os municípios da Concentração. Em Camaçari, ocorre ao longo da Rodovia BA-099, nas porções interiores à orla (em Abrantes e Arembepe, por exemplo) e junto ao polo petroquímico. Outros dois grandes fragmentos são registrados na fronteira de Simões Filho e Salvador, assim como nas costas de Mata de São João e São Francisco do Conde.

As baixíssimas condições de vida, tipo J, ocorrem em pequenas manchas afastadas da capital. Reúnem 1,9% da população em 11,9 km² e são mais notáveis nos Municípios de Dias d’Ávila, Camaçari e Simões Filho.

O surgimento da Cidade de Recife data de 1537 e refere-se a um pequeno porto, local de residência de marinheiros e pescadores. A urbanização ocupou a margem esquerda do Capibaribe e a Ilha de Antônio Vaz, criando os Bairros de Santo Antônio e São José, e o último eixo estabeleceu-se em direção ao Bairro de Boa Vista.

Souza, Miranda e Bitoun (2009, p. 95) comentam que:

O processo de ocupação da região, iniciado pelo núcleo – Recife e Olinda – teve, historicamente, como principais condicionantes, a economia canavieira e seu ambiente físico natural: uma planície - a “planície do Grande Recife” [termo adotado pelo professor Antonio Bezerra Baltar (1951), para área que abrange os municípios de Olinda, Jaboatão dos Guararapes, São Lourenço da Mata e Cabo de Santo Agostinho] – cercada por morros e tabuleiros, por onde se espalhavam os engenhos de açúcar. A partir dos meados do século XIX, a implantação dos eixos ferroviários estabelece a principal estrutura de comunicação dos engenhos com o centro comercial e portuário do Recife, que, induzido por estes eixos, irradia-se para norte, oeste e sul, estabelecendo estreita comunicação com os municípios de seu entorno.

Ao longo dos anos, o crescimento urbano foi possível com a construção de diques e aterros, a exemplo do Aterro dos Afogados, que ampliaram as áreas para ocupação das residências e abertura de vias de circulação. O crescimento urbano da cidade alterou os padrões de ocupação dos bairros mais antigos. Na década de 1930, o surgimento de moradias precárias como os cortiços transformaram o centro da cidade e suas construções. A saturação do núcleo central de Recife provocou a ocupação de São José e Santo Antônio no início do século, intensificou-se na década de 1960 em Boa Vista e Santo Amaro, alcançando a Ilha do Leite. Fora dos limites do centro de negócios, Recife se expandiu para o interior e em direção ao litoral, com residências para classe média e uma transição para outros usos. Um eixo de urbanização alcançou Igarassu e Itapissuma e pelo litoral incorporou Paulista e Ilha de Itamaracá, ao sul estendeu-se até Jaboatão dos Guararapes e Cabo de Santo Agostinho. O desenvolvimento econômico da Concentração Urbana apoia-se cada vez mais em funções modernas e sofisticadas como ensino e pesquisa, tecnologia, área empresarial, turismo, entre outras.

“Recife/PE” ocupava, em 2010, a quarta posição (3 741 904 hab) no *ranking* populacional das maiores Concentrações Urbanas do Brasil. Com sua forma litorânea, possui comumente as melhores áreas junto à costa e à foz do Rio Capibaribe. Tem como característica um aspecto de mosaico formado na mancha urbanizada principal, com tipos intraurbanos bem-diferentes se avizinhamo uns aos outros. A expansão das manchas urbanizadas formam “tentáculos” que se prolongam pelas rodovias até os municípios mais distantes de Recife (Mapa 18, Apêndice 1).

As áreas mais ricas da Concentração Urbana de “Recife/PE”, tipo B, encontram-se somente na capital e abarcam 3,5% da população em áreas que recobrem, ao todo, 9,3 km². Localizam-se,

por exemplo, nas quadras mais próximas à Praia de Boa Viagem ou em bairros como Casa Forte e Espinheiro. Outras áreas com boas condições de vida, tipos C e D, distribuem-se pelos municípios vizinhos, além do de Recife. Comportando 2,6% da população em 7,8 km², o tipo C se dispõe em áreas vizinhas às já citadas. Na capital localiza-se, por exemplo, em lugares como as quadras mais afastadas da Praia de Boa Viagem ou o Bairro de Madalena. Em Olinda, o tipo C ocorre junto à orla, em bairros como Casa Caiada e Bairro Novo, em especial nas quadras mais próximas à praia. O tipo D (8,5% da população, em 29,6 km²) mantém o mesmo padrão dos demais, estando vizinhas ou próximas a essas. Em Recife figuram lugares como Cordeiro, Encruzilhada, IPSEP e Soledade, já em Jaboatão dos Guararapes segue o litoral norte, a exemplo do Bairro de Piedade, como um prolongamento de Boa Viagem. Em Olinda, seguem por lugares como Rio Doce, que extravasa para o litoral sul do Município de Paulista.

Os tipos E e F, medianas condições de vida, ocorrem em parcelas da mancha urbanizada principal, próximas às melhores condições de vida, porém, na maior parte das vezes envoltas por tipos de baixas condições de vida. O tipo E (6,6% hab., em 20,5 km²) está presente em bairros de Recife, como Iputinga, ou de Olinda, como Ouro Preto. Observa-se, também no Município de Paulista (Bairro de Maranguape I) e em Jaboatão dos Guararapes (Bairro de Curado). O tipo F (11,7% hab, em 45,6 km²) segue o mesmo padrão do anterior, mas é registrado em alguns municípios a mais, como Abreu e Lima, Cabo de Santo Agostinho e Camaragibe. Possuem extensões significativas em Recife, em lugares como Areias e Estância, e em Paulista, Janga.

Com baixas condições de vida, tipos G e H, existem várias grandes parcelas dentro e na borda da mancha urbanizada principal. O tipo G sozinho responde por 37,8% da população (122,1 km²) e tem como exemplo localidades como Cohab e Torrões, em Recife, Cajueiro Seco, em Jaboatão, Fragoso, em Olinda, entre outros. Do mesmo modo encontra-se o tipo H (19,0% hab, em 90,3 km²) com áreas significativas em Recife, a exemplo do Brejo da Guabiraba, em Olinda (Sapucaia); em Jaboatão (Jardim Jordão); e em Paulista (Fragoso).

As baixíssimas condições de vida reúnem 10,3% da população nos tipos I e J em 64,5 km². Como mencionado, localizam-se principalmente distantes da capital em fragmentos ao longo das Rodovias BR-408 (Municípios de São Lourenço da Mata e Paudalho) e BR-101 (Igarassu). Ilha de Itama-

racá possui a sua orla majoritariamente ocupada pelo tipo I, enquanto as demais áreas estão no tipo J. As maiores machas classificadas como J estão no Município de Ipojuca, tanto na orla quanto afastado dela.

Análises complementares

Os perfis populacionais identificados podem ser associados a outras características que permitem construir uma narrativa do País, associadas aos tipos intraurbanos: faixas etárias; estrutura familiar; religião; e cor e raça.

O exame dos segmentos de jovens (até 14 anos) e idosos (65 anos ou mais) indica que os tipos mais precários figuram com os maiores percentuais de população jovem (entre 23,0% e 31,9%), com destaque para “Brasília/DF” onde os tipos G, H, I e J identificam áreas com os maiores percentuais entre as Concentrações Urbanas com mais de 2,5 milhões de habitantes, seguida de “Fortaleza/CE” nos tipos H e K. Já os idosos possuem maiores percentuais nos tipos com melhores condições de vida (de A ao D). Destaca-se, nesse contexto o tipo A e B no “Rio de Janeiro/RJ” com 19,0% e 17,7% respectivamente, sendo os mais elevados dentre as Concentrações avaliadas.

Na estrutura familiar predominam famílias de casais com filhos que se situam com percentuais entre 34,8% a 49,9%, nos tipos de A a D. A partir do tipo E, varia entre 43,3% e 61,6%, sendo os valores mais elevados no tipo K de “Fortaleza/CE”, seguidos do tipo J e G de “Curitiba/PR” (59,8% e 57,3, respectivamente). Quanto à presença de casais sem filhos, os valores mais significativos (em torno de 26%) ocorrem em “São Paulo/SP”, “Rio de Janeiro/RJ”, “Porto Alegre/RS” e “Curitiba/PR”, nas áreas com melhores condições de vida, refletidas pelos tipos A, B e C.

Os católicos são comumente predominantes em todos os tipos (por volta de 59%), mas, em geral, os percentuais são mais elevados nos tipos com melhores condições de vida. Em seguida, figuram os evangélicos (por volta de 21%), porém com participação mais significativa à medida que se avança para os tipos com piores condições de vida, característica que se repete com os sem religião (em torno de 10%), ainda que em menor intensidade.

A Concentração Urbana do “Rio de Janeiro/RJ” apresenta um comportamento específico, uma vez que a proporção de evangélicos supera a de católicos nos tipos H, I e J, além dos sem religião estarem em patamares equivalentes aos dos católicos no tipo J (≈26%). Os espíritas não possuem

presença marcante em nenhum dos tipos, tendo uma proporção, em média, de 4,2% de praticantes, porém é significativa em “Salvador/BA” (tipo C), “Rio de Janeiro/RJ” (tipos B e C) e “Brasília/DF” (tipo A), superando ligeiramente os 10%.

A Umbanda, o Candomblé e demais religiões afro-brasileiras correlatas reúnem, em média, 3,7% de praticantes, sendo mais expressivas em “Salvador/BA” (tipos F, G, H e J), “São Paulo/SP” (tipos A e B) e “Porto Alegre/RS” (tipo G), onde abrangem por volta de 7,8% da população. A proporção de judeus não é expressiva, ainda que registrem percentuais em torno de 3,4%, no “Rio de Janeiro/RJ” (tipo A) e “São Paulo/SP” (tipos A e B).

Em relação à cor ou raça, existem situações diversas segundo os tipos e as Concentrações. Os brancos, por exemplo, são maioria (acima de 60% das populações por tipo) em “Curitiba/PR” e “Porto Alegre/RS”, independentemente dos tipos. Já para outras Concentrações, os brancos só são maioria em áreas ricas ou com boas condições de vida, a exemplo de “Belo Horizonte/MG” (A ao C), “Rio de Janeiro/RJ” (A ao C) e “São Paulo/SP” (A ao D). Em outras Concentrações esse padrão se repete, porém de forma mais restrita, como é o caso de “Fortaleza/CE” (tipos A e B), “Recife/PE” (B e C) e “Brasília/DF” (A).

Os percentuais mais expressivos (acima de 60%) de pessoas pardas são registrados em “Fortaleza/CE”, nos tipos G ao K, em especial esse último tipo, que figura com 71,2%. Nesse contexto ainda, pode ser citado também o tipo J de “Recife/PE”.

É interessante notar que quando o percentual de pretos aumenta, diminui o percentual de brancos, e o de pardos se mantém, contudo, duas situações são percebidas. A primeira ocorre na Concentração Urbana de “Salvador/BA”, nos tipos D ao J, onde os percentuais de pretos são mais elevados, variam entre 21,7% e 30,5%. A segunda, com valores menos elevados, é observada nas Concentrações de “Belo Horizonte/MG” (tipos E ao J) e “Rio de Janeiro/RJ” (E ao J), com variações entre 10,5% e 15,5%.

Os amarelos não são expressivos de modo geral, entretanto figuram com maiores percentuais em “São Paulo/SP”, nos tipos B e C, com valores em torno de 6,2%. Conjuntamente, tais tipos somam mais de 73 000 habitantes. O valor mais elevado para indígenas é registrado em “Fortaleza/CE”, tipo J, com 3,5% da população.

Uma análise do padrão ocupacional²⁸ revela uma dicotomia entre as áreas com boas condições de vida (tipos A ao D) e áreas com baixas, baixís-

28 Ver Apêndice 3 para maior detalhamento referente aos nomes das ocupações.

simas e precárias condições de vida (G ao K). Nos tipos A e B, a população está predominantemente ocupada em profissões ligadas às ciências e intelectualidades, seguidas dos dirigentes e técnicos de nível médio. Já no C e D, tal padrão é semelhante, porém, cai a participação dessas ocupações em detrimento ao de apoio administrativo e daquelas ligadas ao comércio.

Os percentuais mais relevantes de dirigentes, em torno de 15% a 20%, estão nos melhores tipos de “Salvador/BA” (A), “Recife/PE” (B), “Belo Horizonte/MG” (A), “São Paulo/SP” (A) e “Curitiba/PR” (A). Com 43,5% de participação de profissionais da ciência e intelectuais, figuram os tipos A e B de “Salvador/BA”, “Belo Horizonte/MG”, “Rio de Janeiro/RJ”, “São Paulo/SP” e “Porto Alegre/RS”, e no tipo B de “Recife/PE” e “Curitiba/PR”.

Nos tipos G ao K existe um padrão semelhante na distribuição das ocupações, porém destacam-se aquelas ocupações de menor qualificação tais como: elementares e comércio, além daquelas de operários qualificados. A presença de ocupações elementares aumenta à medida que decaem as condições de vida. Os maiores valores em ocupações elementares ocorrem nas Concentrações de “Fortaleza/CE” (tipo K), “Recife/PE” (J), “Salvador/BA” (J), “Belo Horizonte/MG” (H e J), “Rio de Janeiro/RJ” (J) e “Brasília/DF” (H e J), todos com percentuais próximos a 28%.

Os tipos E e F têm como característica um padrão de transição, uma vez que a participação das ocupações mais relevantes encontradas nos tipos A ao D e nos tipos G ao K, são menos expressivas nesses tipos de medianas condições de vida. Há assim, um equilíbrio maior na distribuição da população pelas ocupações. O comércio é aquele que tem maior participação, seguido de profissões elementares e operários qualificados. Apoio administrativo e profissionais de ciências e intelectuais possuem também percentuais relevantes no conjunto das ocupações.

Acima de 1 milhão a 2,5 milhões de habitantes

As Concentrações Urbanas acima de 1 milhão a 2,5 milhões de habitantes reúnem inúmeras unidades presentes em todas as Grandes Regiões do País. Na hierarquia do sistema urbano do País, são metrópoles ou capitais regionais e, portanto, contribuem substancialmente na articulação do território brasileiro, principalmente em suas regiões de influência. Tais elementos se concretizam no espaço urbano de maneira complexa e diversificada, o que acarreta o surgimento de quase todos os tipos identificados neste estudo.

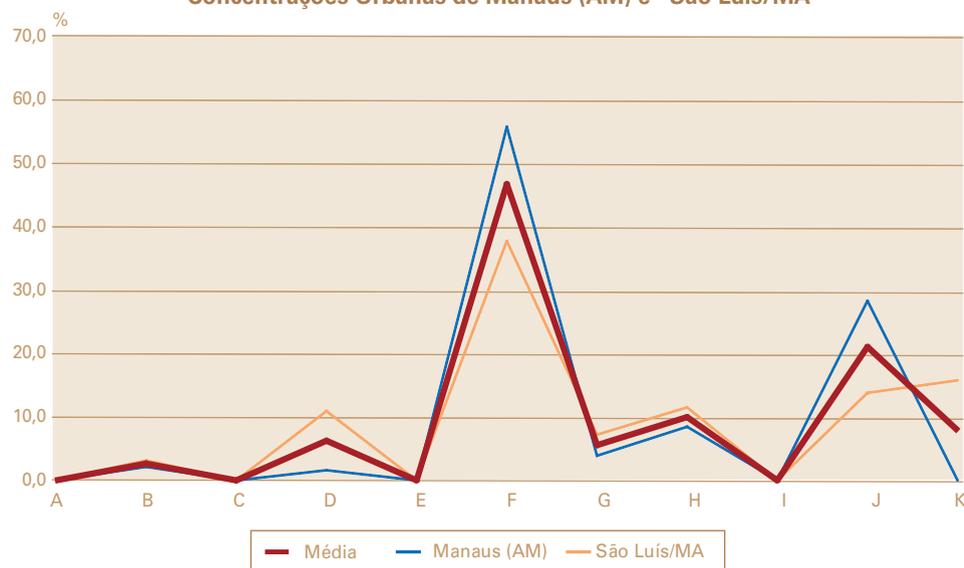
As 11 Concentrações Urbanas em questão possuem estrutura social em que figuram quatro padrões de distribuição da população segundo os tipos intraurbanos e um caso particular, “Belém/PA”. O porte populacional propicia que diversos tipos sejam identificados em cada uma delas, porém a ausência de alguns já começa a ocorrer. Outra característica refere-se ao tipo A, pois não é tão frequente, ocorrendo somente em “Vitória/ES” e “Campinas/SP”.

A seguir encontram-se as análises dos padrões identificados.

Manaus (AM) e “São Luís/MA”

Nas Concentrações Urbanas de Manaus (AM) e “São Luís/MA”, destaca-se a proeminência do tipo F na distribuição da população (Gráfico 5), com alcance de 55,7% na primeira. Em ambas Concentrações se constata, ainda, uma parcela considerável da população residindo em áreas do tipo J, sendo que “São Luís/MA” apresenta, também, o tipo K, ou seja, o de piores condições de vida, que abrange 15,8% da população. O tipo H possui uma participação menor na distribuição, porém, ainda relevante, no conjunto total, aproximadamente 10%. Em menor escala, encontra-se o tipo B, que reúne as características necessárias para acomodar a população de mais alta renda dessas Concentrações Urbanas.

Gráfico 5 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, nas Concentrações Urbanas de Manaus (AM) e “São Luís/MA”



A Concentração Urbana de Manaus (AM) localiza-se na confluência dos Rios Negro e Solimões e é formada apenas pelo município sede. A cidade prosperou nas últimas décadas do Século XIX devido ao ciclo da borracha, porém, entrou em declínio ao final da primeira década do Século XX, devido à concorrência asiática. A partir de 1960, obteve seu maior crescimento populacional, após a criação da Zona Franca²⁹ que atraiu profissionais de outras regiões do País. Desta forma, a indústria possui um papel fundamental na economia manauara, com a presença de fábricas de gigantes multinacionais de eletrônicos, como a Samsung.

Formada principalmente por uma mancha urbanizada contígua (Mapa 4, Apêndice 1), apresenta os tipos com boas condições formando duas zonas distintas. A primeira conforma as áreas mais ricas, representadas pelo tipo B³⁰, e figura em bairros como Aleixo e Adrianópolis. A segunda compreende áreas do tipo D, em bairros como Dom Pedro e Chapada. Áreas com medianas condições de vida são formadas exclusivamente pelo tipo F, que ocupa uma grande extensão de área (122,4 km²). Elas circundam as de boas condições de vida, localizando-se em bairros como Centro, Raiz e Flores.

Em algumas parcelas na borda da mancha urbanizada principal são registradas áreas com baixas condições de vida. Tem-se no tipo G o Bairro de Compensa como exemplo, já no tipo H pode-se citar Zumbi dos Palmares e Novo Israel. As baixíssimas condições de vida, representadas por áreas classificadas pelo tipo J, formam um arco externo nos limites da mancha urbanizada principal. É composto por algumas grandes áreas situadas a sudeste, leste e norte, que por vezes se espraiam em fragmentos menores, recobrimo ao total uma superfície de 86,1 km². São exemplos do tipo J áreas vizinhas ao Distrito Industrial, como Parque Mauá, ou bairros como Tancredo Neves e Carin.

A Cidade de São Luís foi fundada a partir da construção de um forte pelos franceses, em 1612, com o objetivo de criar a França Equinocial. O governo português conseguiu se consolidar somente após 1644 na região, que tinha uma economia calcada nas plantations de cana-de-açúcar, cacau e tabaco. No Século XIX, a Guerra Civil americana proporcionou a oportunidade de a região se tornar fornecedora de algodão para a Inglaterra, o que levou São Luís a prosperar e se tornar a terceira cidade mais populosa do País. No século passado, com o advento dos planos de desenvolvimento para o Brasil, além da Supe-

rintendência do Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE, o Maranhão passa a receber incentivos a partir do mecanismo 34/18³¹ e, posteriormente, o Fundo de Investimentos do Nordeste - FINOR, benefício fiscal concedido pelo governo federal, e a isenção sobre o imposto de renda, aliados aos investimentos das empresas estatais, como a Companhia Vale do Rio Doce, ações que implementaram modificações ao quadro industrial maranhense. Outro elemento fundamental na economia da Concentração foi a construção do porto de Ponta da Madeira, em Itaqui, São Luís, que escoou a produção industrial e de minério de ferro, originada na Serra de Carajás, em Paraupebas (PA). Esse porto é um dos mais movimentados do País, por ser próximo aos mercados europeus e norte-americano.

“São Luís/MA” caracteriza-se por uma mancha urbanizada principal e eixos de ocupação ao longo do litoral e de rodovias (Mapa 7, Apêndice 1). O município sede é o único que possui áreas com melhores condições de vida, figurando as áreas mais ricas, tipo B, junto à orla de bairros como Calhau e São Marcos. Com boas condições de vida, no tipo D, vizinhas às anteriores, pode-se citar bairros como Turu e Vinhais ou alguns mais afastados como Cohatrac. O tipo F (52,3 km²), médias condições de vida, é verificado no Município de Passo do Lumiar (Bairro de Maiobão) e em grande parte da capital, formando um arco nas áreas com melhores condições de vida. São bairros como Rio Grande, Alemanha e Centro.

As baixas condições de vida, representadas pelo tipo G, têm localização pontual na capital, a exemplo de bairros próximos ao centro. Já aquelas representadas pelo tipo H, ocupam áreas próximas ao Centro de São Luís, como Vila Embratel, ou aos bairros nobres, como Divinéia. Como um prolongamento da mancha urbanizada da capital, figura também uma área significativa do tipo H em São José de Ribamar, em bairros como Kiola Costa e Vila Cafeteira.

As baixíssimas condições de vida são representadas pelo tipo J e recobrem uma área de 45,2 km². Localizam-se na borda da mancha urbanizada principal, nos Municípios de Paço do Lumiar (Vila Epitácio Cafeteira e Parque Tiago Aroso, por exemplo), São José de Ribamar (lugares como Vila Alonso Costa e Maropoia) e São Luís (casos como os de São Raimundo e Vila Nova). De modo complementar, áreas com precárias condições de vida, tipo K, estendem-se por 54,4 km², majoritariamente em manchas urbanizadas separadas da principal. O Município de Raposa possui uma grande quan-

29 A Zona Franca de Manaus - ZFM é um modelo de desenvolvimento econômico implantado pelo governo brasileiro objetivando viabilizar uma base econômica na Amazônia Ocidental, promover a melhor integração produtiva e social dessa região ao País, sendo que a ZFM compreende três polos econômicos: comercial, industrial e agropecuário. Desses polos, o que teve maior ascensão e relevância é o industrial, a base de sustentação da ZFM (PERES, 2015).

30 O Bairro de Ponta Negra também se destaca com boas condições de vida, porém, em 2010, ainda estava em formação, com baixa ocupação de residências. Desta forma, a Área de Ponderação que abrange Ponta Negra é relativamente grande e compreende outras áreas com características diversas o que leva a área a ser classificada no tipo F.

31 "Em 1961 a lei federal no 3995/61, em seu artigo 34, autorizava a dedução de até 50% no imposto de renda das pessoas jurídicas que aplicassem no setor industrial no Nordeste" (ANDRIGHETTI, 1999, p. 155), posteriormente, o Art. 18 estendeu o benefício para as empresas estrangeiras.

tidade dessas (a exemplo de Pirâmide e Vila Bom Viver), assim como, ao longo da Rodovia BR-135 em São Luís (como a localidade de Bacabal).

“Natal/RN”, “João Pessoa/PB” e “Maceió/AL”

As Concentrações Urbanas de “Natal/RN”, “João Pessoa/PB” e “Maceió/AL” possuem em comum grande parcela da população residindo em áreas dos tipos G ou H (Gráfico 6). As classes com melhores condições de vida formam áreas residenciais dos tipos C e D, principalmente. As três Concentrações são capitais estaduais nordestinas localizadas no litoral, com uma hierarquia de capital regional (REGIÕES..., 2008). Apesar da similaridade no padrão de distribuição da população, pode-se notar que “João Pessoa/PB” possui, no geral, condições de vida um pouco melhores do que as demais. Tal característica se deve às maiores proporções no conjunto formado pelos tipos C e D e aos menores percentuais no G e H, mesmo que possuindo aproximadamente 7,8% de sua população no tipo J.

A Cidade de João Pessoa, fundada às margens do Rio Sanhauá, localiza-se na chamada Zona da Mata paraibana, tendo sua economia se apoiado, no passado, na agroindústria sucroalcooleira e no setor industrial. Outra atividade de destaque é a turística, já que conta com inúmeras praias ainda preservadas no seu litoral, e é considerada a cidade de maior área verde por habitante no País.

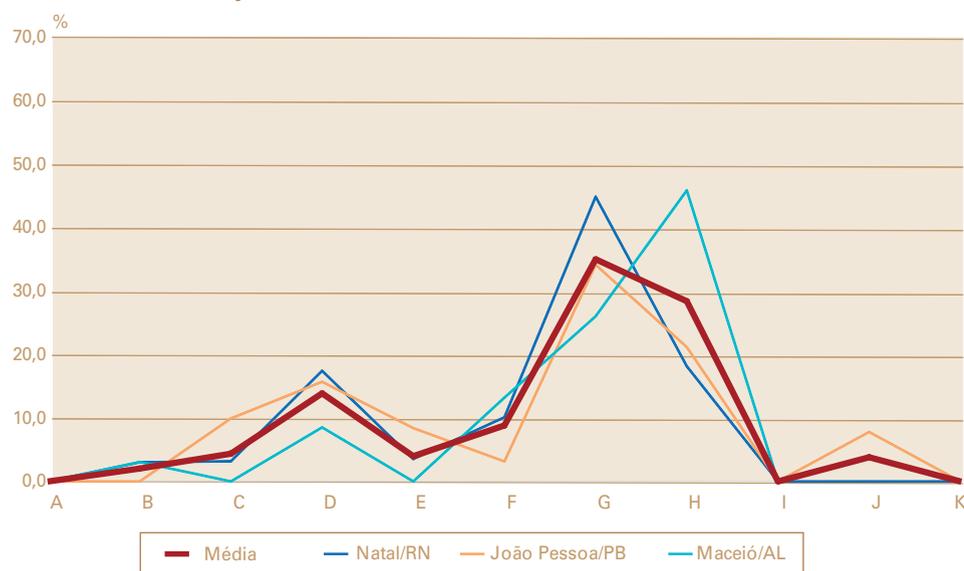
Na Concentração (Mapa 14, Apêndice 1), as áreas com boas condições de vida, tipo C, são registradas no litoral, com destaque para os bairros pessoenses de Manaíra e Bessa. A parcela da mancha urbanizada classificada como tipo C se estende, ainda, até o litoral sul do Município de Cabedelo. As áreas mais antigas e tradicionais de João Pessoa também preservam boas condições de vida, com tipo D (26,4 km²), a exemplo dos Bairros de Estados, Expedicionários e Bancários. Medianas condições de vida registram-se em áreas entremeadas no tecido urbano da capital. No tipo E são lugares como Mangabeira e Cidade Redenção e, no tipo F, lugares como Varjão e Jaguaribe.

As baixas condições de vida, tipo G (46,5 km²), conformam grandes machas em João Pessoa, no entorno das áreas com boas condições de vida, a exemplo de Costa e Silva ou Cruz das Armas. Esse tipo se faz presente, também, nas áreas centrais do Município de Bayeux, Cabedelo e Santa Rita. O tipo H (36,1 km²) posiciona-se à borda da mancha urbanizada principal, tendo como exemplos, na capital, bairros como Colinas do Sul e Mumbaba. Em Bayeux pode-se citar Mario Andreazza e, em Santa Rita, Vila Tibiri. As baixíssimas condições de vida, tipo J, estão localizadas em fragmentos urbanizados mais afastados, sendo significativos nos Municípios de Conde e Lucena.

Formada a partir da foz do Rio Potengi, a Cidade de Natal possui uma localização estratégica no Brasil, sendo a mais próxima da Europa. Na Segunda Guerra Mundial, por exemplo, tal característica levou a sua utilização como base militar para os aliados, principalmente os norte-americanos. A partir da década de 1980, a expansão urbana foi direcionada para empreendimentos modernos como *shopping centers* e hipermercados, além da construção de condomínios e hotéis. Atualmente, a Concentração Urbana passa por transformações que resultam de intensa atividade turística, sendo destino de inúmeros estrangeiros, atraídos pela proximidade da Europa e pelo clima.

Na Concentração Urbana de “Natal/RN” (Mapa 12, Apêndice 1), as melhores áreas em condições de vida são identificadas a partir do Bairro de Petrópolis (tipo B), seguindo em direção ao sul, alinhadas ao Parque das Dunas (tipo D, em Lagoa Nova, por exemplo), até alcançar Ponta Negra (tipo C) e Nova Parnamirim (tipo D). Dentre esses tipos, destaca-se o D, que recobre uma área de 34 km². As medianas condições de

Gráfico 6 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, nas Concentrações Urbanas de “Natal/RN”, “João Pessoa/PB” e “Maceió/AL”



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

vida são pouco expressivas no tipo E (lugares como Alecrim, na capital). No tipo F são mais expressivas, com grandes porções em Parnamirim (bairros como Rosa dos Ventos e Liberdade) e, também, em Natal (Potengi, por exemplo). Ao todo o tipo F ocupa 24 km², na Concentração.

Envolvendo os tipos anteriores, supracitados, figuram aqueles com baixas condições de vida. O tipo G é o maior em área (54,6 km²), com exemplos nos Bairros de Pajuçara e Planalto, em Natal, Bela Vista, em Parnamirim, e toda a área urbanizada de Macaíba. O tipo H (35,3 km²) posiciona-se na borda da mancha urbanizada principal ou em fragmentos mais afastados. São notavelmente expressivos nos Municípios de Extremoz e São Gonçalo do Amarante.

A Cidade de Maceió foi fundada em 1609, porém somente no Século XIX passa a exercer uma função comercial, abastecendo a região agrícola dos vales dos Rios Mundaú e Paraíba. A crescente produção de açúcar, dos inúmeros engenhos existentes na área, era escoada pelo porto de Jaraguá. A estrutura da economia da Concentração é principalmente voltada para os serviços, mas com certa importância na indústria em relação aos setores químico, de açúcar e álcool, alimentar, turístico etc. Em Maceió situa-se o polo cloroquímico que explora e beneficia o sal-gema, importante produto de onde se obtém cloro e sódio utilizados na produção de óleos vegetais, plástico e na purificação de água. Maceió, com sua importância turística no litoral nordestino, possui uma natureza privilegiada, que inclui florestas, manguezais, orla com belíssimas praias, diversas lagoas e restingas.

A urbanização de Maceió decorreu, principalmente, a partir do Centro em direção ao interior, seguindo a Rodovia BR-104 (Mapa 16, Apêndice 1). Já em direção ao litoral norte e sul sua urbanização é menos intensa. Com boas condições de vida muito concentradas em poucas áreas (total de 13,8 km²), apresenta bairros como o de Ponta Verde classificados no tipo B e Jatiúca e Pinheiro nos tipos D. Bairros como Feitosa, Jardim Petrópolis e Centro encaixam-se em medianas condições de vida, tipo F, em 23,2 km².

A maior parte da urbanização é composta por tipos que refletem baixas condições de vida. O tipo H sozinho possui uma área de 57,3 km², com uma grande faixa entre as melhores condições de vida na capital (bairro como Jacintinho) e outras

mais afastadas, como Chã da Jaqueira e Santos Dumont. É relevante, também, nos Municípios de Marechal Deodoro, Messias, Barra de Santo Antônio, Santa Luzia e Coqueiro Seco. O tipo G (28,7 km²) se posiciona com grandes porções entremeadas na mancha urbanizada principal do Município de Maceió, em bairros como Vergel do Lago, Santa Lúcia e Petrópolis. Este tipo é relevante também no Município de Satuba. O tipo J, com baixíssimas condições de vida, compreende pequenas porções do território, porém, ainda é significativa nos Municípios de Paripueira e Rio Largo.

“Campinas/SP”, “Baixada Santista/SP” e “São José dos Campos/SP”

As três Concentrações Urbanas têm em comum o fato de estarem orbitando a maior e mais pujante metrópole brasileira, São Paulo, beneficiando-se de seu processo de desconcentração industrial que ocorreu no final do século passado. Tal fato influenciou, de certa maneira, as atividades e a forma como a urbanização desses centros urbanos se desenvolveram. Possuem como característica a população residindo predominantemente nos tipos D (boas condições de vida) e E (médias condições de vida). Em proporções menos elevadas encontra-se uma parcela da população em tipos intraurbanos com baixas condições de vida (tipos G e H). Cabe ressaltar que Campinas é a única Concentração que não é capital estadual e que, mesmo assim, possui uma área classificada no tipo A.

A importância de “Campinas/SP” revela-se na sua capacidade de absorver o extravasamento de “São Paulo/SP” e, simultaneamente, conformar uma economia e uma estrutura urbana com características próprias. Principal centro urbano do sistema de rodovias Anhanguera-Bandeirantes, “Campinas/SP” tem um perfil industrial atual que demonstra uma economia moderna, diversificada e madura. Destacam-se nela os gêneros alimentar, bebidas e fumo; o setor automotivo, eletroeletrônico, mecânico, químico e petroquímico; o comércio varejista; serviços diversos e serviços públicos; telecomunicações e outros setores.

A Concentração de “Campinas/SP” (Mapa 37, Apêndice 1) encontra-se alinhada à Rodovia Anhanguera, contudo, suas áreas mais nobres posicionam-se um pouco afastadas dela, como são os casos dos Bairros de Cambuí (tipo A) e de Nova Campinas (tipo B). Ainda com boas condições de vida, no tipo C pode-se citar bairros como Vila Virgínia e Jardim Dom Bosco, em Campinas;

Jardim Paiquere, em Valinhos; e Jardim Itália, em Vinhedo. Vastas áreas com tipo D (105,7 km²) estão distribuídas pela Concentração, a exemplo dos Bairros de São Bernardo, Jardim Magnólia e Jardim Nova Europa, além de áreas nos Municípios de Valinhos, Paulínia e Sumaré.

As medianas condições de vida localizam-se próximas ou circundando as melhores. São em quase sua totalidade formadas pelo tipo E (156,9 km²), grupo de maior extensão territorial. Possuem uma relevância nos Municípios de Cosmópolis, Sumaré, Paulínia e Vinhedo. O tipo F, localiza-se, pontualmente, no Município de Hortolândia. As baixas condições de vida, representadas pelos tipos G e H, estão dispersas, na maioria das vezes afastadas das áreas mais nobres, com exceção de Jardim Monte Cristo no Município de Campinas. Conjuntamente, esses tipos se estendem por 115,3 km², com grandes porções do tipo G em Campinas, Sumaré e Monte Mor. Já o tipo H é relevante em Hortolândia (casos como Vila Real Santista) e Campinas. A Concentração não possui os tipos referentes às baixíssimas condições de vida.

Um aspecto relevante do processo de urbanização do núcleo da Concentração Urbana de “São José dos Campos/SP” é que, diferentemente de outros Municípios de São Paulo, não está vinculado ao setor agrícola cafeeiro. Em 1940, a decisão do governo federal de criar um polo de capacitação e desenvolvimento aeronáu-

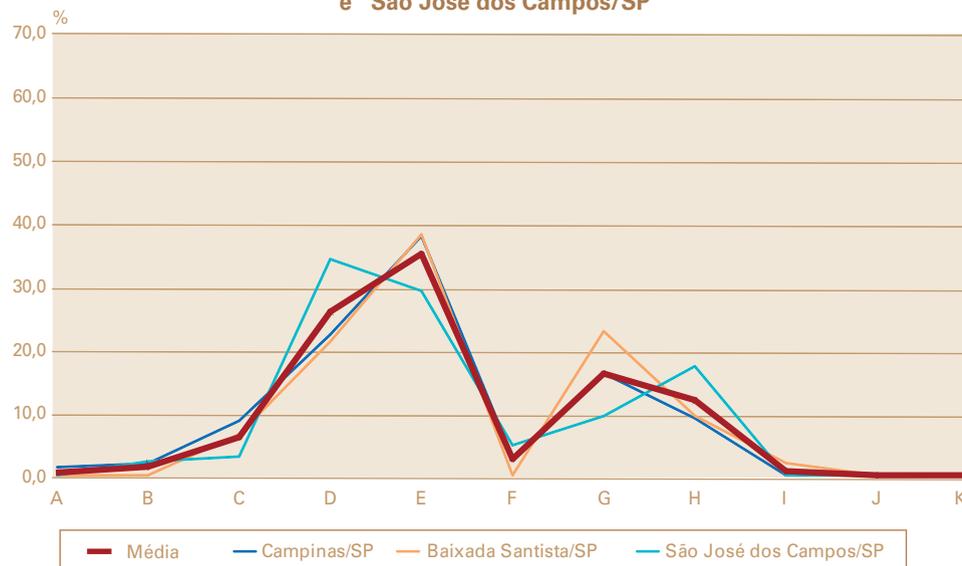
tico transformou São José dos Campos de cidade sanatorial em cidade difusora e produtora de alta tecnologia espacial. A inauguração da Rodovia Presidente Dutra (BR-116), no início da década de 1950, e a criação das primeiras bases técnicas para formação do polo aeronáutico, permitiu o avanço da industrialização, acompanhado de um aumento demográfico expressivo.

Com seu padrão alinhado à Rodovia Presidente Dutra (Mapa 43, Apêndice 1), “São José dos Campos/SP” tem como característica a população com boas condições de vida distribuída, predominantemente, na margem direita sentido São Paulo. Entretanto, nas proximidades de Jacareí tal característica se apresenta na margem esquerda da Rodovia Presidente Dutra seguindo pela SP-066. As áreas mais ricas (tipo B) encontram-se em bairros como Jardim Apolo, já as outras áreas, com boas condições de vida, são classificadas no tipo C, como Jardim Alvorada, ou tipo D, como Jardim Satélite e Jardim Valparaíba. Outros municípios da Concentração, além do sede, também apresentam o tipo D, a exemplo de Caçapava, Jacareí, Pindamonhangaba e Taubaté. O tipo D possui o maior percentual de recobrimento com 86,6 km².

Com medianas condições de vida, o tipo E ocorre, geralmente, vizinho às melhores áreas, por vezes circundando-as (caso dos Municípios de Caçapava e Taubaté). Figura na Concentração como segundo maior conjunto em termos de área (83,9 km²), sendo relevante em Taubaté e Caçapava. O tipo F ocorre pontualmente, na maioria das vezes em fragmentos urbanizados de Pindamonhangaba e Jacareí. Com baixas condições de vida, no tipo G, figuram áreas dispostas, em grande parte das vezes, em fragmentos urbanizados que orbitam as melhores regiões de Pindamonhangaba e Jacareí. O tipo H encontra-se tanto em fragmentos espalhados, quanto em áreas contíguas à mancha urbana principal, sendo quase três vezes maior que o anterior no que se refere à área, uma vez que ocupa 62,9 km². Está presente em quase todos os municípios da Concentração, à exceção de Caçapava. As maiores porções do tipo H encontram-se em São José dos Campos (como no Bairro de Jardim São José).

As origens da fundação das Cidades de Santos e de São Vicente, como de outras cidades costeiras, revelam as intenções dos portugueses de proteção da costa brasileira, porém, com o passar dos anos, a Vila de Santos tornou-se o principal porto do litoral paulista. Em 1867, a ligação

Gráfico 7 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, nas Concentrações Urbanas de “Campinas/SP”, “Baixada Santista/SP” e “São José dos Campos/SP”



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.

Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

entre Santos e o interior passa a ser feita pela ferrovia São Paulo Railway (atual Santos-Jundiaí), melhorando as condições de transporte entre Santos e São Paulo. Atualmente, a Concentração Urbana da “Baixada Santista/SP” possui uma economia diversificada com alto valor adicionado, formada pelas atividades portuárias e de turismo; e de comércio e de indústria. A Concentração é destino turístico e de veraneio durante todo o ano de milhares de paulistas.

Com uma mancha urbanizada alongada em face ao litoral (Mapa 44, Apêndice 1), tem a Rodovia BR-101 como principal via articuladora. Possui as áreas com boas condições de vida localizadas na costa de Santos em bairros como Gonzaga e Ponta da Praia (tipo C). Outras, do tipo D, são encontradas nas áreas valorizadas de todos os municípios (com exceção de Mongaguá), a exemplo dos Bairros de Gonzaguinha, em São Vicente; Campo Grande, em Santos; Pitangueiras, no Guarujá; Boqueirão, em Praia Grande; e o Centro de Itanhaém. Com medianas condições de vida, o tipo E circunda os melhores tipos e se estende pela orla à medida que se afasta da costa de Santos. Está notavelmente presente nas quadras junto à orla sul de Praia Grande, norte de Mongaguá e central Guarujá. Ocupa a maior parcela em área, totalizando 80,5 km² de extensão.

As baixas condições de vida, tipos G (75,9 km²) e H (25,4 km²), estão distribuídas em várias porções da mancha urbanizada. Em municípios como Itanhaém, Mongaguá e Guarujá (em direção à Bertioga) o tipo G alcança os bairros junto às praias mais afastadas. Entretanto, em municípios como Praia Grande e Santos, localizam-se atrás das melhores áreas que estão junto à costa oceânica. Em Santos tem-se como exemplo a região do porto e, em Praia Grande, bairros como Vila Sônia. O tipo H encontra-se em algumas manchas no litoral norte de Itanhaém e em vários pequenos fragmentos no Guarujá. Em Cubatão, possui pequenos fragmentos na margem esquerda da Rodovia Anchieta (SP-150, sentido São Paulo), além de áreas vizinhas à Companhia Siderúrgica Paulista - COSIPA. Com baixíssimas condições de vida, tipo I, registram-se pequenas áreas como a da Prainha, no Guarujá.

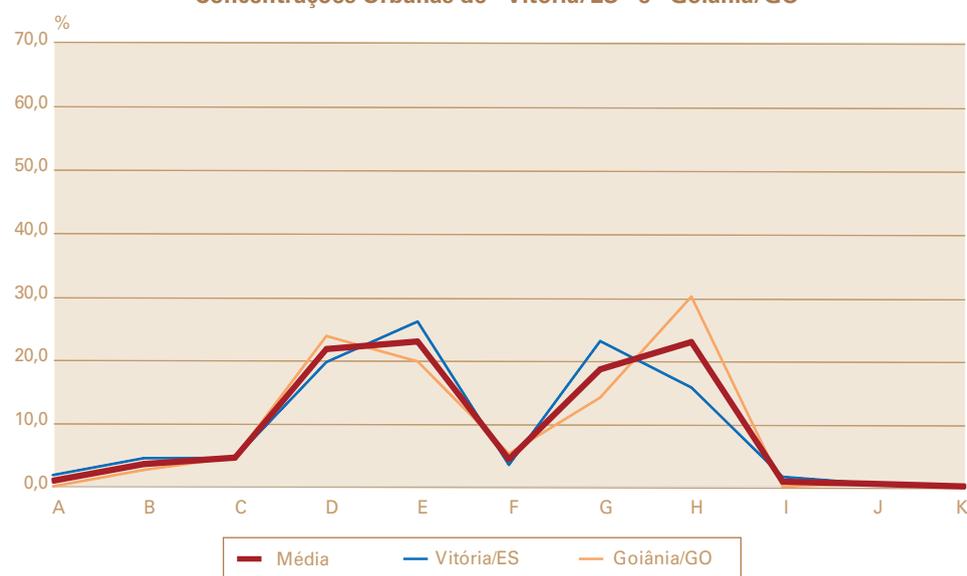
“Vitória/ES” e “Goiânia/GO”

“Vitória/ES” e “Goiânia/GO” são duas Concentrações Urbanas com perfil de distribuição da população, na tipologia, semelhantes, ainda que tenham contextos diferenciados. Os perfis

das Concentrações Urbanas apontam a população concentrada em dois conjuntos proporcionalmente equivalentes, um formado por D e E, e outro por G e H. As melhores condições de vida situam-se em proporções pequenas nos tipos B e C; no outro extremo, os tipos I, J, e K são inexpressivos ou inexistentes, indicando Concentrações com menores disparidades nas condições de vida. Ao considerar-se que o tipo F classifica situações regionais específicas, na leitura do Gráfico 8 sem considerá-lo, o resultado seria um bloco único do D ao H.

A Cidade de Vitória foi fundada com a finalidade de fornecer proteção de invasões estrangeiras e sua função portuária inicial era rudimentar. Com a chegada da Companhia Vale do Rio Doce, a partir dos anos 1940, ocorreu um maior impulso de modernização do porto. Atualmente, a Concentração possui um dos mais importantes complexos portuários do País, que inclui terminais de graneis líquidos, as instalações de cais do píer de Tubarão para uso da Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais - USIMINAS e da Companhia Vale do Rio Doce em Vila Velha. Além da função logística, Vitória possui, ainda, funções empresarial e político-administrativa, inerente ao seu papel de capital estadual. É um centro urbano que abriga empresas ligadas ao comércio e a outros serviços que apoiam as demais atividades.

Gráfico 8 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, nas Concentrações Urbanas de “Vitória/ES” e “Goiânia/GO”



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

A Concentração de “Vitória/ES” (Mapa 23, Apêndice 1) possui uma forma urbana litorânea que se expande para o interior a partir de rodovias. As áreas mais ricas (tipos A e B) se localizam, principalmente, no litoral da capital capixaba (a exemplo de Praia do Canto, quadras junto à orla de Jardim da Penha e Mata da Praia), prolongando-se às áreas vizinhas de Vila Velha (Praia da Costa). Outras áreas com boas condições de vida são classificadas como tipos C e D. O primeiro é mais restrito aos Municípios de Vitória (Jardim Camburi, por exemplo) e Vila Velha (junto à praia de Itapuã). Já o tipo D é o mais abrangente dentre todos os tipos da Concentração (60,1 km²), sendo registrado na maioria dos municípios em tela, à exceção de Fundão e Viana. São áreas como Itaparica, em Vila Velha; De Lourdes, em Vitória; São Diogo I, em Serra; e Jardim América, em Cariacica.

Com medianas condições de vida, o tipo E (49,4 km²) geralmente apresenta-se vizinho às melhores áreas, servindo, em alguns casos, como transição para áreas classificadas com piores tipos, a exemplo de Cariacica. Figuras como exemplos Santo Antônio, em Vitória; Cobilândia, em Vila Velha; e Serra Dourada, em Serra. No litoral dos Municípios de Vila Velha (como Interlagos) e Serra (como Parque Jacaraípe) é comum o tipo F. Já os piores tipos (G a J) são comuns nas áreas mais distantes de expansão urbana, ao longo das rodovias e do litoral. O tipo G (47,3 km²) é mais significativo em Serra (Nova Carapina e Planalto Serrano, por exemplo), porém com algumas áreas em Vitória (como São Benedito, próximo aos bairros mais ricos) e Cariacica (a exemplo de Itapemirim). O tipo H (44,7 km²) é mais relevante em Viana (como Canaã) e em Cariacica (como Vila Nova e Santana), com uma grande área em Vila Velha (no qual parte é formada por Barra Mares). As baixíssimas condições de vida são pontuais, com uma área identificada no tipo I, em Cariacica, na Rodovia ES-080, próxima à BR-101, e outra próxima à orla de Fundão, classificada com tipo J.

A Cidade de Goiânia foi fundada em 1933 com a finalidade de servir como capital estadual, sendo denominada uma metrópole precoce devido à rapidez de seu crescimento e à capacidade de articulação intra e inter-regional. Situada em uma região plana, a Concentração Urbana de “Goiânia/GO” possui localização que lhe confere uma posição privilegiada, tanto do ponto de vista político (de empresas ligadas ao agronegócio),

quanto de acesso a São Paulo e Minas Gerais, articulando a economia de mercado com as fronteiras agrícolas e de recursos do interior do País.

A Concentração Urbana de “Goiânia/GO” possui uma típica forma radial (Mapa 64, Apêndice 1), onde as áreas com melhores condições de vida localizam-se no centro da mancha urbanizada e, à medida que se afasta, as condições de vida pioram. As áreas mais ricas, tipo B, estão em duas parcelas dentro do tecido urbano, sendo áreas como Setor Nova Suíça e Setor Oeste. As demais áreas com boas condições de vida localizam-se na área central em bairros como Setor Marista e Jardim Goiás. Já o tipo D (94,7 km²) está quase que totalmente concentrado no Município de Goiânia (em bairros a exemplo de Anhanguera, Setor Sudoeste e Setor Leste Vilanova), com um pequeno extravasamento para Aparecida de Goiânia (lugares como Vila Brasília).

As médias condições de vida representadas pelo tipo E (97,4 km²) possuem o mesmo comportamento do anterior, uma vez que só ocorre na capital e no centro do Município de Trindade. Em Goiânia pode-se citar Jardim Presidente, Setor Progresso e Jardim Novo Mundo. Já o tipo F é relevante em Aparecida de Goiânia, tendo como exemplo Vila Alzira. Classificadas com baixas condições de vida têm-se os tipos G (75,6 km²) e H, o maior deles, com 209,1 km², distribuindo-se por quase todos os municípios da Concentração de forma espalhada. Esses tipos, comumente, acompanham as rodovias, porém, verifica-se o tipo H junto à mancha urbanizada principal em uma grande área (Bairros de Jardim Tiradentes e Vila Oliveira, por exemplo); em Aparecida de Goiânia; e em Goiânia (áreas como Jardim Nova Esperança e Setor Novo Planalto). O tipo J é de pequena amplitude sendo registrado somente em Aragoiânia. A leitura dos padrões de moradia, segundo os tipos intraurbanos, revela, assim, o caráter concentrador que a capital possui com relação à retenção da riqueza, em detrimento dos demais municípios da Concentração Urbana.

“Belém/PA”

A Concentração Urbana de “Belém/PA” localiza-se próxima à foz do Rio Amazonas com função portuária privilegiada na circulação das embarcações na Região Norte. Sua malha viária é composta pela Rodovia BR-116, que liga a Concentração ao Nordeste; pela Rodovia PA-150, importante estrada de ligação com o sul do estado; e também pela Rodovia BR-010, denominada Belém-Brasília que, a partir da capital federal,

liga as Regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste. A atividade industrial apresenta, atualmente, estreitas relações com o Centro-Sul do País e os estabelecimentos ocupam áreas novas do espaço da cidade, principalmente nos eixos rodoviários.

No Pará, a Concentração de “Belém/PA” (Mapa 3, Apêndice 1) possui um perfil de distribuição da população peculiar (Gráfico 9), uma vez que o padrão difere consideravelmente das demais Concentrações do mesmo porte demográfico. Com uma pequena parcela residindo em áreas com boas condições de vida, nos tipos C e D (bairros como Nazaré e Reduto), a Concentração possui grandes quantitativos populacionais residindo nos tipos F, G, H e J. Com medianas condições de vida, destaca-se o tipo F (53,5 km²) que, em geral, avizinha-se às melhores áreas de Belém. São lugares, na capital, como Pedreira, Jurunas e Marambaia, que se estendem até Ananindeua, onde esse tipo circunda o centro. O tipo E é encontrado pontualmente na capital, em bairros como Marco.

Os tipos G e H, com baixas condições de vida, possuem comportamentos distintos. O primeiro apresenta-se somente em poucas áreas da capital, como Guamá e Sacramento. Já o tipo H (49 km²) encontra-se em várias porções nos Municípios de Belém, Ananindeua e Marituba. Pode-se citar na capital boa parte de Icoaraci, Jarderlândia em Ananindeua e a área central de Marituba. As baixíssimas condições de vida ocorrem, principalmente, nas áreas classificadas como tipo J e recobrem a maior extensão na Concentração Urbana, com 72,2 km². Esse tipo localiza-se em várias parcelas na borda da mancha urbanizada principal, em quase todos os municípios, à exceção de Benevides. Na capital figura, ainda, um grande fragmento urbanizado na localidade de Mosqueiro. O tipo K, com precárias condições de vida, é registrado em áreas mais distantes nos Municípios de Benevides e Marituba que, conjuntamente, ocupam uma área de 12 km² na Concentração de “Belém/PA”.

Análises complementares

Os maiores percentuais de jovens (0 a 14 anos de idade) localizam-se nas áreas mais precárias de Manaus (AM) e “João Pessoa/PB” (tipo J), “São Luís/MA” (K), e “Baixada Santista/SP” (I), todos com proporções acima de 30%. Os idosos superam 14% em áreas com boas classificações na tipologia, como é o caso de “Natal/RN” (tipo B), “Campinas/SP” (A e B) e “Baixada Santista/SP”, tipos D e C, alcançando, neste último, 20,4%.

Na estrutura familiar, os maiores percentuais são recorrentes em famílias compostas por casais com filhos, independentemente do tipo intraurbano. As famílias compostas por casais sem filhos possuem as maiores proporções em áreas mais nobres, ao se comparar com as áreas mais pobres. O tipo A de “Campinas/SP”, nesse sentido, é um caso excepcional, pois o percentual de casal sem filhos supera os dos demais tipos de estruturas familiares. Já o tipo J de “Goiânia/GO” é uma exceção à regra, uma vez que possui percentual elevado para esse tema.

O percentual de católicos nessas Concentrações Urbanas predomina em quase todos os tipos, alcançando resultados acima de 75% nos tipos B de “Natal/RN”, “São Luís/MA” e “Maceió/AL” e tipo C de “Belém/PA”. Em geral, os percentuais mais elevados de católicos se localizam nas áreas com melhores condições de vida. Destaca-se o caso de “Vitória/ES”, que apresenta os mais baixos índices de católicos nos tipos E, F, H e G, sendo equivalentes à proporção de evangélicos (em torno de 40%) nessas áreas³². Em Manaus (AM) (tipos G, J e H) e “Goiânia/GO” (tipos G, F e H) os percentuais de evangélicos também são relevantes, característica essa comumente encontradas em áreas com mais baixas condições de vida.

32 Efetivamente, nos tipos H e G, os evangélicos superam ligeiramente o percentual de católicos.

Gráfico 9 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, na Concentração Urbana de “Belém/PA”



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Os percentuais dos sem religião são mais significativos na “Baixada Santista/SP”, nos tipos I e H (22,7% e 16,1%, respectivamente), e “Vitória/ES”, nos tipos H e G (18,4% e 17,3%, respectivamente). Candomblé, Umbanda e religiões afro-brasileiras correlatas possuem maiores valores em “Campinas/SP”, tipo B (6,9%), e “Baixada Santista/SP”, tipos D, E e G (por volta de 4,5%, cada um).

Em relação à cor, as Concentrações nesta faixa populacional possuem três situações: tipos onde predominam brancos, tipos onde predominam pardos e tipos de maior diversidade. As Concentrações de “Campinas/SP” e “São José dos Campos/SP” apresentam vários de seus tipos no primeiro caso, com predominância de brancos, acima de 60%. Outras Concentrações seguem esse padrão, porém limitadas a alguns tipos somente, é o caso de “São Luís/MA” (B) “Natal/RN” (B e C), “João Pessoa/PB” (C), “Maceió/AL” (B), “Vitória/ES” (A, B e C), “Baixada Santista/SP” e “Goiânia/GO” (C e D). Os mais altos percentuais de brancos são registrados em “Campinas/SP” (A ao C), “Baixada Santista/SP” (C) e “São José dos Campos/SP” (C), com mais de 88%.

A maior presença de pardos, com percentuais superiores a 60%, são comuns em quase todos os tipos de Manaus (AM) e “Belém/PA”, além de “São Luís/MA” (H, J e K), “Natal/RN” (H), “Maceió/AL” (J) e “Vitória/ES” (G, H e I). Os maiores valores, por volta de 70%, figuram nas Concentrações de Manaus (AM), “Belém/PA” e “São Luís/MA” localizados nos tipos com mais baixas condições de vida.

A terceira situação, na qual ocorre um equilíbrio entre os percentuais de brancos e pardos e eventualmente uma participação de pretos mais expressiva, é registrada em vários tipos das Concentrações de “João Pessoa/PB”, “Vitória/ES” e “Goiânia/GO”. Os maiores valores de pessoas que se declararam pretas ocorrem em “São Luís/MA” (tipos G e H), na faixa de 16,5%.

A estrutura de ocupação³³ revela uma dualidade na sua distribuição, uma vez que os profissionais mais qualificados figuram com percentuais mais altos nos tipos de A ao D e os menos qualificados aumentam paulatinamente nos tipos de E ao K. Ocupações como dirigentes e profissionais de ciência e intelectuais, figuram com valores expressivos de A ao D. A título de exemplo, pode-se citar o tipo A das Concentrações de “Vitória/ES” e “Campinas/SP” que possuem grupos ocupacionais com maior qualificação e valores próximos a 40% de profissionais em ciências e intelectuais e, aproximadamente 18% de dirigentes.

O comércio aparece como o principal empregador nos tipos E e F, podendo-se ressaltar “Natal/RN”, “João Pessoa/PB” e “Baixada Santista/SP”, com percentuais na ordem 26,5%. Seguido a essas ocupações, mas com percentuais inferiores, figuram as ocupações elementares e os operários qualificados, na faixa de 15,5% e 11,5% respectivamente.

Dos tipos G ao K os padrões são similares, na qual os maiores percentuais são verificados nas ocupações elementares, seguidas das ocupações do comércio e operários qualificados. Nesse contexto destacam-se os tipos J de “João Pessoa/PB”, “Vitória/ES” e “Maceió/AL”, além do tipo I da “Baixada Santista/SP”, com participação na faixa de 31% em ocupações elementares. No comércio pode-se citar “Belém/PA” (G, H, I e J), “João Pessoa/PB” (G), “Maceió/AL” (G) e “Baixada Santista/SP” (G), com percentuais em torno de 26,5%. Por fim, para operários qualificados, figuram com maiores valores (≈19,5%) os tipos H de “Baixada Santista/SP”, “São Luís/MA” e “São José dos Campos/SP”.

Acima de 750 000 a 1 milhão de habitantes

As Concentrações Urbanas acima de 750 000 a 1 milhão de habitantes são centros de articulação do território em escala regional, sendo importantes para a difusão de ideias, ordens e serviços, necessários a produção, movimentação de capital e gestão. Na hierarquia do sistema urbano do País (REGIÕES..., 2008), todas são Capitais Regionais A, à exceção de “Sorocaba/SP” que figura como Capital Regional C.

A estrutura social é menos diversificada em relação às demais Concentrações de maior porte populacional, já que são registrados de 6 a 8 tipos em cada uma dessas Concentrações. Os tipos mais ricos (A e B) reúnem uma proporção menor da população e, ademais, somente “Florianópolis/SC” apresenta o tipo A.

Neste porte populacional, há seis Concentrações Urbanas localizadas em todas as Grandes Regiões do País, à exceção da Norte. Desse conjunto, apenas “Sorocaba/SP” e “Florianópolis/SC” apresentaram semelhanças nos perfis de distribuição da população, segundo os tipos intraurbanos.

“Florianópolis/SC” e “Sorocaba/SP”

“Florianópolis/SC” e “Sorocaba/SP” apresentam a maior parte da população residindo em tipos intraurbanos com boas e médias condições

33 Ver Apêndice 3 para maior detalhamento referente aos nomes das ocupações.

de vida, sendo os mais relevantes os tipos C, D e E que, juntos, somam 85,5% da população de “Sorocaba/SP” e 73,6% da de “Florianópolis/SC”. Os tipos G e H figuram em menor proporção (somando 13,3% e 19,9%, respectivamente) e é interessante notar a ausência dos piores tipos I, J e K. Os tipos A e B só são registrados em “Florianópolis/SC”, abarcando 4,6% da população (Gráfico 10).

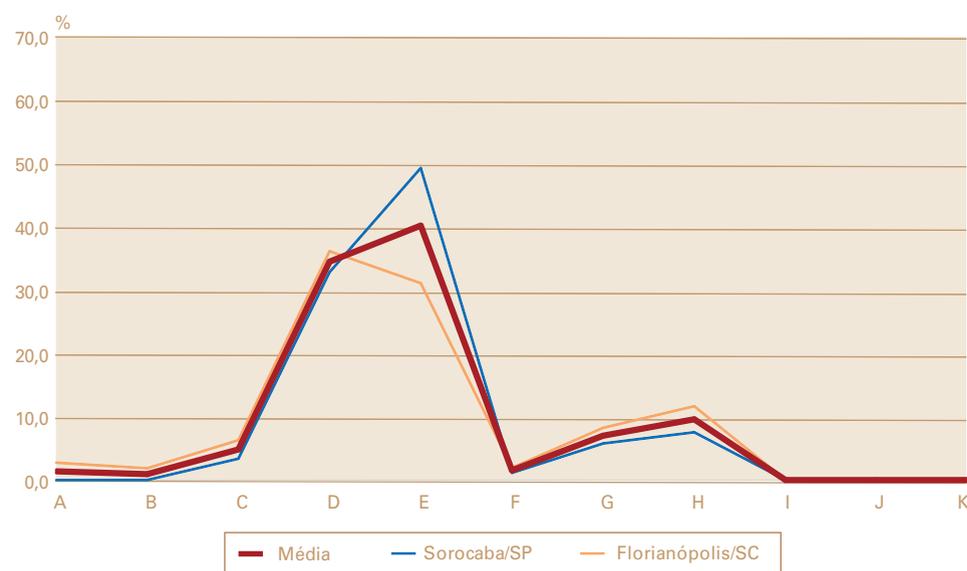
A inauguração da Estrada de Ferro Sorocabana, em 1875, incentivou a implantação de indústrias têxteis de origem inglesa que se instalaram em Sorocaba. A cidade obteve grande desenvolvimento, com aumento expressivo de sua população e elevação à condição de município. O processo de industrialização de Sorocaba passou por mudanças significativas, e hoje, a Concentração Urbana é um polo industrial consolidado, de porte médio, que conta com um setor de serviços produtivos e forte presença de indústrias dinâmicas e tradicionais (PEREIRA; LEMOS, 2004). A proximidade com a metrópole paulista incentivou o crescimento de uma economia variada. O parque tecnológico orienta a localização industrial em direção à Rodovia Castello Branco (SP-280) e conta com a implantação de uma logística que inclui a presença de empresas âncoras, centros comerciais e indústrias, equipamentos e serviços com a finalidade de incentivar a instalação de empreendimentos.

Com a sua forma radial (Mapa 47, Apêndice 1), possui as áreas com boas condições de vida, no tipo C, localizadas no Município de Sorocaba, próximas ao Município de Votorantim, no entorno da Rodovia Raposo Tavares (SP-270), em bairros como Jardim Eltonville e Jardim Isaura. Outras áreas com boas condições de vida, no tipo D, formam uma envoltória às áreas mais ricas, seguindo os dois lados da linha férrea, em bairros como Vila Progresso e Cidade Jardim. Áreas com médias condições de vida se posicionam vizinhas às anteriores, como parte da mancha urbanizada principal, majoritariamente em Sorocaba (a exemplo dos Bairros de Parque das Laranjeiras e daqueles no entorno do aeroporto) e Votorantim (Jardim Ana Claudia e Jardim Icatu). Os tipos com baixas condições de vida (G e H) localizam-se nas manchas urbanizadas que orbitam a principal, em especial nos Municípios de Araçoiaba da Serra, Salto de Pirapora e Alumínio. Em Sorocaba, são representadas pelas áreas próximas à Itu acompanhando a Rodovia Senador José Ermírio de Moraes (SP-075).

O Século XIX marca, em “Florianópolis/SC”, um período de desenvolvimento para o núcleo da Concentração, quando se tornou capital de Santa Catarina e recebeu investimentos públicos com a melhoria do porto e a construção de prédios públicos. A construção da Ponte Hercílio Luz, na década de 1920, representou um marco no crescimento urbano de Florianópolis por ligar a Ilha de Santa Catarina ao continente. Com a construção da Rodovia BR-101, a urbanização se consolidou em direção a São José, Biguaçu e Palhoça, que se fundem a Florianópolis, uma vez que as vias de acesso à rodovia passaram a abrigar depósitos, oficinas e atividades industriais. A economia de “Florianópolis/SC” destaca-se nos setores de turismo e de serviços, em particular no tecnológico e na presença de empresas de serviços públicos.

A Concentração de “Florianópolis/SC” (Mapa 53, Apêndice 1) possui forma urbana condicionada pelo relevo, em especial no que tange à Ilha de Santa Catarina. As áreas mais ricas estão localizadas próximas ao Centro (tipo A e B), alinhadas à Avenida Jornalista Rubens de Arruda Ramos (Beiramar Norte). Também com boas condições de vida, figuram os tipos C e D em bairros insulanos como Itacorubi e Trindade, próximos ao Centro, ou variadas áreas alinhadas à costa, por toda a Ilha, como Campeche e Lagoa da Conceição, além de áreas com características turísticas, como Ingleses e Jurerê. Na parte conti-

Gráfico 10 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, nas Concentrações Urbanas de “Florianópolis/SC” e “Sorocaba/SP”



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

mental de Florianópolis há, ainda, áreas do tipo C (Bairro de Coqueiros, por exemplo) e uma grande área do tipo D (bairros como Estreito), que extravasa para o Município de São José (bairros como Barreiros e Campinas).

Áreas com medianas condições de vida são encontradas próximas ao Centro de Florianópolis, em encostas vizinhas a áreas de aglomerados subnormais, áreas como Ponta das Canas ou ao longo da Rodovia Baldicero Filomeno. No continente, localizam-se nas áreas mais distantes da mancha urbanizada principal, seguindo a BR-101, especialmente nos Municípios de Palhoça, Governador Celso Ramos e Biguaçu, além de áreas em São José e Santo Amaro da Imperatriz (Centro). Os tipos G e H, com baixas condições de vida, encontram-se em Monte Cristo, em Florianópolis, no eixo da SC-281, em direção a São Pedro de Alcântara, e nas áreas urbanizadas mais afastadas, assim como no Rio Vermelho.

Campo Grande (MS)

A Cidade de Campo Grande foi fundada no ano de 1899, em uma área de topografia plana, um planalto próximo ao divisor de águas de duas importantes bacias hidrográficas: as dos Rios Paraná e Paraguai. Sendo uma cidade planejada, possui avenidas largas nos sentidos norte-sul e leste-oeste, que formam um tabuleiro de xadrez. O aumento populacional aliado ao papel político-

administrativo da Concentração contribui para o fortalecimento de uma economia apoiada nos serviços. A agroindústria é um setor importante na composição da economia de Campo Grande, com destaque para os derivados de soja, milho, arroz e mandioca. Outro segmento importante é o da pecuária, com a presença de frigoríficos que abastecem o mercado nacional. O quadro industrial diversificado conta, ainda, com plantas industriais nos gêneros têxtil, vestuário, calçados e artefatos de tecidos, mobiliário, laticínios, bebidas (sucos e extrato de frutas, água mineral e refrigerantes), metalúrgica, transporte, mecânica, material elétrico e de comunicação e curtume.

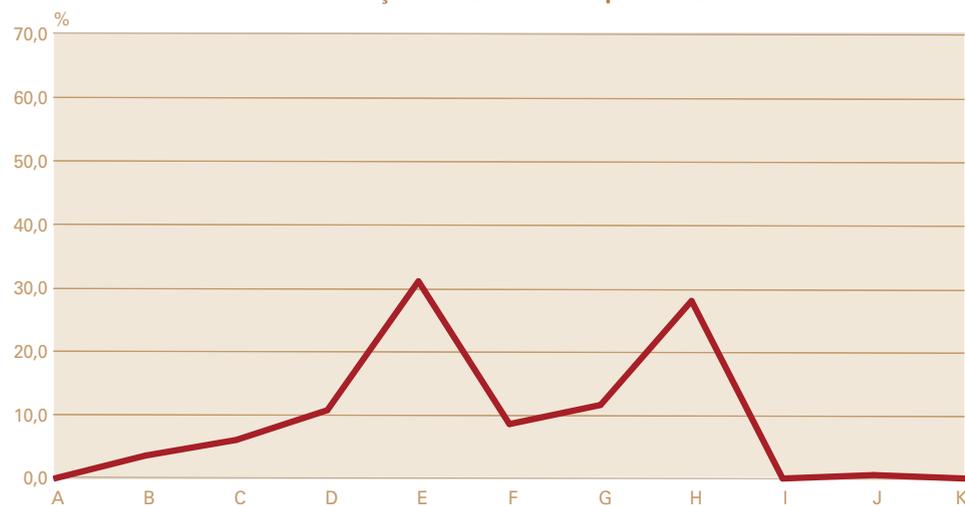
A população de Campo Grande (MS) se distribui (Gráfico 11) em dois tipos principais, E e H, seguidos de outros tipos em percentuais mais baixos, D, F e G. Formada principalmente por uma única mancha urbanizada (Mapa 63, Apêndice 1), e com várias rodovias irradiando-se em todas as direções, a cidade apresenta uma pequena proporção de pessoas (3,6%) residindo em áreas mais ricas do tipo B, a exemplo dos Bairros de Santa Fé e Cidade Jardim. A área central (Bairros do Centro, São Francisco e Glória, por exemplo) é classificada com boas condições de vida (tipo C), tendo a oeste e sul as áreas do tipo D (Amambai e Vilasboas).

Áreas com médias condições de vida (tipos E e F) circundam, de forma geral, as melhores, sendo o caso dos Bairros de Tiradentes e Universitário, a leste e sul, nas proximidades da Rodovia BR-163; Piratininga, nas proximidades da BR-060; Santo Amaro, a nordeste; e Coronel Antonino, a norte. As áreas com baixas condições de vida localizam-se mais afastadas do Centro, nas bordas da mancha urbanizada principal, próximas aos eixos viários, como é o caso do Bairro de Noroeste (BR-102); Nova Lima, próximo à BR-163; Vila Popular (Avenida Duque de Caxias); e Jardim Taruma e Los Angeles, vizinhos à BR-260.

“Cuiabá/MT”

A Cidade de Cuiabá foi criada em 1719 por bandeirantes às margens do Rio Coxipó. A descoberta de ouro atraiu migrantes para a região, mas as lavras, pouco lucrativas, logo foram abandonadas. Somente a partir da década de 1960, com a construção de Brasília, e a mudança da capital federal, firma-se o crescimento populacional para a região e, em particular, para Cuiabá. A Concentração Urbana tem um papel relevante no apoio ao agronegócio, base da economia do estado, que movimenta um volume importante de produtos para a pauta de exportação brasileira.

Gráfico 11 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, na Concentração Urbana de “Campo Grande/MS”



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Também vem crescendo o turismo ecológico e cultural, fruto da localização de Cuiabá próxima a três grandes ecossistemas brasileiros: o Pantanal, o Cerrado e a Amazônia, além da Chapada dos Guimarães e de uma arquitetura colonial.

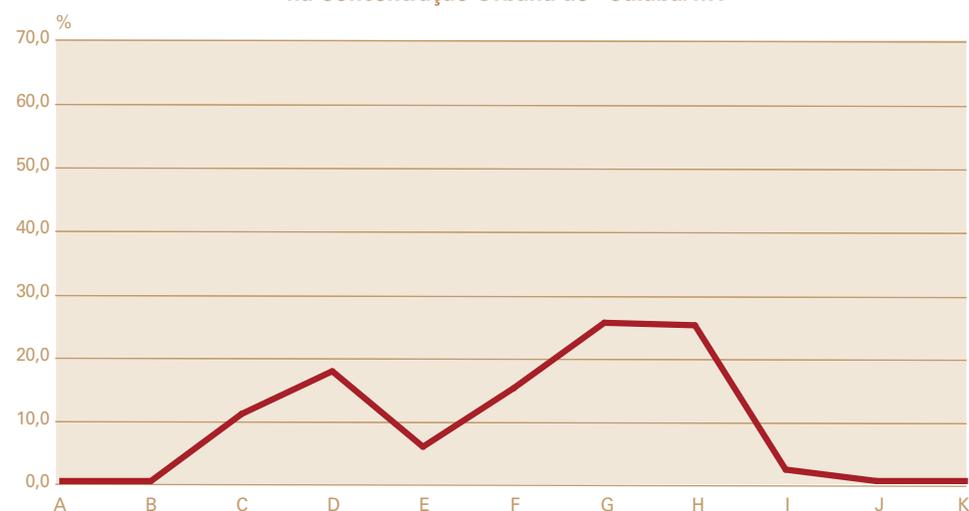
Na Concentração de “Cuiabá/MT” (Mapa 61, Apêndice 1), os tipos G e H compõem um conjunto principal (49,9%), enquanto os tipos C e D formam um conjunto secundário (28,1%), conforme pode ser visto no Gráfico 12. O tipo F abrange 14,8% da Concentração e, além disso, os demais tipos (E e I) abarcam 5,4% e 1,8%, respectivamente. A área central de Cuiabá e algumas de suas áreas circunvizinhas possuem as melhores condições de vida. O tipo C encontra-se em alguns bairros como Consil e Jardim das Américas, já o tipo D, em áreas como Centro e Cidade Alta. Outras duas áreas do tipo D localizam-se um pouco mais afastadas do Centro de Cuiabá, sendo exemplo Ouro Fino e a área central do Município de Várzea Grande.

Áreas com medianas condições de vida estão entremeadas no tecido urbano, como o entorno da Avenida das Torres (tipo E) e nas bordas da Cidade de Cuiabá, junto à Rodovia BR-070 (tipo F), e vizinhas às melhores áreas de Várzea Grande. O mesmo comportamento ocorre com os tipos de piores condições de vida (tipos G, H e I), já que se encontram entremeados na mancha urbana, apesar de haver uma maior concentração em suas bordas. São os casos de São João del Rei, Primeiro de Março e Canjica, em Cuiabá; e Mapim, Jardim Ouro Verde e Parque do Sabiá, em Várzea Grande.

“Aracaju/SE”

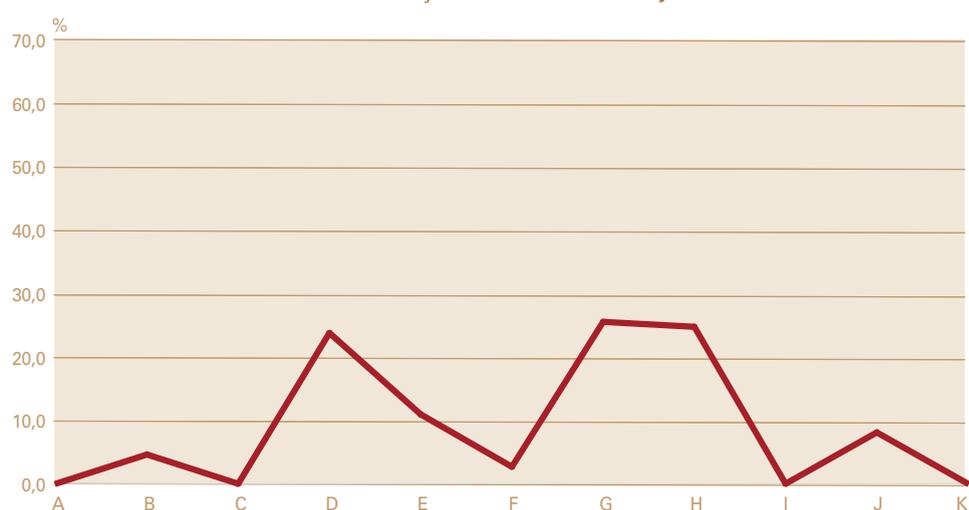
A Cidade de Aracaju foi a segunda capital estadual que nasceu planejada e seu plano urbano obedecia ao modelo de um tabuleiro de xadrez. A Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE incentivou nas décadas de 1960 e 1970 a implantação de um parque industrial em Sergipe, com a descoberta de petróleo, gás e potássio, ampliando, assim, a base econômica estadual, antes limitada às indústrias têxtil e de açúcar. A expansão da Concentração Urbana de “Aracaju/SE” ocorreu gradativamente, com o núcleo exercendo sua capacidade de polarizar população e economia. Os serviços são a base econômica predominante na Concentração, englobando atividades profissionais ligadas a educação e saúde, finanças e bancos, serviços públicos e comércio. Possui arranjos produtivos modernos em tecnologia da informação, saúde e serviços

Gráfico 12 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, na Concentração Urbana de “Cuiabá/MT”



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Gráfico 13 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, na Concentração Urbana de “Aracaju/SE”



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

para a indústria de petróleo e gás. O turismo está levando para o litoral, particularmente a Praia de Atalaia, uma infraestrutura de serviços e lazer que inclui hotéis, bares, restaurantes, espaços para atividades esportivas etc.

O perfil de distribuição da população em “Aracaju/SE” (Gráfico 13) revela dois grandes conjuntos principais, seguidos de dois tipos secundários. O primeiro conjunto relevante reúne os tipos D e E (34,6%), com boas e médias condições de vida, já o segundo, traz os tipos G e H (50,1%) com baixas condições de vida. Nos extremos encontram-se áreas mais ricas, abrangendo 4,6% da população no tipo B e áreas com baixíssimas condições de vida classificadas no tipo J (8,1%).

Com sua forma litorânea e condicionada pelo Rio Sergipe (Mapa 15, Apêndice 1), abriga a população mais rica (tipo B) junto às margens do rio, em bairros como Treze de Julho e Jardins. Essas áreas são cercadas por outras com boas condições de vida (bairros como Centro, Pereira Lobo e Inácio Barbosa) classificadas como tipo D, que se prolongam até o litoral, passando por Atalaia, alcançando o sul do município (a exemplo de Aruanda).

Áreas com médias condições de vida (tipos E e F) localizam-se de forma restrita em alguns pontos próximos ao Centro de Aracaju (Santo Antônio, por exemplo), em áreas de Marcos Freire

II, no Município de Nossa Senhora do Socorro; e em Eduardo Gomes, no Município de São Cristóvão. As áreas com baixas condições de vida (tipos G e H) encontram-se no norte do Município de Aracaju (como os Bairros de Lamarão e Olaria), estendendo-se para Nossa Senhora do Socorro. Os demais núcleos urbanos classificados com esses tipos distribuem-se por todos os demais municípios da Concentração, geralmente ao longo das vias. O tipo J, caracterizado como de baixíssimas condições de vida, localiza-se em lugares próximos ao Centro do Município de São Cristóvão e de Quiçamã, em Nossa Senhora do Socorro.

“Teresina/PI”

A Cidade de Teresina iniciou um crescimento populacional mais intenso a partir da década de 1950 e alcançou, em 2010, uma população de 814 230 habitantes, formando, conjuntamente, com Timon, uma Concentração Urbana de 969 690 habitantes, no mesmo ano. “Teresina/PI” possui uma economia com predominância do Produto Interno Bruto - PIB nas atividades de serviços, particularmente no núcleo, ademais, apresenta características comuns a outras Concentrações, principalmente as localizadas nas Regiões Norte e Nordeste. São elas: ampla abrangência espacial, uma vez que o sistema urbano tende a estabelecer uma grande diferença entre o maior centro urbano e as cidades restantes que articulam a economia estadual e regional; elevado tamanho populacional para o porte de sua economia, o que leva a formação de áreas residenciais com baixíssimas condições de vida; e a importância das funções político-administrativas para o desenvolvimento das Concentrações.

Dessa forma, a população se distribui (Gráfico 14), majoritariamente, em condições de vida medianas representados pelos tipos E e F (34%) e baixas, tipos G e H (45,5%). Outros dois subconjuntos de menor porte são registrados, sendo o primeiro áreas com boas condições de vida, tipos C e D (12,6%), e o segundo com baixíssimas condições de vida, tipos J e K (8%).

Com sua forma alongada, junto ao Rio Parnaíba (Mapa 8, Apêndice 1), na divisa com o Maranhão, possui áreas com boas condições de vida em bairros um pouco afastados do Centro, como Jóquei e Horto (tipo C), além de áreas no tipo D, a exemplo de Cristo Rei e Centro. Ao norte e sul desses bairros, encontram-se as maiores áreas da Concentração (tipo F), com medianas condições de vida, tais como os Bairros de Primavera (próximas ao Aeroporto) e São Pedro. Em

Gráfico 14 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, na Concentração Urbana de “Teresina/PI”



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Teresina, outros núcleos medianos são encontrados em Itararé (tipo E) e Campestre (tipo F), assim como no Centro de Timon (tipo F).

As áreas com baixas condições de vida encontram-se no entorno da Avenida Teresina, em Timon, e nas bordas da mancha urbanizada de Teresina, a exemplo de Mafrense, Santa Cruz, Samapi (tipo H) e Parque Ideal (tipo G). Timon reúne, ainda, todas as áreas com baixíssimas condições de vida da Concentração Urbana, como Bela Vista e Vila Angélica (tipo J), além de Cidade Nova (tipo K), com precárias condições de vida.

Análises complementares

A análise da faixa etária de crianças (0 a 14 anos de idade) revela que o padrão se assemelha aos das demais Concentrações já descritas de outros portes populacionais, ou seja, os maiores percentuais de crianças são registrados nos piores tipos intraurbanos, com relação às condições de vida. Nesse contexto, destacam-se os tipos K e J de “Teresina/PI”, I de “Cuiabá/MT” e J de “Aracaju/SE”, todos com percentuais superiores a 30%, figurando dentre as maiores proporções, quando comparado às demais faixas etárias. Em relação aos idosos, o quadro se repete, uma vez que as maiores parcelas desses ocorrem em áreas com boas condições de vida, a exemplo de “Florianópolis/SC” (tipos A e B), Campo Grande (C), “Aracaju/SE” (B) e em “Teresina/PI” e “Sorocaba/SP” (tipo D).

Nas Concentrações Urbanas desta faixa populacional, as famílias são compostas, predominantemente, por casais com filhos (por volta de 50%). Entretanto, alguns lugares possuem porções significativas de famílias formadas por casais sem filhos ou por mulheres sem cônjuges com filhos. No primeiro caso, destacam-se Campo Grande (MS) (tipo J) e “Florianópolis/SC” (B e C)³⁴, com valores entre 26,2% e 32,9%. Já no segundo caso, figuram “Florianópolis/SC”, tipo A (21,1%); “Teresina/PI”, tipo D (18,2%); e “Aracaju/SE”, tipo F (17,0%).

Em relação à religião, os católicos predominam em todos os tipos, principalmente em “Teresina/PI” (C, D, J e F)³⁵, acima de 80%. Os evangélicos possuem comumente parcelas significativas da população, sendo mais notórias³⁶ em Campo Grande (tipos H, G e E), “Cuiabá/MT” (I e H) e “Sorocaba/SP” (E, H e G), com percentuais entre 30% e 38%, ou aproximadamente $\frac{1}{3}$ da população. Os espíritas superam os 10% somente no tipo B de “Florianópolis/SC”, já os sem religião figuram com mais de 10% em 10 tipos distribuídos

nas Concentrações de “Florianópolis/SC” (C, F e D), Campo Grande (H, G e E), “Aracaju/SE” (H e J) e “Cuiabá/MT” (I e E).

Os resultados do quadro de cor ou raça para esta faixa populacional apontam predominância ora de brancos ora de pardos. Os brancos figuram em maior percentual nas Concentrações Urbanas de “Sorocaba/SP” e “Florianópolis/SC”, onde nesta última os valores estão acima de 90% nos tipos A, B e C. Os pardos são mais expressivos em tipos com piores condições de vida, em “Aracaju/SE” e “Teresina/PI” onde o tipo J alcança 76,1%. Ainda nessas Concentrações verifica-se a maior participação de pretos nos tipos H de “Aracaju/SE” e K de “Teresina/PI” (com 14,2% e 14,9% respectivamente). Concentrações como “Aracaju/SE”, “Sorocaba/SP”, Campo Grande (MS) e “Cuiabá/MT” têm como característica também uma maior diversidade na distribuição da cor ou raça por tipos intraurbanos.

Quanto à estrutura ocupacional³⁷ a análise permite concluir que algumas delas figuram com participações mais ou menos expressivas de acordo com os tipos intraurbanos. Os grupos ocupacionais de dirigentes e profissionais de ciências e intelectuais têm maior presença nos tipos A ao D, em especial nos dois primeiros mais ricos. “Aracaju/SE”, “Florianópolis/SC” e Campo Grande (MS) detêm os melhores valores nesses ocupacionais nos tipos A e B (por volta de 15,7% para os dirigentes e 37% para profissionais de ciências e intelectuais). Nos tipos C e D os percentuais de participação das ocupações citadas são menos elevados, estando em torno de 9,5% para a primeira e 24,3% para a segunda. Contudo, nesse patamar, essa característica se faz presente em todas as Concentrações Urbanas.

Nos tipos E e F a ocupação de maior relevância é dos vendedores do comércio em que se destacam as Concentrações de “Teresina/PI” e “Florianópolis/SC”, com percentuais de $\approx 26,6\%$. Cabe mencionar a proporção de operários qualificados nesses dois tipos, com “Sorocaba/SP” e “Florianópolis/SC” apresentando os maiores valores, na faixa de 17,9%.

Nos tipos G e H o padrão de distribuição anterior se assemelha, porém cresce a participação de ocupações elementares a exemplo das Concentrações de “Aracaju/SE” e “Sorocaba/SP” onde os percentuais estão em torno de 26%. O mesmo ocorre na distribuição dos tipos I e J, sendo que as ocupações elementares crescem mais fortemente alcançando 40,5% das pessoas ocupadas em Campo Grande (MS).

34 Cabe ressaltar que dos 10 percentuais mais elevados, segundo tipo intraurbano, nesta faixa populacional, “Florianópolis/SC” tem seis representantes (tipos B, C, F, D, A e H, em ordem decrescente de percentual).

35 Ao se avaliar os 23 maiores percentuais (de um total de 44), segundo os tipos intraurbanos, nesta faixa populacional, “Teresina/PI”, “Aracaju/SE” e “Florianópolis/SC”, destacam-se com oito, sete e cinco tipos, respectivamente.

36 Ao se avaliar os 17 maiores percentuais (de um total de 44), segundo os tipos intraurbanos, nesta faixa populacional, constata-se que Campo Grande (MS), “Cuiabá/MT” e “Sorocaba/SP” concentram seis, seis e cinco tipos respectivamente.

37 Ver Apêndice 3 para maior detalhamento referente aos nomes das ocupações.

Entre 500 000 e 750 000 habitantes

Neste patamar populacional, o papel das Concentrações Urbanas, na hierarquia de cidades, é muito similar ao do supradescrito, ou seja, possuem uma função de articulação regional, pois atuam na difusão de ideias e ordens, na articulação da produção e no fornecimento de bens e serviços aos municípios de sua área de influência.

Entretanto, possuem um nível de complexidade ligeiramente menor do que a faixa entre 750 000 e 1 milhão de habitantes. Tal fato é corroborado em pontos como: a hierarquia das concentrações (REGIÕES..., 2008), uma vez que nove são Capitais Regionais B, uma é Capital Regional C (Ipatinga), uma é Centro de Zona A (Jundiaí) e outra Centro Sub-Regional A (Foz Iguaçu); pela estrutura social menos diversificada, pois apresentam entre quatro e cinco tipos intraurbanos cada uma; e, por fim, pelo seu próprio porte populacional, menos elevado.

Dentre as 12 Concentrações Urbanas, uma se localiza na Região Nordeste, seis na Sudeste e cinco na Sul. Os perfis de distribuição da população, segundo a tipologia intraurbana, permite identificar quatro padrões que reúnem 10 Concentrações, além de duas distribuições

particulares. Possuem a característica de praticamente não existirem pessoas residindo nos tipos A e B (à exceção de “Maringá/PR”) e nos tipos I, J e K (à exceção de “Londrina/PR”). Outro ponto a se destacar diz respeito à peculiaridade de que nenhuma delas se localiza no litoral.

O primeiro padrão (Gráfico 15) reúne Concentrações Urbanas que, no geral, possuem população residente em boas e médias condições de vida. São áreas dos tipos C e D que, conjuntamente, abarcam em torno de 28% da população, ou do tipo E, que congrega por volta de 53% dos residentes. Com uma parcela inferior, figuram os tipos G e H (baixas condições de vida), com participação aproximada de 9% e 8%, respectivamente. Nessa conjuntura, cabe destacar que tais percentuais indicam a capacidade que essas Concentrações possuem de prover à maioria dos seus habitantes condições de vida em patamares superiores aos das demais Concentrações analisadas neste trabalho.

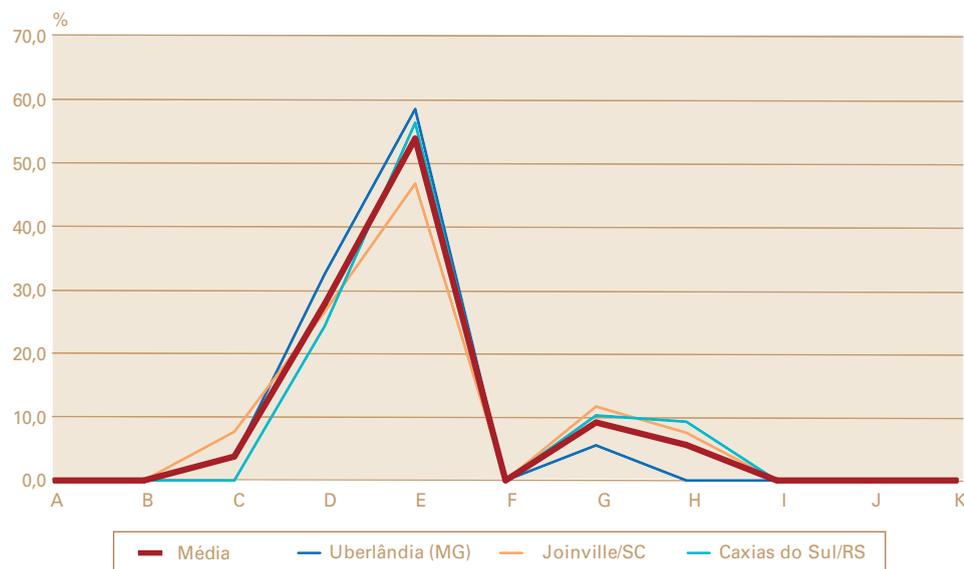
Apesar das similaridades no perfil de distribuição da população segundo os tipos intraurbanos, tais Concentrações possuem características diferenciadas em relação à sua forma. Uberlândia (MG), com sua forma contígua, praticamente formada por só uma mancha urbanizada, possui as melhores áreas (tipo C) cercadas pelo tipo D que, por sua vez, estão cercadas pelo tipo E.

“Joinville/SC” (Mapa 55, Apêndice 1) apresenta, de modo geral, um padrão semelhante ao de Uberlândia (MG), com relação às melhores condições de vidas estarem envolvidas pelas condições medianas. Entretanto, constata-se, também, ao norte do município sede, alguns núcleos com baixas condições de vida próximos aos tipos C e D, assim como outros na borda da mancha urbanizada, além daqueles no Município de Araquari.

“Caxias do Sul/RS” (Mapa 59, Apêndice 1) possui dois núcleos com boas condições de vida, um no município sede e outro em Farroupilha. No primeiro caso, o tipo D é envolto pelo tipo E, já no segundo, o tipo D é vizinho de áreas classificadas como tipos E e G. As baixas condições de vida (G e H) encontram-se, também, nas bordas das manchas urbanizadas principais dos dois municípios, assim como nos fragmentos mais distantes, próximos às rodovias.

O segundo padrão (Gráfico 16) congrega as Concentrações Urbanas de “Ribeirão Preto/SP” e “Londrina/PR”, em que há predominância da população residindo em áreas com medianas condições de vida, por volta de 52%. Outros

Gráfico 15 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, nas Concentrações Urbanas de Uberlândia (MG), “Joinville/SC” e “Caxias do Sul/RS”



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

dois conjuntos, com participações equivalentes, porém menores, são registrados: um reunindo boas condições de vida (tipos C e D), em torno de 26%; e outro, formado pelo tipo G, que abrange por volta de 20% da população.

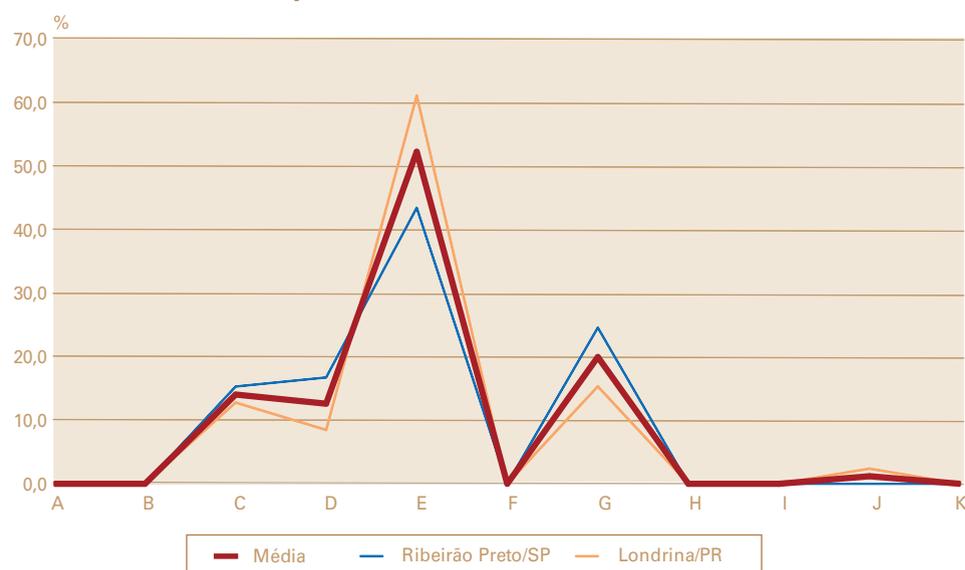
“Londrina/PR” (Mapa 51, Apêndice 1) possui as áreas com boas condições de vida presentes somente no município sede. Já as áreas com médias condições de vida ocupam uma grande área no Município de Londrina, que se estende para leste e oeste, nos Municípios de Cambé e Ibiporã, pela Rodovia BR-369. As áreas com baixas condições de vida estão, pontualmente, localizadas nas margens da mancha urbanizada principal e no Município de Jataizinho. Uns poucos núcleos isolados, ao sul do município sede, são classificados como tipo J (2,4% da população).

“Ribeirão Preto/SP” (Mapa 42, Apêndice 1) possui, no município sede, uma grande área com boas condições de vida, sendo expressivas tanto no tipo C, quanto no D. Vizinho a este último tipo, encontram-se as áreas com médias condições de vida que, também, apresentam-se nas áreas centrais dos Municípios de Jardinópolis, Brodowski, Serrana e Cravinhos. Áreas com baixas condições de vida encontram-se entremeadas junto aos demais tipos, sendo registradas em todos os municípios da Concentração, à exceção de Brodowski.

O terceiro padrão identificado (Gráfico 17) reúne as Concentrações de “Ipatinga/MG”, “Juiz de Fora/MG” e “São José do Rio Preto/SP”. Caracteriza-se por possuir a maior parte de suas populações residindo em áreas com médias condições de vida, tipo E (por volta de 63%). Outras duas parcelas de menor peso também são registradas: uma referente às boas condições de vida, tipos C e D (por volta de 20%, somadas) e uma referente às baixas condições de vida, tipo H (em torno de 12%).

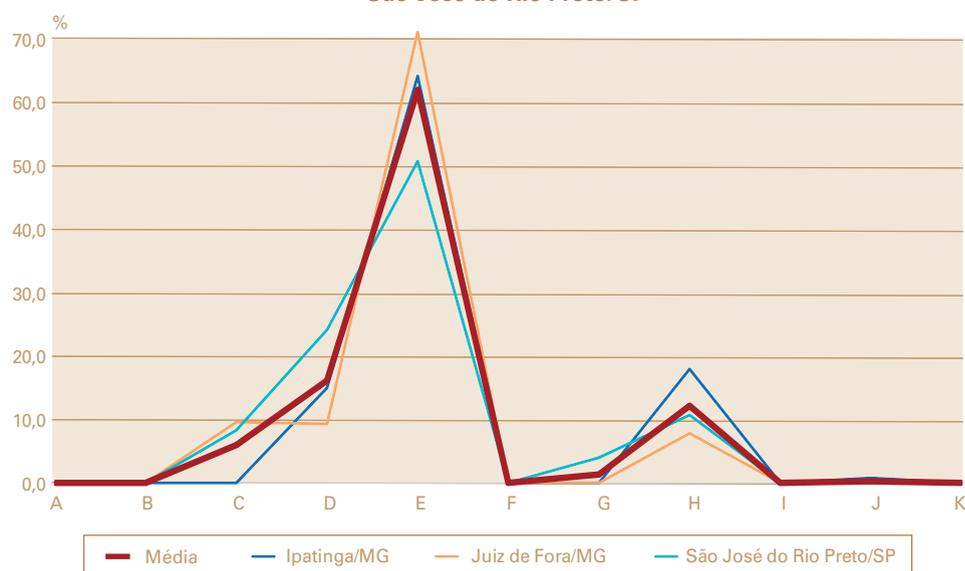
“São José do Rio Preto/SP” (Mapa 40, Apêndice 1) possui as áreas com boas condições de vida localizadas somente no município sede, geralmente próximas ao Centro, já aquelas com médias condições de vida são encontradas, principalmente, do lado norte da ferrovia em São José do Rio Preto e na maioria dos demais municípios da Concentração. As baixas condições de vida distribuem-se em vários fragmentos urbanos, em especial ao norte de São José do Rio Preto e ao sul (seguindo a Rodovia Washington Luís, SP-310, e a ferrovia), assim como em municípios como Nova Aliança, Mirassolândia, Ipiratuba e Cedral.

Gráfico 16 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, nas Concentrações Urbanas de “Ribeirão Preto/SP” e “Londrina/PR”



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Gráfico 17 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, nas Concentrações Urbanas de “Ipatinga/MG”, “Juiz de Fora/MG” e “São José do Rio Preto/SP”



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

“Juiz de Fora/MG” (Mapa 28, Apêndice 1) possui tanto as áreas com boas condições de vida (localizadas próximas ao Centro, alinhadas à ferrovia e encaixadas nos vales), quanto as com médias condições de vida (formando uma envoltória às melhores áreas) restritas ao município sede. As áreas com baixas condições de vida assentam-se em várias manchas urbanizadas dispersas pela concentração, em especial ao longo da Rodovia BR-040 e nos demais municípios.

Em “Ipatinga/MG” (Mapa 27, Apêndice 1), as boas e médias condições de vida localizam-se próximas umas às outras, distribuídas pelos Municípios de Coronel Fabriciano, Timóteo e Ipatinga. As baixas condições de vida encontram-se nos demais municípios da Concentração, sendo interessante notar que não estão presentes nos Municípios de Ipatinga e Coronel Fabriciano.

Por fim, o quarto padrão identificado (Gráfico 18) reúne as Concentrações de “Jundiaí/SP” e Internacional de “Foz do Iguaçu/Brasil-Ciudad del Este/Paraguai”. Essas têm em comum a população distribuída em dois grandes conjuntos: um formado por residentes em áreas com boas e médias condições de vida, representados pelos

tipos D e E, que juntos agregam cerca de 56% da população; e outro formado por residentes em áreas com baixas condições de vida, tipos G e H, que em conjunto abrangem aproximadamente 42% da população. Os extremos da distribuição revelam a ausência total dos tipos A e B, assim como dos tipos I, J e K, o mesmo ocorrendo para o tipo F.

“Jundiaí/SP” (Mapa 39, Apêndice 1) possui várias manchas urbanizadas distribuídas por todos os municípios da Concentração, geralmente acompanhando a densa malha viária da região. A mancha urbanizada principal posiciona-se alinhada à Rodovia Anhanguera (SP-330), no Município de Jundiaí, estendendo-se até os Municípios de Várzea Paulista e Campo Limpo Paulista. Nesse último localizam-se áreas com boas condições de vida (tipo D), porém as maiores (tipos C e D) são encontradas no município sede. As médias condições de vida são registradas em todos os municípios, com exceção de Cabreúva, Louveira e Jarinu, onde são registradas grandes áreas com baixas condições de vida (tipos G e H). Em Jundiaí essas áreas localizam-se nas bordas da mancha urbanizada e vizinhas às melhores áreas, na porção noroeste, margem esquerda da Rodovia Anhanguera sentido Campinas.

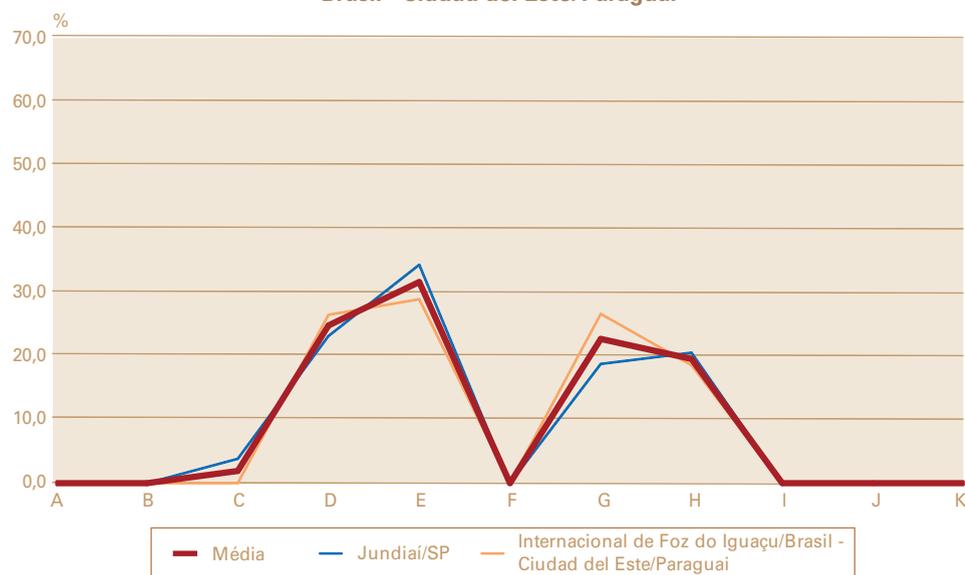
Em Internacional de “Foz do Iguaçu/Brasil-Ciudad del Este/Paraguai”³⁸ (Mapa 49, Apêndice 1), as boas condições de vida são posicionadas ao longo do Rio Paraguai, na direção norte-sul. Essas, em geral, são cercadas por áreas com médias condições de vida que, por sua vez, possuem como vizinhas áreas com baixas condições de vida que alcançam as bordas da mancha urbanizada. Os tipos G e H são relevantes, também, no Município de Santa Terezinha de Itaipu e ao longo das rodovias federais que chegam a Foz do Iguaçu.

Com perfis próprios de distribuição da população (Gráficos 19 e 20) nessa faixa populacional, Feira de Santana (BA) e “Maringá/PR”, possuem em comum a ausência dos piores tipos (I, J e K), assim como, nenhum ou quase nenhum contingente populacional residindo nos tipos A, B e C.

Feira de Santana (BA) (Mapa 20, Apêndice 1), com sua forma peculiar na qual a maior parte da mancha urbanizada localiza-se dentro dos limites da Avenida do Contorno (Avenida Eduardo Fróes da Mota), possui as áreas com boas condições de vida (10,1%, tipo D) posicionadas a partir do Centro, seguindo a Avenida Getúlio Vargas. Áreas com medianas condições de vida são encontradas dentro do anel viário na parte Oeste da cidade, comportando 33,1% da população (tipo E).

38 As áreas urbanizadas não foram mapeadas nos países vizinhos à Concentração, nem a tipologia foi estudada, uma vez que os dados utilizados são oriundos do Censo Demográfico 2010 que cobriu somente o território brasileiro.

Gráfico 18 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, nas Concentrações Urbanas de “Jundiaí/SP” e “Internacional de Foz do Iguaçu/Brasil - Ciudad del Este/Paraguai”



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Cercando externamente quase que a totalidade do anel viário, localizam-se as áreas com baixas condições de vida (50,1%, considerando os tipos G e H), que também se prolongam pelas rodovias que chegam à Feira de Santana.

“Maringá/PR” (Mapa 50, Apêndice 1), por sua vez, apresenta os locais mais ricos junto à área central do município sede, abarcando aproximadamente 2% da população no tipo B. Cercando essas áreas, figuram outras com boas condições de vida, que representam 23,5% dos residentes no tipo D. A maior parte da população (43,5%), com medianas condições de vida (tipo E), localiza-se vizinha às melhores áreas, no Município de Maringá, assim como em porções de outros municípios (Mandaguçu, Paiçandu e Itambé). As áreas com baixas condições de vida reúnem 31,1% da população nos tipos G e H, sendo registradas em quase todos os municípios, em especial no de Sarandi.

Análises complementares

A estrutura familiar apresenta algumas particularidades em algumas Concentrações. Em “Juiz de Fora/MG”, o tipo C possui o mais baixo percentual de casais com filhos dentre as Concentrações nesta faixa populacional (35,4%). De modo geral, os casais sem filhos se localizam nos tipos com melhores condições de vida. No entanto, em “São José do Rio Preto/SP”, o tipo H, considerado de baixas condições de vida, abarca um percentual elevado de casais sem filhos (25,1%), ao se comparar com as demais Concentrações.

Os católicos predominam na maioria dos tipos intraurbanos dessas Concentrações, sendo muito expressivos em “Caxias do Sul/RS” (tipos G, D, H e E, com mais de 75%), porém, em “Ipatinga/MG” (tipos H e E), encontra-se uma situação de equivalência em relação aos evangélicos, por volta de 42%. Inclusive, ao se analisar os sete maiores percentuais de evangélicos, segundo os tipos intraurbanos, nota-se que “Ipatinga/MG” participa com mais da metade dos casos (quatro registros). Da população sem religião, os três maiores valores são registrados em Feira de Santana (BA), tipos H, G e E, em torno de 13,5%. O maior percentual de praticantes de Umbanda, Candomblé e religiões afro-brasileiras correlatas foi registrado em Internacional de “Foz do Iguaçu/Brasil-Ciudad del Este/Paraguai”, tipo D (11,8%), sendo quase o dobro do segundo e terceiros colocados localizados em Uberlândia (tipos C e G).

De modo geral, a população predominante nessa faixa populacional é de brancos seguidos de pardos. Com mais de 85%, os

maiores percentuais de brancos localizam-se nos tipos C, das Concentrações de “Joinville/SC”, “Juiz de Fora/MG”, Uberlândia (MG), “Jundiaí/SP”, “Ribeirão Preto/SP” e “São José do Rio Preto/SP” e tipos D, de “Caxias do Sul/RS” e “Joinville/SC”. Os pardos são maioria (de 50,8% a 59,1%) em vários tipos das Concentrações de Feira de Santana (BA) (E, F, G e H) e “Ipatinga/MG” (E, H e J), e ainda em Uberlândia (MG) (tipo G). Algumas dessas áreas possuem valores expressivos, também, de pretos (de 15,0% a 27,4%), como é o caso de Feira de Santana (BA) (D, E, G e H) e “Ipatinga/MG” (J), além de “Juiz de Fora/MG” (tipos E e H). Os amarelos

Gráfico 19 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, na Concentração Urbana de Feira de Santana (BA)



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Gráfico 20 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, na Concentração Urbana de “Maringá/PR”



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

são pouco expressivos no conjunto dessa faixa populacional, porém cabe destacar o tipo B de “Maringá/PR” e C de “Londrina/PR” que figuram com percentuais em torno de 10%, cada um.

A análise do trabalho por grupo ocupacional³⁹ revela que os tipos B, C e D, possuem percentuais relevantes em pessoas ocupadas como dirigentes, profissionais das ciências e intelectuais e técnicos de nível médio. No primeiro destacam-se as Concentrações de “Maringá/PR” (tipo B, 23,6%), “Joinville/SC” (C, 16,9%) e “Jundiaí/SP” (C, 15,8%); no segundo os tipos C de “Juiz de Fora/MG” (34,9%) e “São José do Rio Preto/SP” (34,8%); e no terceiro, o tipo C de Uberlândia (MG) (16,4%) e tipos D de “Londrina/PR” (14,5%) e “Caxias do Sul/RS” (14,4%).

Para as áreas do tipo E, os destaques vão para os grupos ocupacionais de vendedores do comércio, operadores de máquinas, operários qualificados e de ocupações elementares. Vendedores do comércio são mais expressivos, assim, nas Concentrações de Feira de Santana (BA), “Juiz de Fora/MG”, “Ribeirão Preto/SP”, “São José do Rio Preto/SP” e “Internacional de Foz do Iguaçu/Brasil-Ciudad del Este/Paraguai”, com percentuais entre 20,9% e 28,1%. Os operadores de máquinas (≈12,7%) e operários qualificados (≈18%) sobressaem em “Ipatinga/MG”, “Joinville/SC” e “Caxias do Sul/RS”, compatível com o perfil industrial delas. Já as ocupações elementares, os maiores valores são verificados em “Juiz de Fora/MG” (19,3%), “Internacional de Foz do Iguaçu/Brasil-Ciudad del Este/Paraguai” (18,4%) e “Londrina/PR” (18,3%).

O padrão de ocupação dos tipos G e H assemelha-se ao anterior, porém com valores mais expressivos em ocupações elementares (destaque para “Juiz de Fora/MG”, com 35,6%), operadores de máquinas (“Joinville/SC” e “Caxias do Sul/RS”, ≈18%) e operários qualificados (“Ipatinga/MG” e Uberlândia (MG), ≈21,3%). No tipo J os maiores valores encontram-se para as ocupações elementares (≈30%).

Menor que 500 000 habitantes

As Concentrações Urbanas entre 300 000 e 500 000 habitantes, além de Boa Vista (RR) e Palmas (TO), somam 27 unidades urbanas, desse total 18 agrupam-se em sete padrões semelhantes na distribuição da população, segundo a tipologia intraurbana. Os padrões identificados, tanto aqueles que agrupam Concentrações, como os que denotam um comportamento próprio, são bastante diversos e indicam a varia-

bilidade da estrutura social das Concentrações de menor tamanho populacional. Os mapas dos tipos intraurbanos encontram-se no Apêndice 1 e os gráficos de distribuição da população segundo os tipos intraurbanos no Apêndice 5.

Algumas características, porém, são comuns em todas as Concentrações, tais como: nenhuma delas possui áreas dos tipos A e B, todas são formadas por uma quantidade limitada de tipos intraurbanos e é comum que a estrutura social não seja contínua, ocorrendo vazios. Esses comportamentos estão associados ao porte populacional e econômico, uma vez que são Concentrações voltadas para algumas atividades produtivas específicas, especializadas, o que diminui a complexidade na organização interna do tecido social urbano. Esse efeito é corroborado quando se constata que apenas cinco Concentrações apresentam o tipo C.

De maneira geral, destacam-se dois grupos de distribuição da população: o primeiro reúne maior presença de população nos grupos a partir do tipo F, com percentuais elevados nos piores tipos; e o segundo, com maior presença populacional nos tipos D e E, ainda que com a presença dos tipos G e H em menor escala.

As Concentrações da Região Norte e algumas do Nordeste apresentam as piores classificações. Rio Branco (AC), “Juazeiro do Norte/CE” e “Porto Velho/RO” iniciam seus tipos a partir do F, que configura áreas típicas das regiões citadas. Os piores tipos também apresentam valores relativos elevados de contingentes populacionais, particularmente nos tipos H, I e J. Boa Vista (RR) e Palmas (TO) destoam parcialmente ao padrão anterior, pois apresentam áreas do tipo D, sendo um percentual elevado (37,8%) na capital tocantinense. “Petrópolis/RJ” aproxima-se do comportamento dessas distribuições, uma vez que 58,3% de sua população reside em áreas do tipo H, situadas ao longo dos vales e rodovias mais distantes do Centro.

Uma outra característica nas Concentrações da Região Norte, nesta faixa populacional, é que todas são condicionadas pelos rios, com as melhores áreas próximas às suas margens, piorando as condições de vida à medida que se afastam delas.

Com a população distribuída em mais tipos intraurbanos, apresentando três conjuntos bem-marcados nos gráficos, surgem Concentrações do Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste, como “Campina Grande/PB”, Caruaru (PE), “Petrobrás/PE-Juazeiro/BA”, Vitória da Conquista (BA),

39 Ver Apêndice 3 para maior detalhamento referente aos nomes das ocupações.

Anápolis (GO) e “Campos dos Goytacazes/RJ”. Nelas registra-se considerável população nos tipos D e E, nos tipos G ou H e no tipo J. Em comum, são Concentrações que figuram como centros regionais de articulação urbana em seus estados. Os padrões encontrados nessas Concentrações são preferencialmente radiais, com o tipo J comumente estendendo-se alinhado a rodovias.

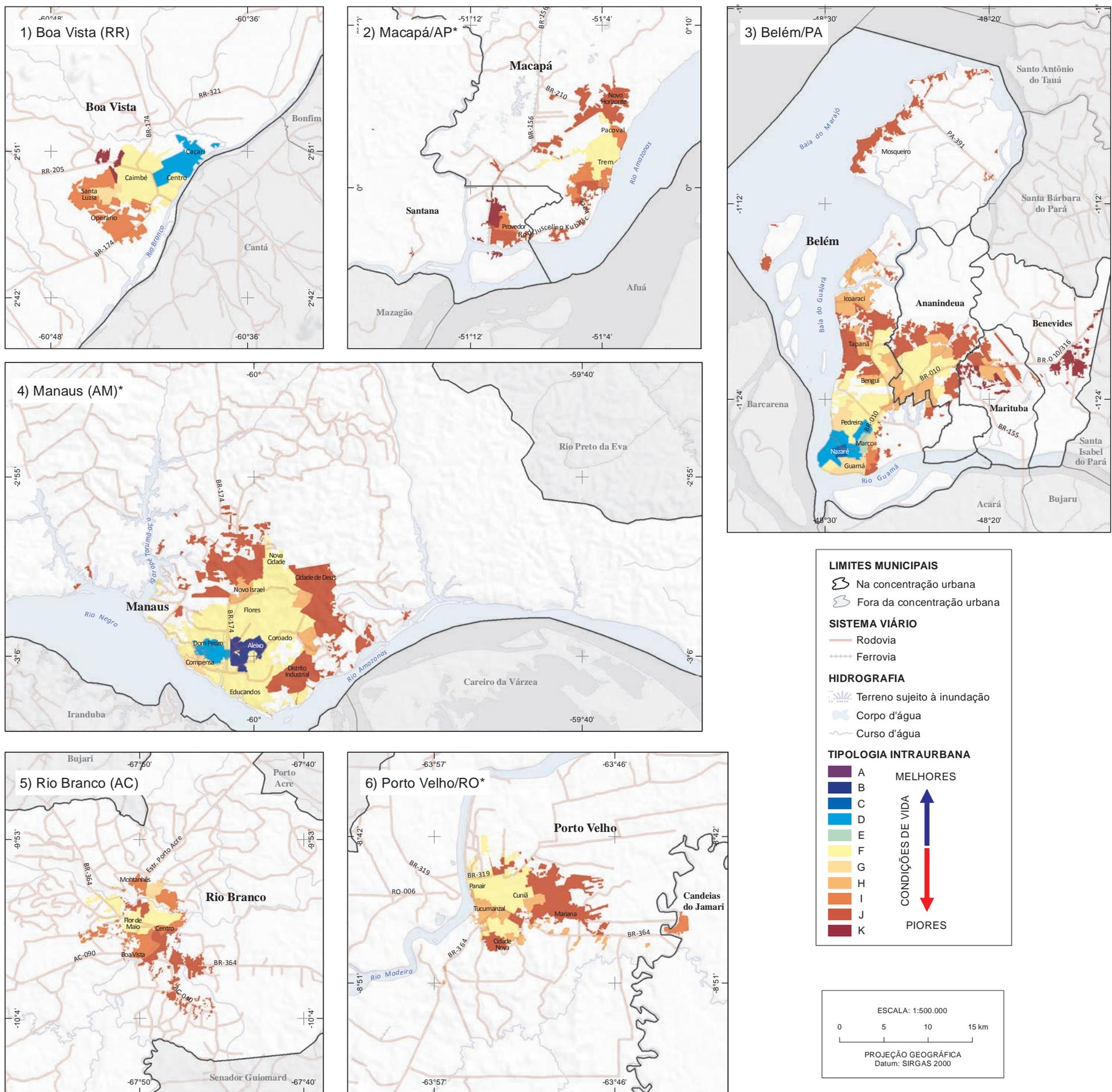
Com distribuições populacionais equivalentes, figuram, nas Regiões Sudeste e Sul, “Macaé-Rio das Ostras/RJ”, um grupo formado por Montes Claros (MG), “Itajaí-Balneário Camboriú/SC” e “Piracicaba/SP” e outro por “Cabo Frio/RJ” e “Criciúma/SC”. São Concentrações com populações residindo em dois conjuntos: um formado pelos tipos D e E, onde localizam-se segmentos de maior poder aquisitivo; e outro nos tipos G e H. Essas Concentrações caracterizam-se por conformarem padrões diversos: litorâneo, litorâneo de veraneio, radial e contíguo. Situam-se em contextos bastante diferenciados, a exemplo de “Macaé-Rio das Ostras/RJ”, com a economia petrolífera, e “Piracicaba/SP”, situada na Cidade-Região de “São Paulo/SP”.

Com populações residindo, em sua maioria, nos tipos C, D e E, foram identificadas oito Concentrações localizadas nas Regiões Sudeste e Sul, sendo metade delas no Estado de São Paulo. Um primeiro conjunto é formado por “Americana-Santa Bárbara d’Oeste/SP”, “Franca/SP”, “Ponta Grossa/PR” e “Blumenau/SC”; um segundo é formado por “Bauru/SP”, “Pelotas/RS” e “Volta Redonda-Barra Mansa/RJ”; e “Presidente Prudente/SP”, que figura com uma distribuição populacional própria. São Concentrações com boas e médias condições de vida alcançando em torno de 72% da população residindo em áreas dos tipos C, D e E. Um outro grupo identificado encontra-se nos tipos G e H e correspondem a aproximadamente 26,5% da população, com ausência quase total dos tipos I, J e K. As Concentrações são, em sua maioria, radiais, com algumas condicionadas pelo relevo ou alinhadas a rodovias.

APÊNDICE 1

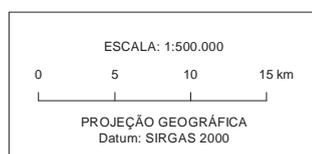
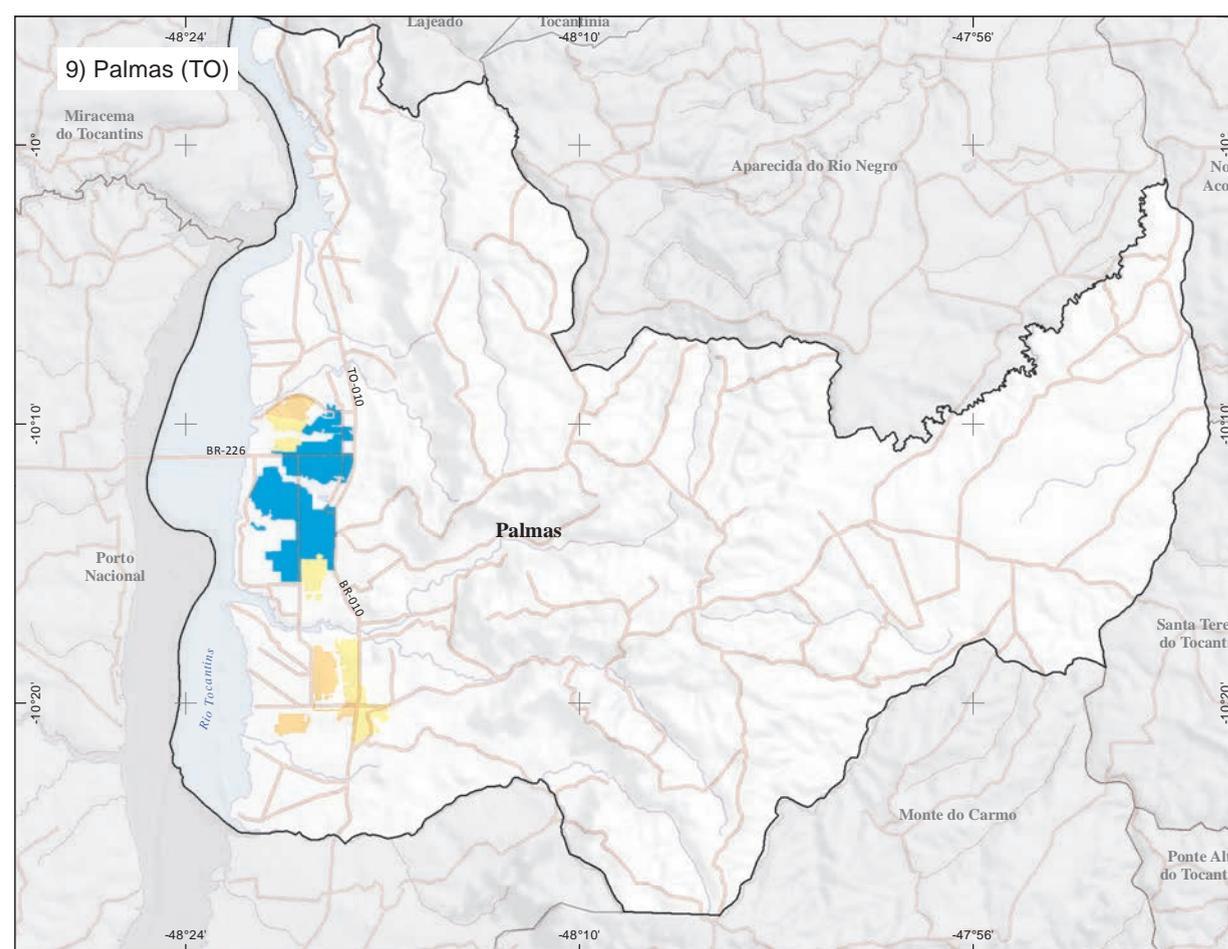
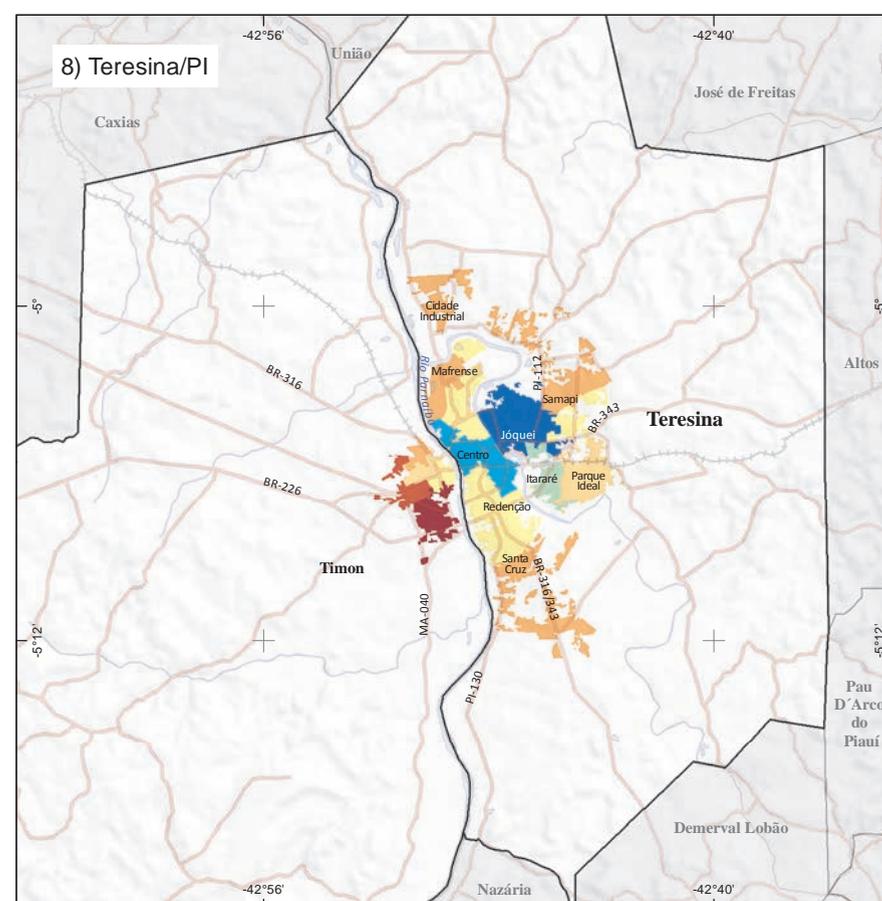
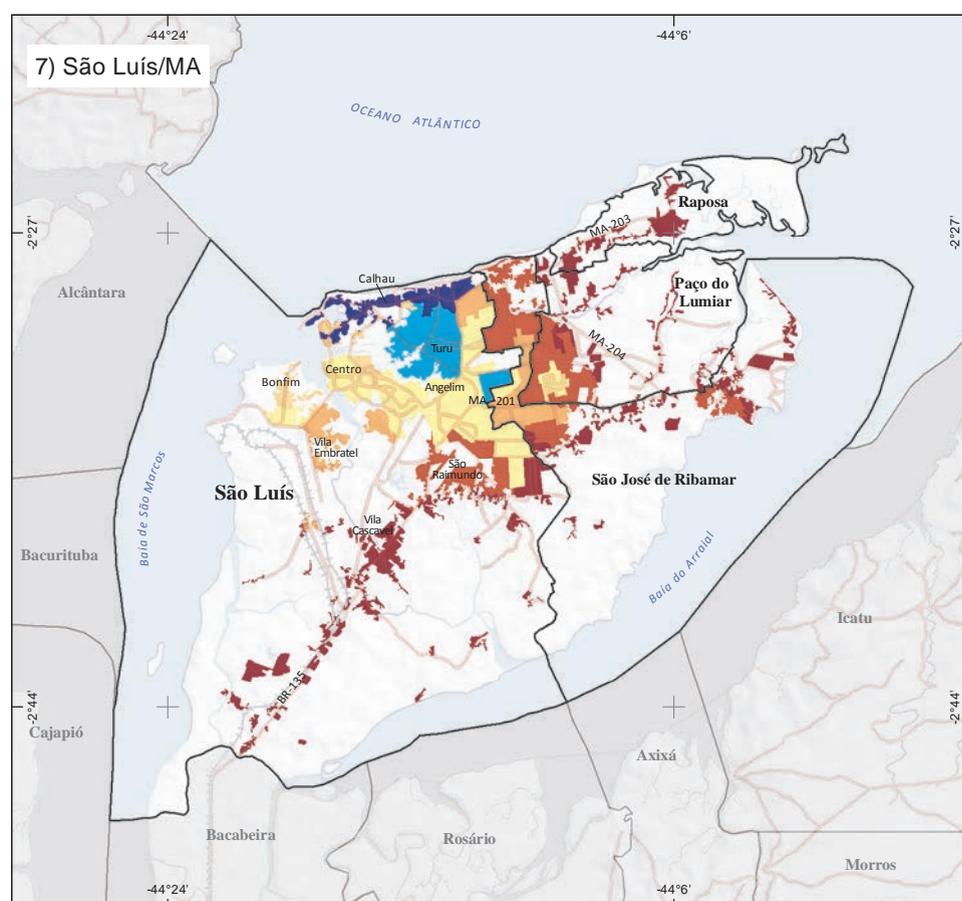
**Mapas dos tipos intraurbanos segundo as
Concentrações Urbanas selecionadas**

Mapas 1 a 6 - Tipologia intraurbana das Concentrações Urbanas de Boa Vista (RR), "Macapá/AP", "Belém/PA", Manaus (AM), Rio Branco(AC) e "PortoVelho/RO"



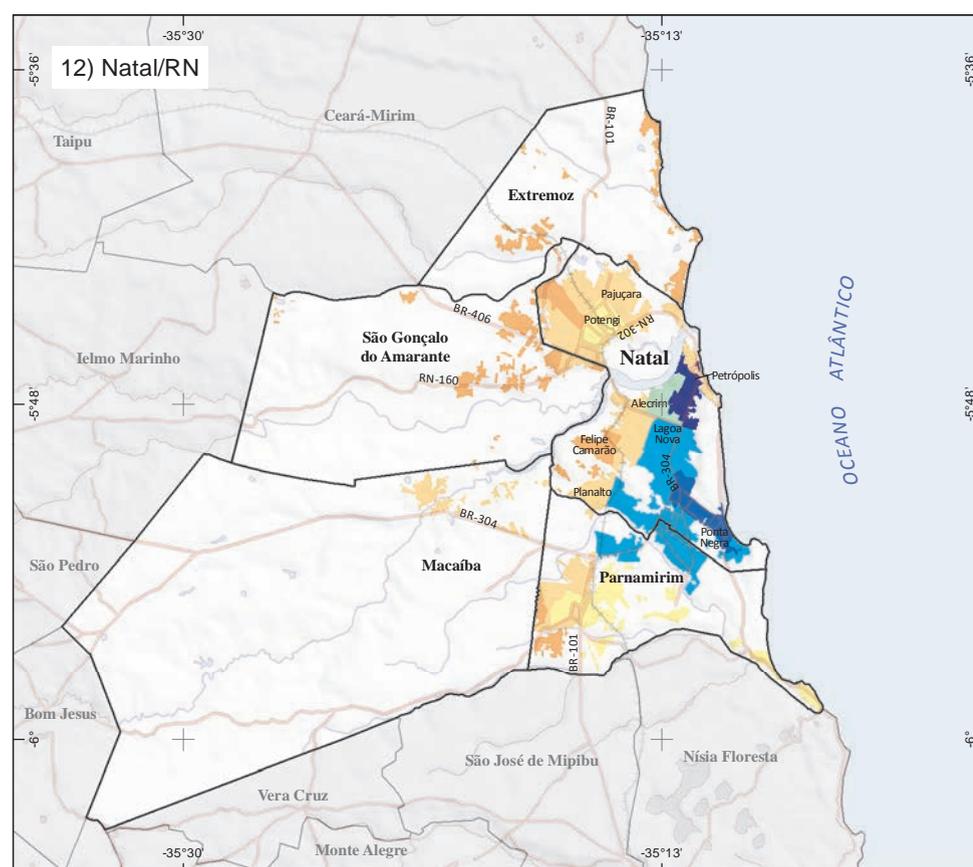
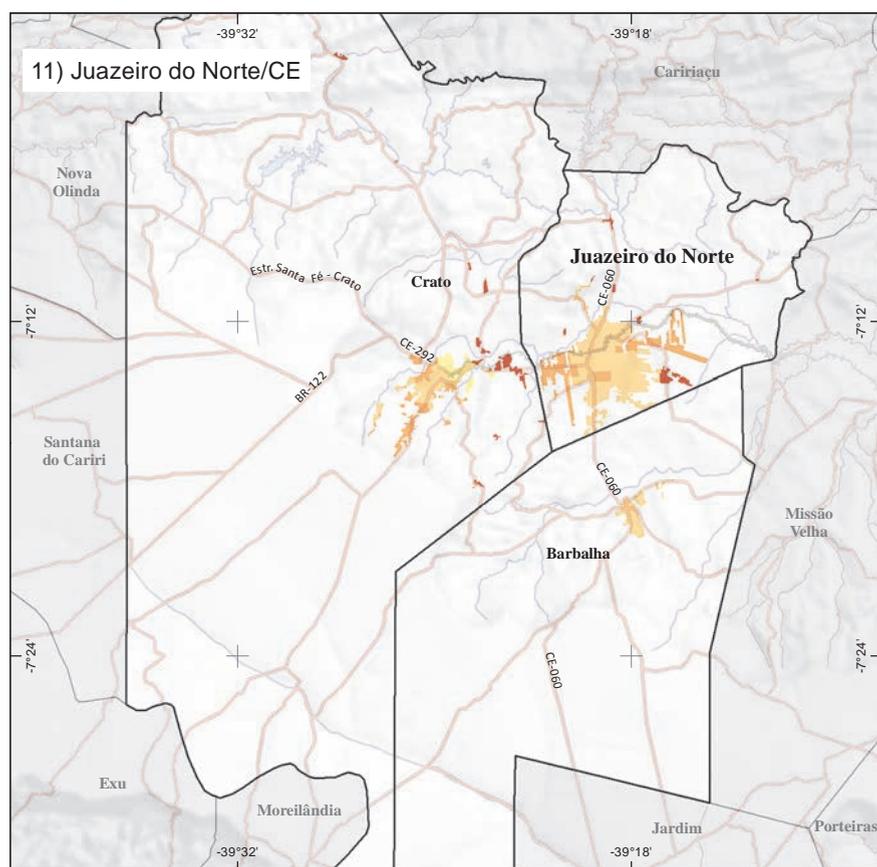
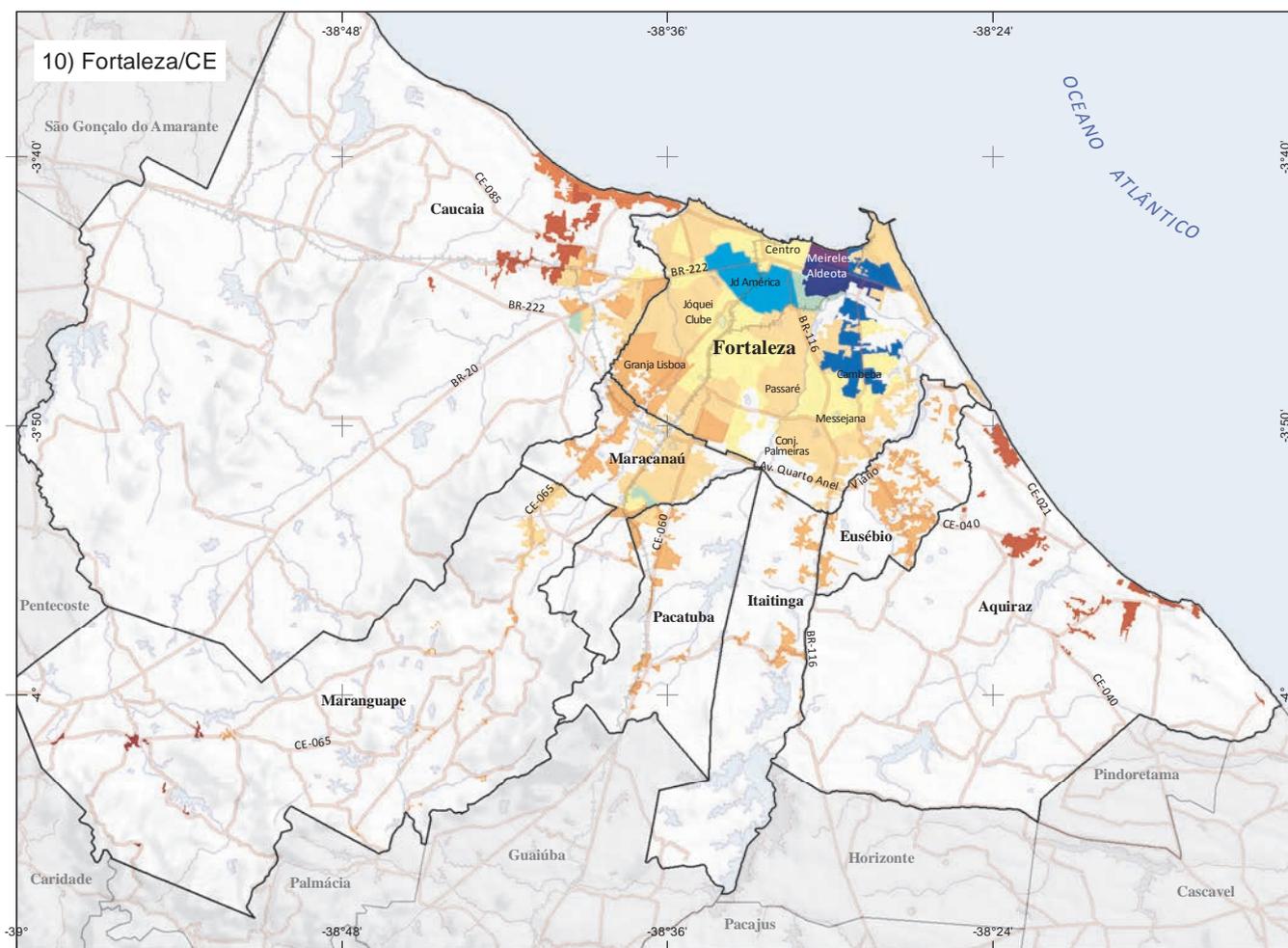
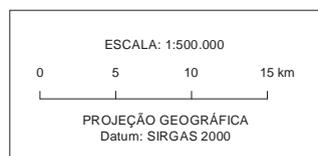
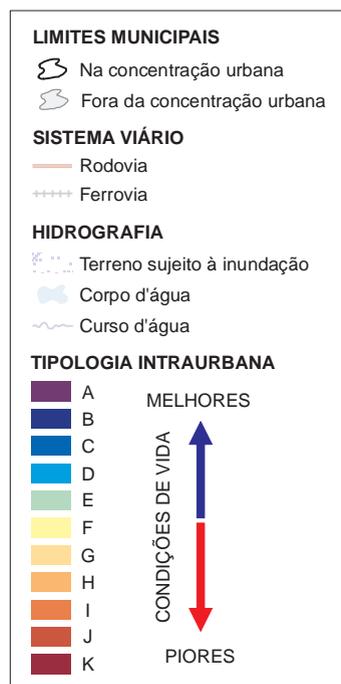
Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010.
 Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
 2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
 * Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

Mapas 7 a 9 - Tipologia intraurbana das Concentrações Urbanas de "São Luís/MA", "Teresina/PI" e Palmas (TO)



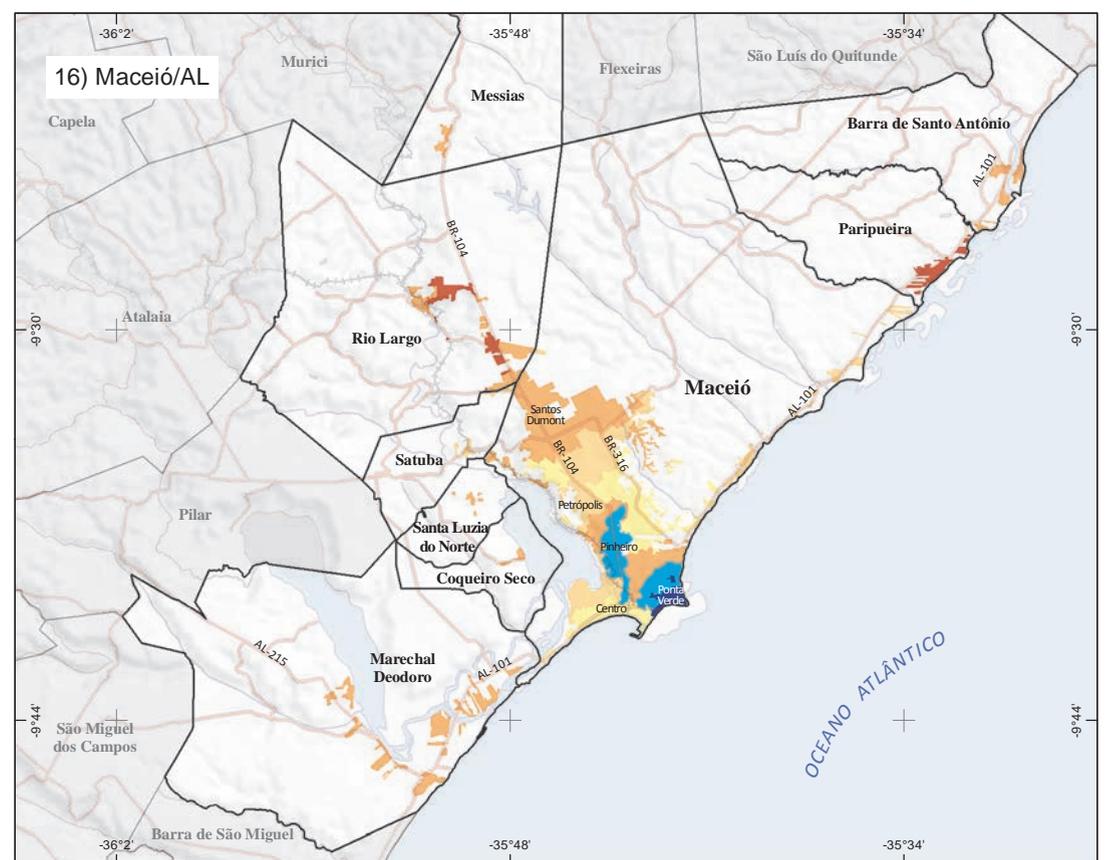
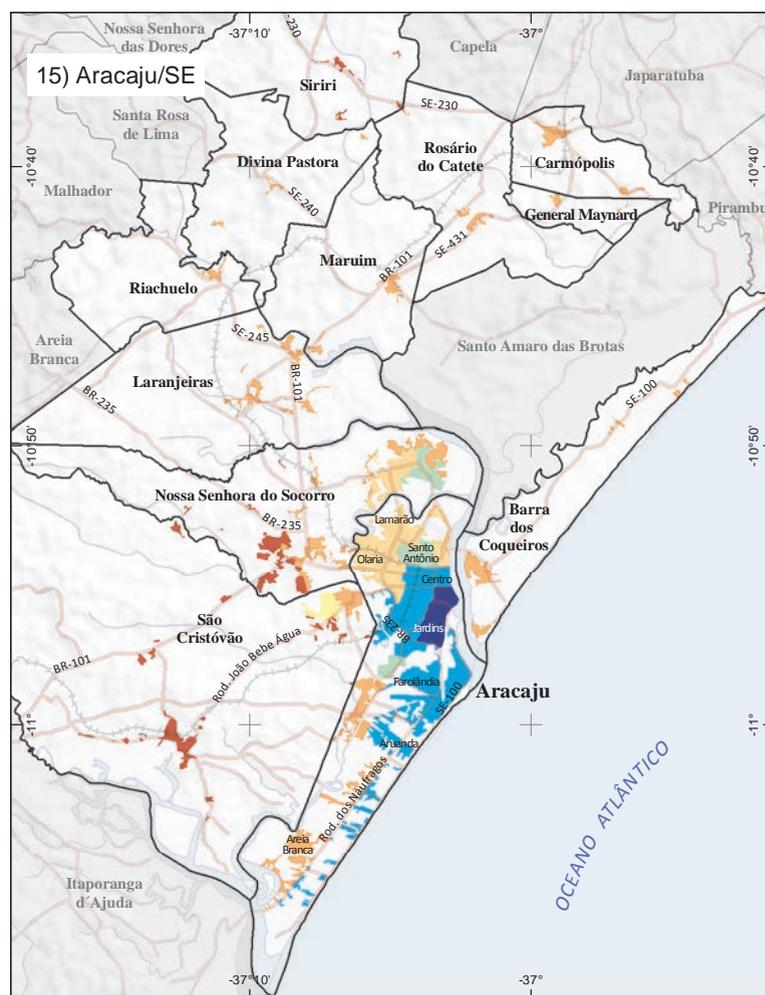
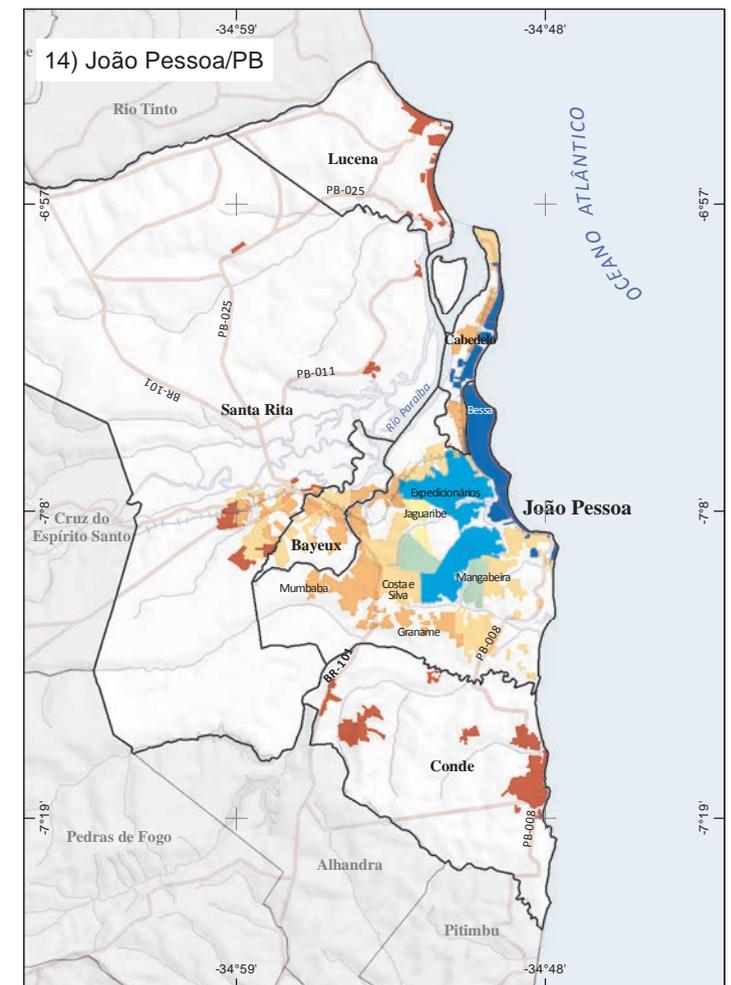
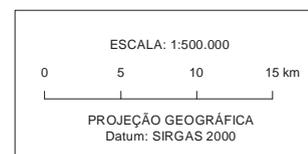
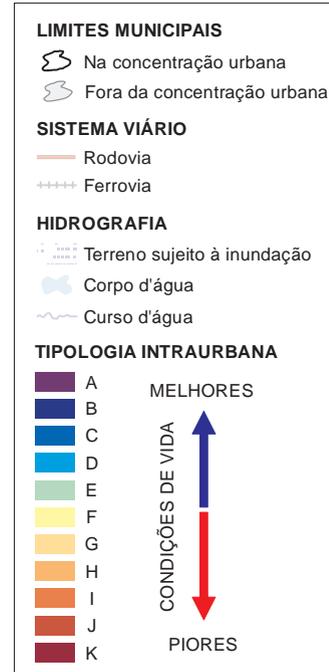
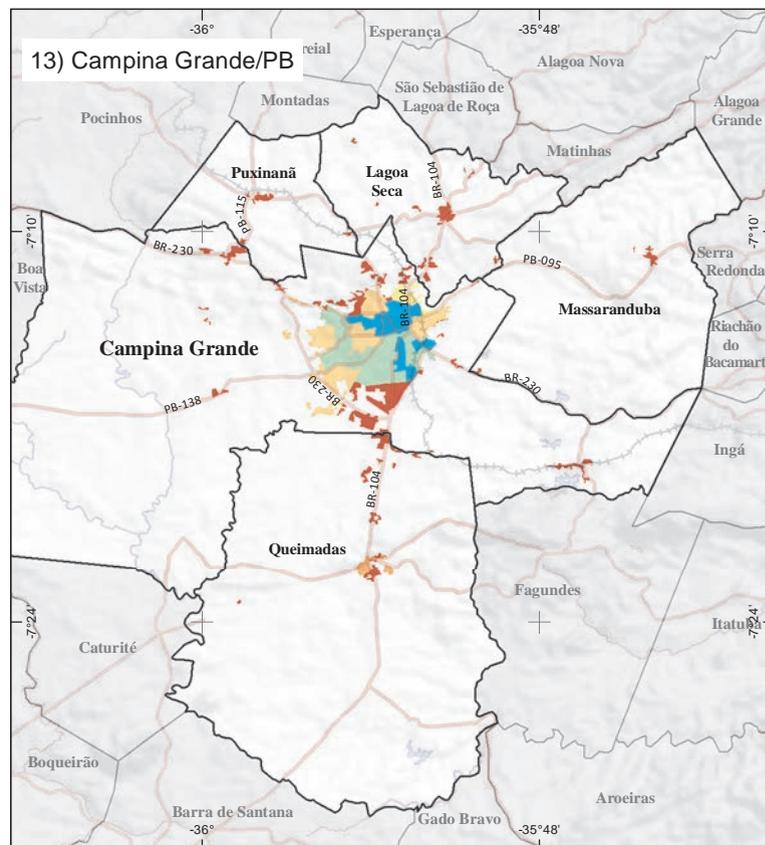
Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010.
Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

Mapas 10 a 12 - Tipologia intraurbana das Concentrações Urbanas de "Fortaleza/CE", "Juazeiro do Norte/CE" e "Natal/RN"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010.
Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

Mapas 13 a 16 - Tipologia intraurbana das Concentrações Urbanas de "Campina Grande/PB", "João Pessoa/PB", "Aracaju/SE" e "Maceió/AL"

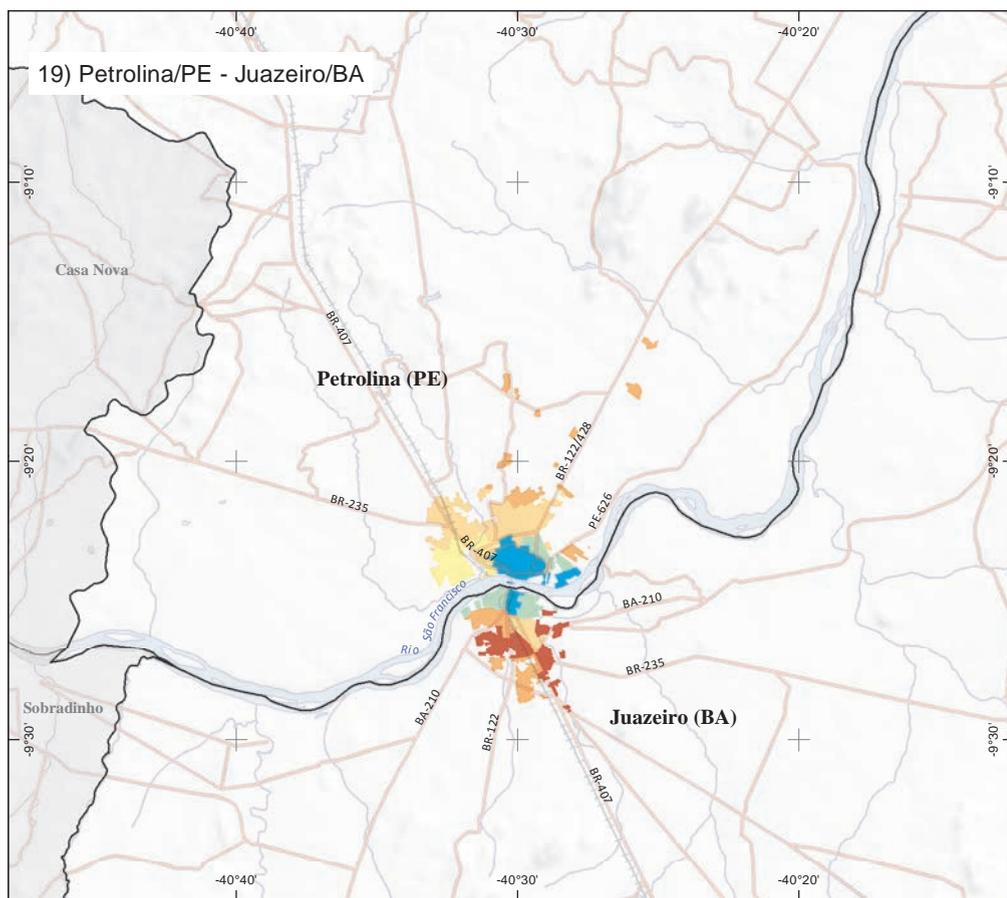
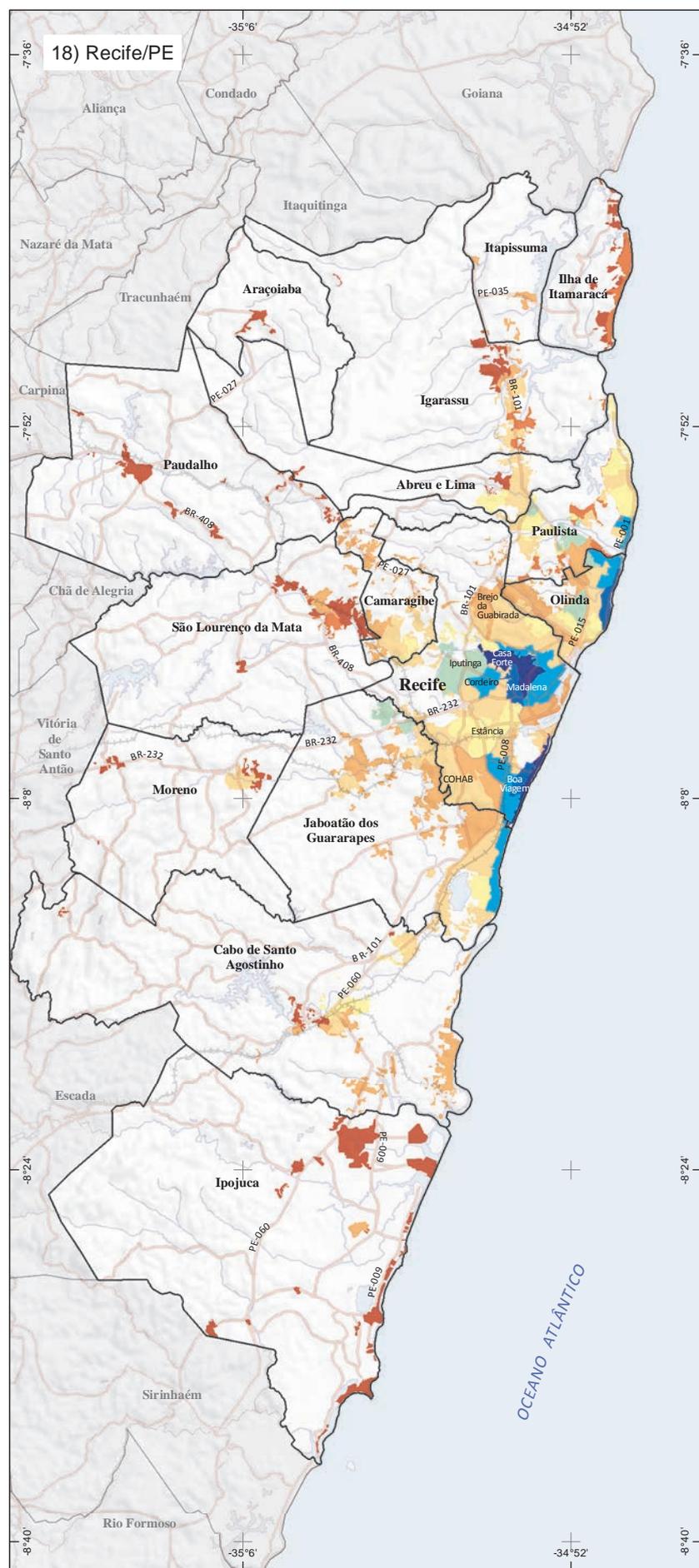
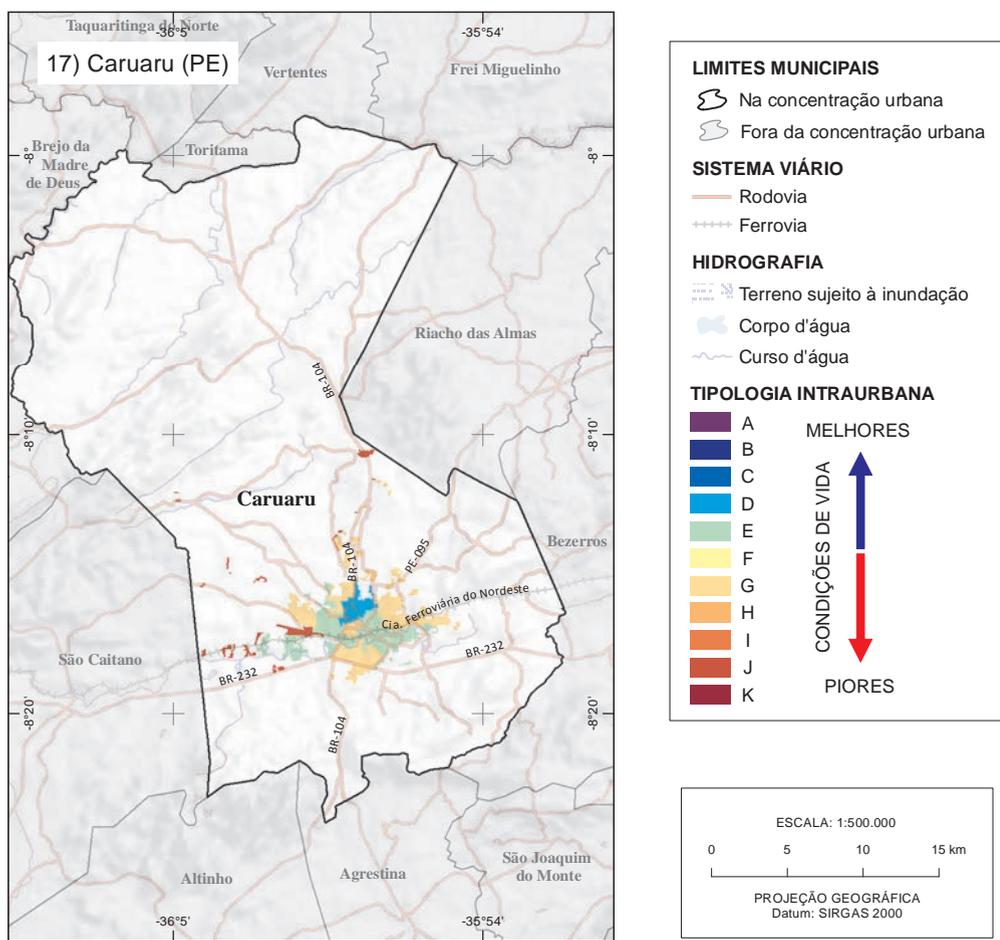


Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.

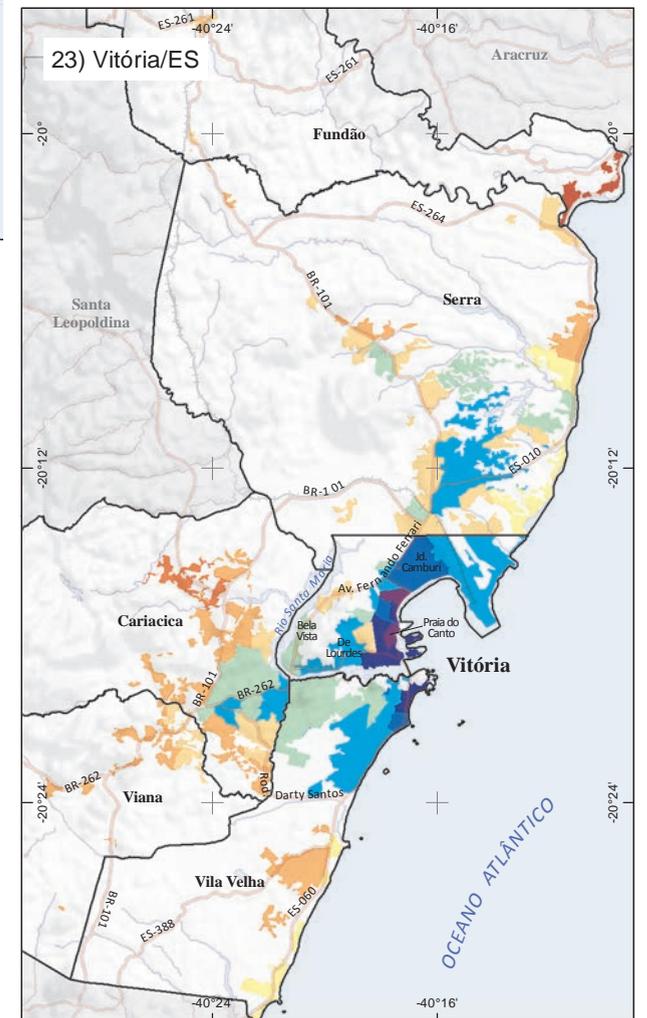
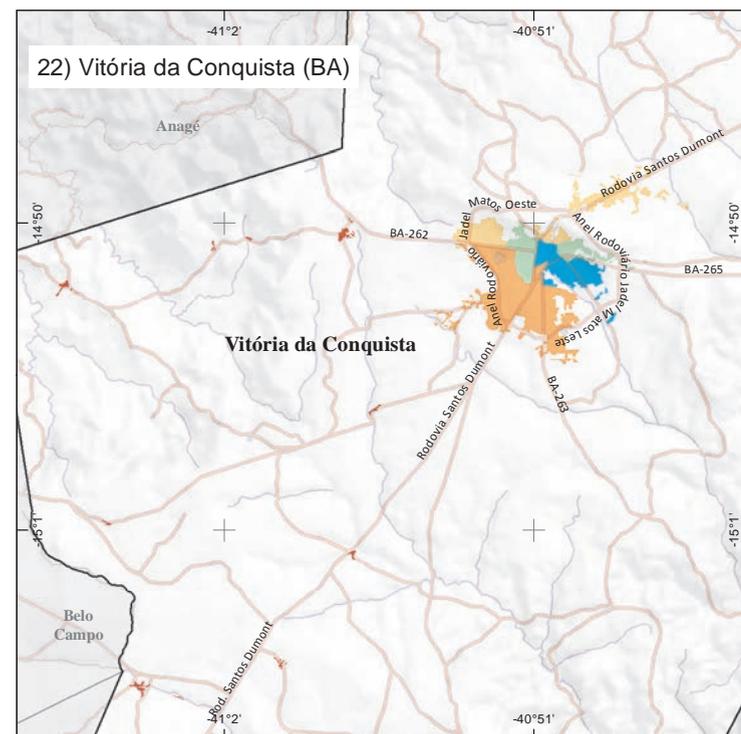
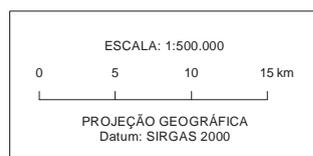
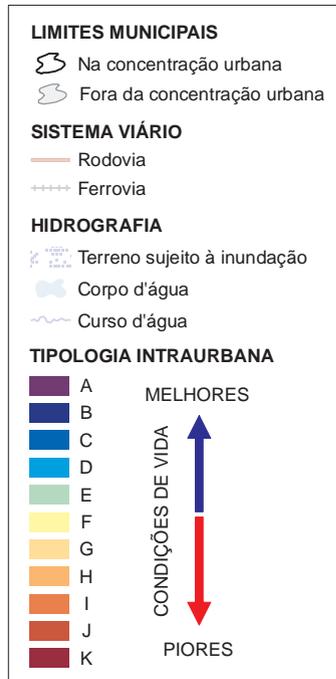
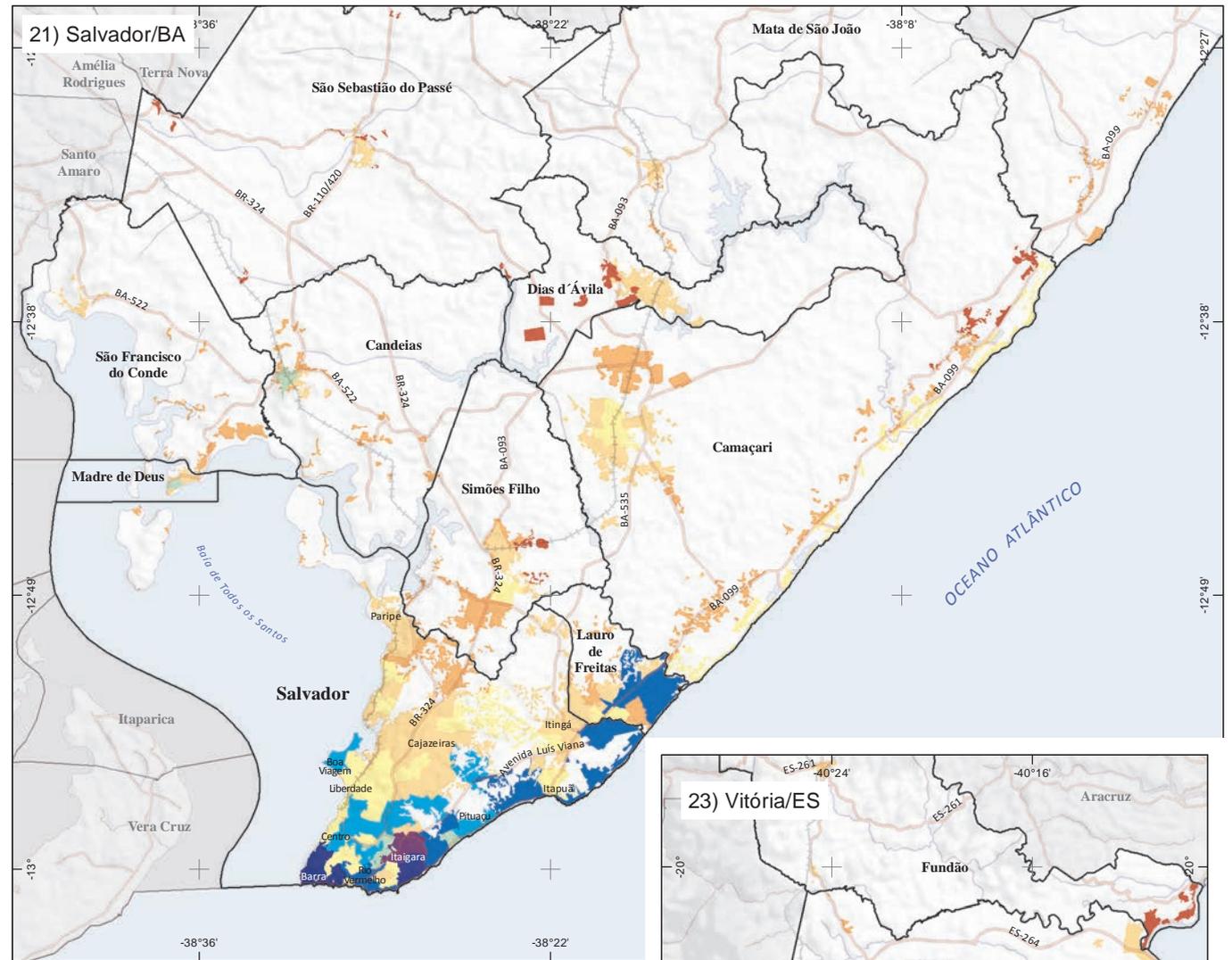
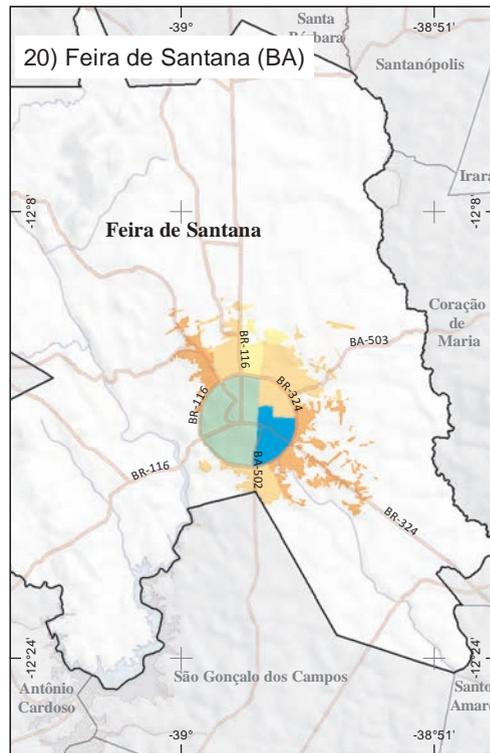
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

Mapas 17 a 19 - Tipologia intraurbana das Concentrações Urbanas de Caruaru (PE), "Recife/PE" e "Petrolina/PE - Juazeiro/BA"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010.
 Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
 2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

Mapas 20 a 23 - Tipologia intraurbana das Concentrações Urbanas de Feira de Santana (BA), "Salvador/BA", Vitória da Conquista (BA) e "Vitória/ES"

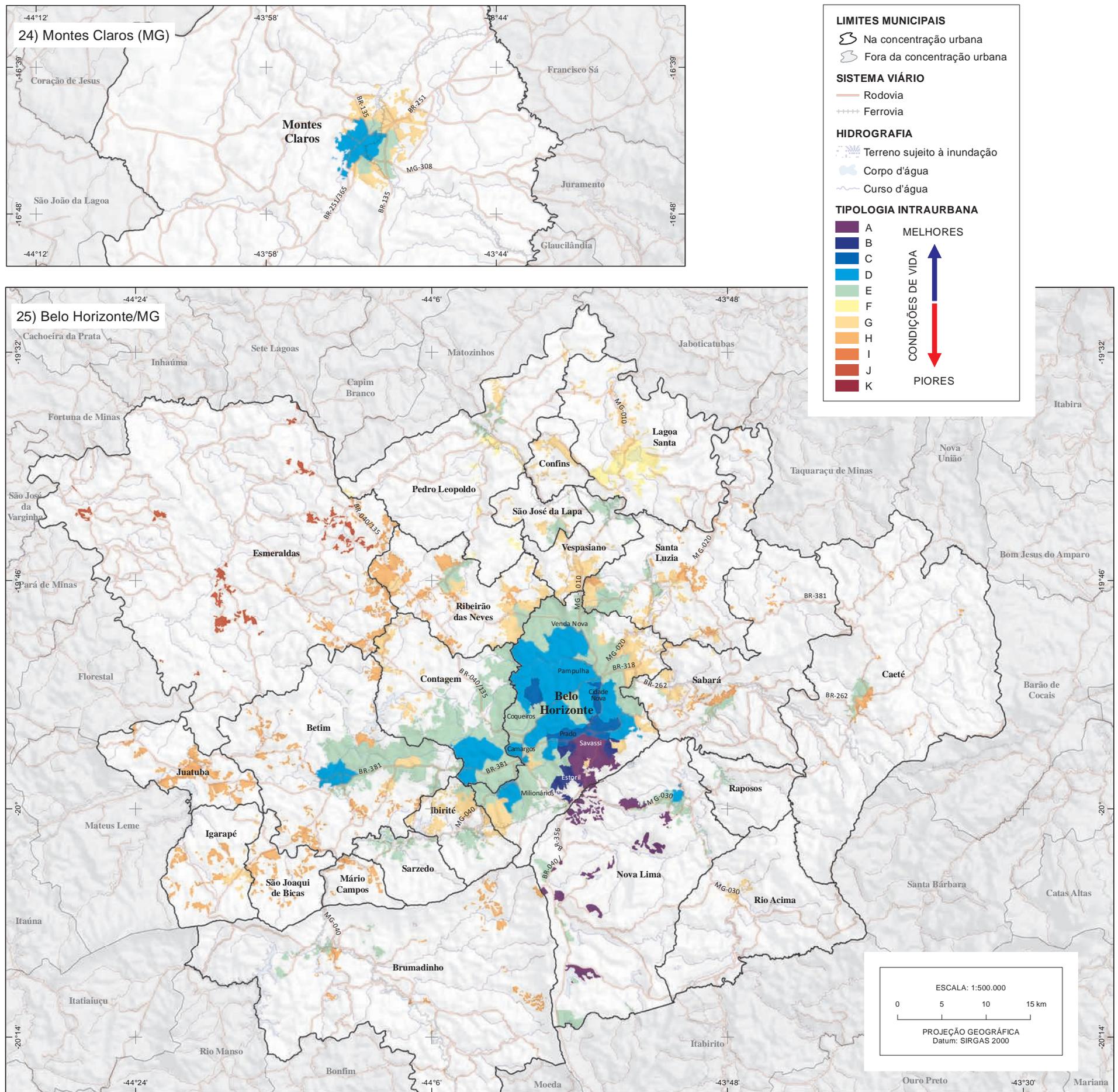


Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.

2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

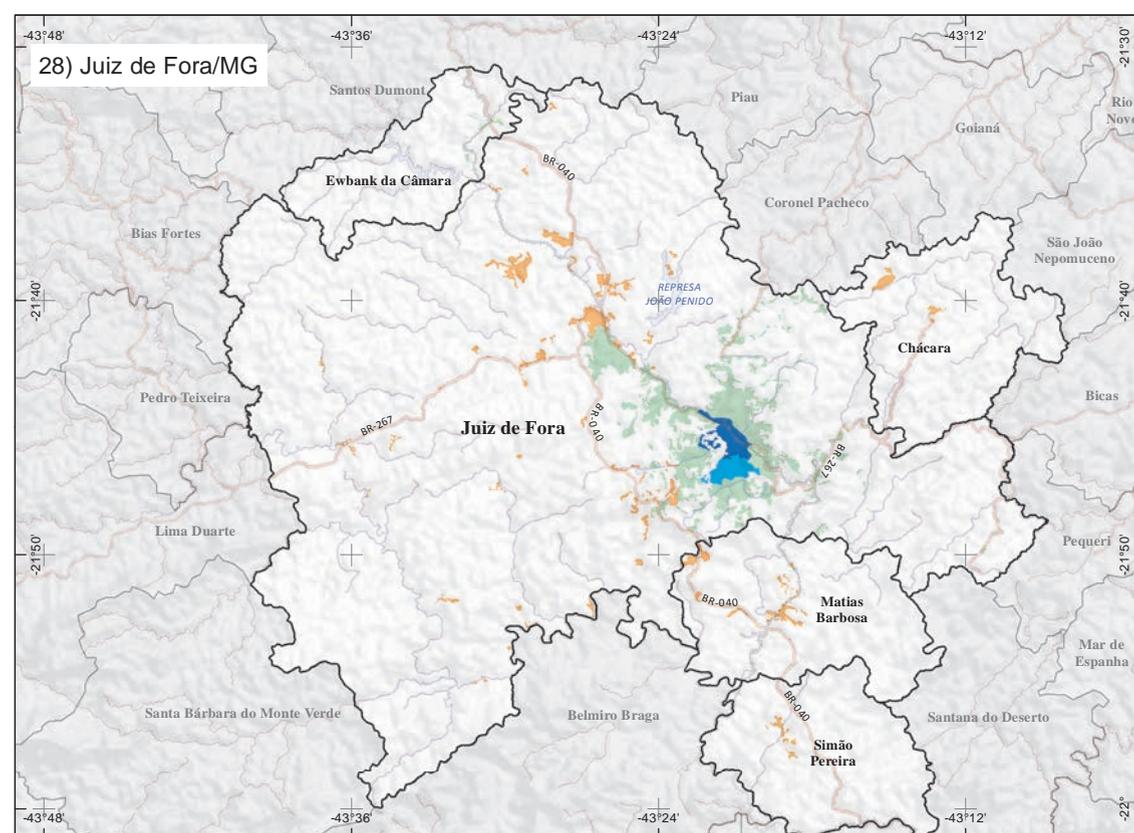
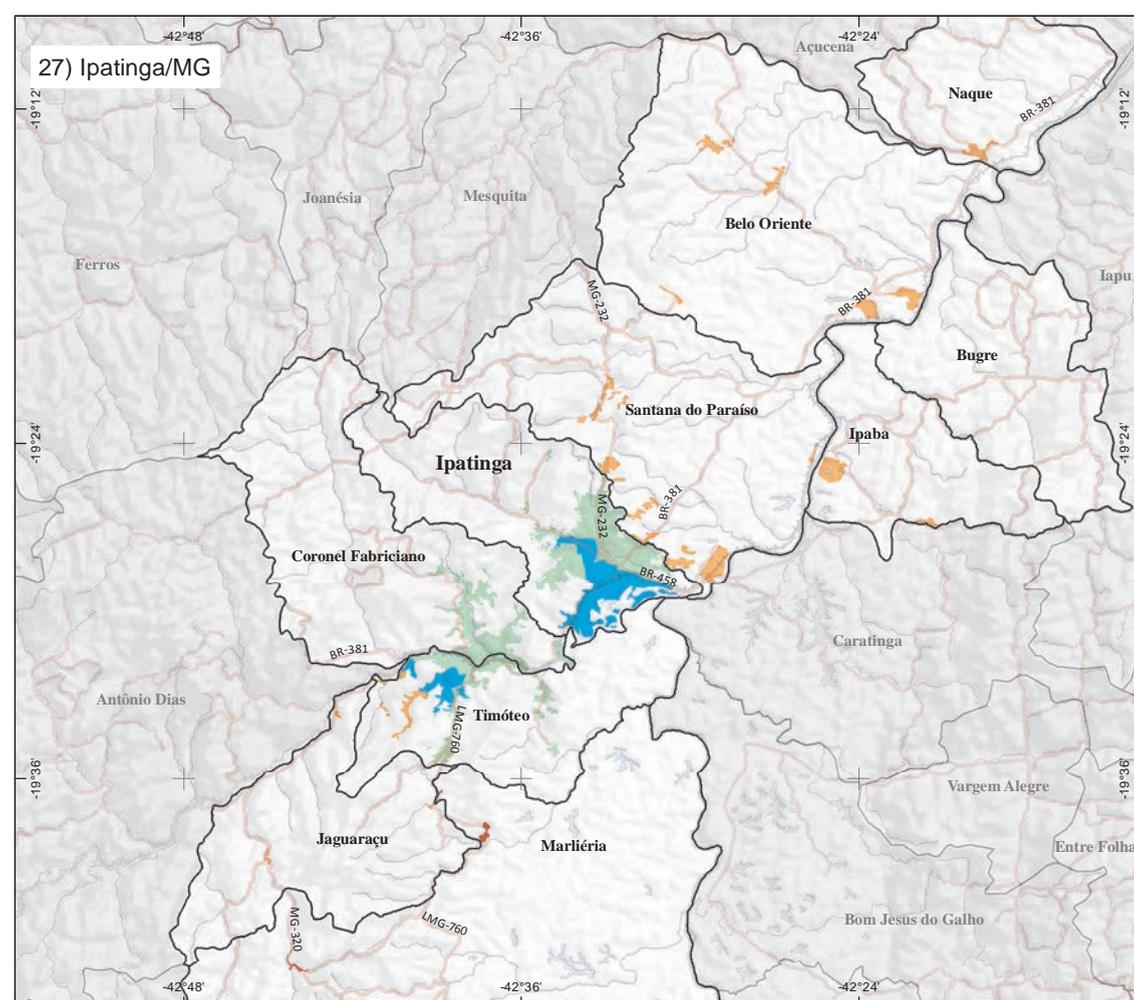
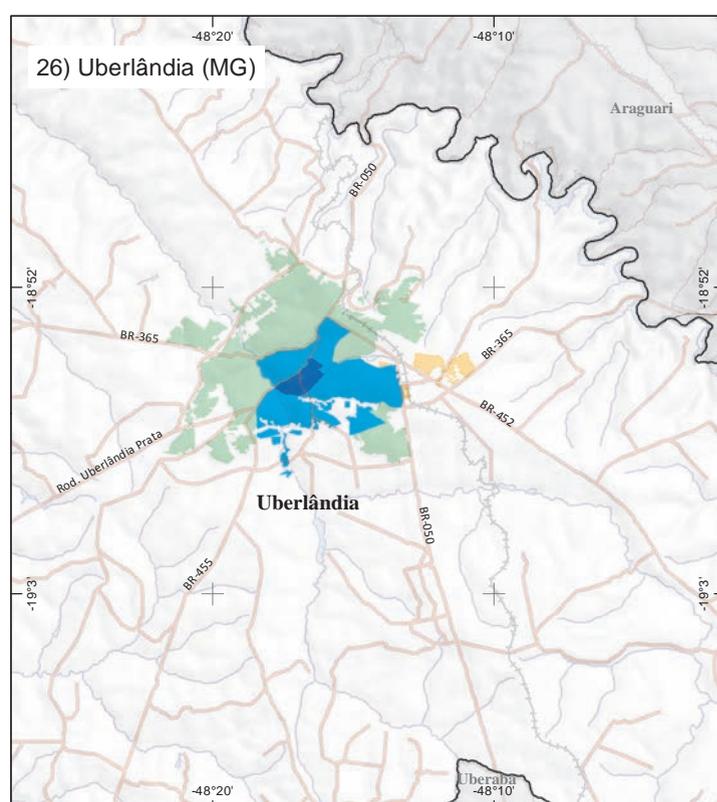
Mapas 24 e 25 - Tipologia intraurbana das Concentrações Urbanas de Montes Claros (MG) e "Belo Horizonte/MG"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

Mapa 26 a 28 - Tipologia intraurbana das Concentrações Urbanas de Uberlândia (MG), "Ipatinga/MG" e "Juiz de Fora/MG"



LIMITES MUNICIPAIS

- Na concentração urbana
- Fora da concentração urbana

SISTEMA VIÁRIO

- Rodovia
- Ferrovias

HIDROGRAFIA

- Terreno sujeito à inundação
- Corpo d'água
- Curso d'água

TIPOLOGIA INTRAURBANA

MELHORES

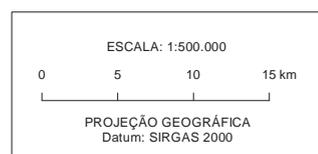
↑

CONDIÇÕES DE VIDA

↓

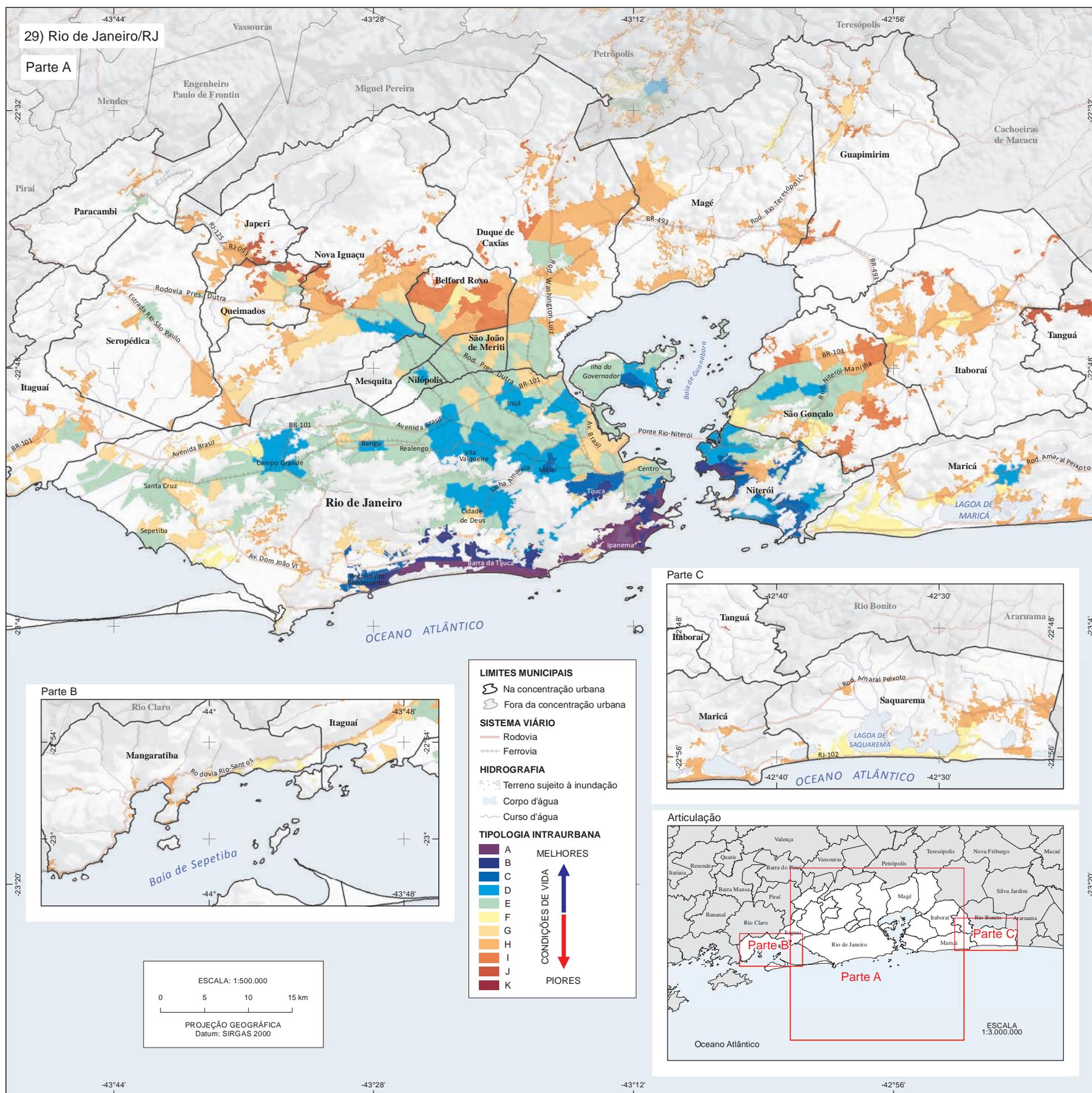
PIORES

- A
- B
- C
- D
- E
- F
- G
- H
- I
- J
- K



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010.
Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

Mapa 29 - Tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Rio de Janeiro/RJ"

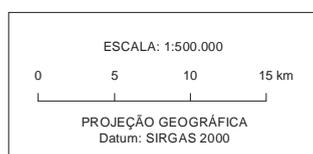
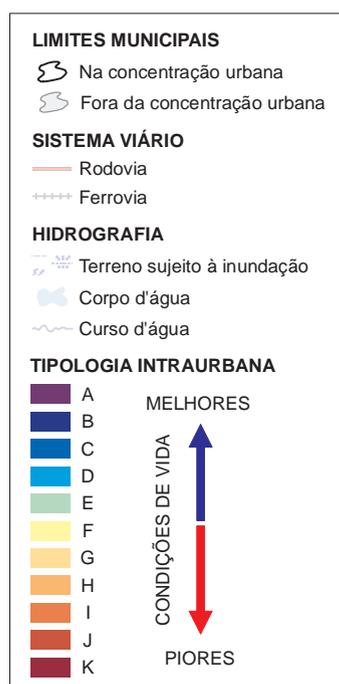
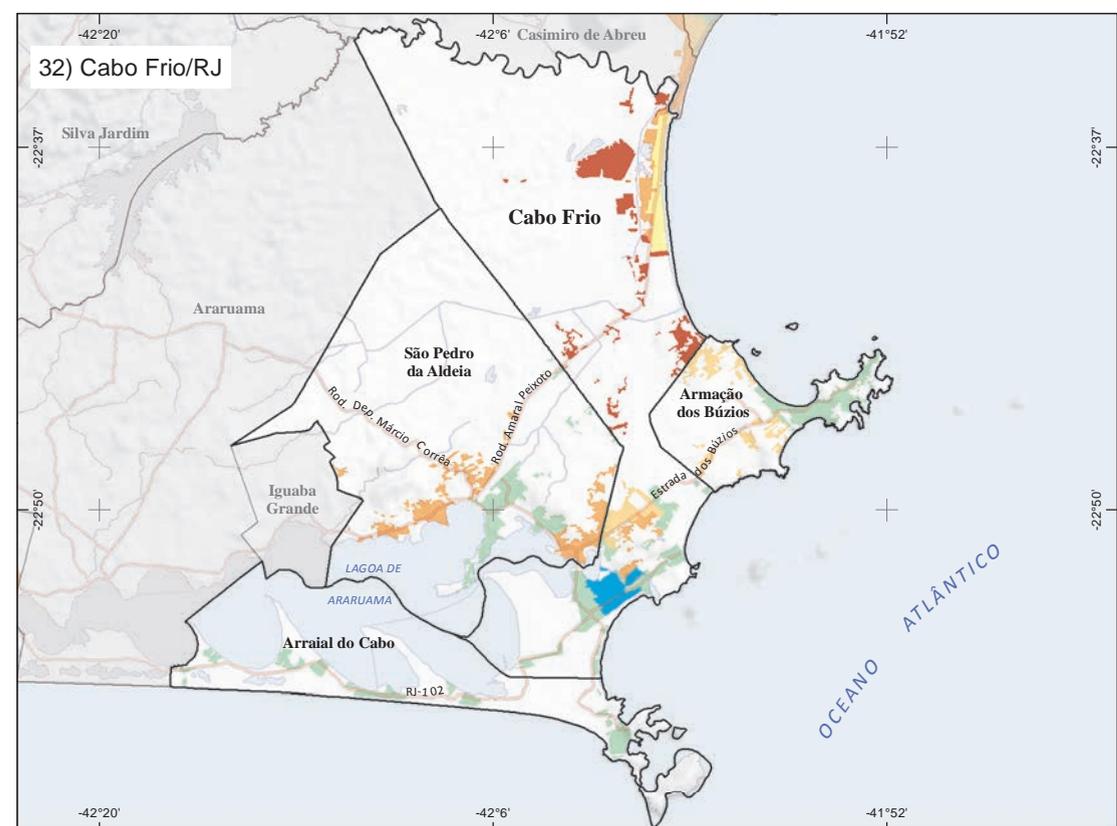
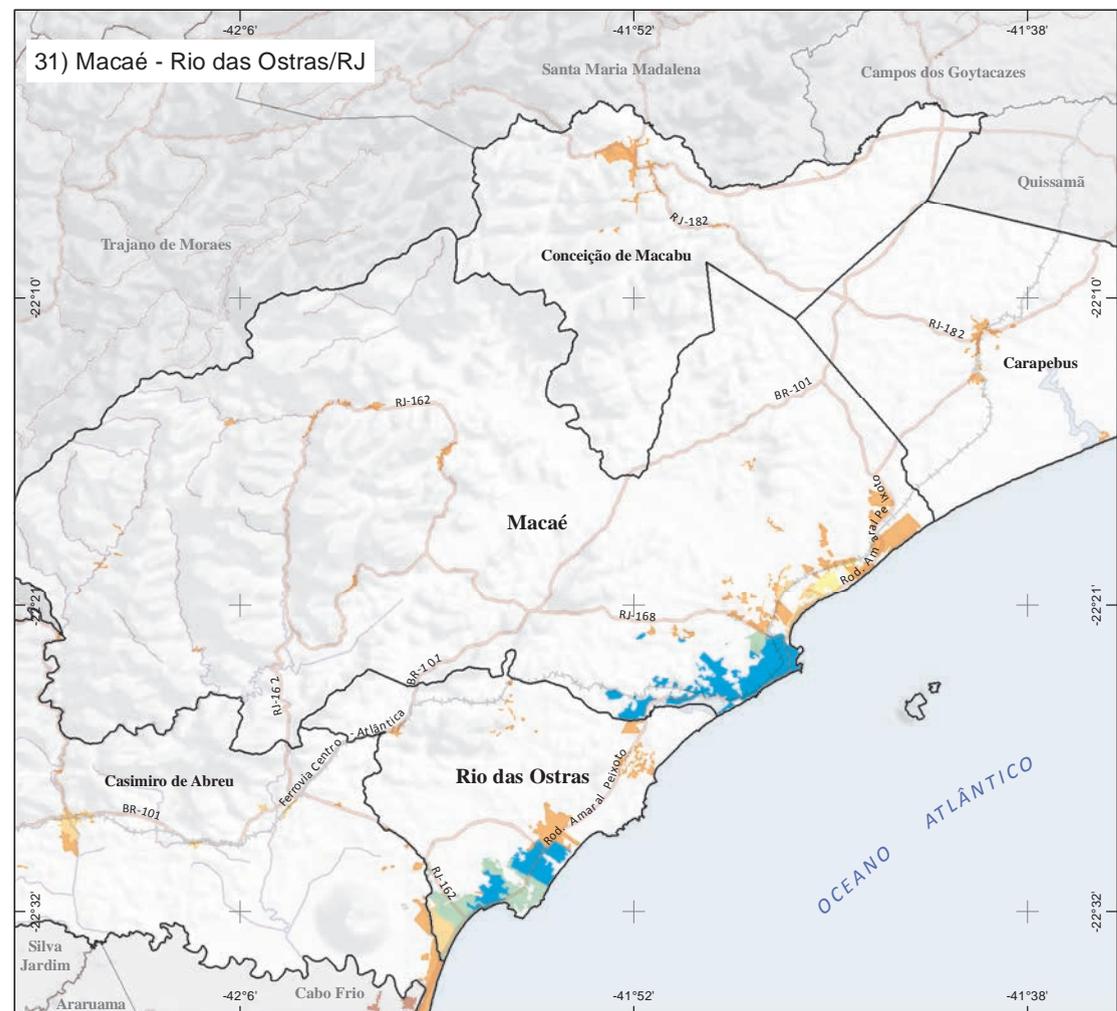
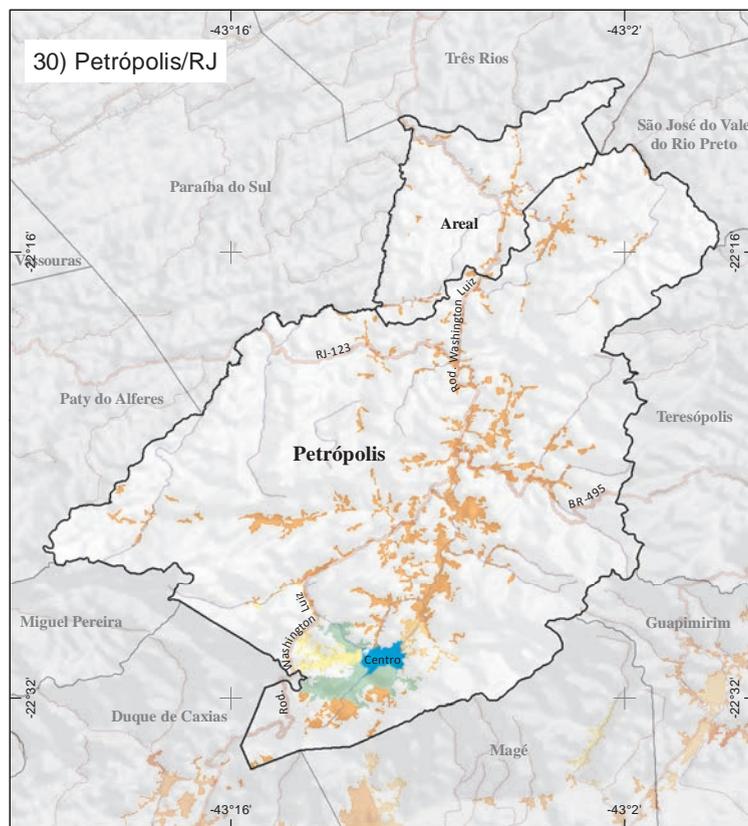


Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.

2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

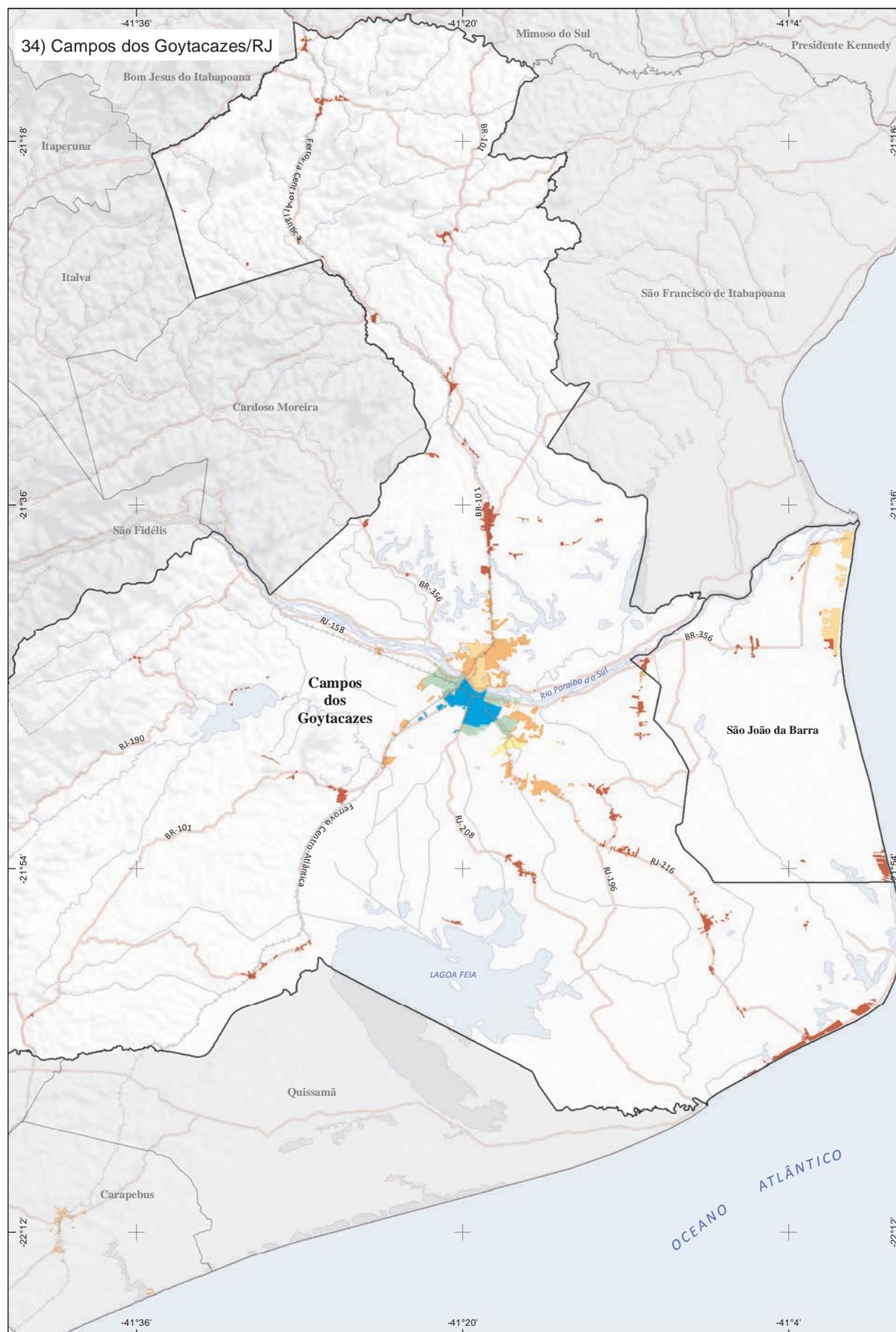
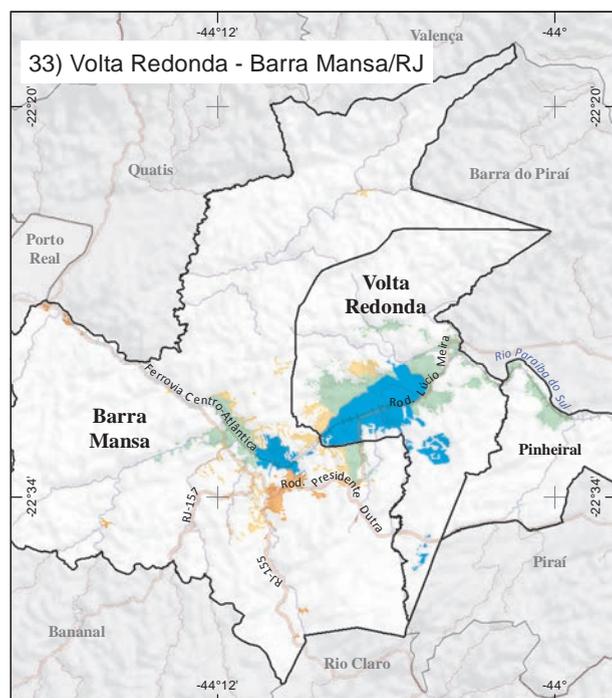
Mapas 30 a 32 - Tipologia intraurbana das Concentrações Urbanas de "Petrópolis/RJ", "Macaé - Rio das Ostras/RJ" e "Cabo Frio/RJ"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

Mapas 33 e 34 - Tipologia intraurbana das Concentrações Urbanas de "Volta Redonda - Barra Mansa/RJ" e "Campos dos Goytacazes/RJ"



LIMITES MUNICIPAIS

- Na concentração urbana
- Fora da concentração urbana

SISTEMA VIÁRIO

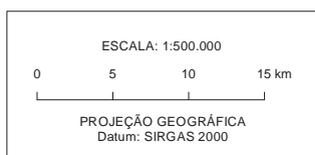
- Rodovia
- Ferrovia

HIDROGRAFIA

- Terreno sujeito à inundação
- Corpo d'água
- Curso d'água

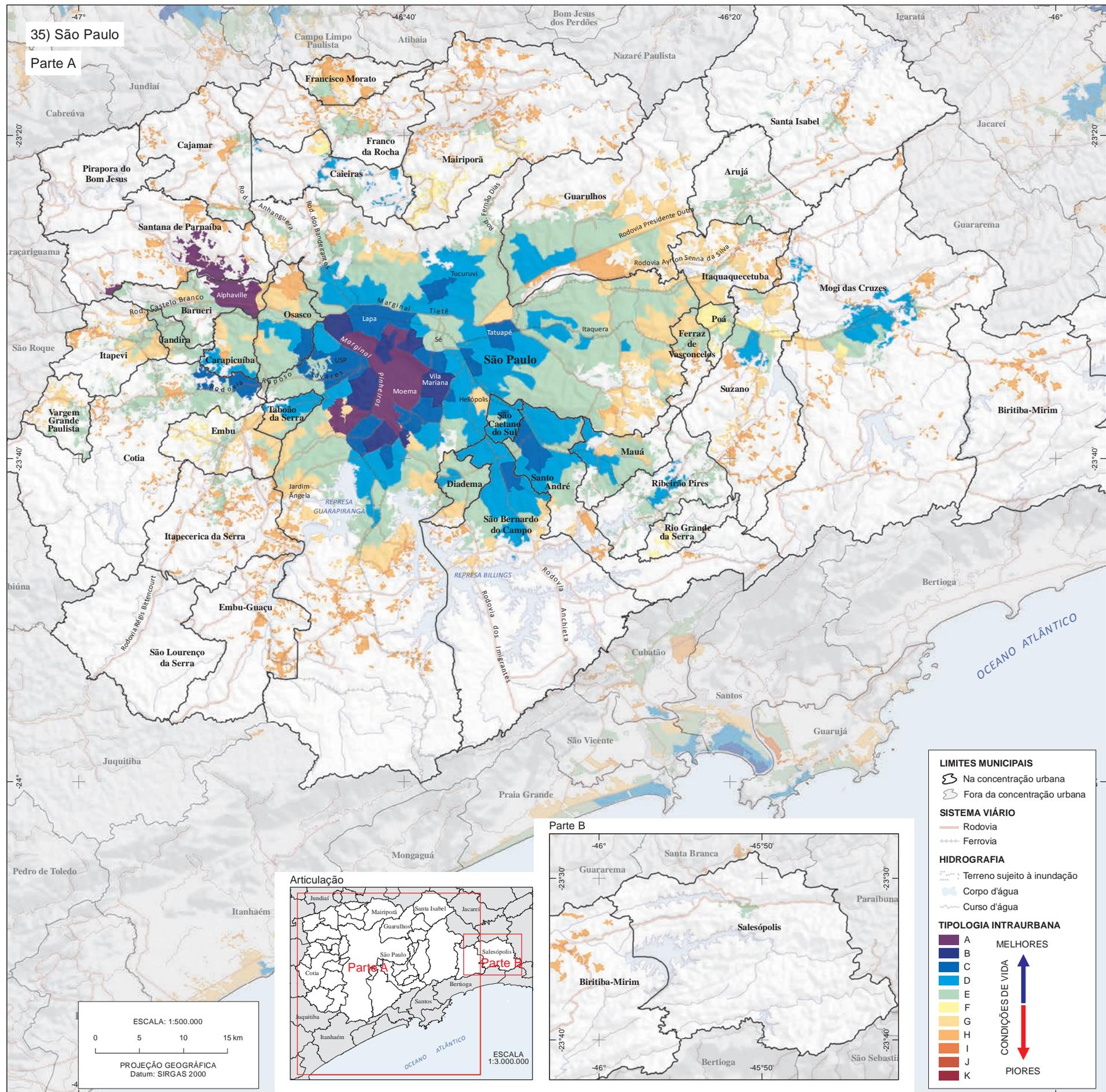
TIPOLOGIA INTRAURBANA

A	MELHORES ↑ CONDIÇÕES DE VIDA ↓ PIORES
B	
C	
D	
E	
F	
G	
H	
I	
J	
K	



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010.
Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

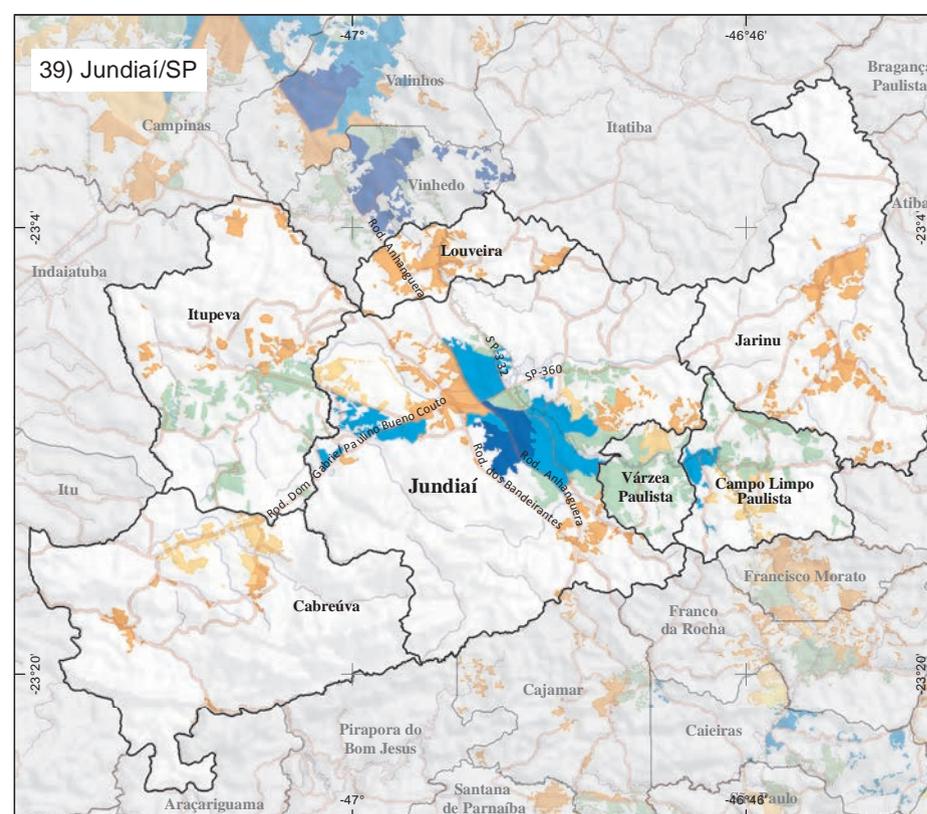
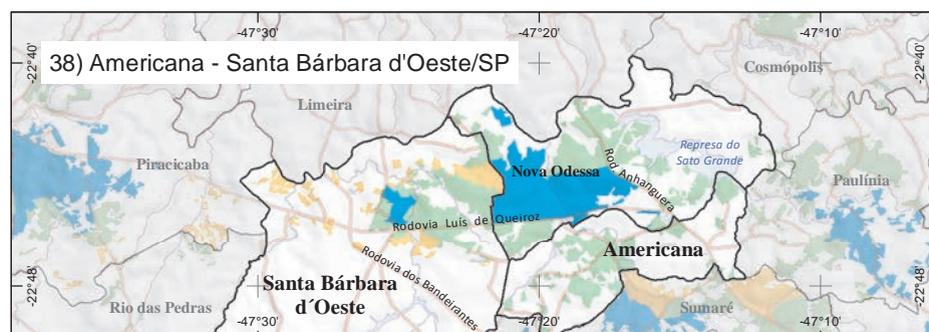
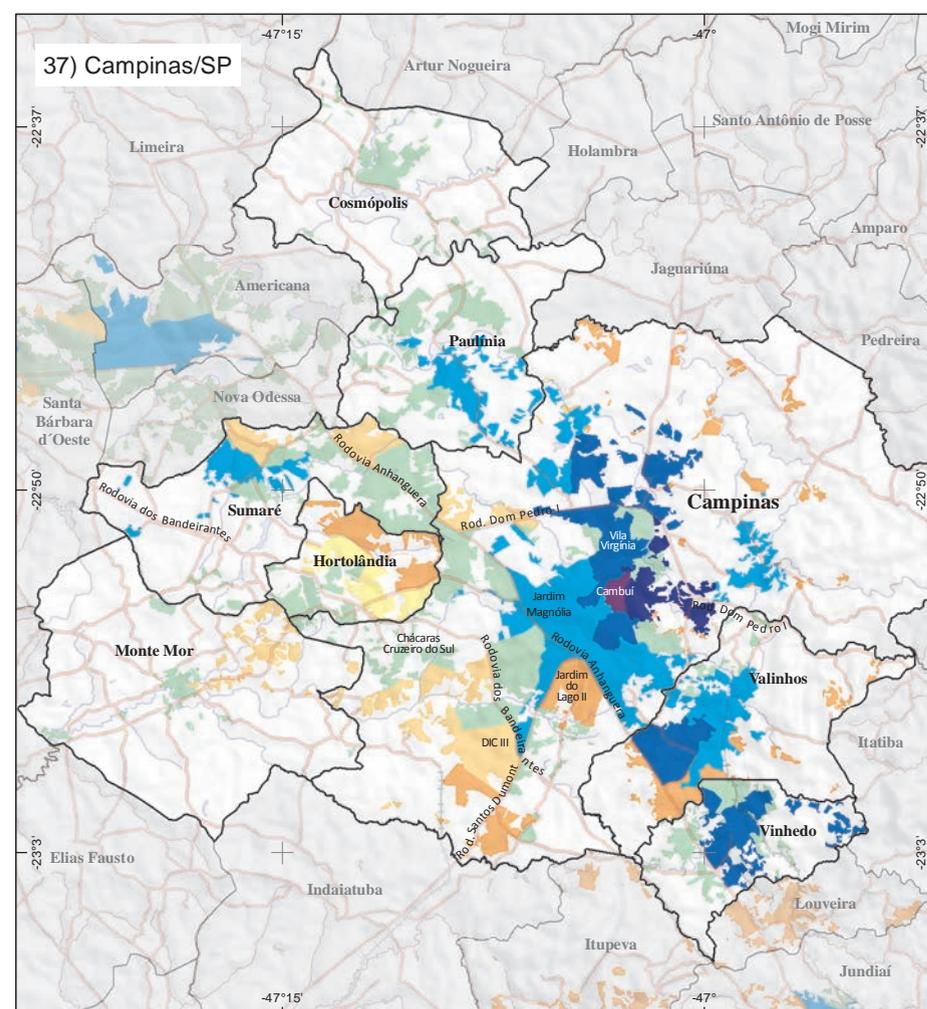
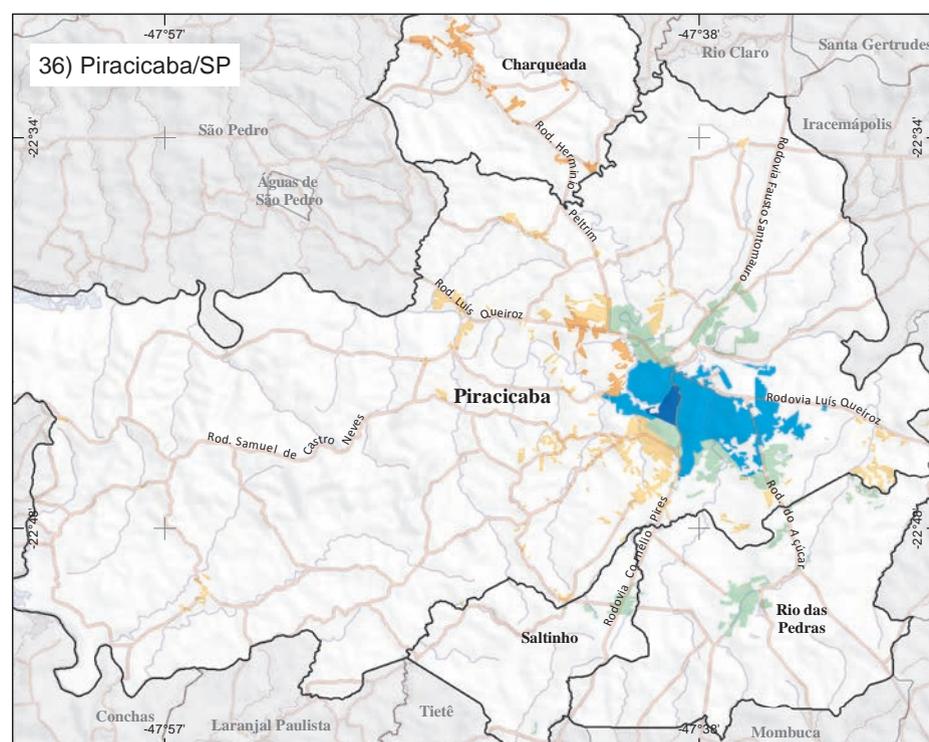
Mapa 35 - Tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "São Paulo/SP"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
 2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

Mapas 36 a 39 - Tipologia intraurbana das Concentrações Urbanas de "Piracicaba/SP", "Campinas/SP", "Americana - Santa Bárbara d'Oeste/SP" e "Jundiaí/SP"



LIMITES MUNICIPAIS

- Na concentração urbana
- Fora da concentração urbana

SISTEMA VIÁRIO

- Rodovia
- Ferrovia

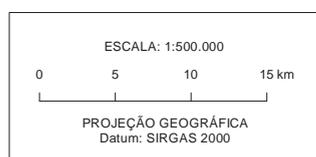
HIDROGRAFIA

- Terreno sujeito à inundação
- Corpo d'água
- Curso d'água

TIPOLOGIA INTRAURBANA

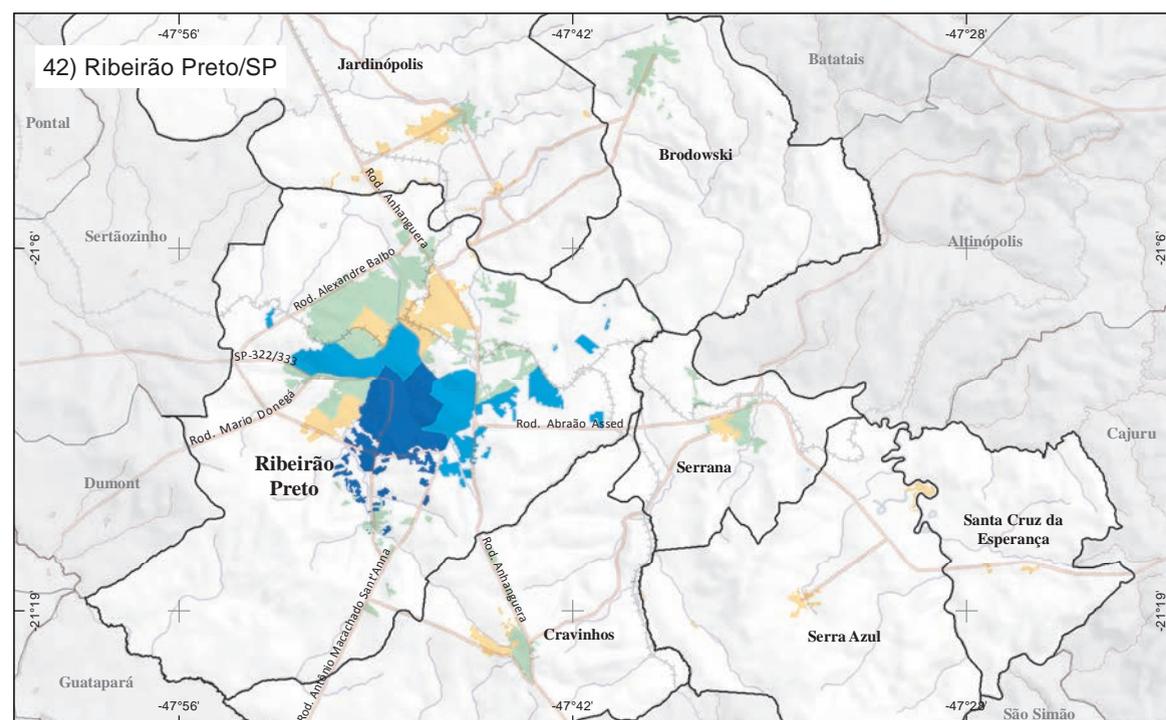
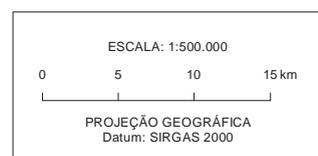
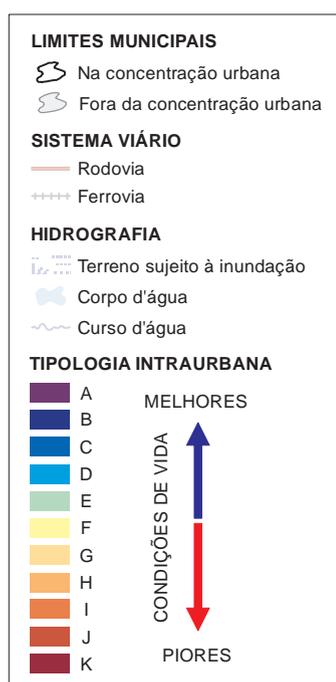
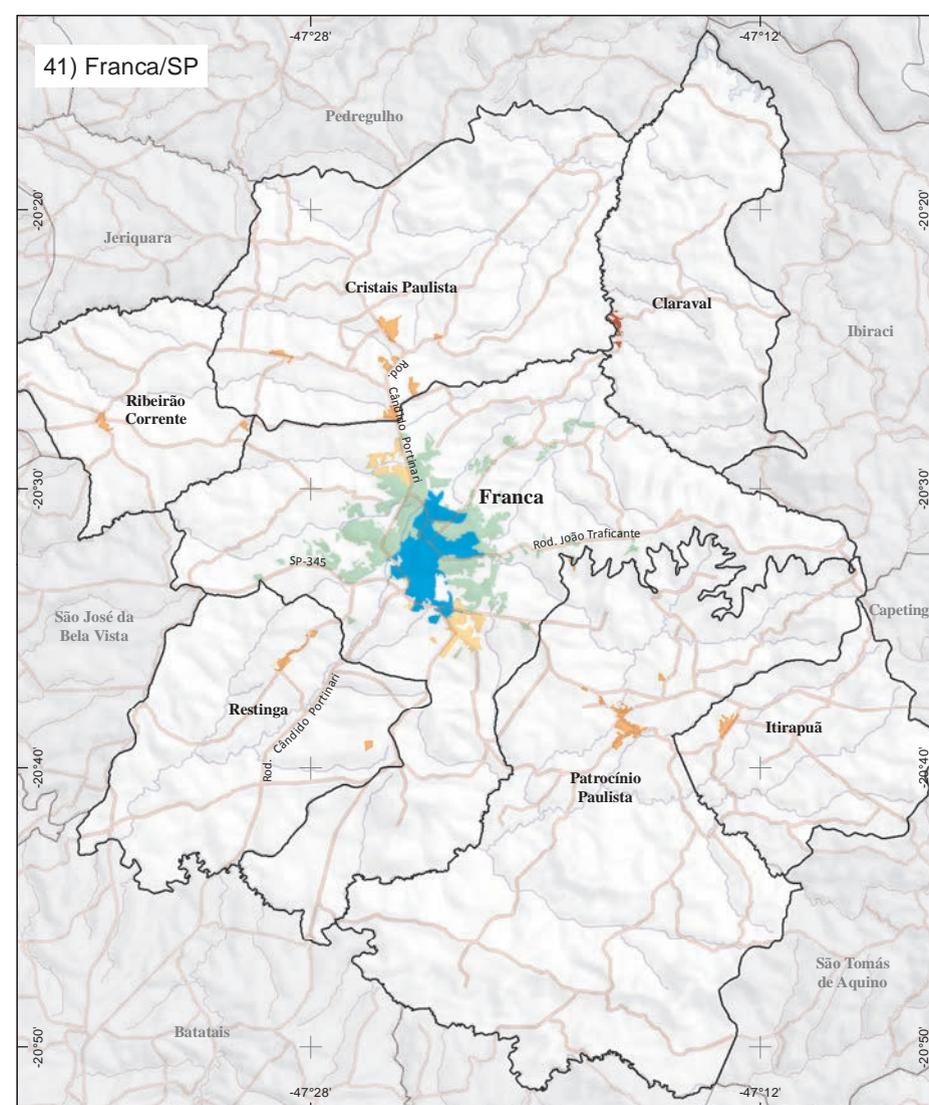
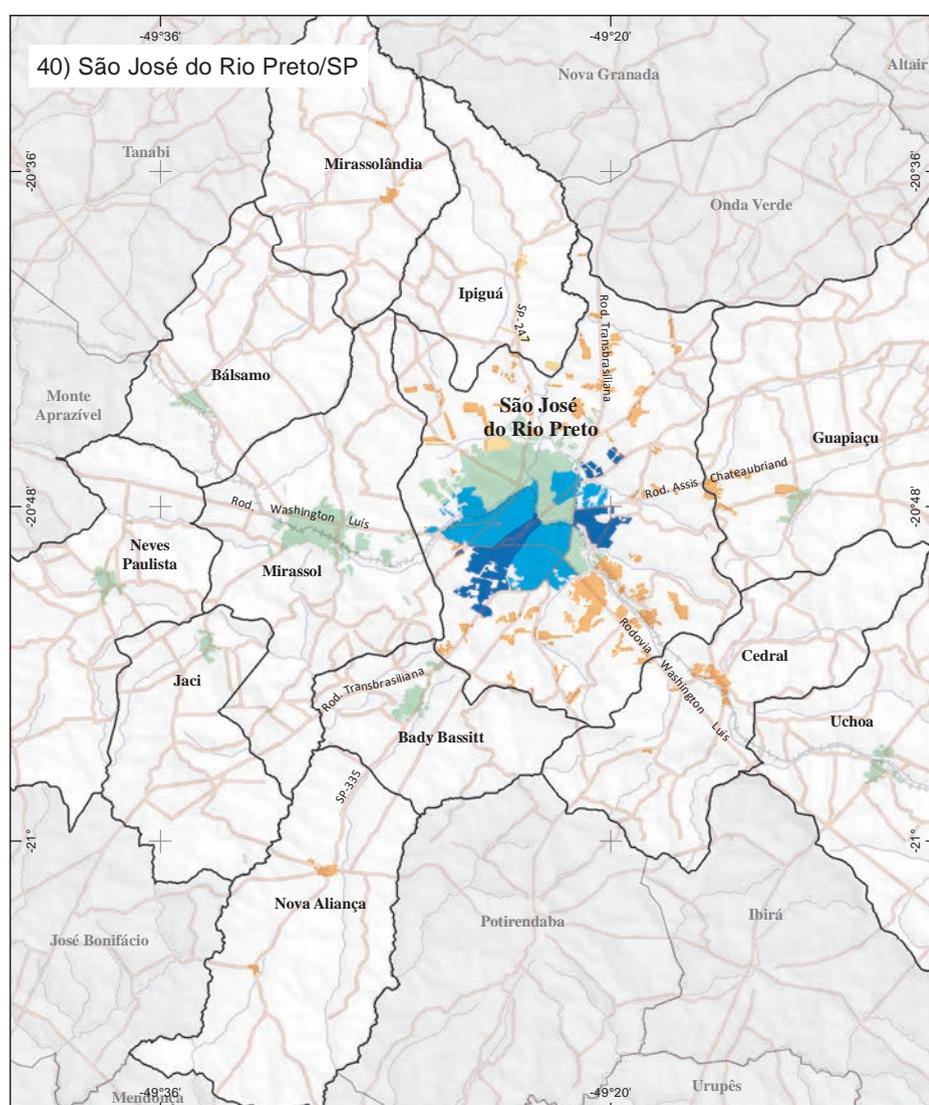
A	MELHORES
B	
C	
D	
E	
F	
G	
H	
I	
J	
K	PIORES

↑ CONDIÇÕES DE VIDA ↓



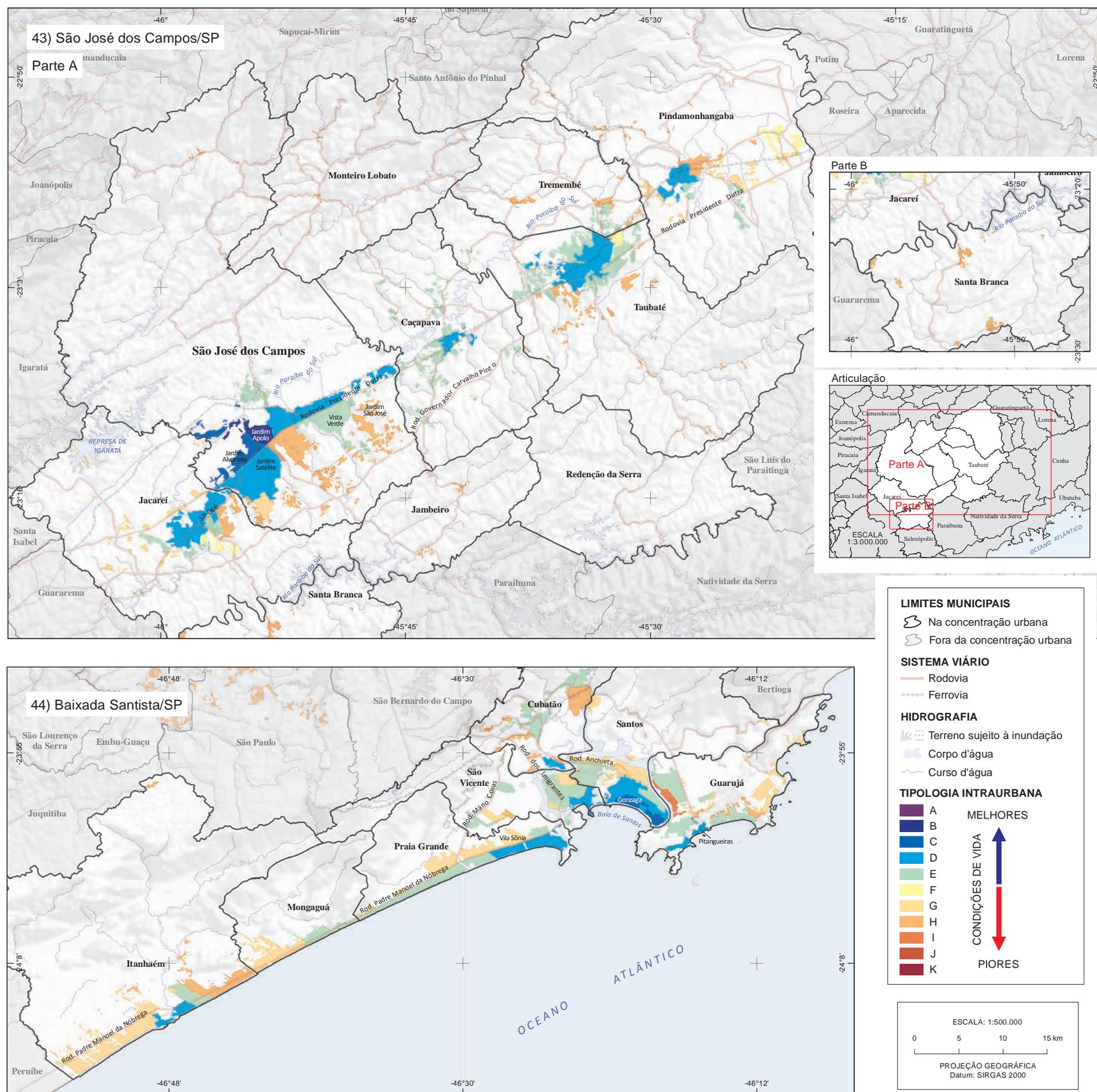
Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010.
Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

Mapas 40 a 42 - Tipologia intraurbana das Concentrações Urbanas de "São José do Rio Preto/SP", "Franca/SP" e "Ribeirão Preto/SP"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010.
 Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
 2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

Mapas 43 e 44 - Tipologia intraurbana das Concentrações Urbanas de "São José dos Campos/SP" e "Baixada Santista/SP"

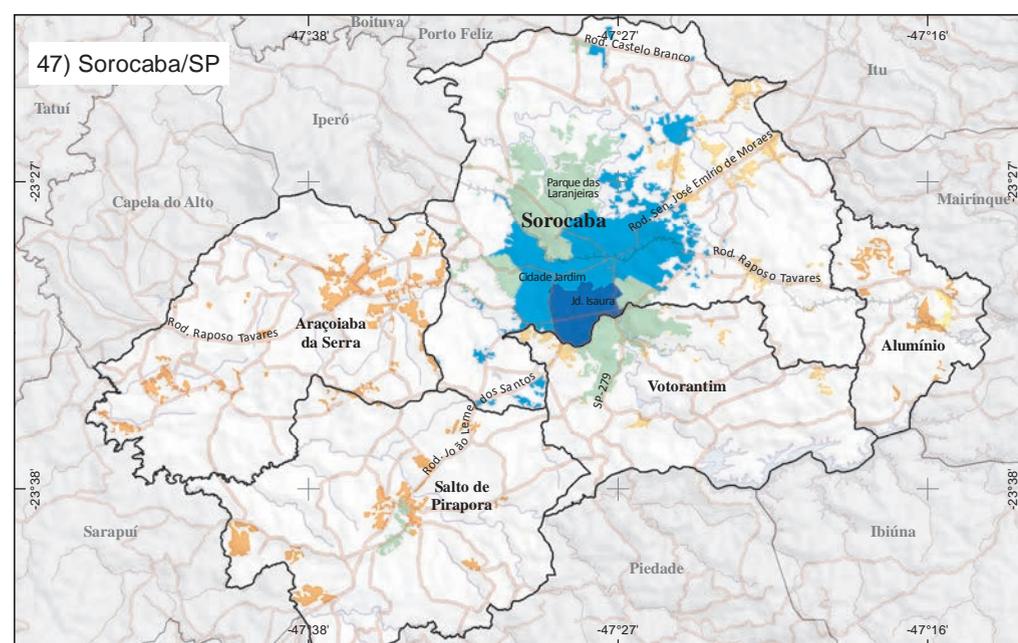
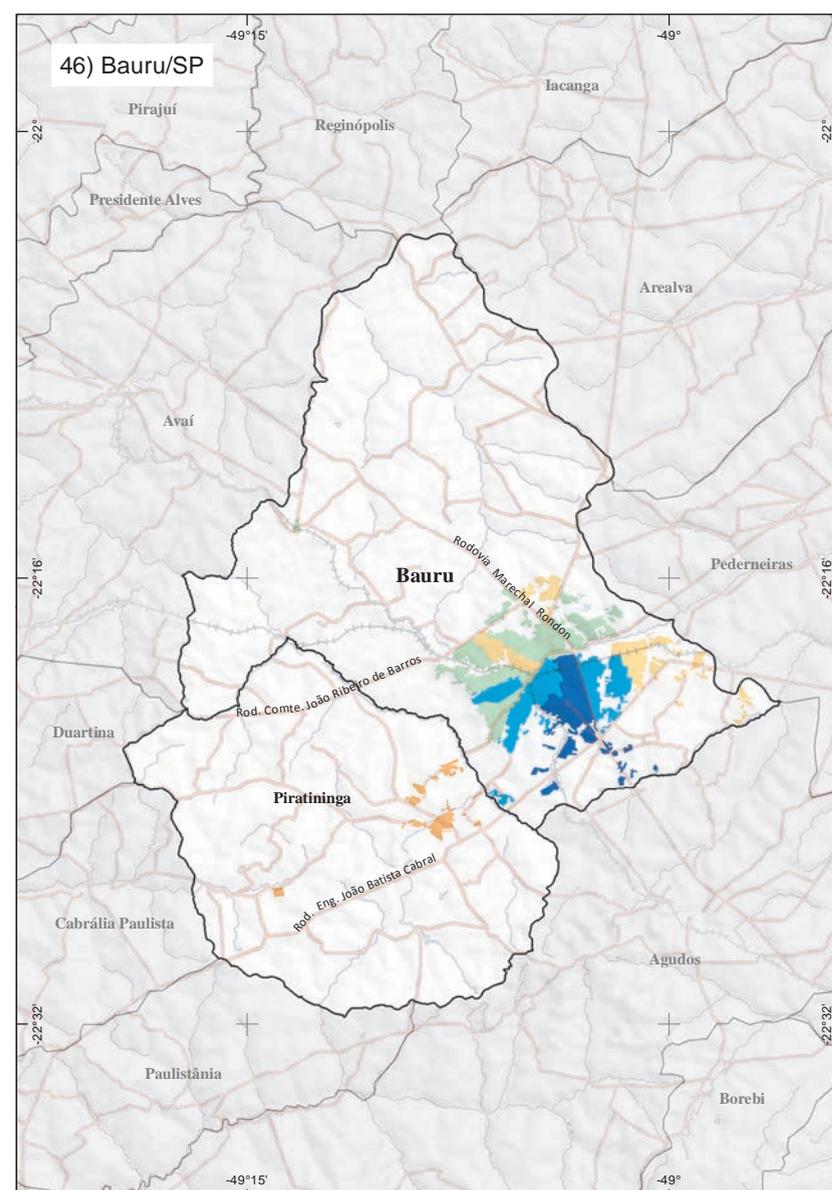
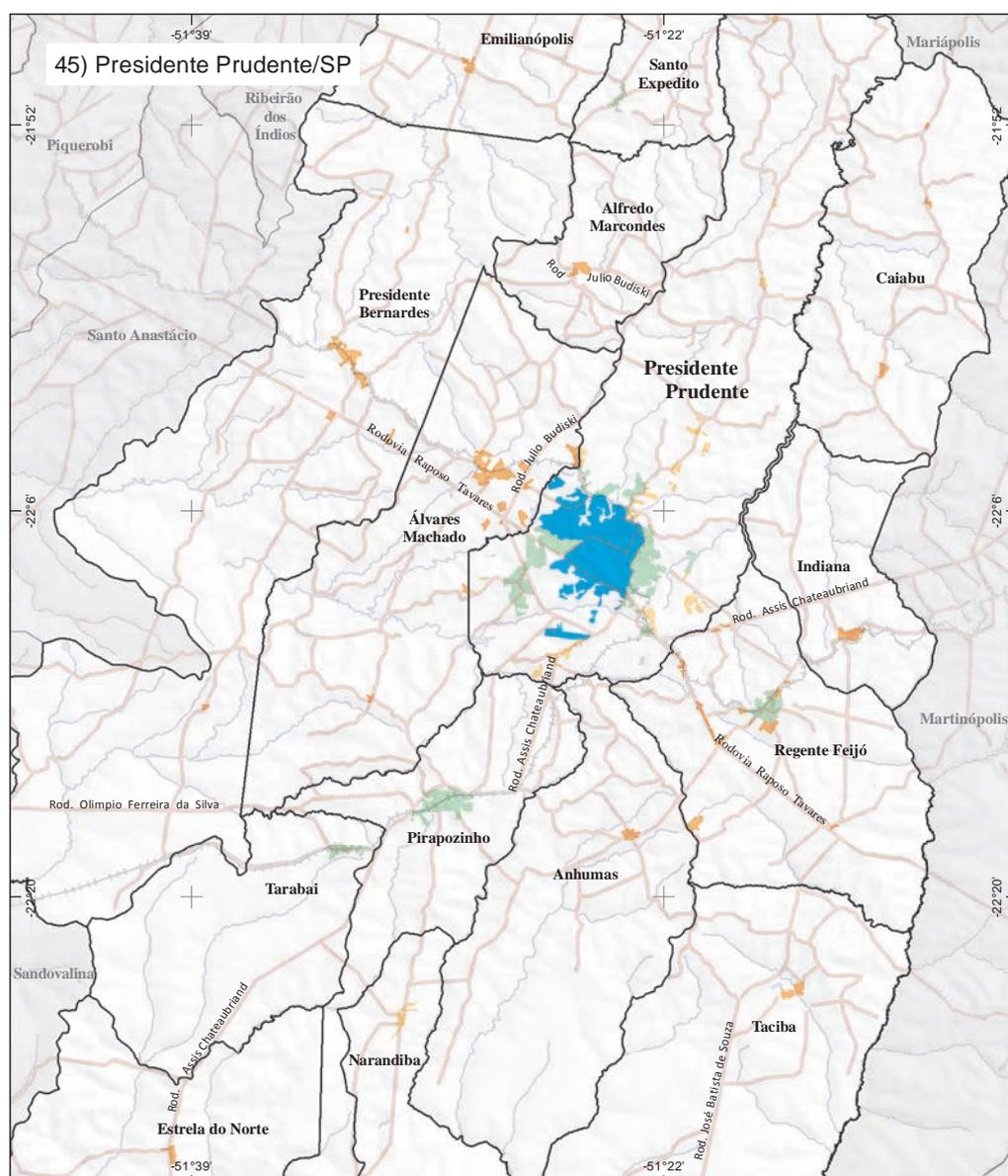


Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.

2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

Mapas 45 a 47 - Tipologia intraurbana das Concentrações Urbanas de "Presidente Prudente/SP", "Bauru/SP" e "Sorocaba/SP"



LIMITES MUNICIPAIS

- Na concentração urbana
- Fora da concentração urbana

SISTEMA VIÁRIO

- Rodovia
- Ferrovias

HIDROGRAFIA

- Terreno sujeito à inundação
- Corpo d'água
- Curso d'água

TIPOLOGIA INTRAURBANA

MELHORES

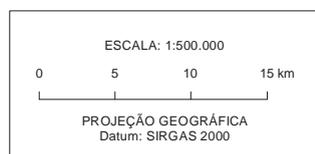
↑

CONDICÇÕES DE VIDA

↓

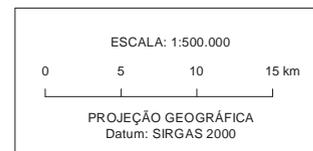
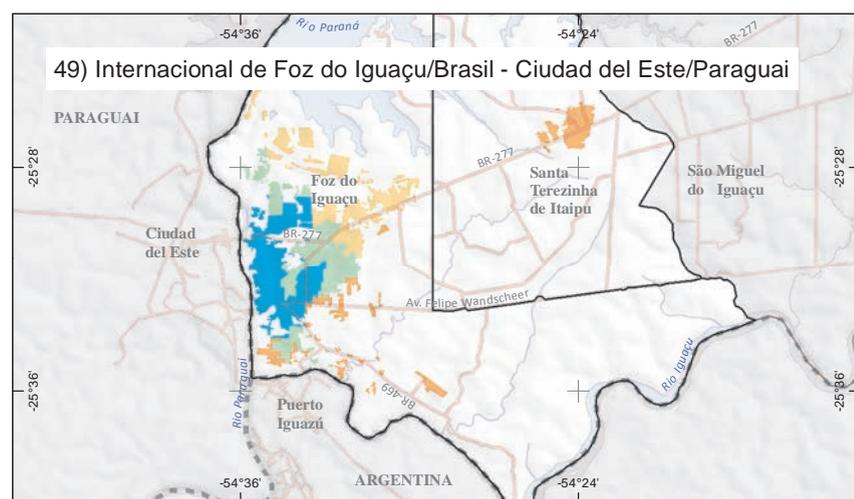
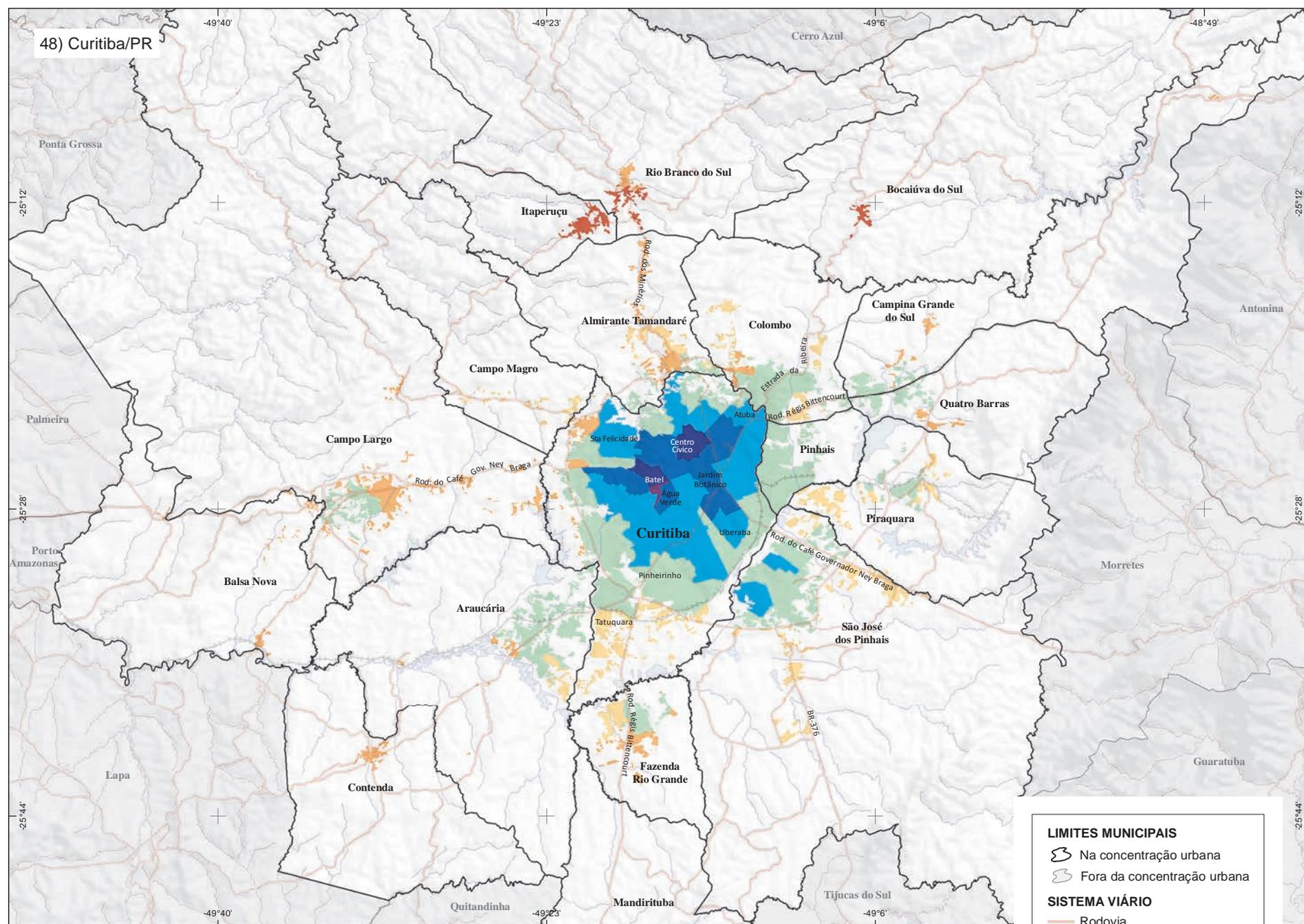
PIORES

- A
- B
- C
- D
- E
- F
- G
- H
- I
- J
- K



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010.
Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

Mapas 48 e 49 - Tipologia intraurbana das Concentrações Urbanas de "Curitiba/PR" e "Internacional de Foz do Iguaçu/Brasil - Ciudad del Este/Paraguai"



LIMITES MUNICIPAIS

- Na concentração urbana
- Fora da concentração urbana

SISTEMA VIÁRIO

- Rodovia
- Ferrovias

HIDROGRAFIA

- Terreno sujeito à inundação
- Corpo d'água
- Curso d'água

TIPOLOGIA INTRAURBANA

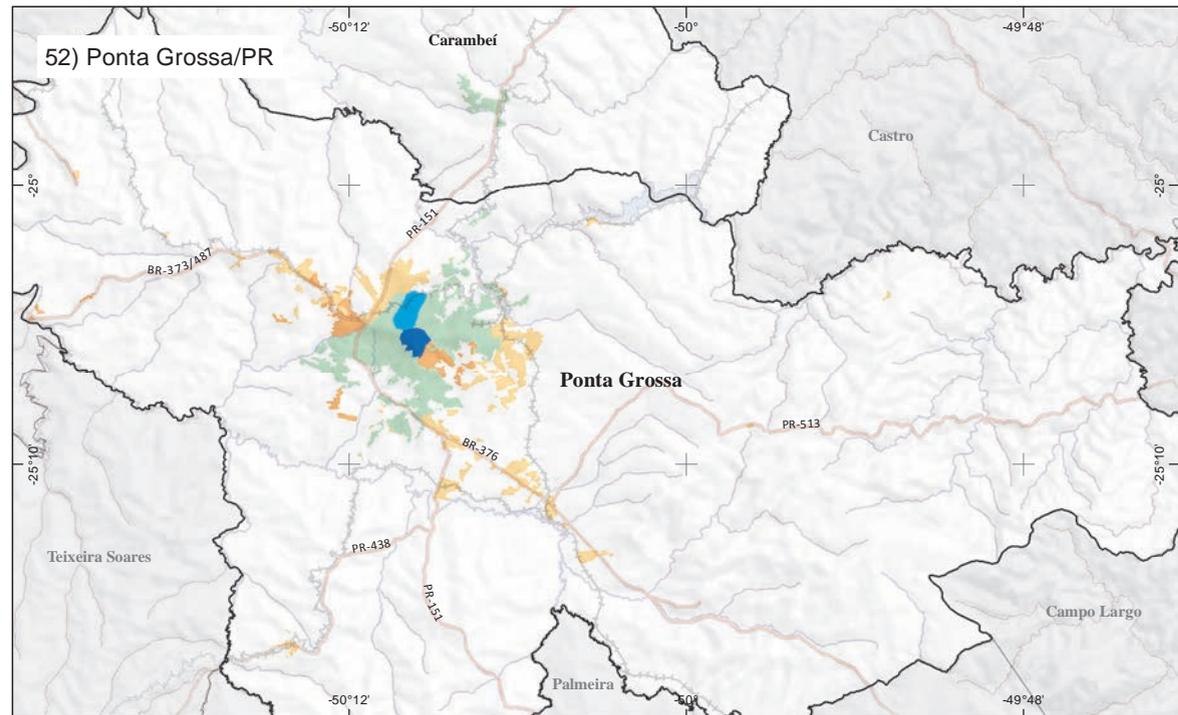
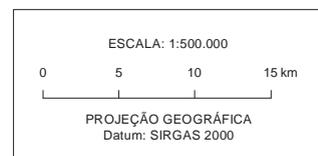
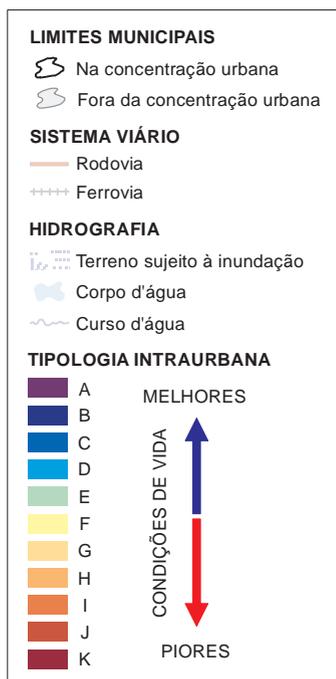
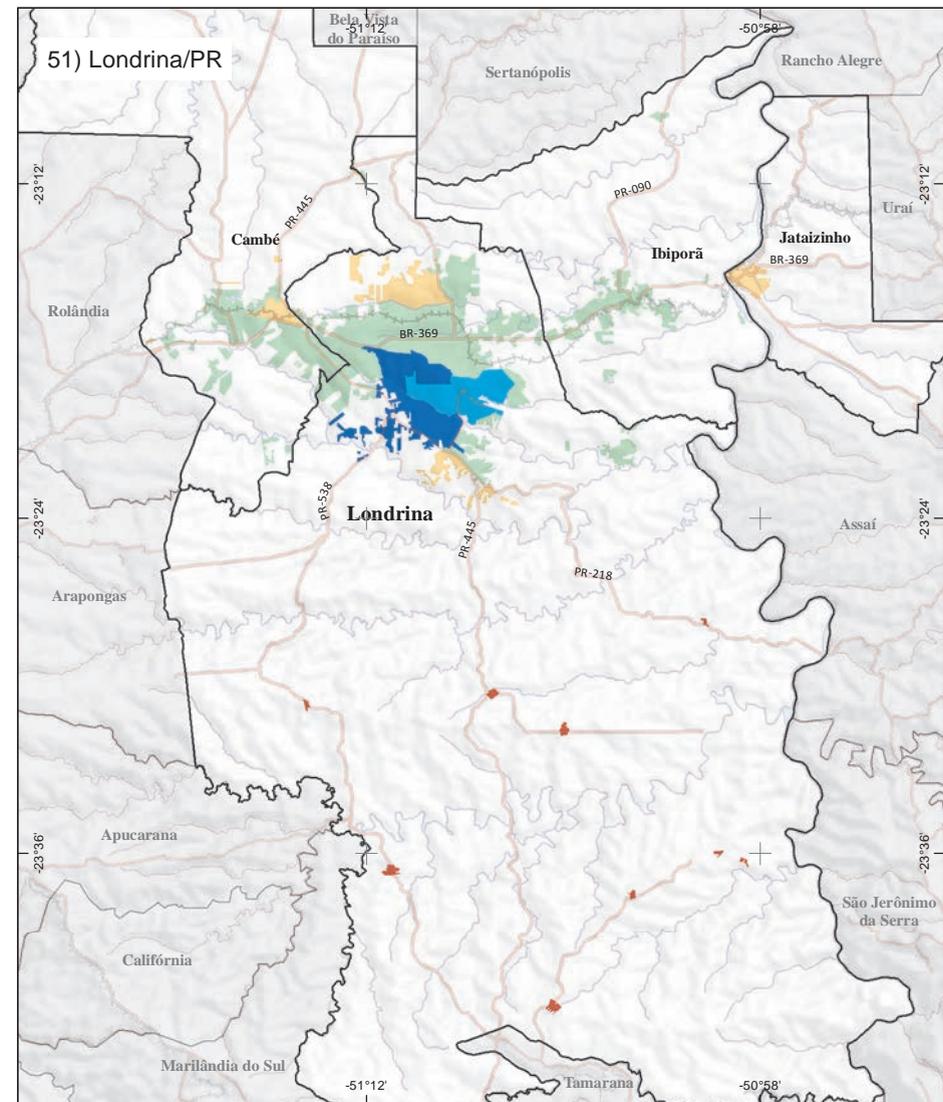
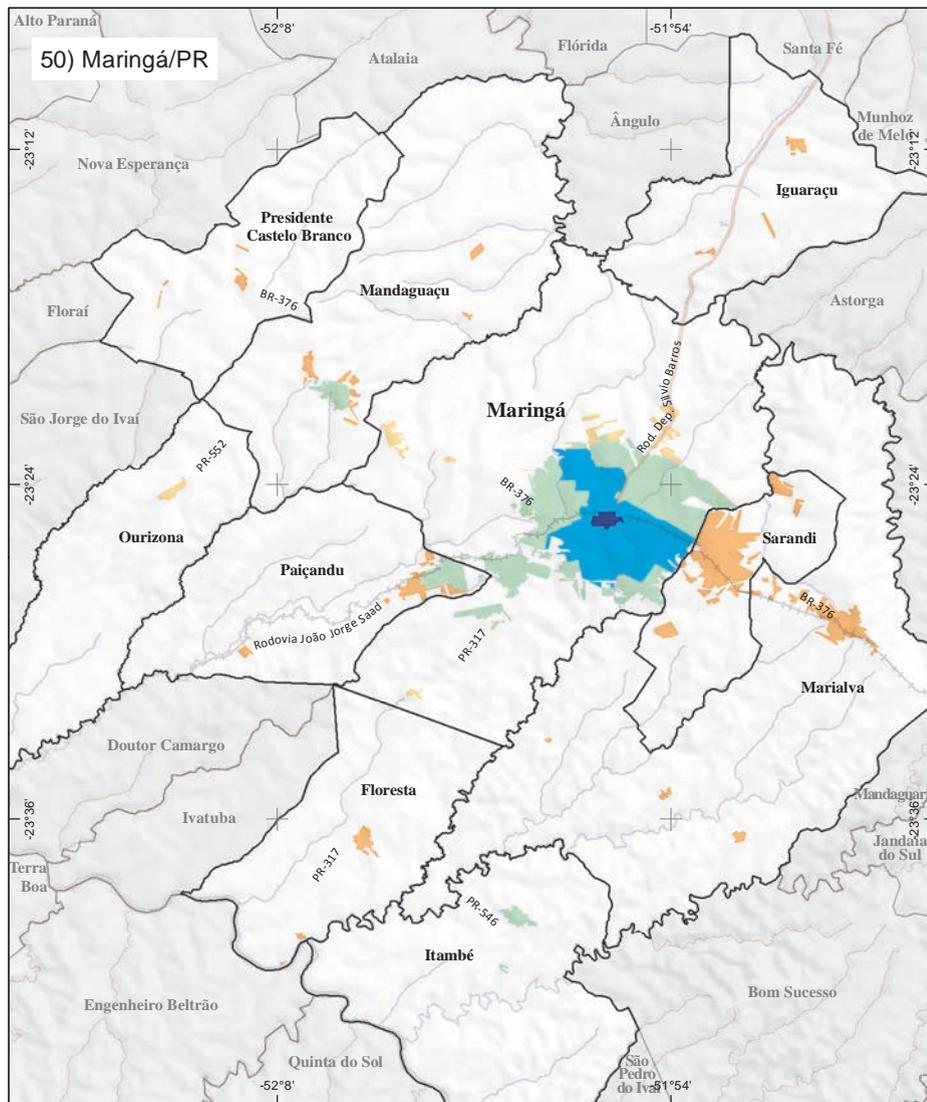
A	CONDICÕES DE VIDA	↑ MELHORES ↓ PIORES
B		
C		
D		
E		
F		
G		
H		
I		
J		
K		

Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. OpenStreetMap. Sutton Coldfield: OpenStreetMap Foundation, 2017. Disponível em: <<http://www.openstreetmap.org>>. Acesso em: maio 2015.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.

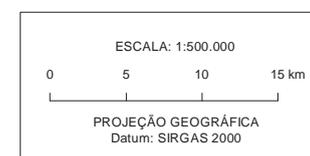
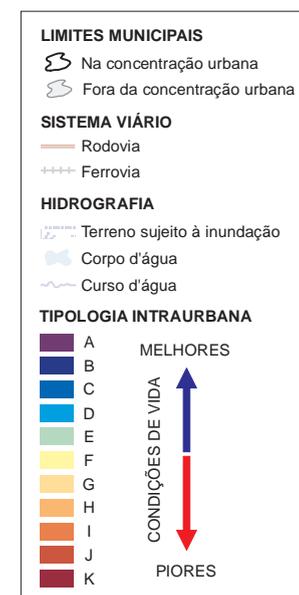
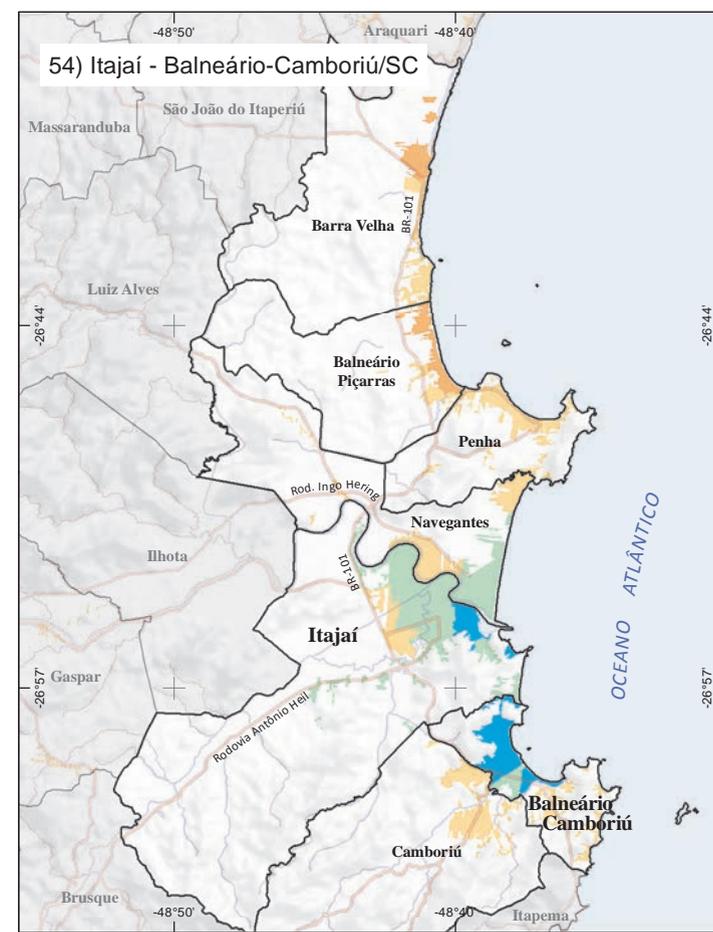
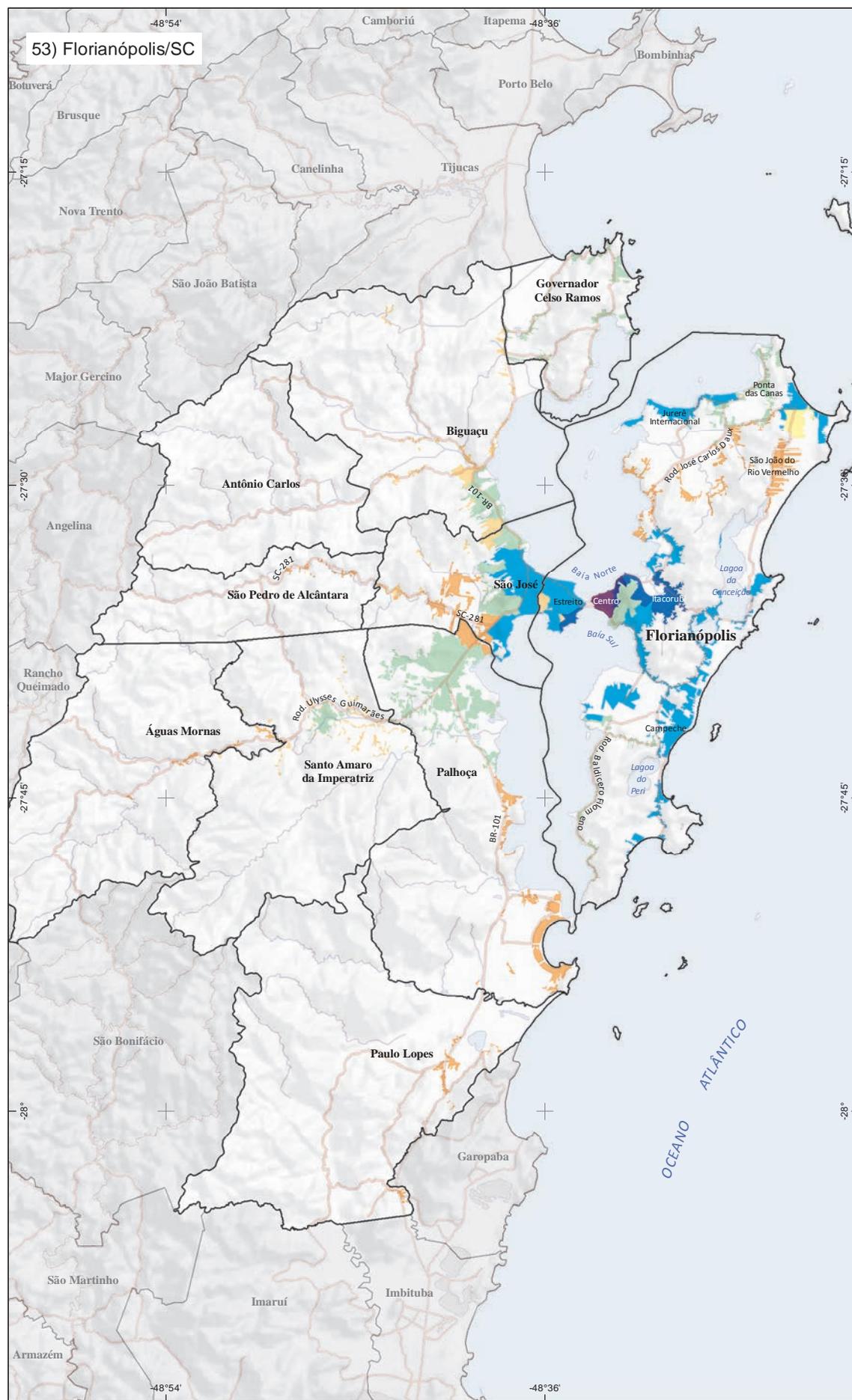
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

Mapas 50 a 52 - Tipologia intraurbana das Concentrações Urbanas de "Maringá/PR", "Londrina/PR" e "Ponta Grossa/PR"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010.
 Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
 2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

Mapas 53 e 54 - Tipologia intraurbana das Concentrações Urbanas de "Florianópolis/SC" e "Itajaí - Balneário Camboriú/SC"

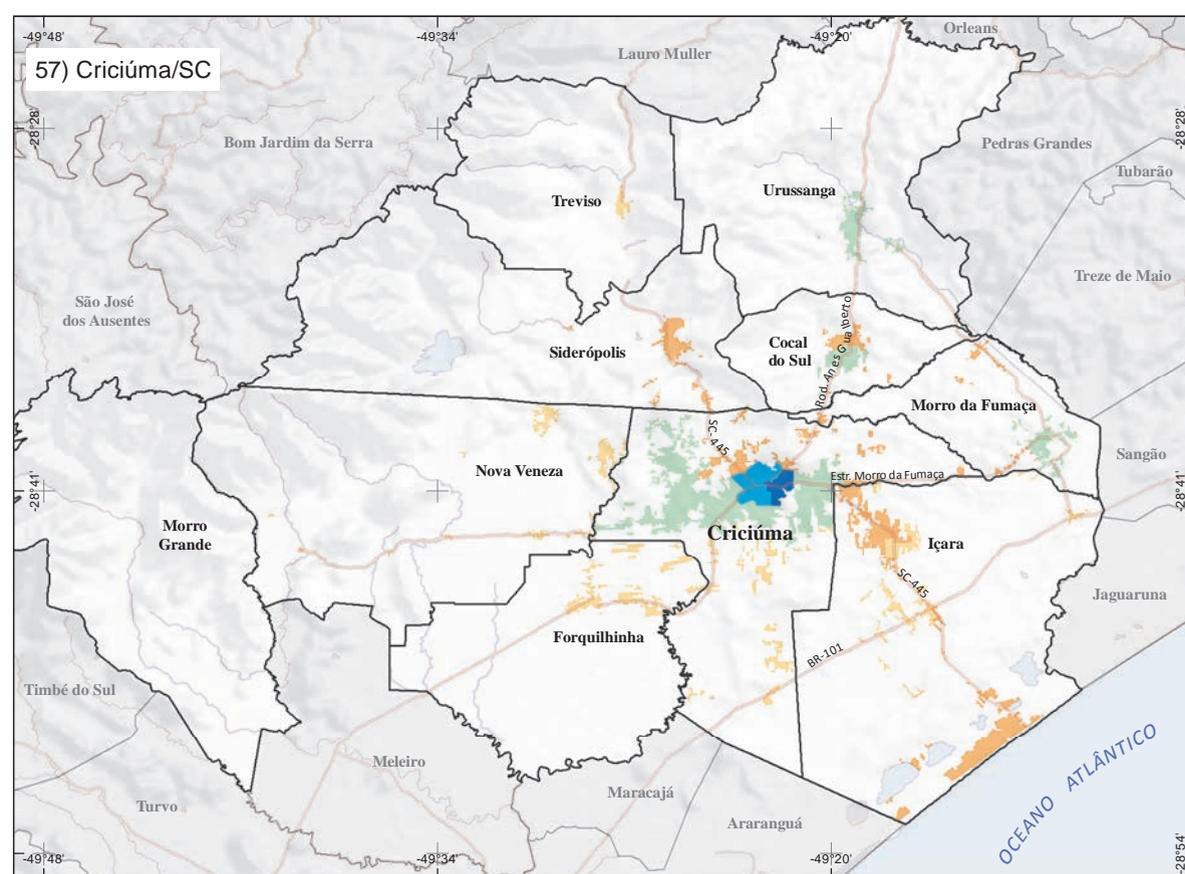
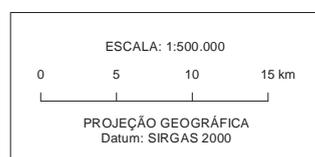
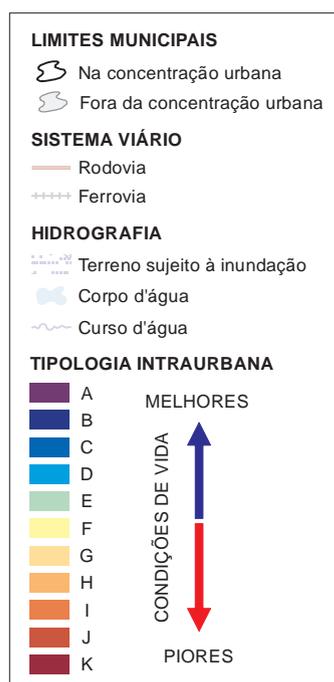
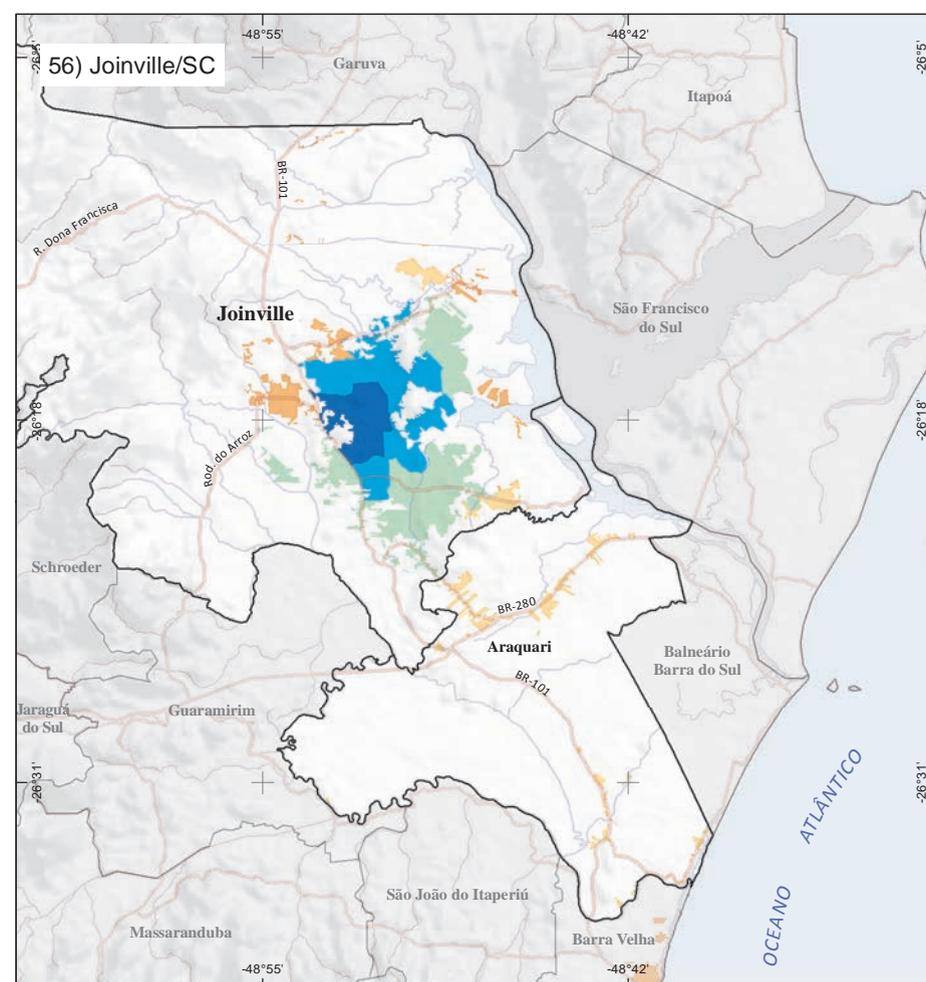
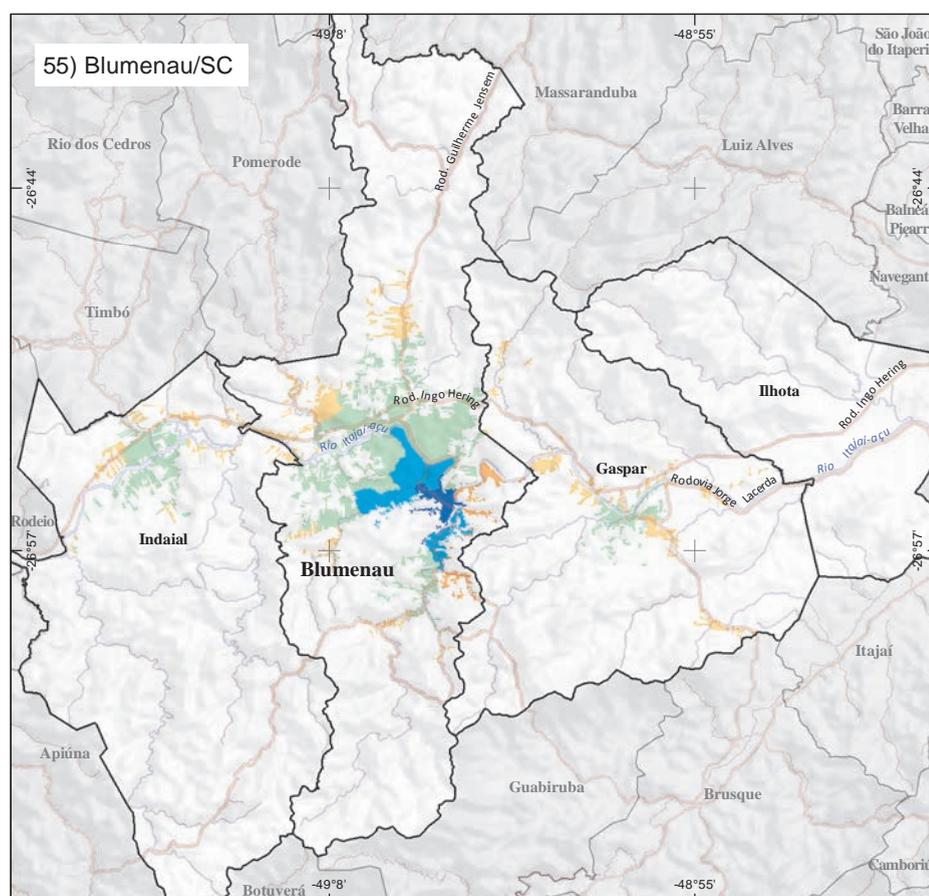


Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.

2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

Mapas 55 a 57 - Tipologia intraurbana das Concentrações Urbanas de "Joinville/SC", "Blumenau/SC" e "Criciúma/SC"

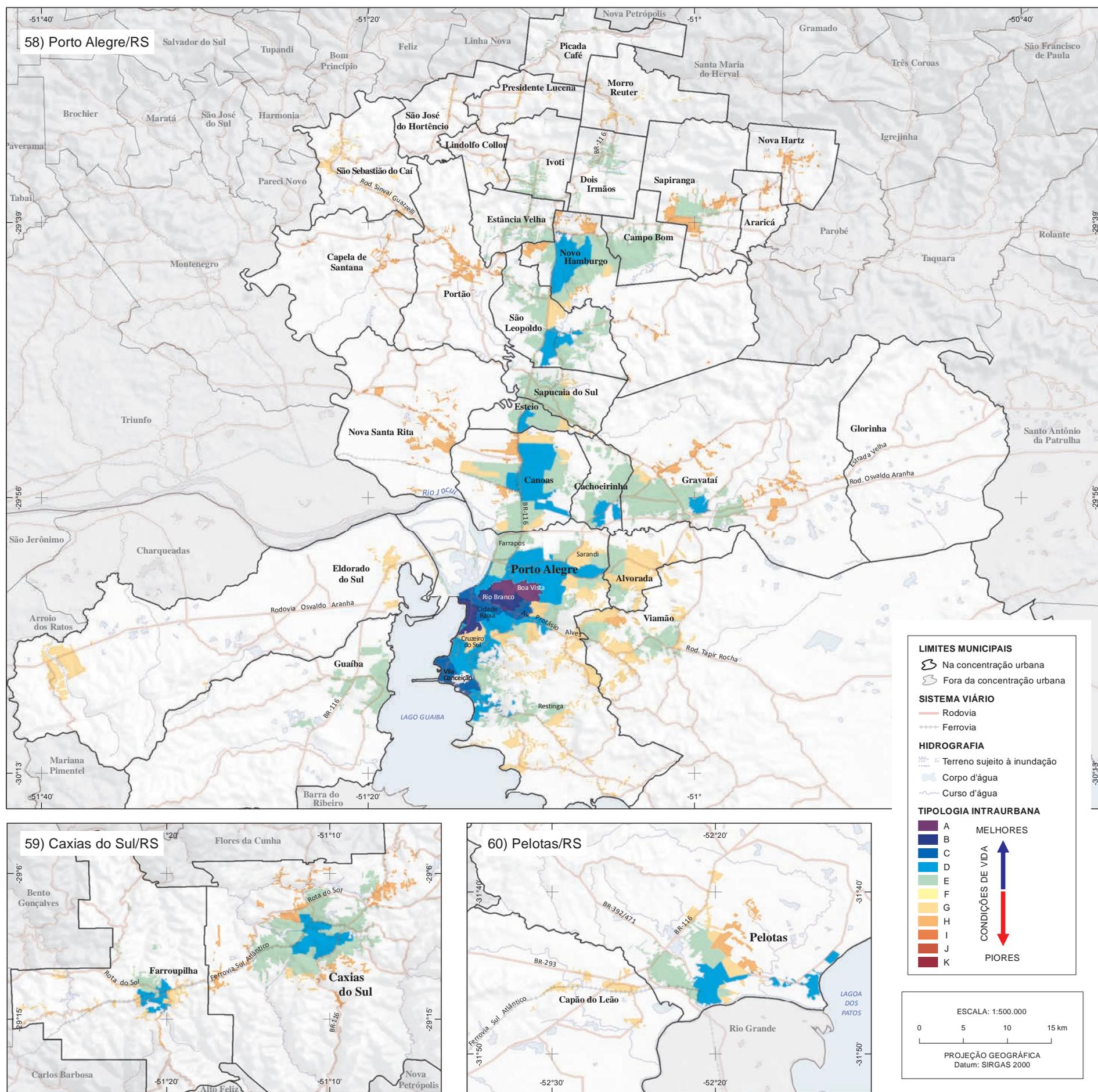


Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.

2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

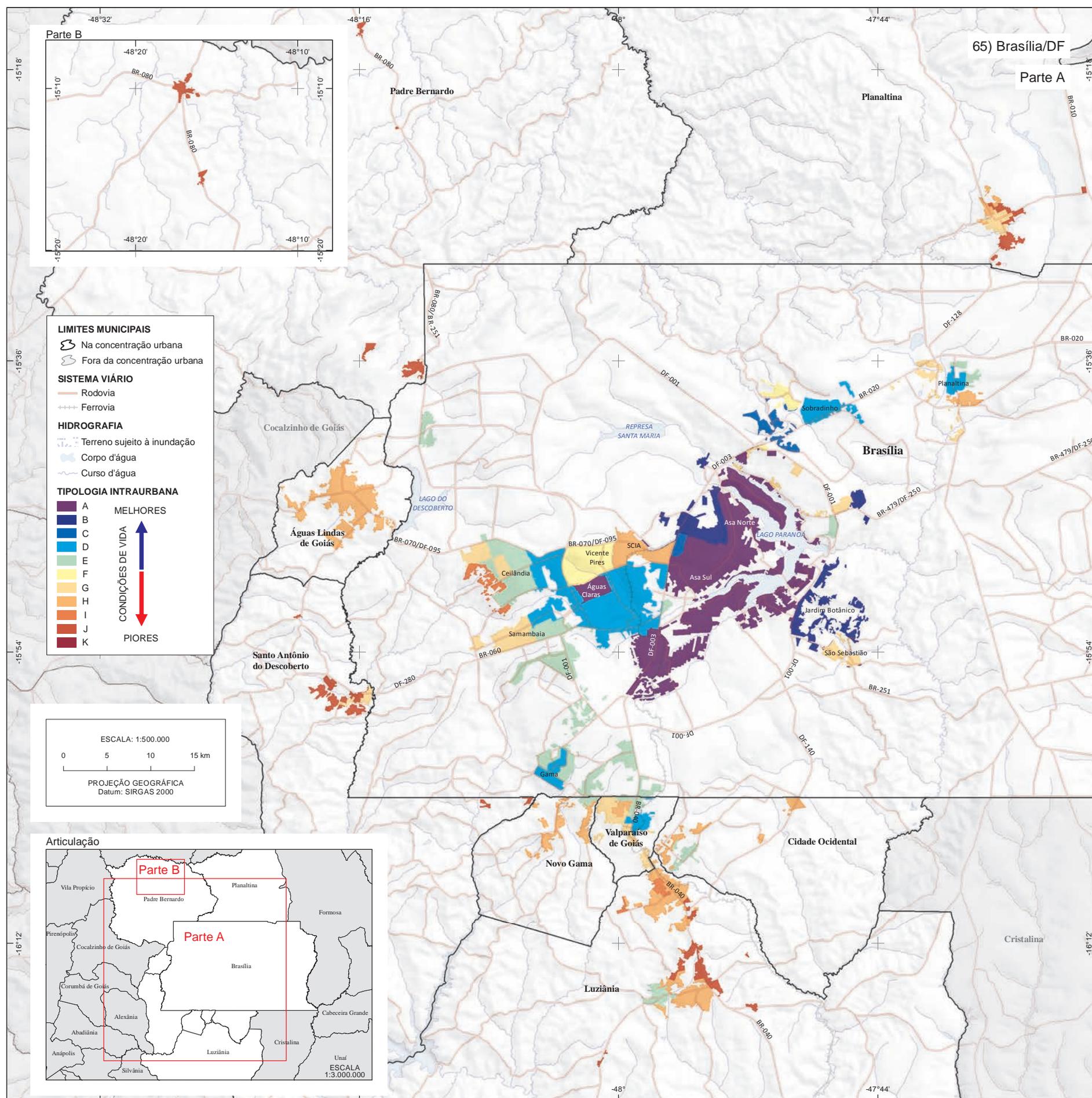
Mapas 58 a 60 - Tipologia intraurbana das Concentrações Urbanas de "Porto Alegre/RS", "Caxias do Sul/RS" e "Pelotas/RS"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

Mapa 65 - Tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Brasília/DF"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010.

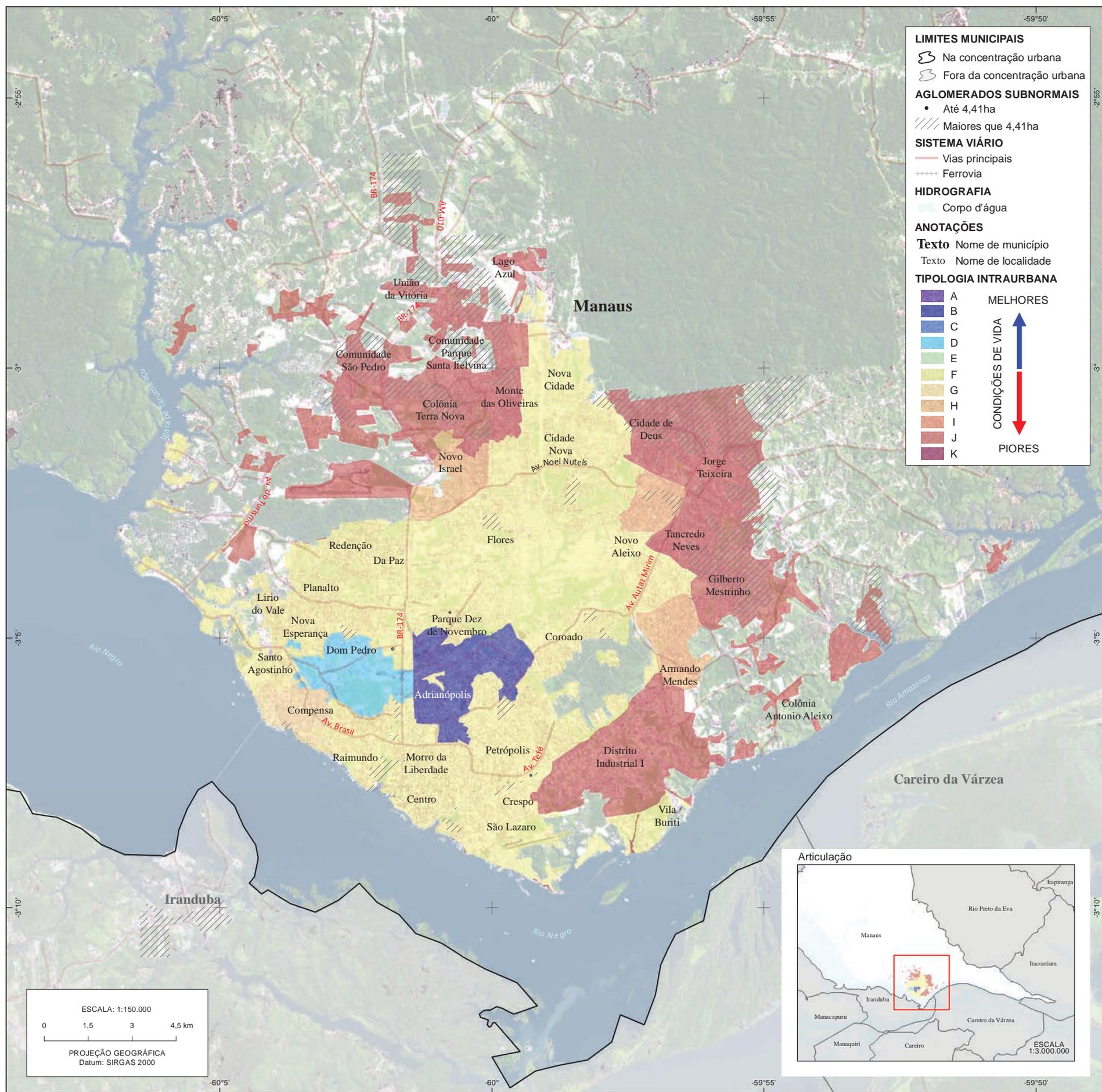
Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.

2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

APÊNDICE 2

**Mapas de detalhes dos tipos intraurbanos
segundo as 12 metrópoles brasileiras**

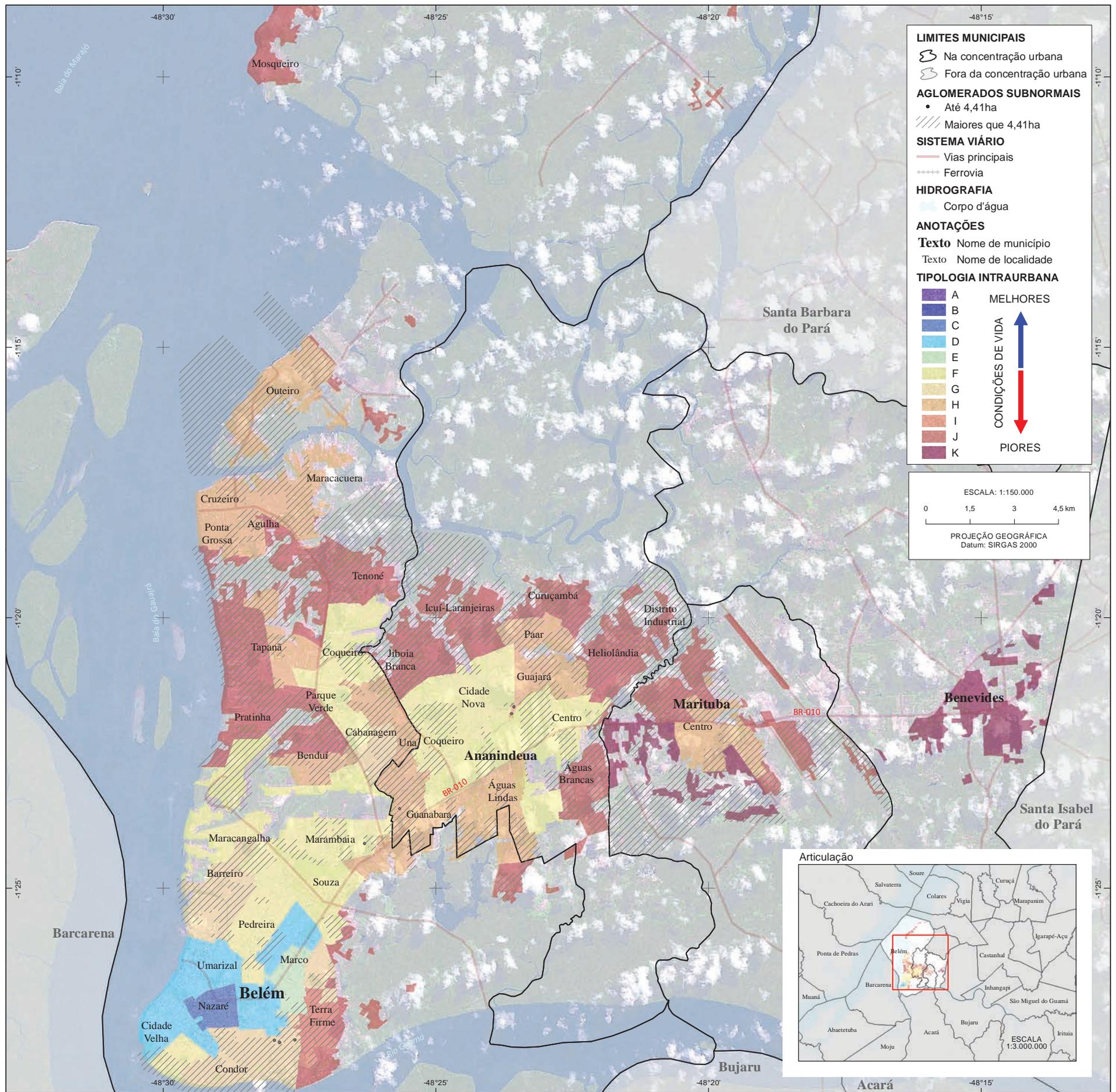
Mapa 1 - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de Manaus (AM)



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

Mapa 2 - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Belém/PA"



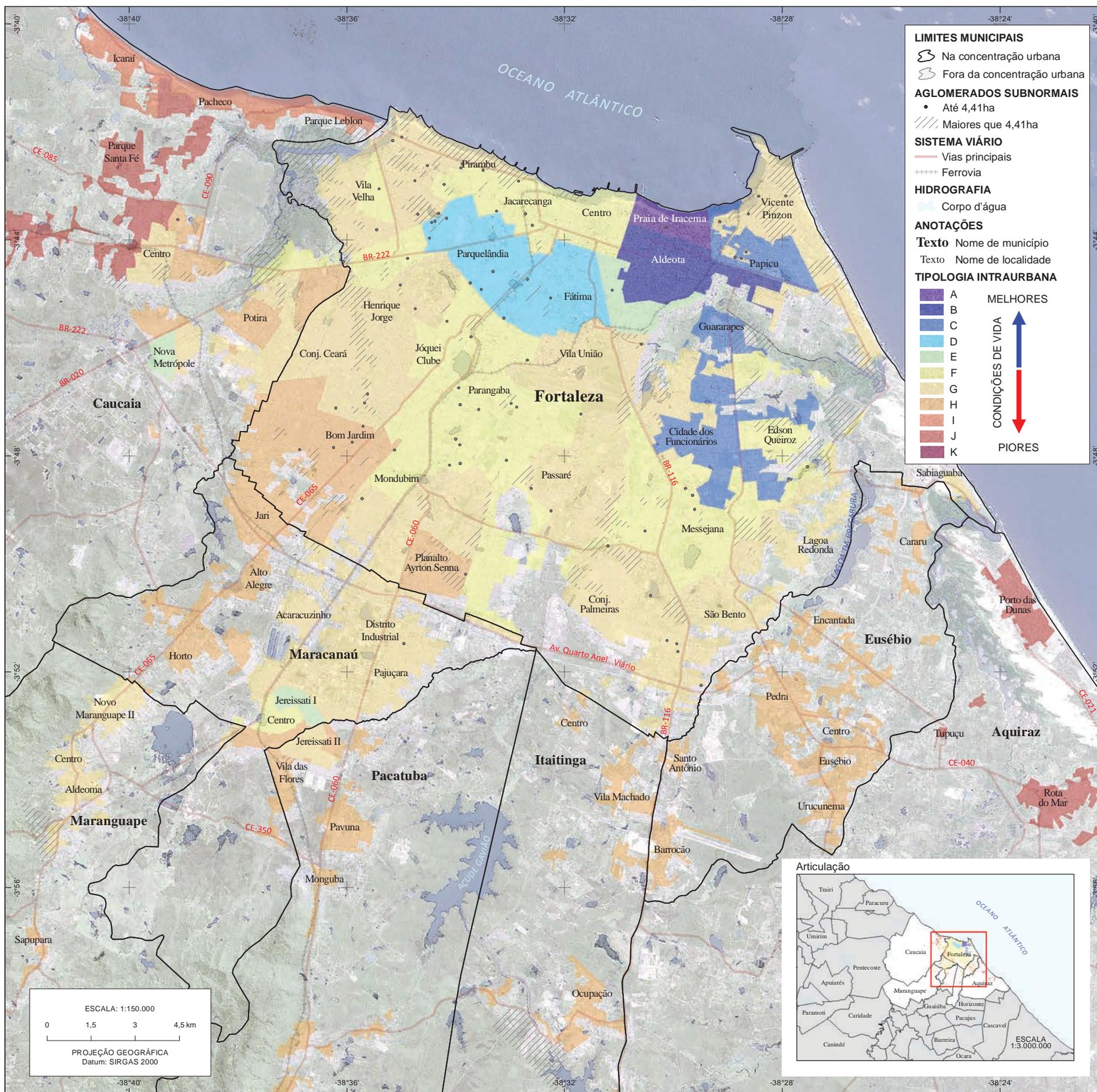
Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.

2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

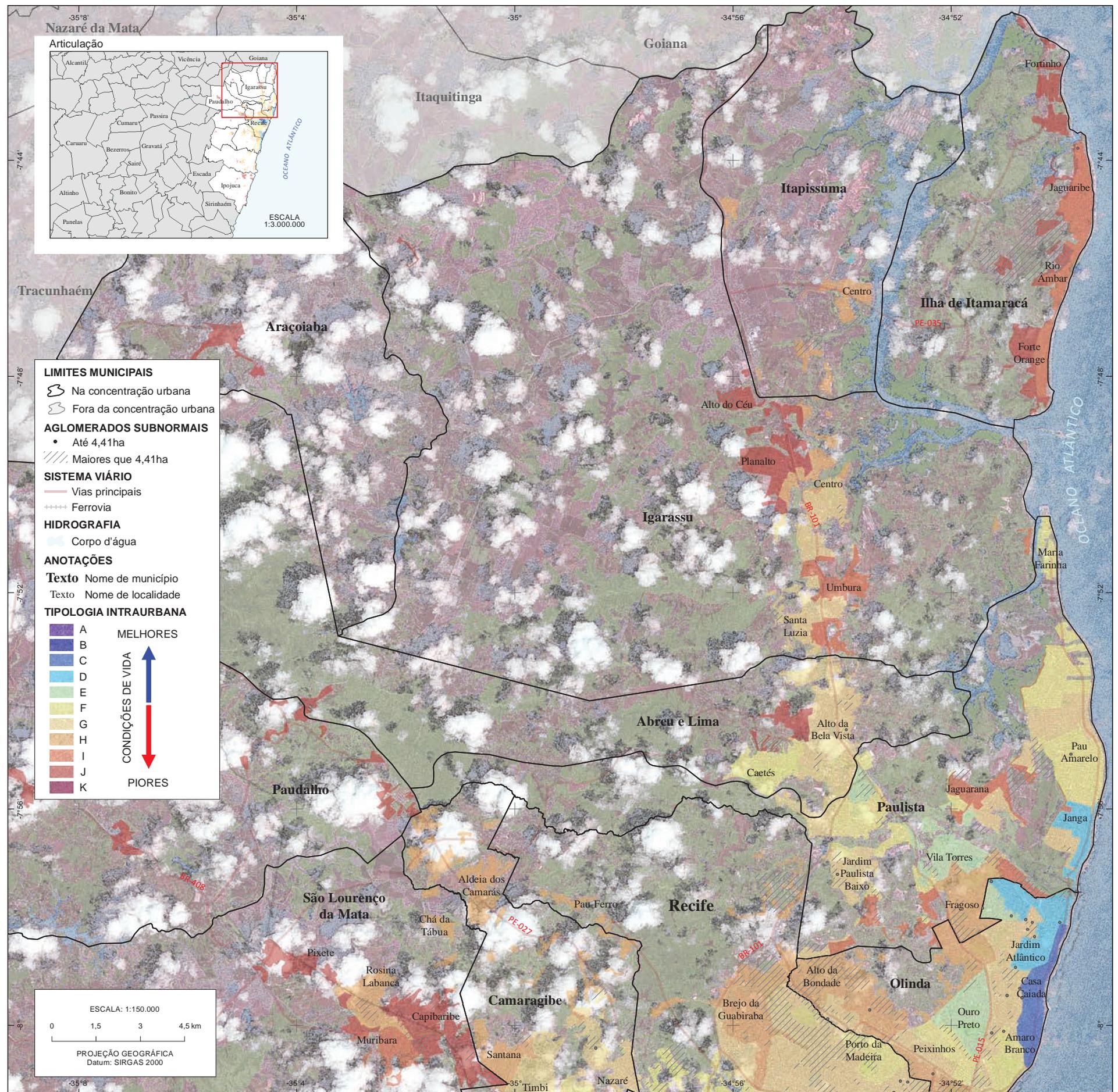
Mapa 3 - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Fortaleza/CE"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

Mapa 4a - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Recife/PE"



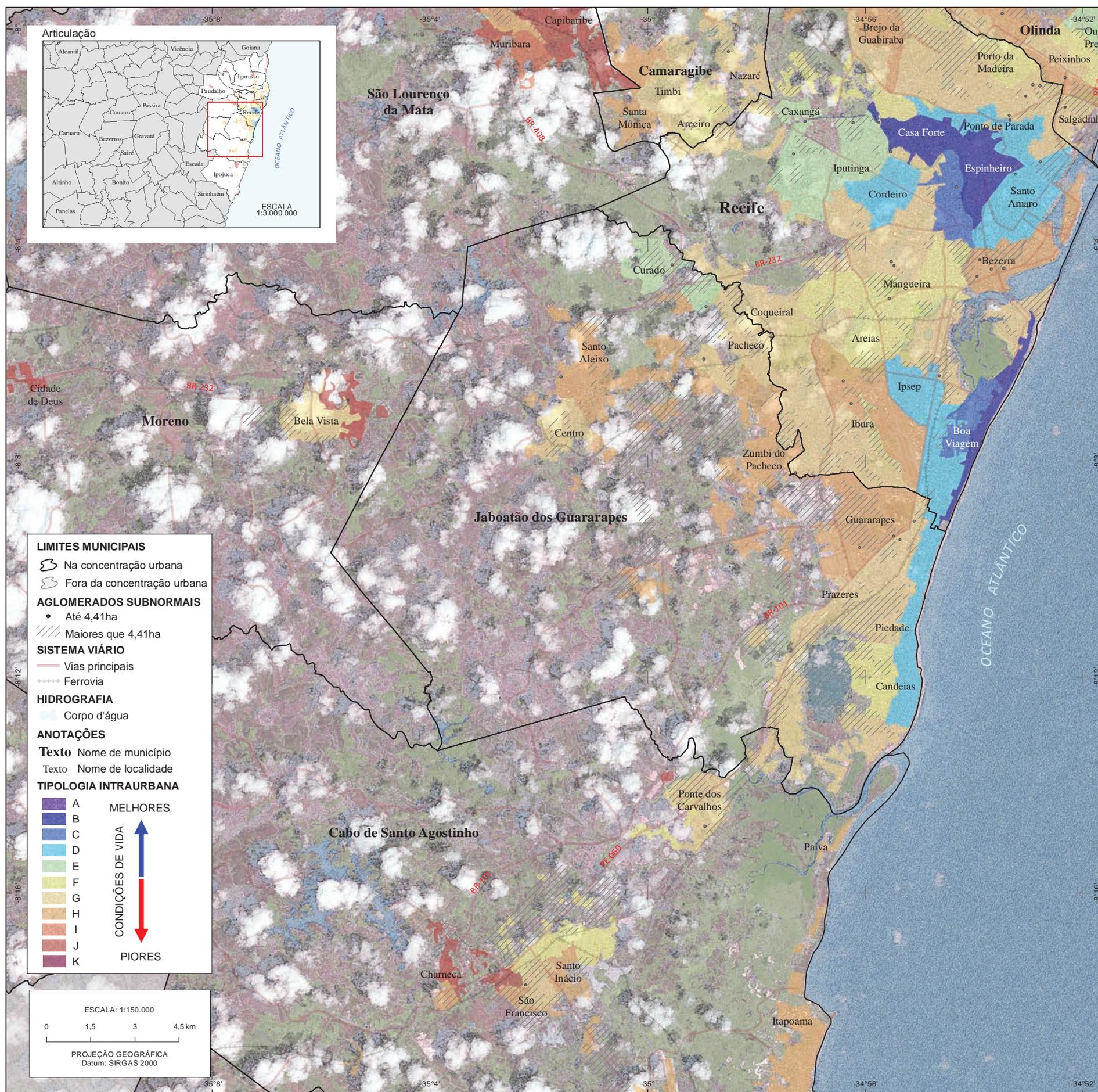
Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.

2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

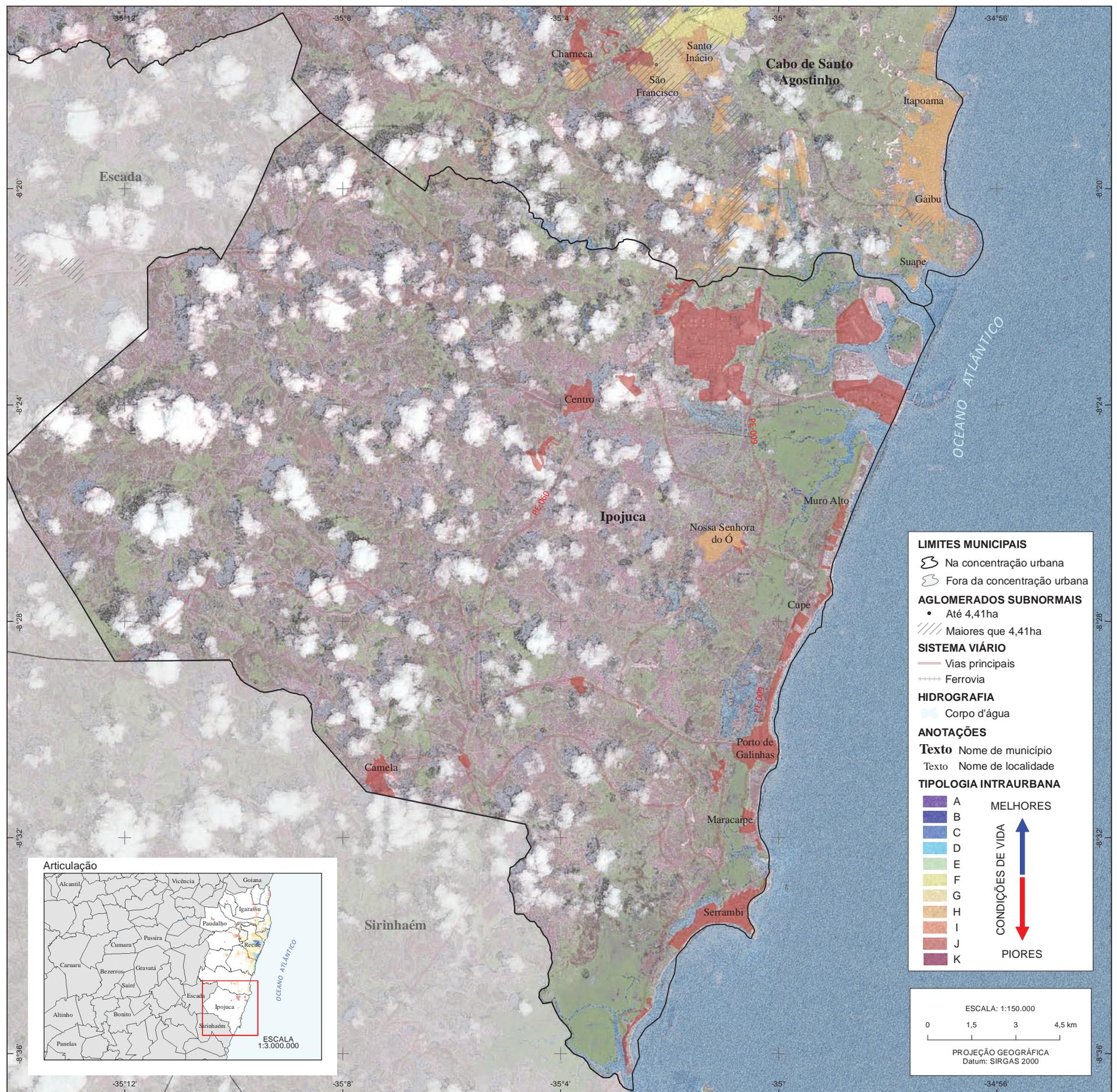
Mapa 4b - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Recife/PE"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

Mapa 4c - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Recife/PE"



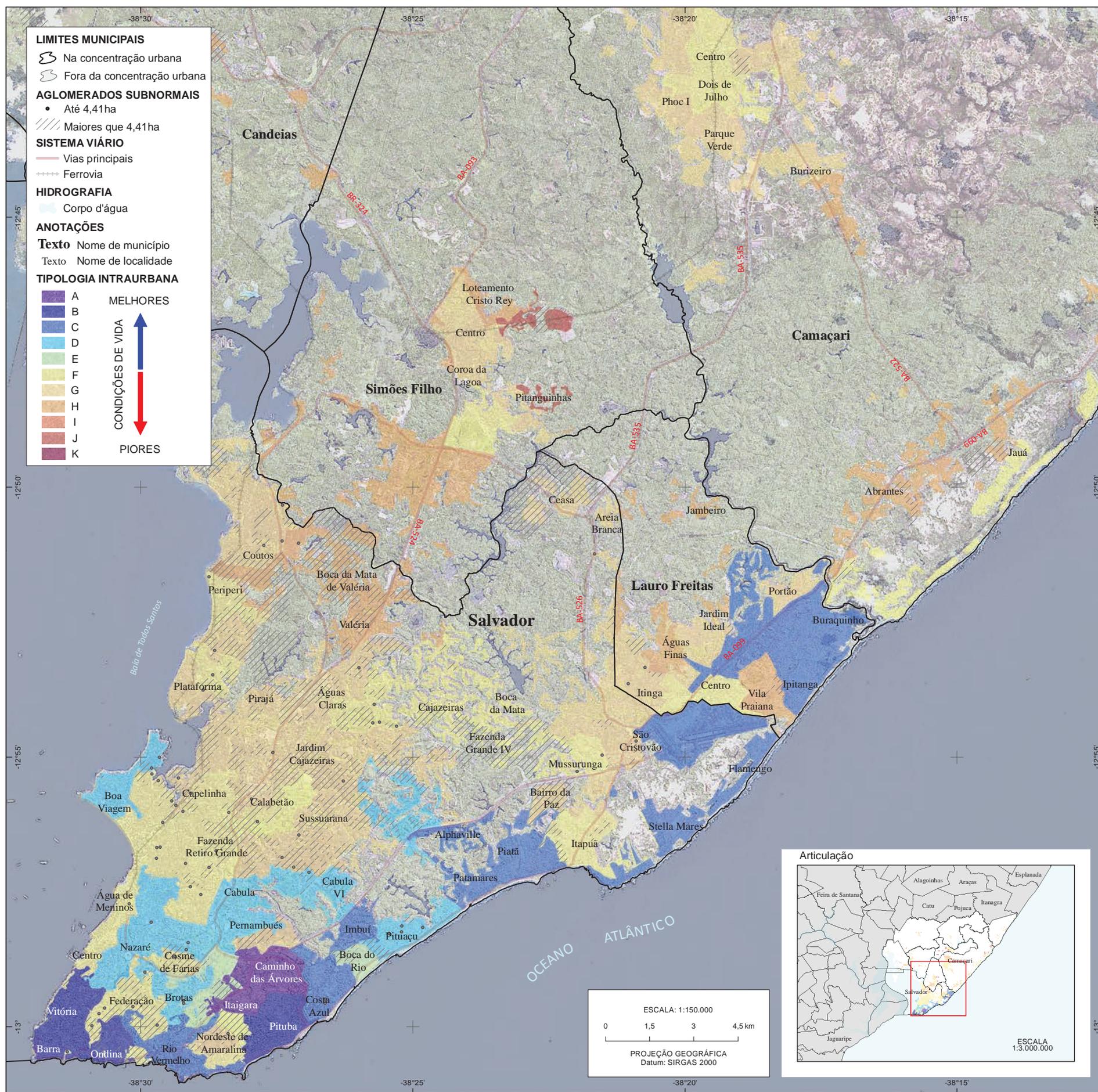
Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.

2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

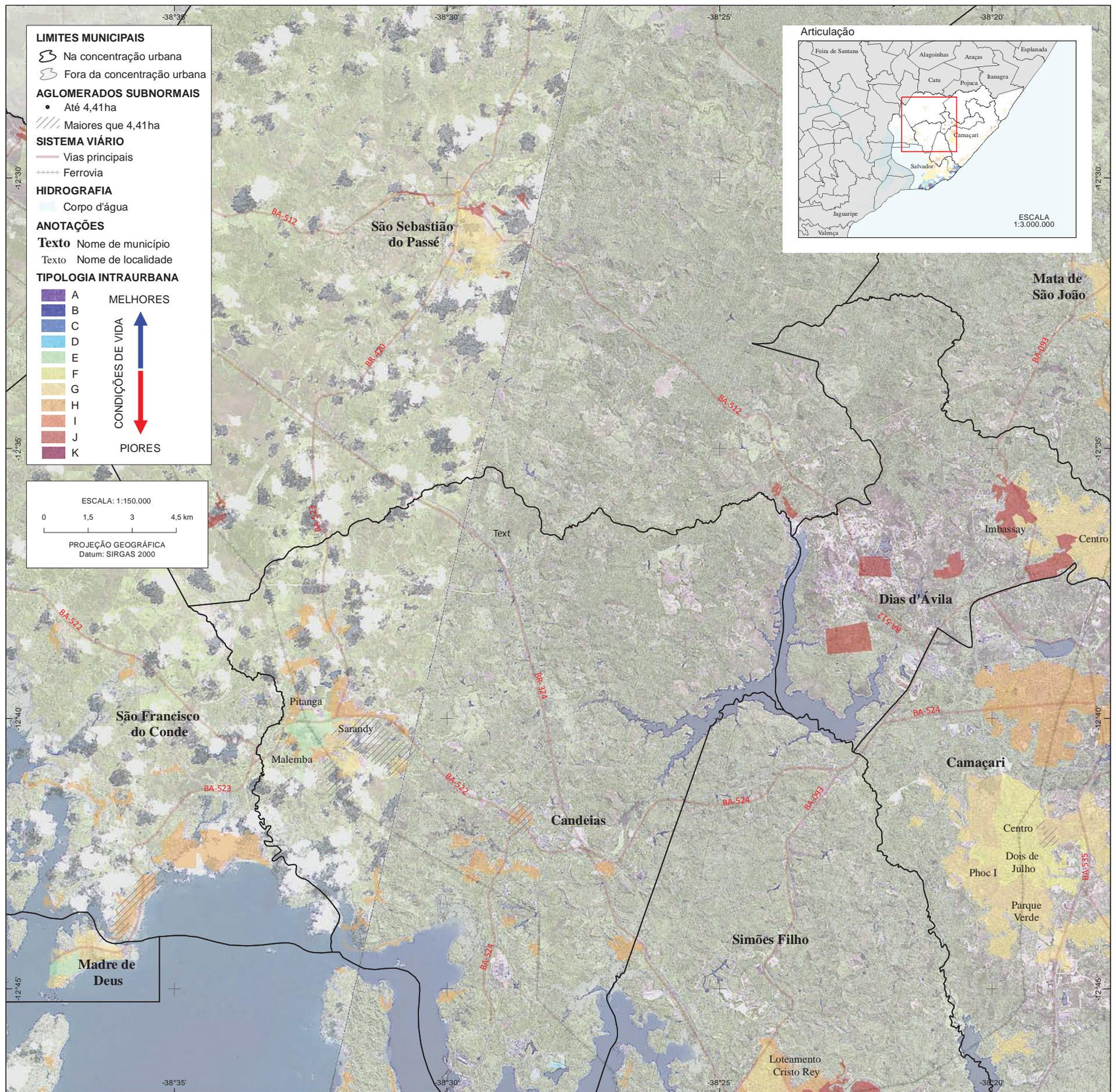
Mapa 5a - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Salvador/BA"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

Mapa 5b - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Salvador/BA"



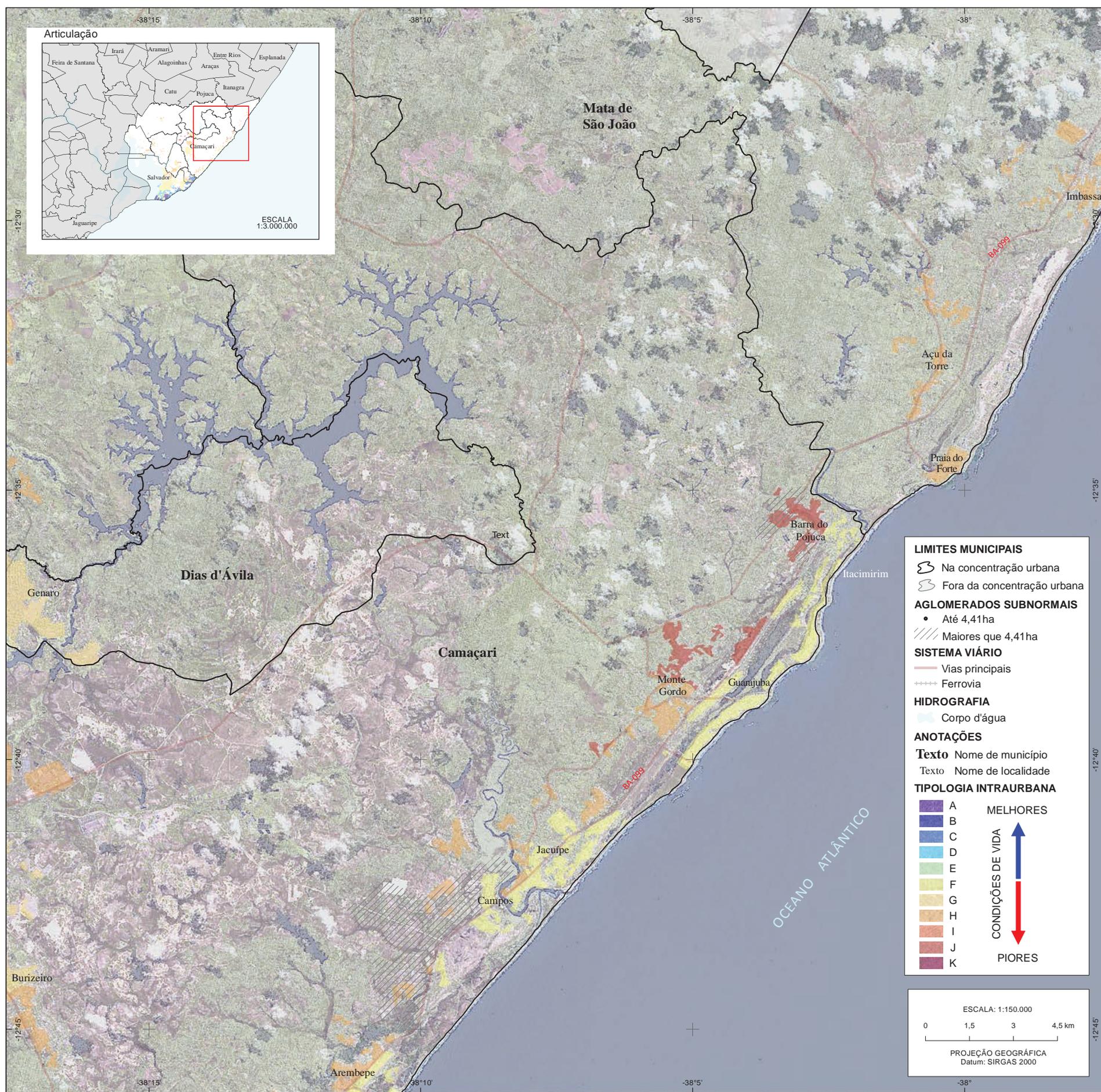
Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.

2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

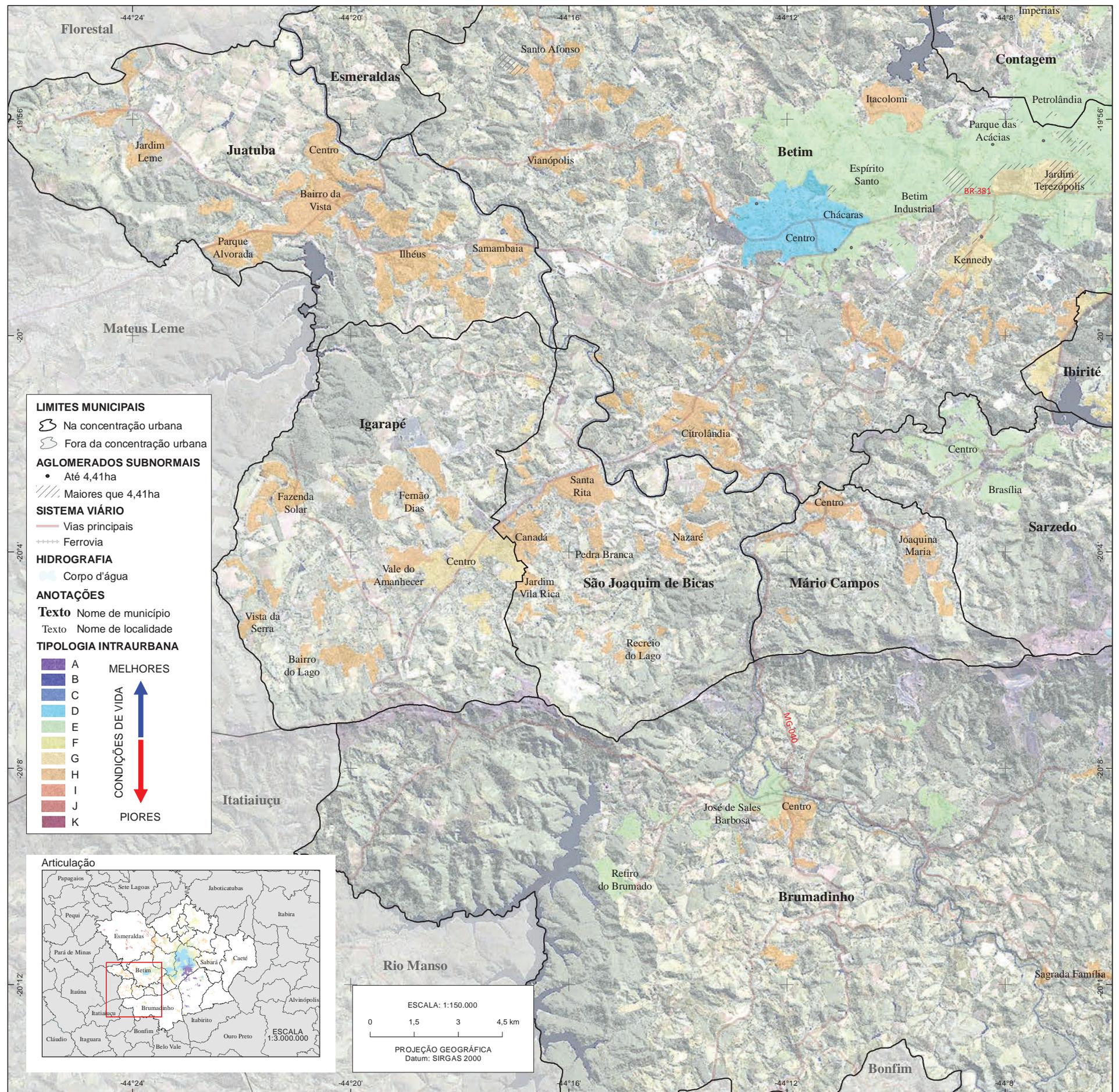
Mapa 5c - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Salvador/BA"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

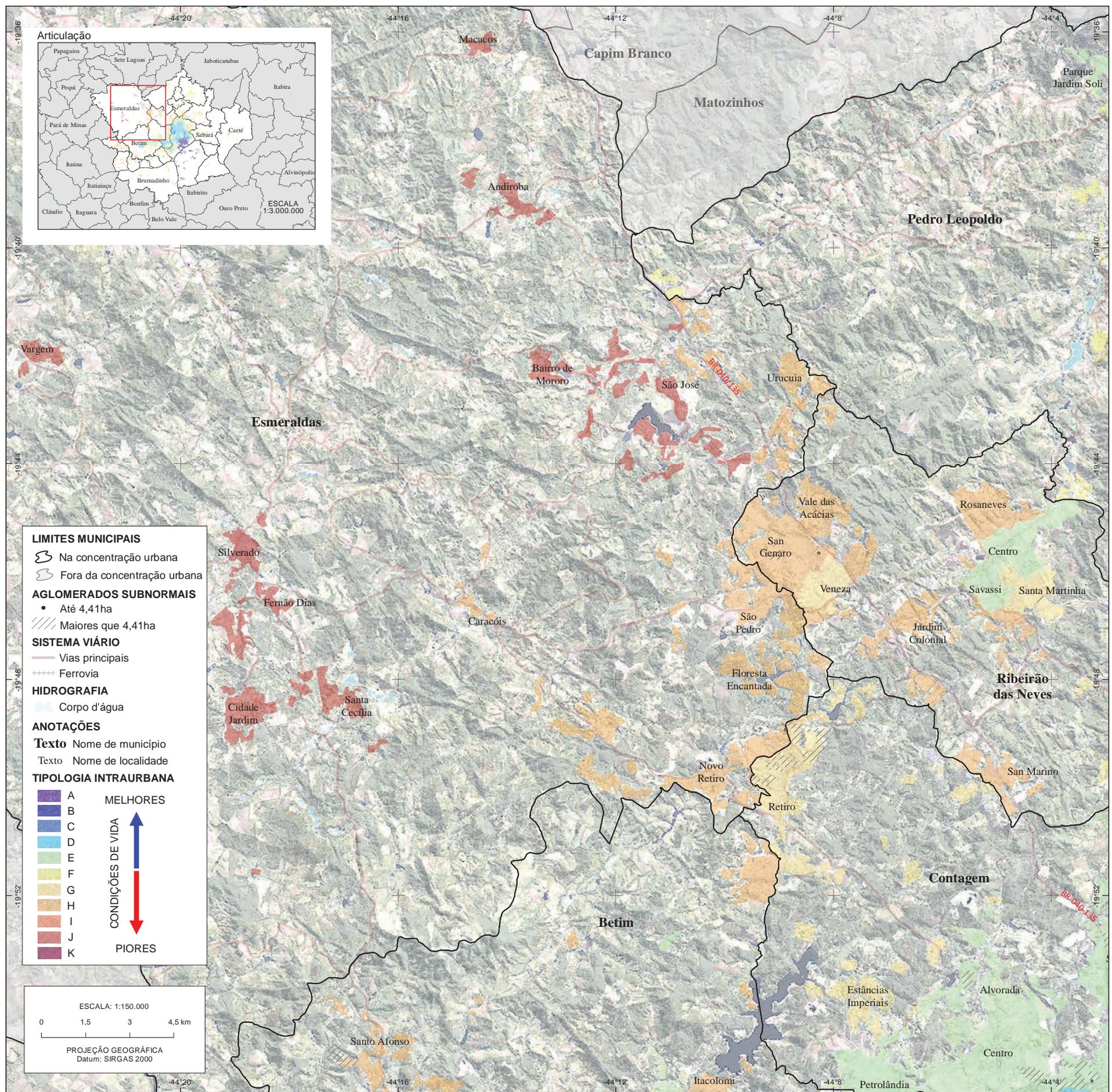
Mapa 6a - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Belo Horizonte/MG"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
 2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
 3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

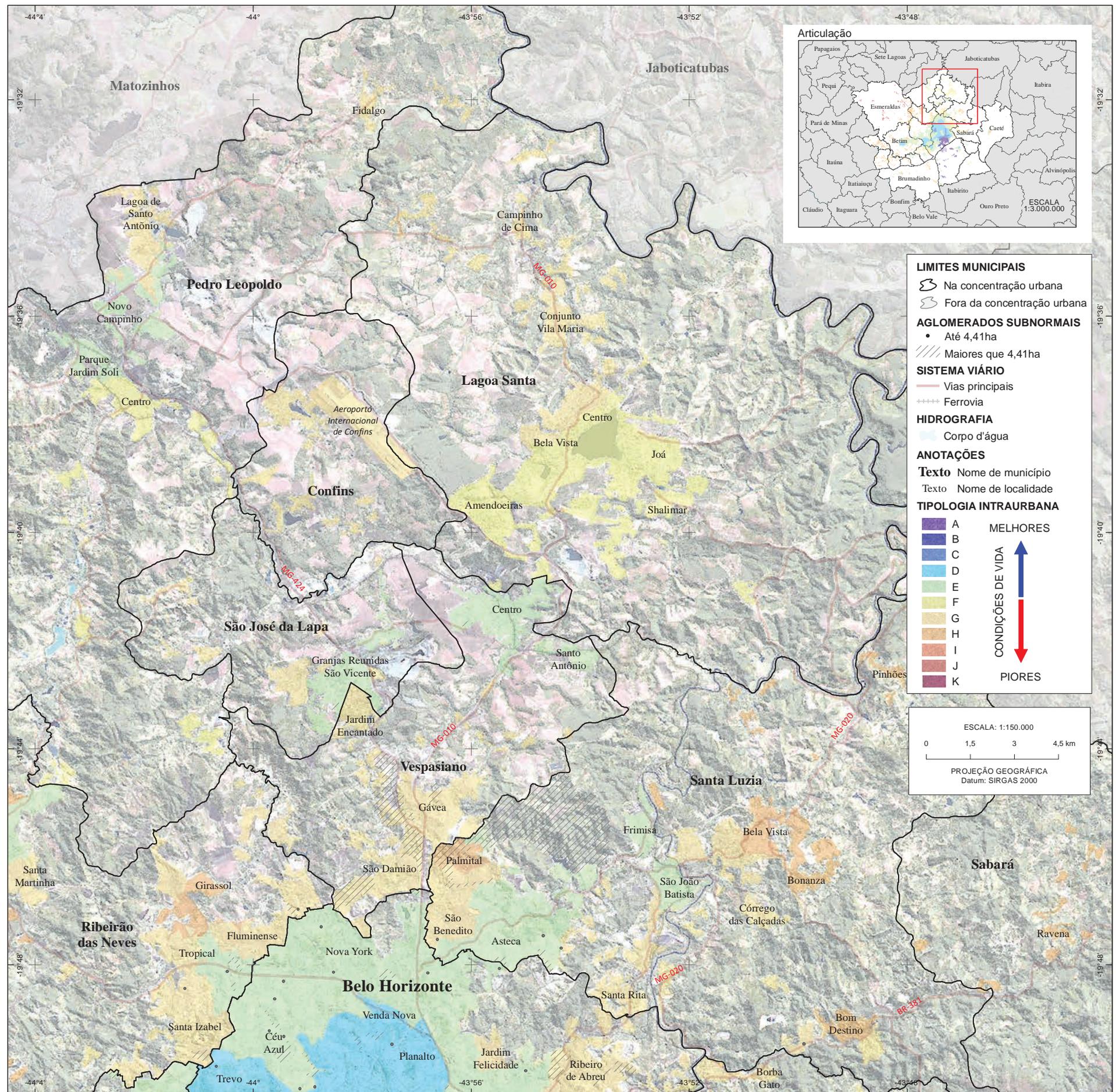
Mapa 6b - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Belo Horizonte/MG"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

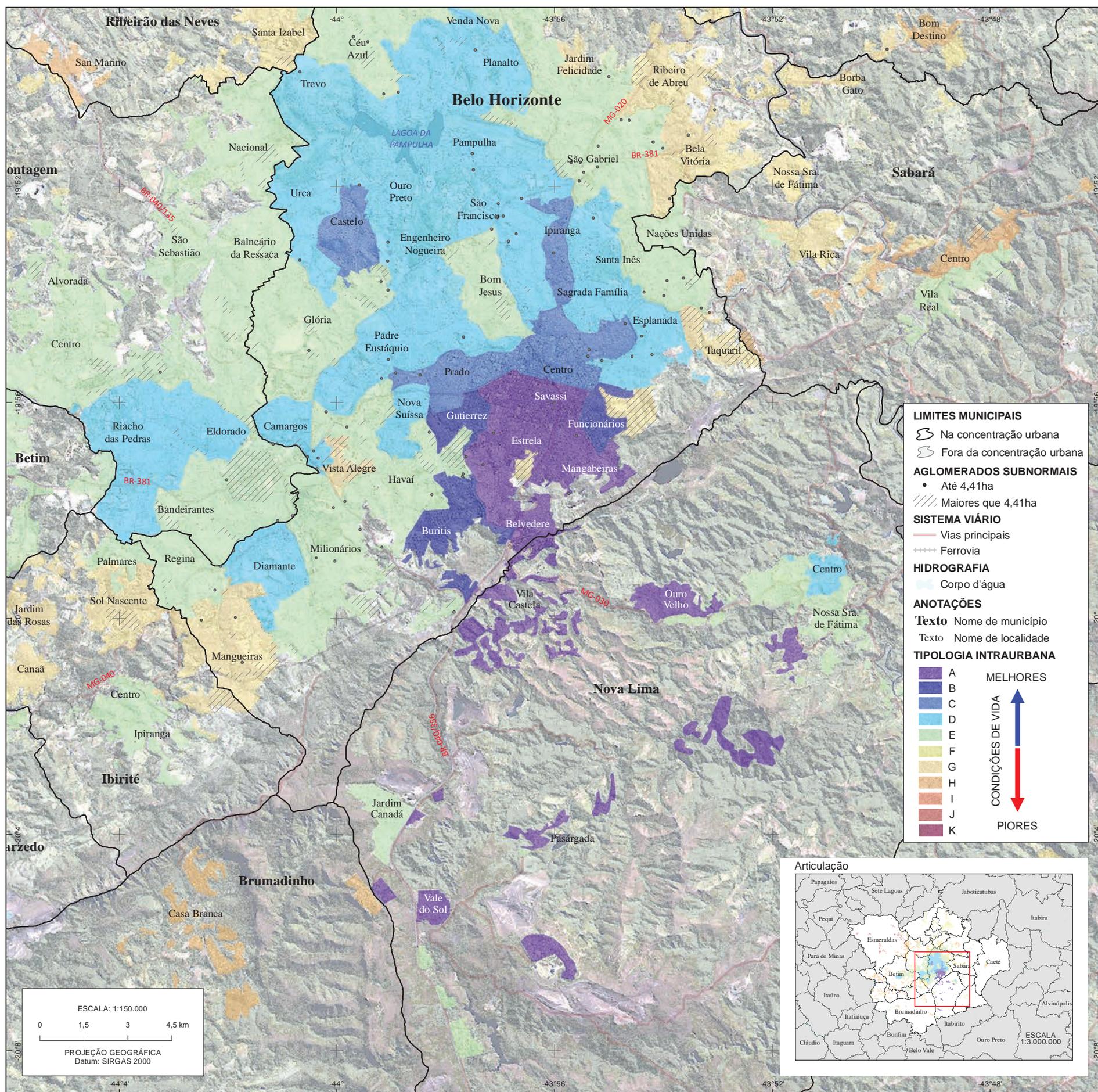
Mapa 6c - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Belo Horizonte/MG"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

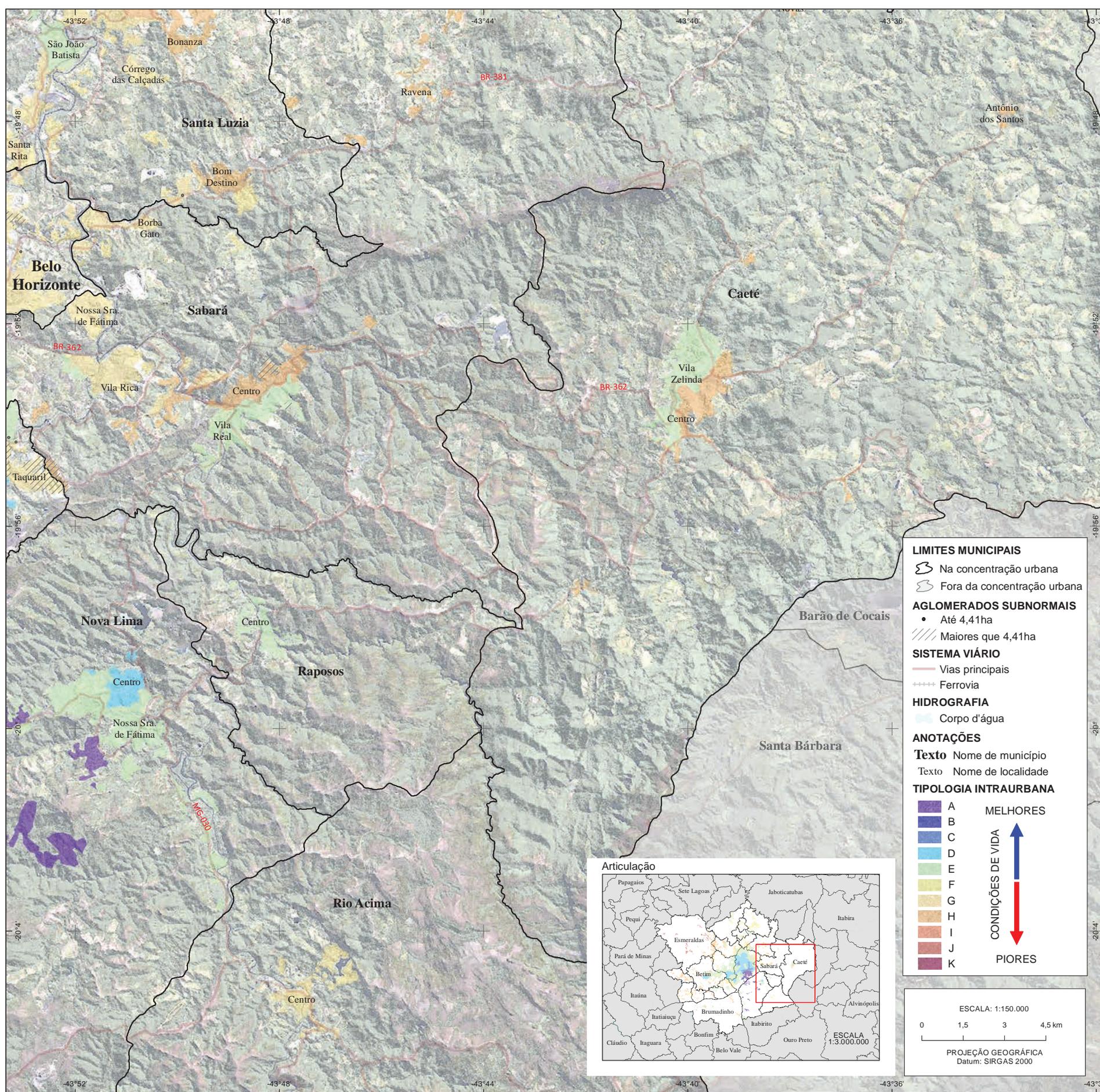
Mapa 6d - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Belo Horizonte/MG"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

Mapa 6e - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Belo Horizonte/MG"



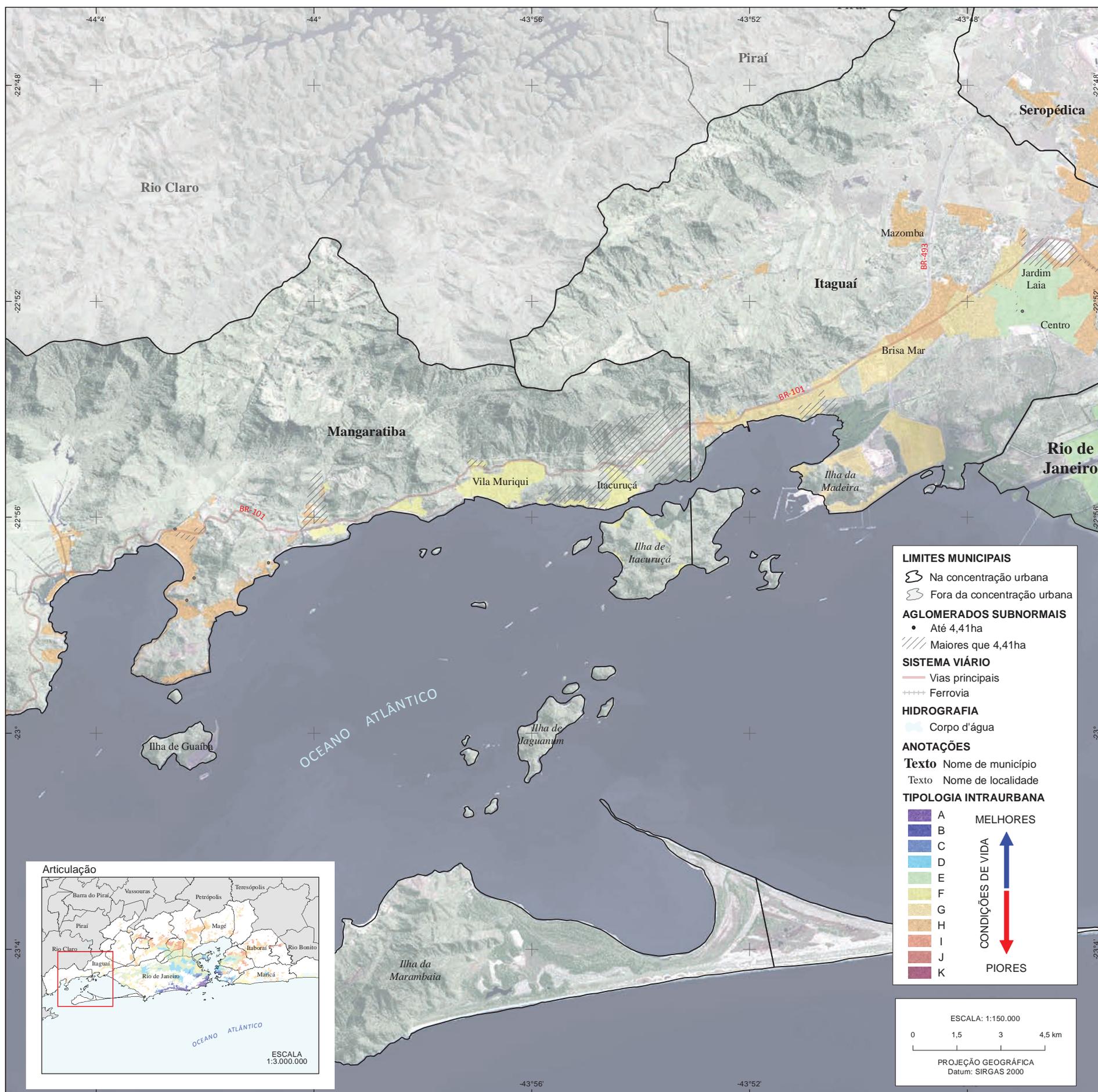
Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.

2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

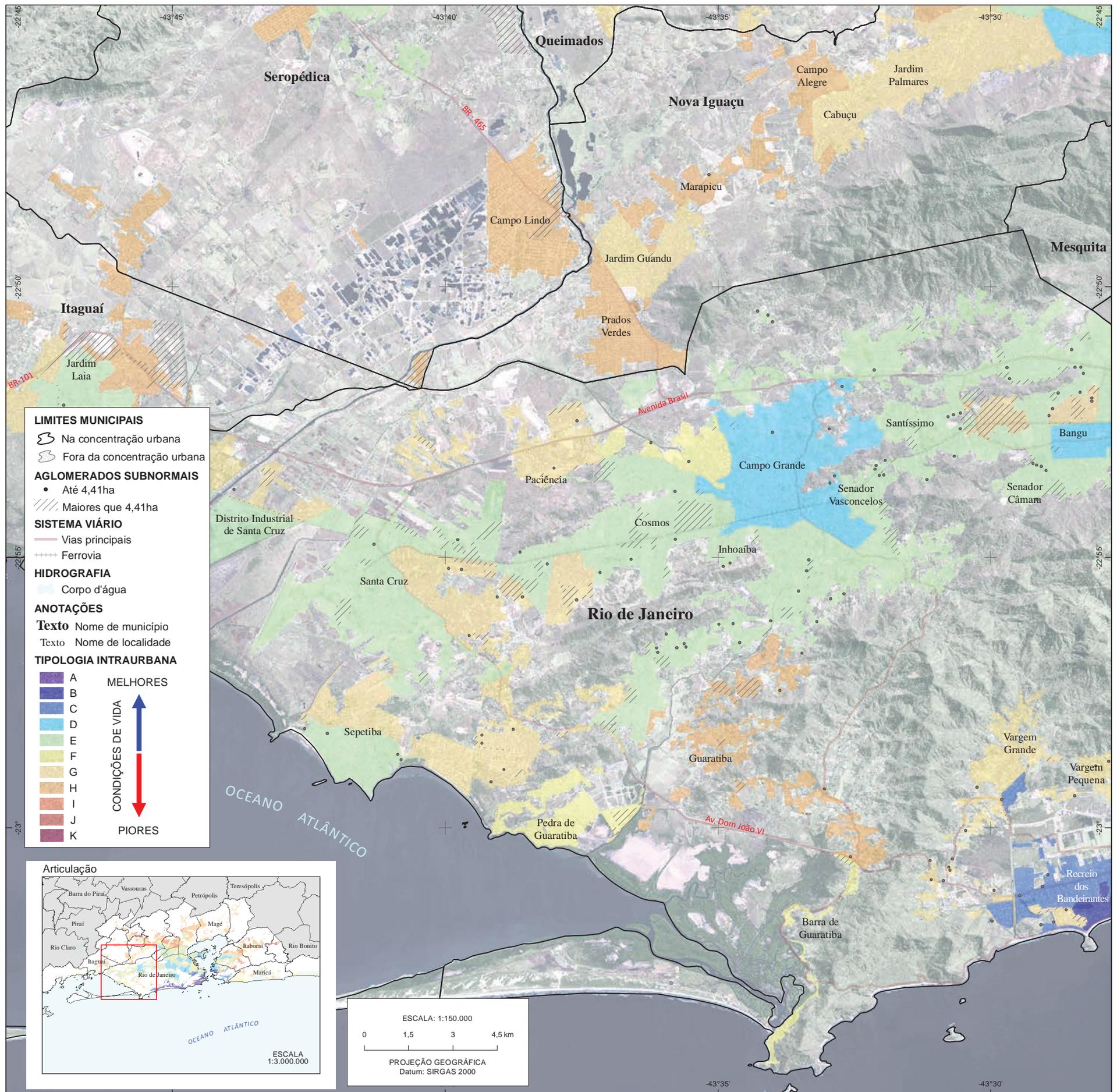
Mapa 7a - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Rio de Janeiro/RJ"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
 2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
 3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

Mapa 7b - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Rio de Janeiro/RJ"



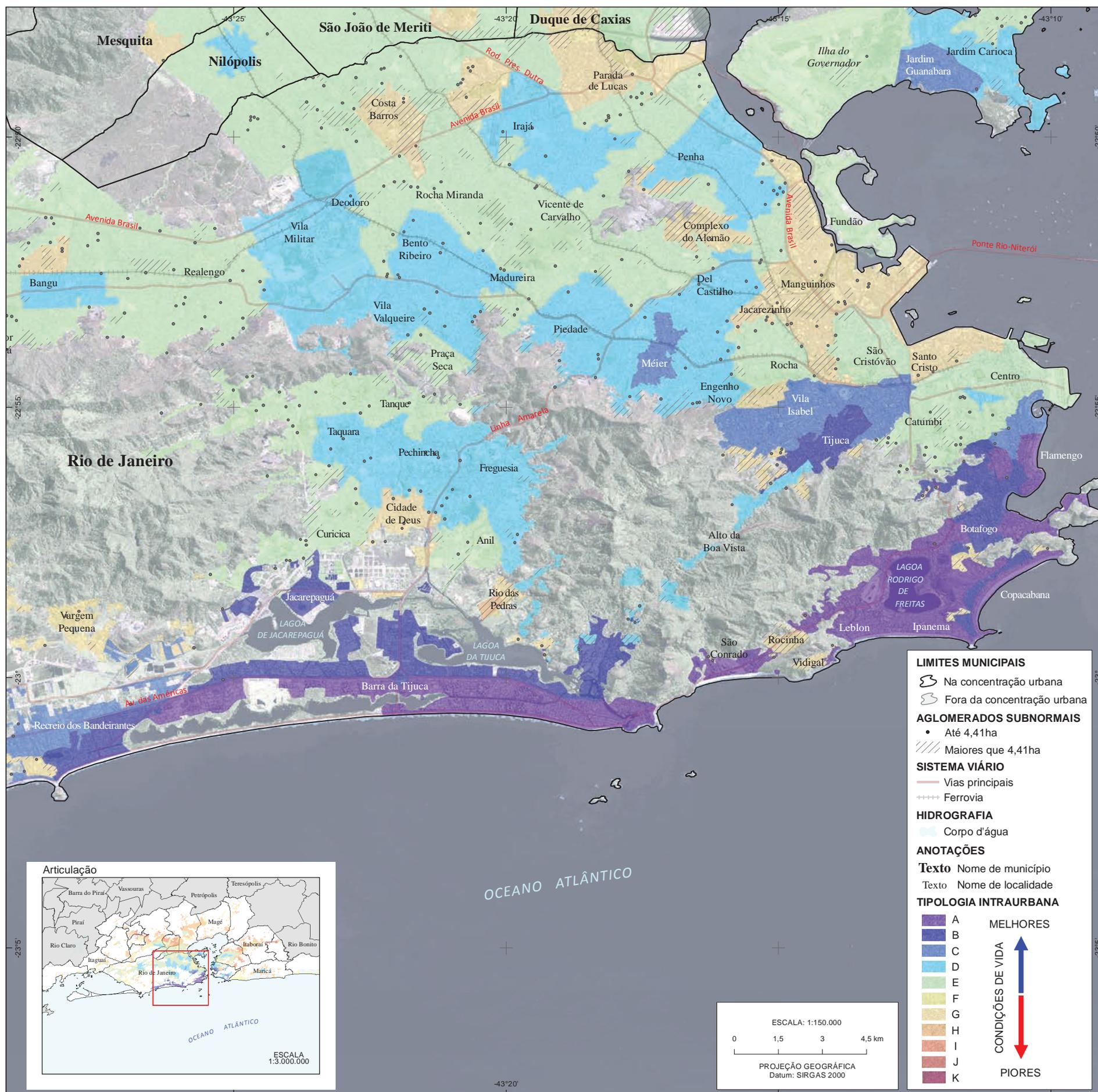
Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.

2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

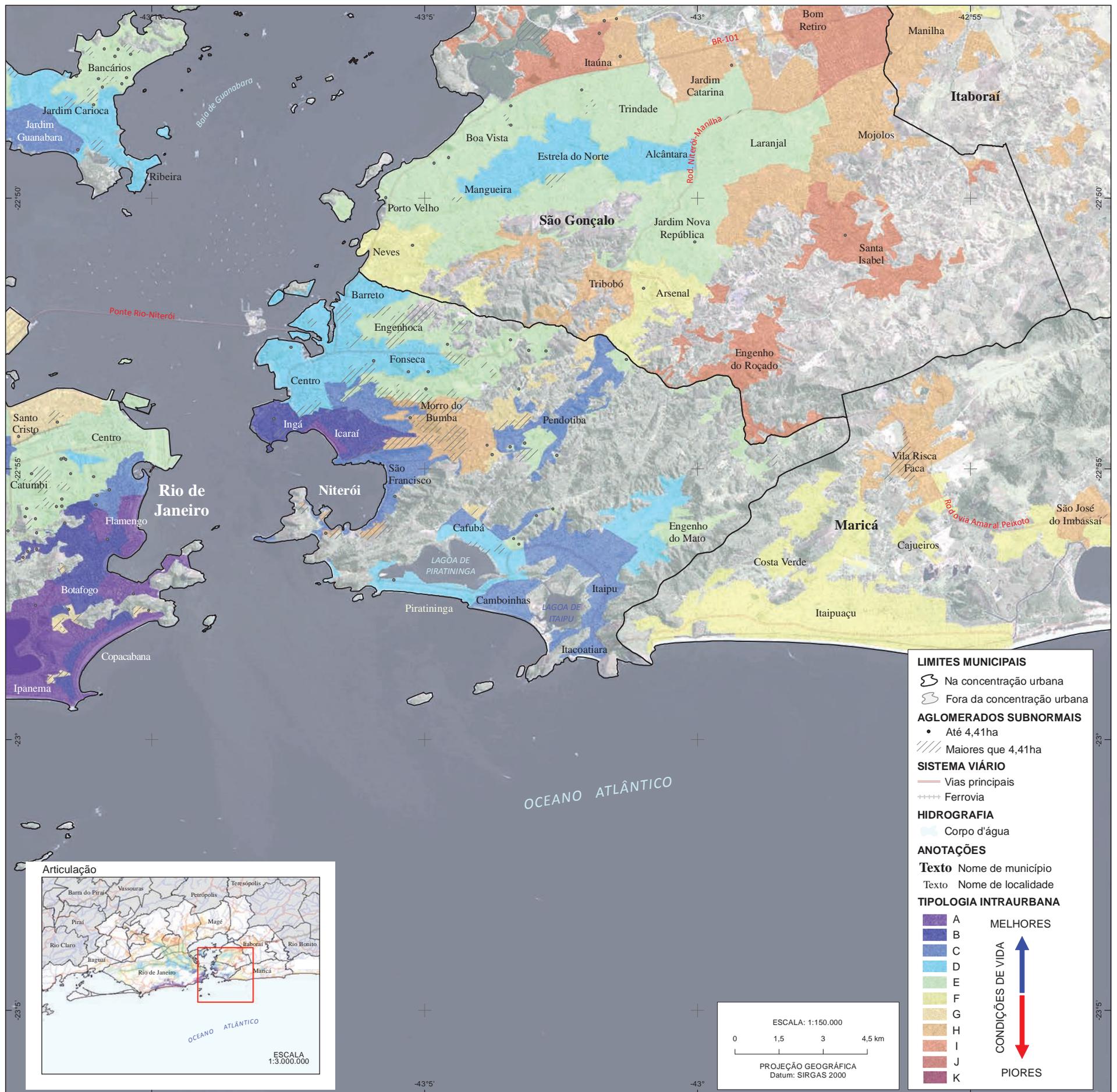
Mapa 7c - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Rio de Janeiro/RJ"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
 2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
 3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

Mapa 7d - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Rio de Janeiro/RJ"



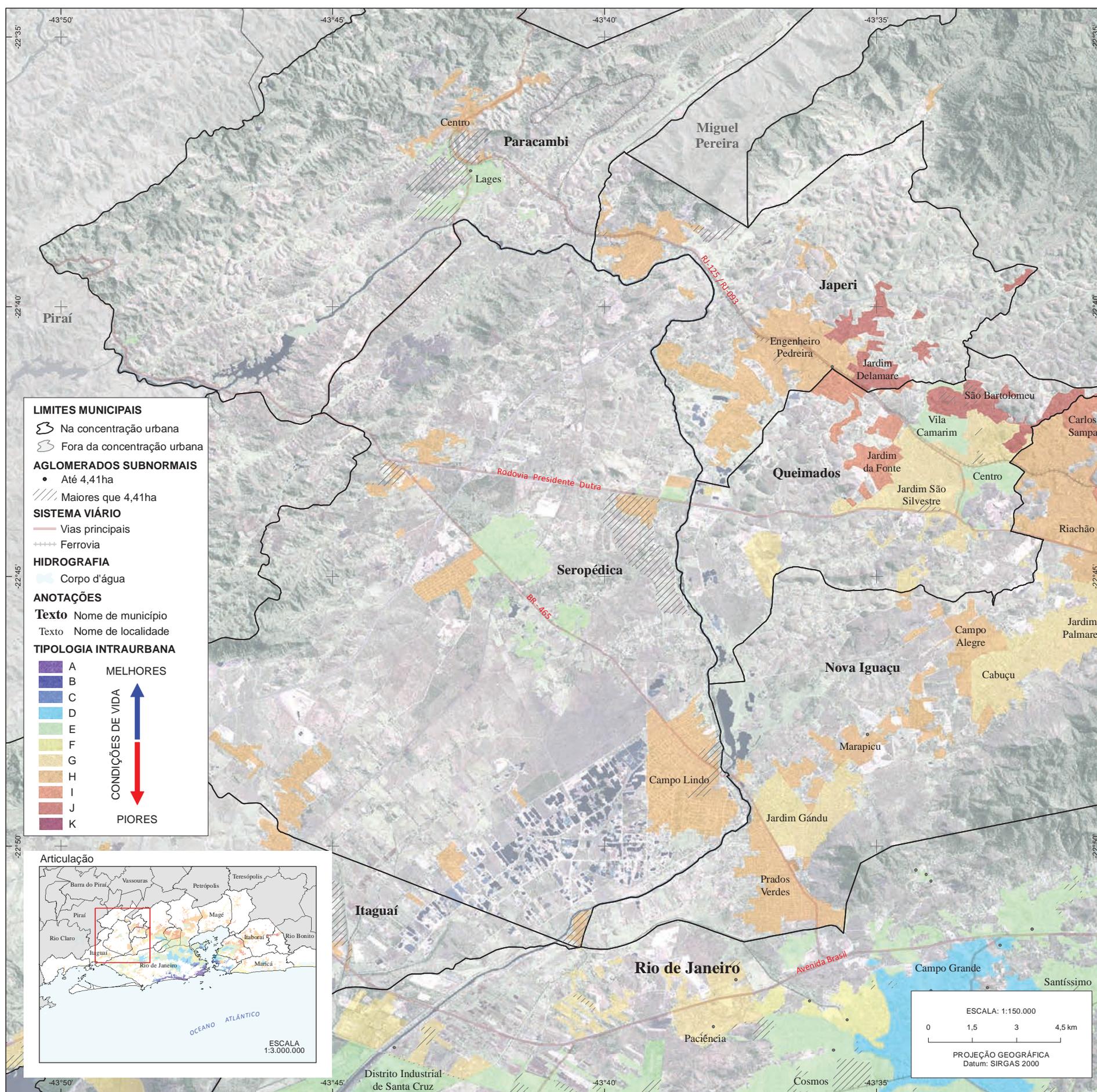
Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.

2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

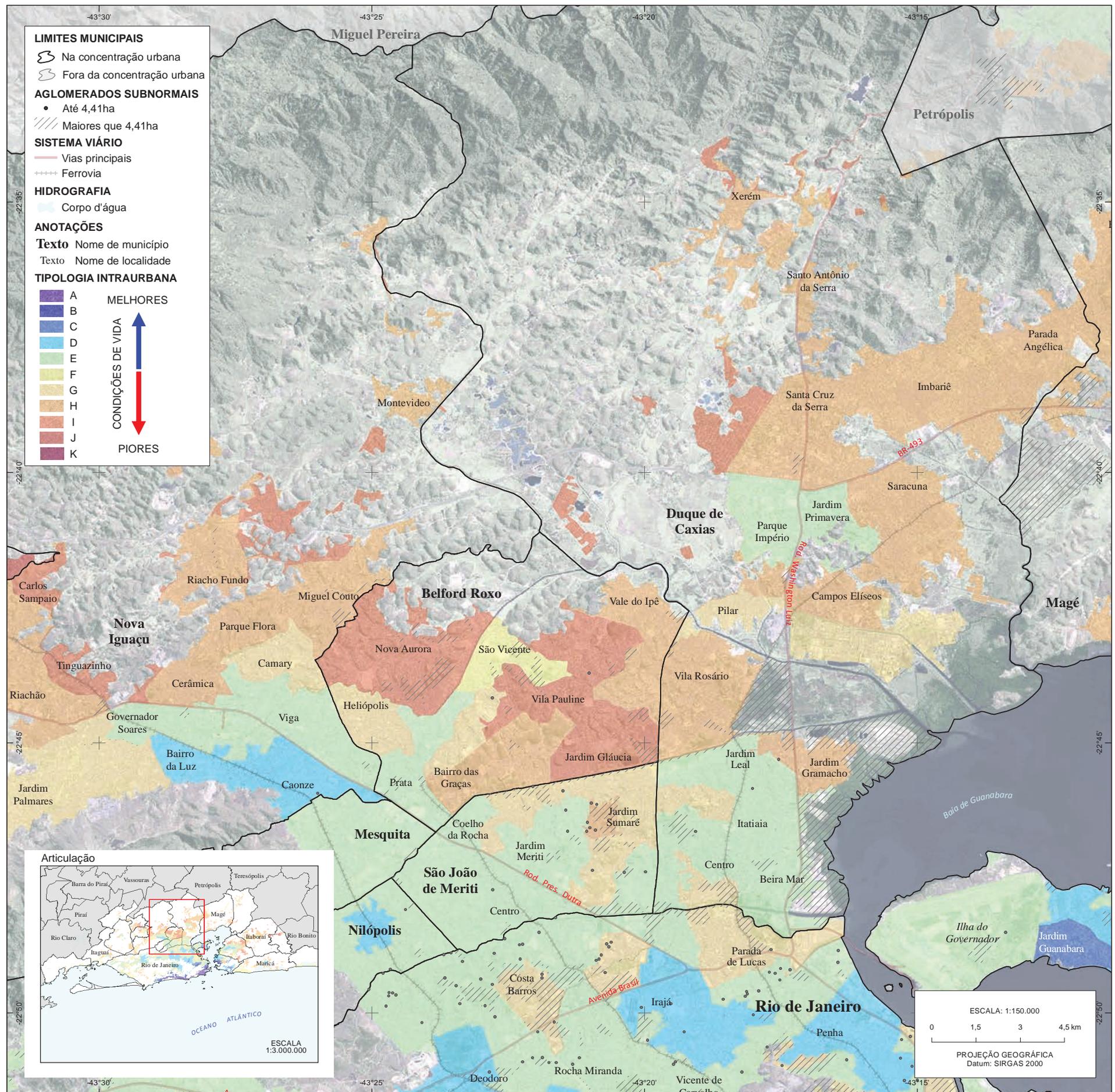
Mapa 7e - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Rio de Janeiro/RJ"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

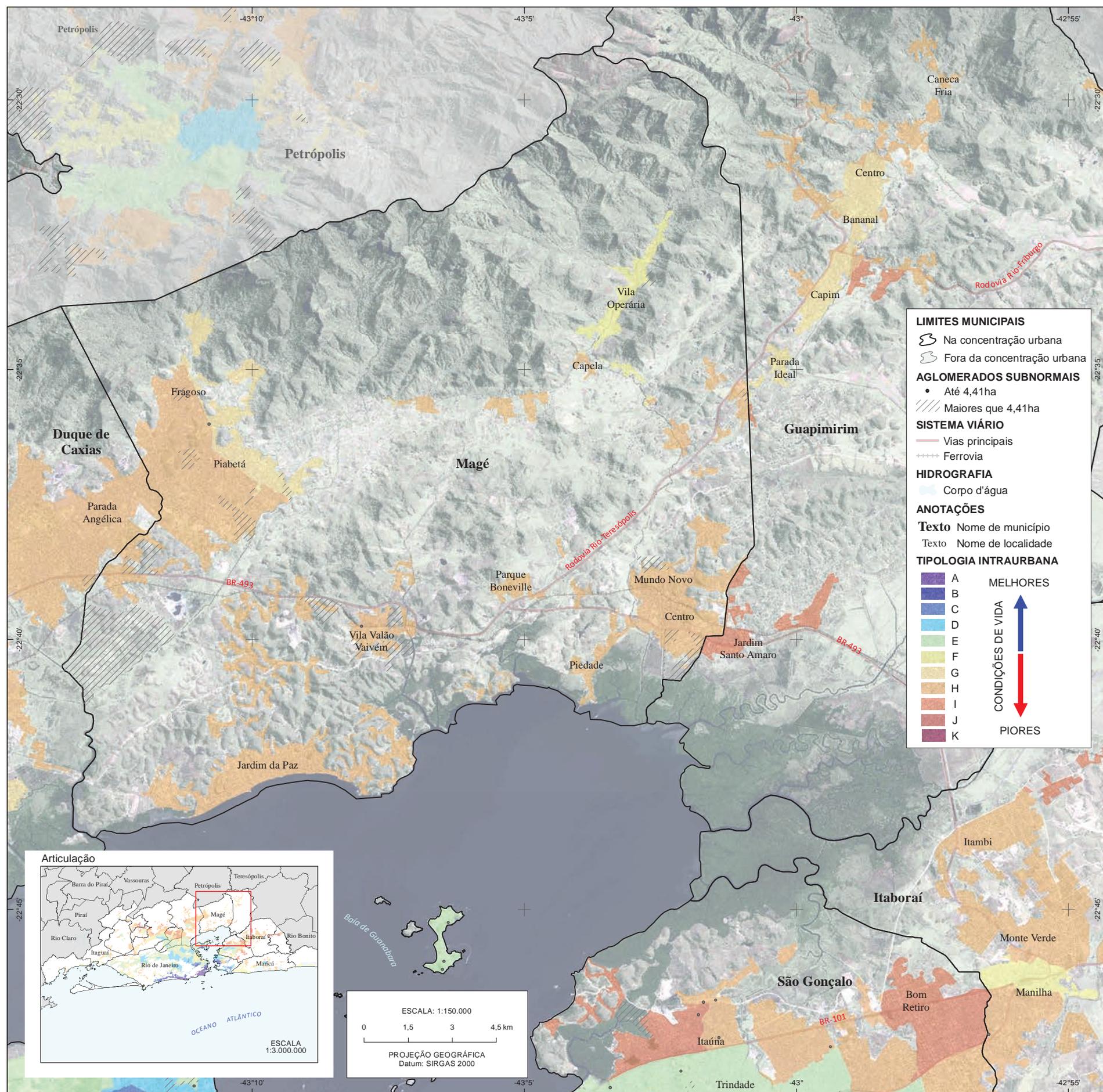
Mapa 7f - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Rio de Janeiro/RJ"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

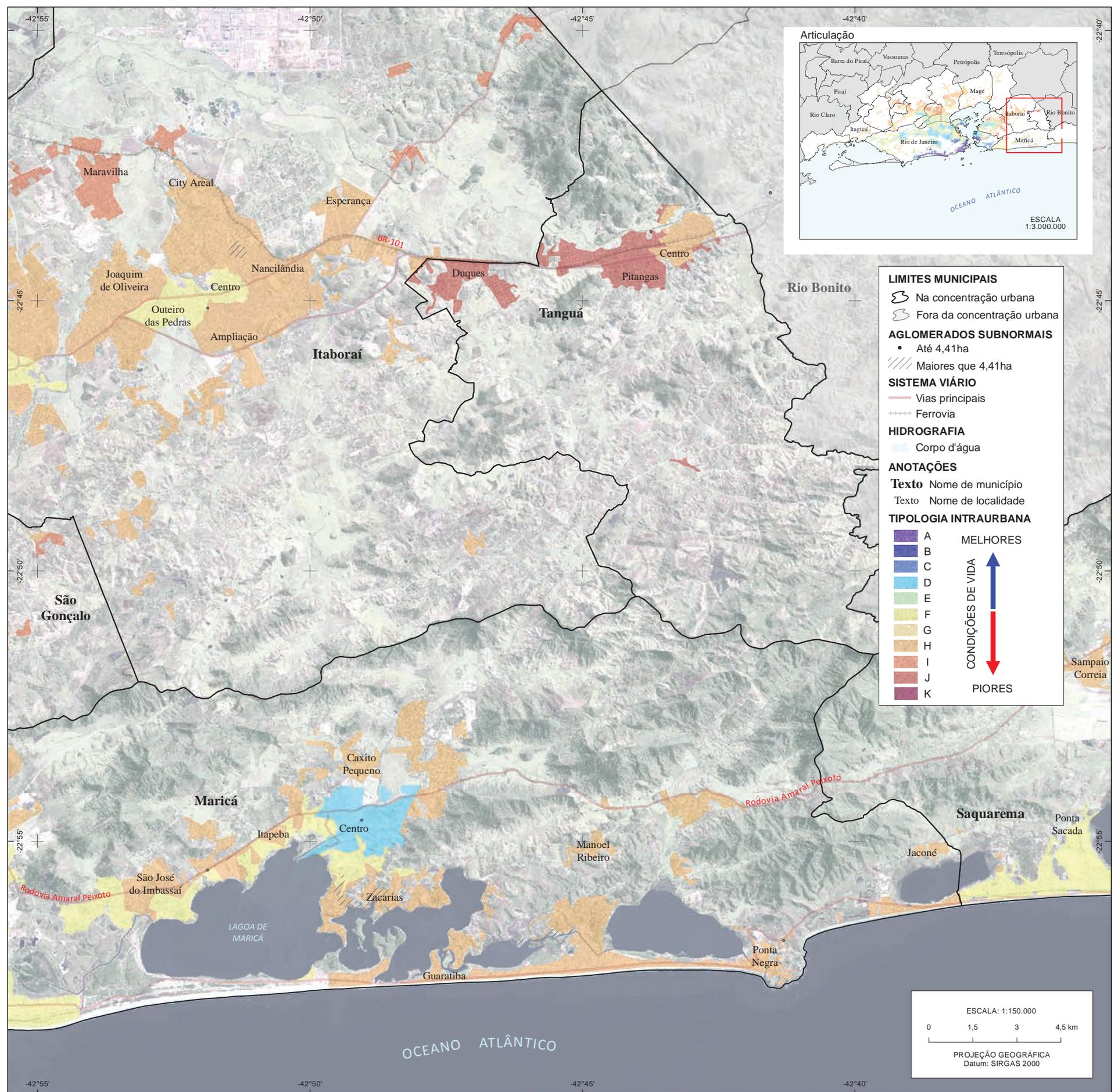
Mapa 7g - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Rio de Janeiro/RJ"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

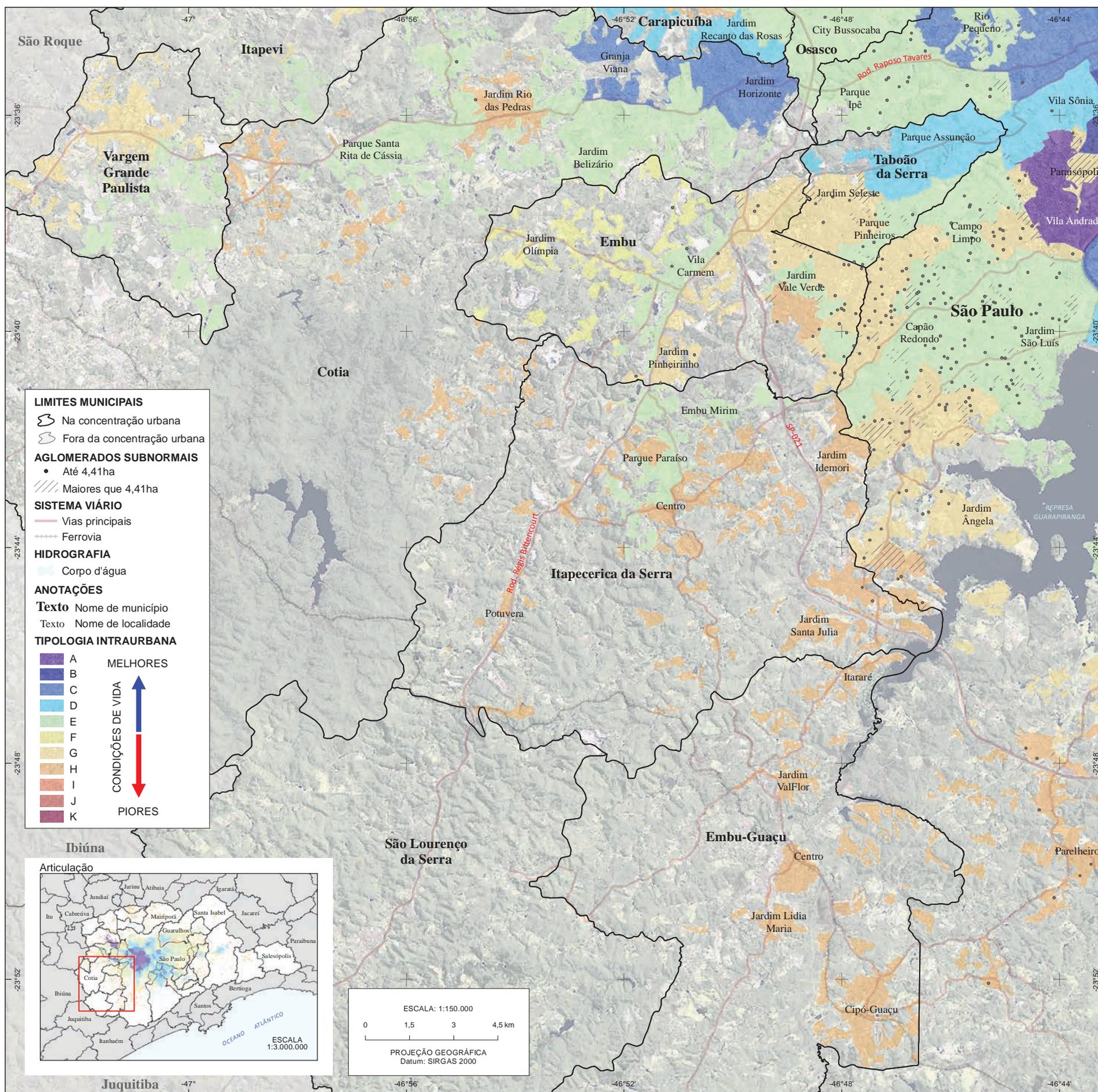
Mapa 7h - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Rio de Janeiro/RJ"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

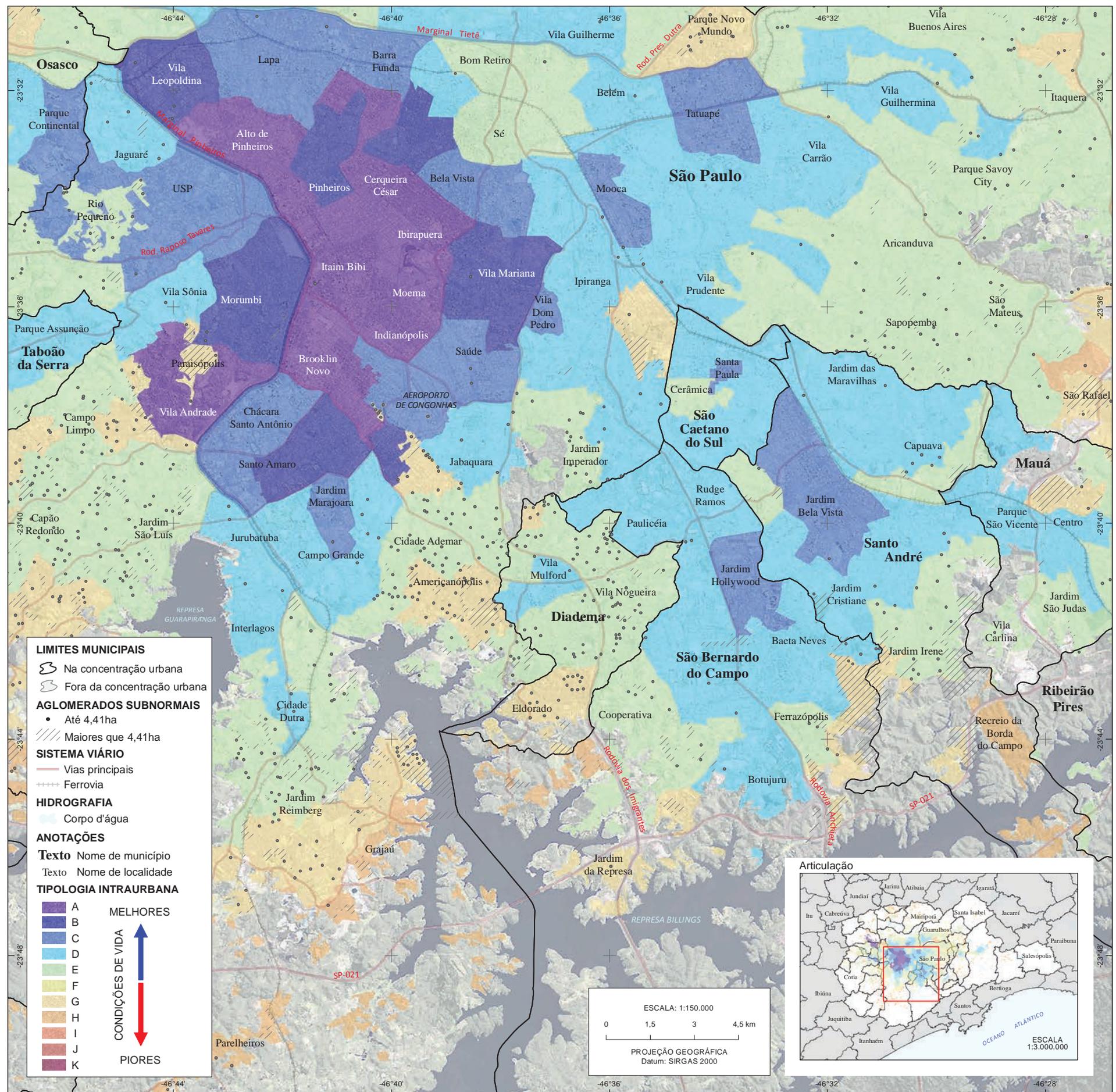
Mapa 8a - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "São Paulo/SP"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

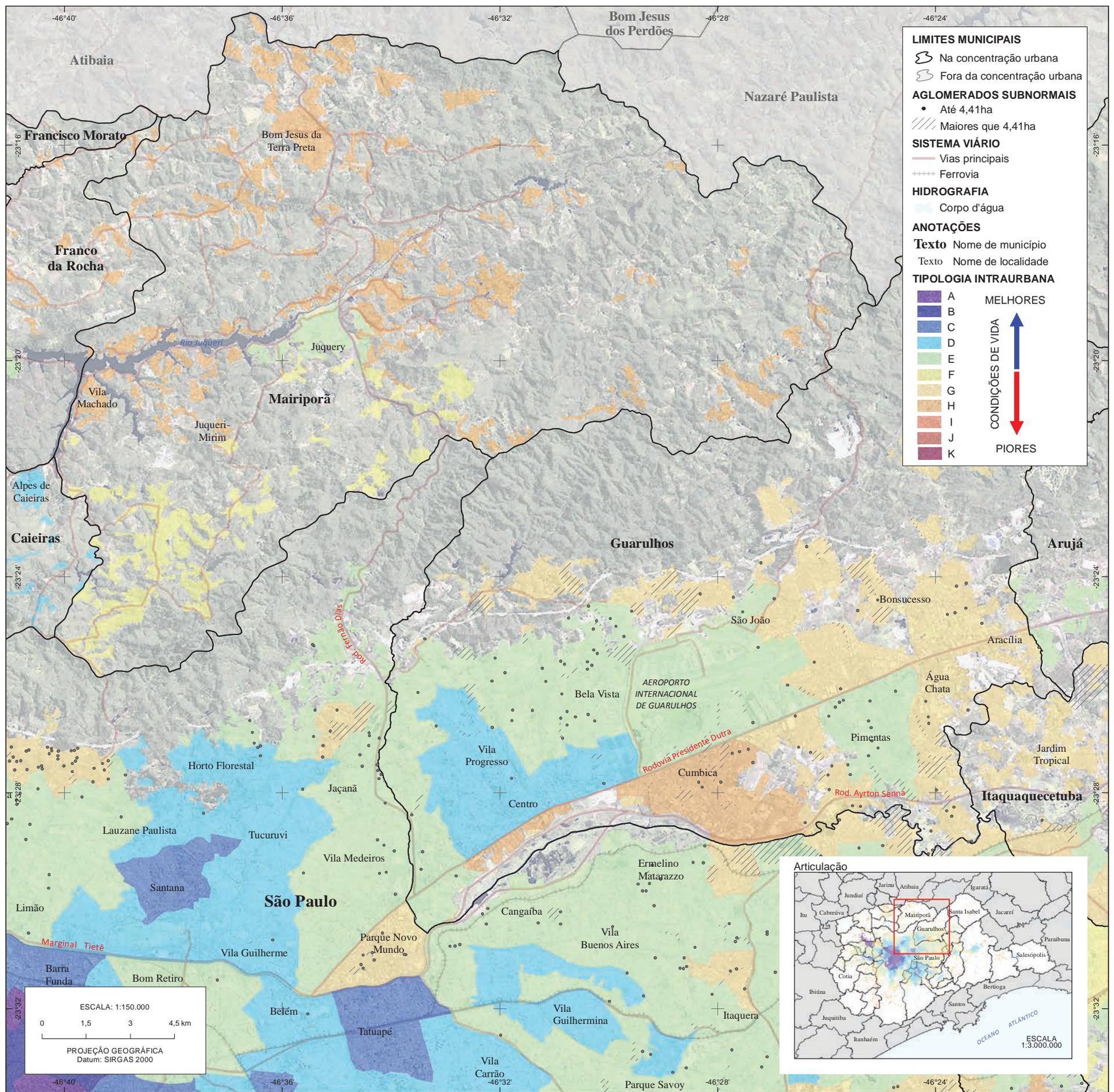
Mapa 8b - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "São Paulo/SP"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

Mapa 8d - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "São Paulo/SP"



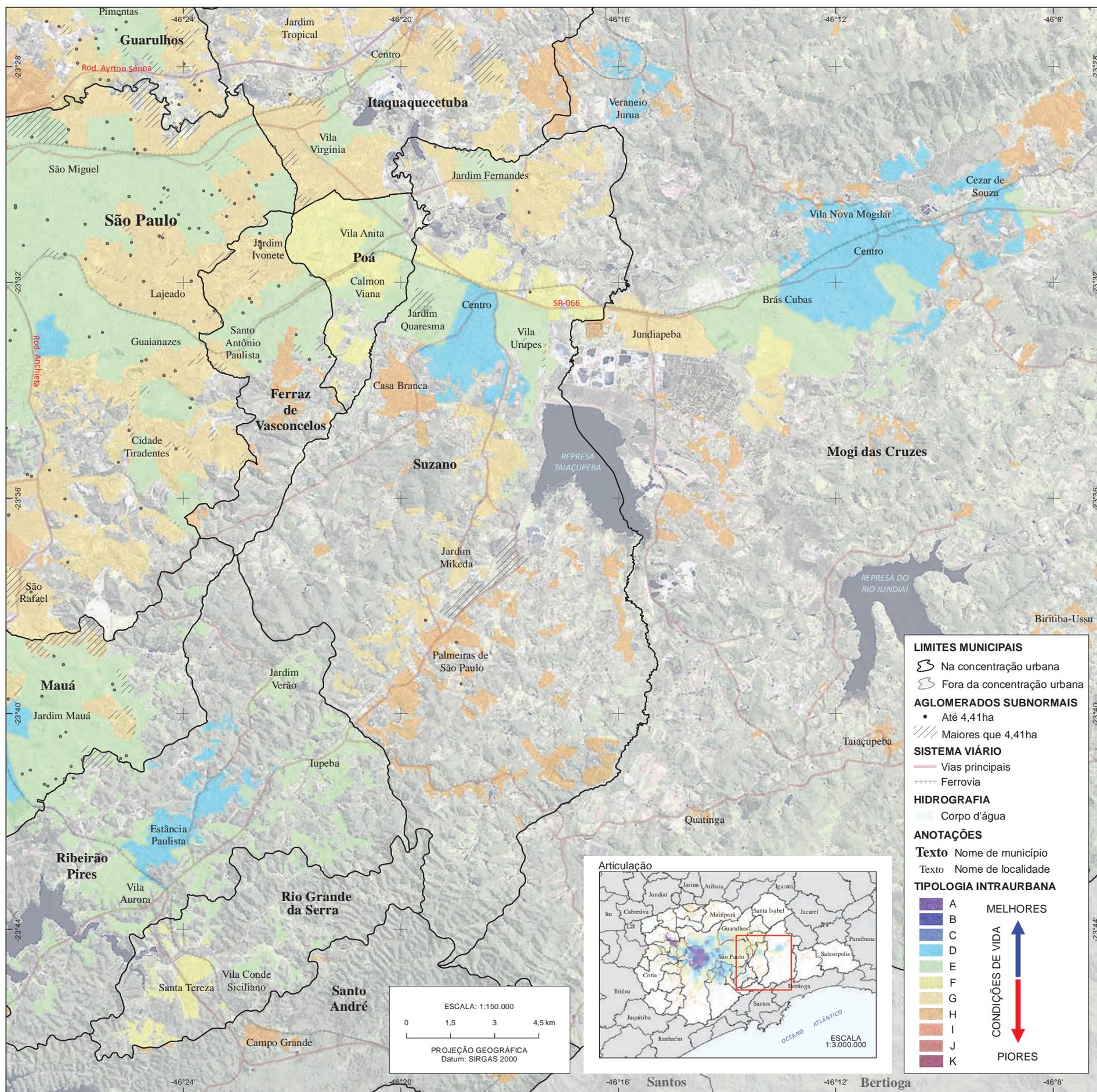
Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.

2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

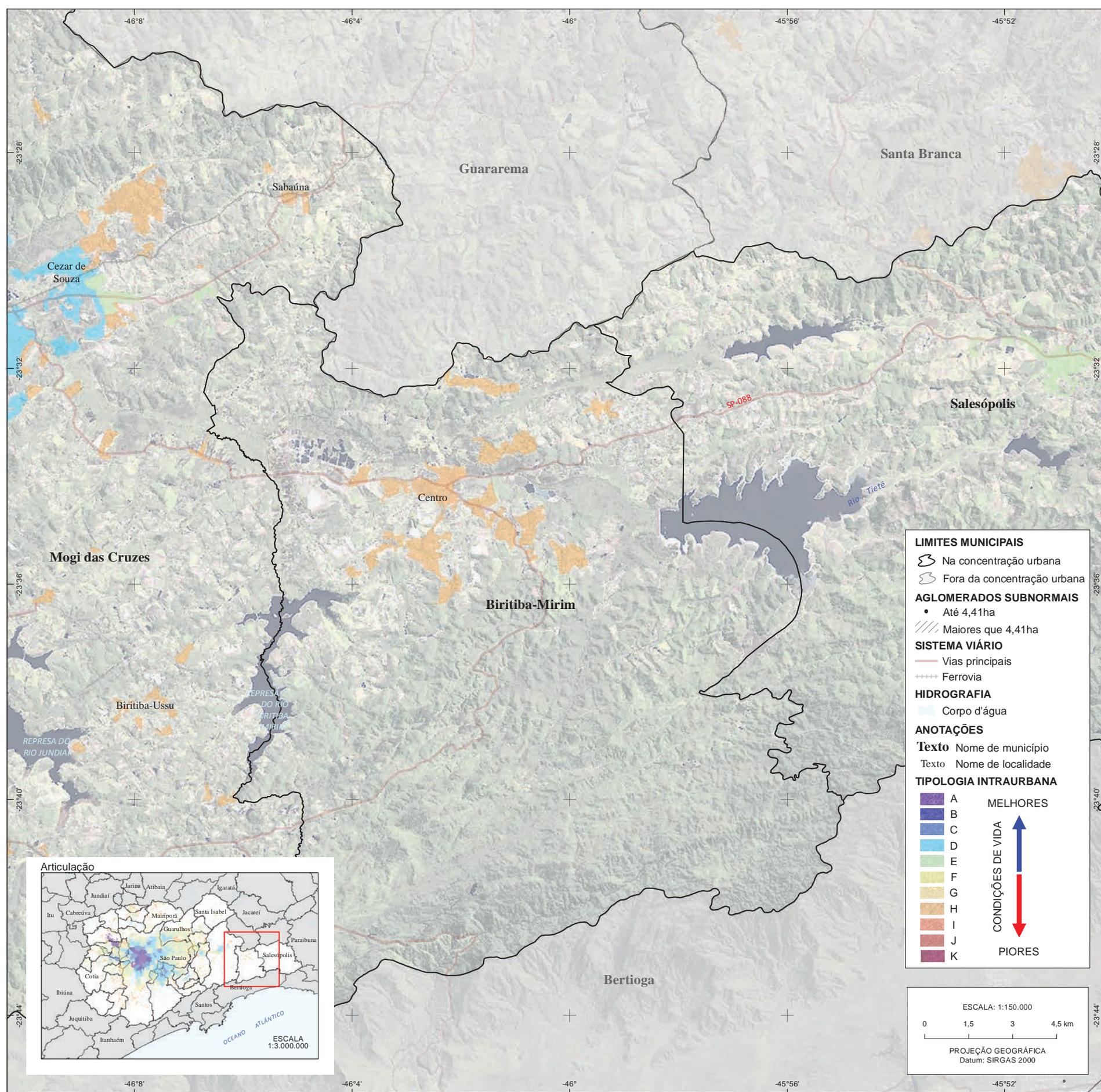
Mapa 8e - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "São Paulo/SP"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

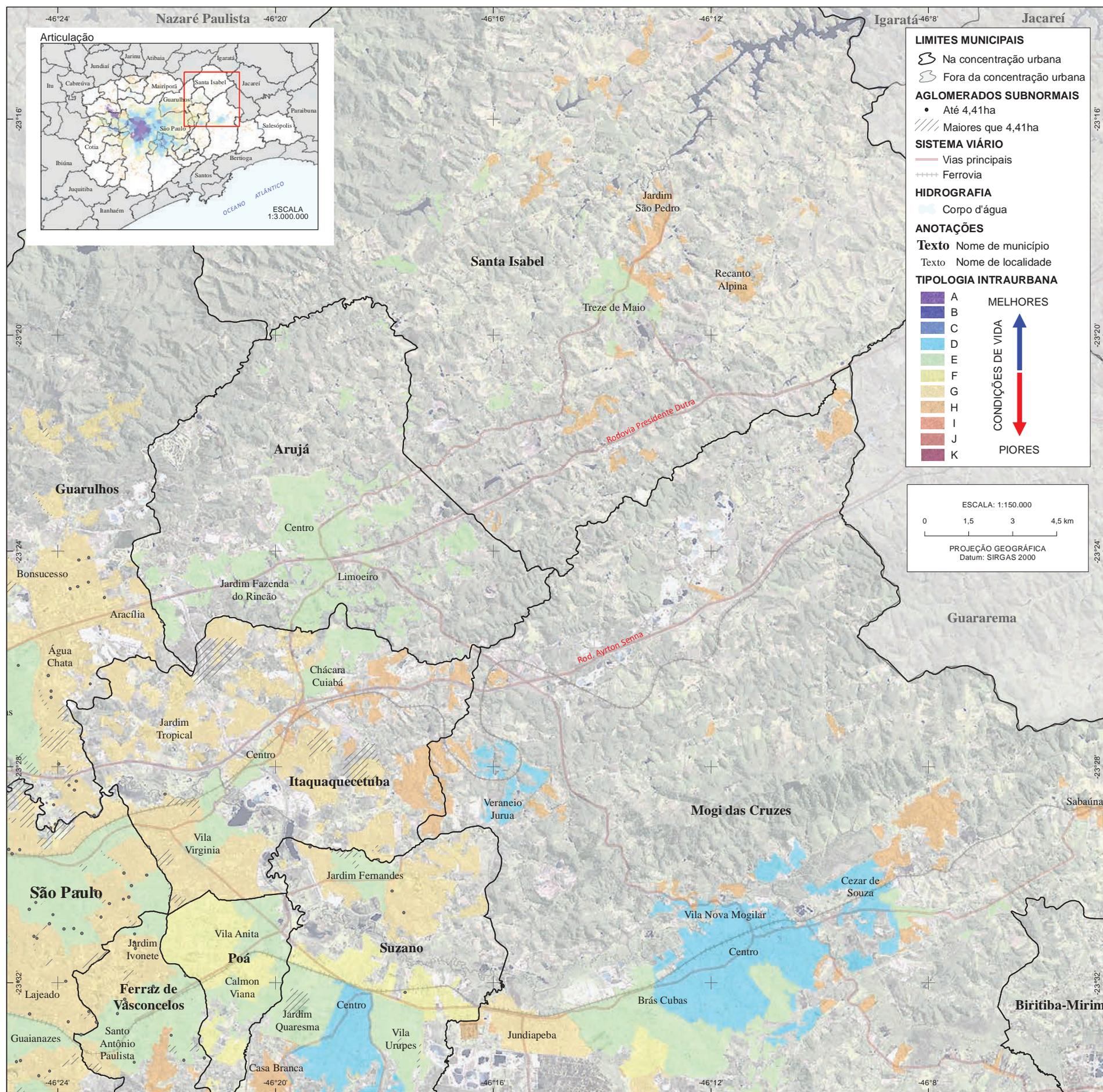
Mapa 8f - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "São Paulo/SP"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

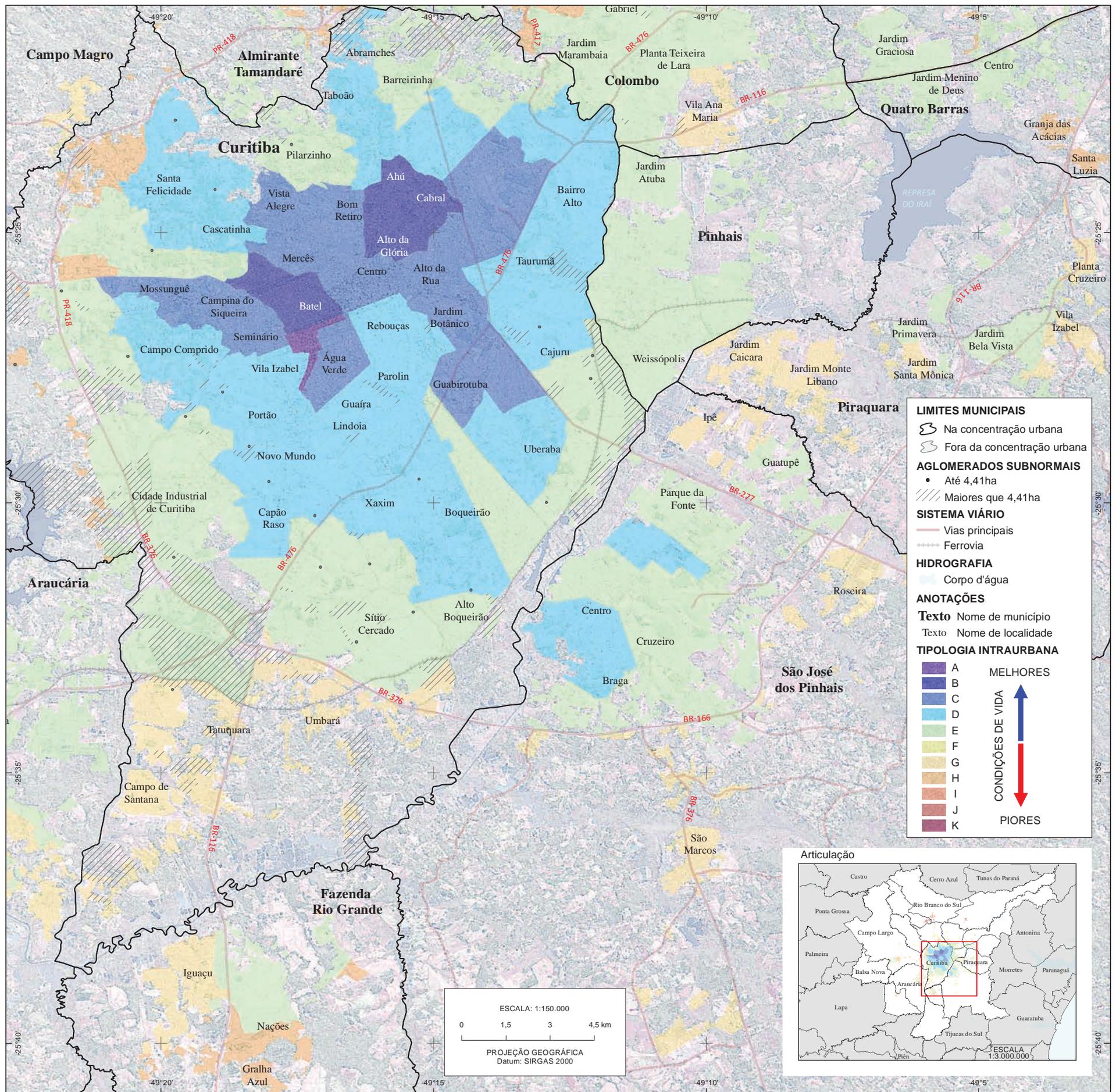
Mapa 8g - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "São Paulo/SP"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

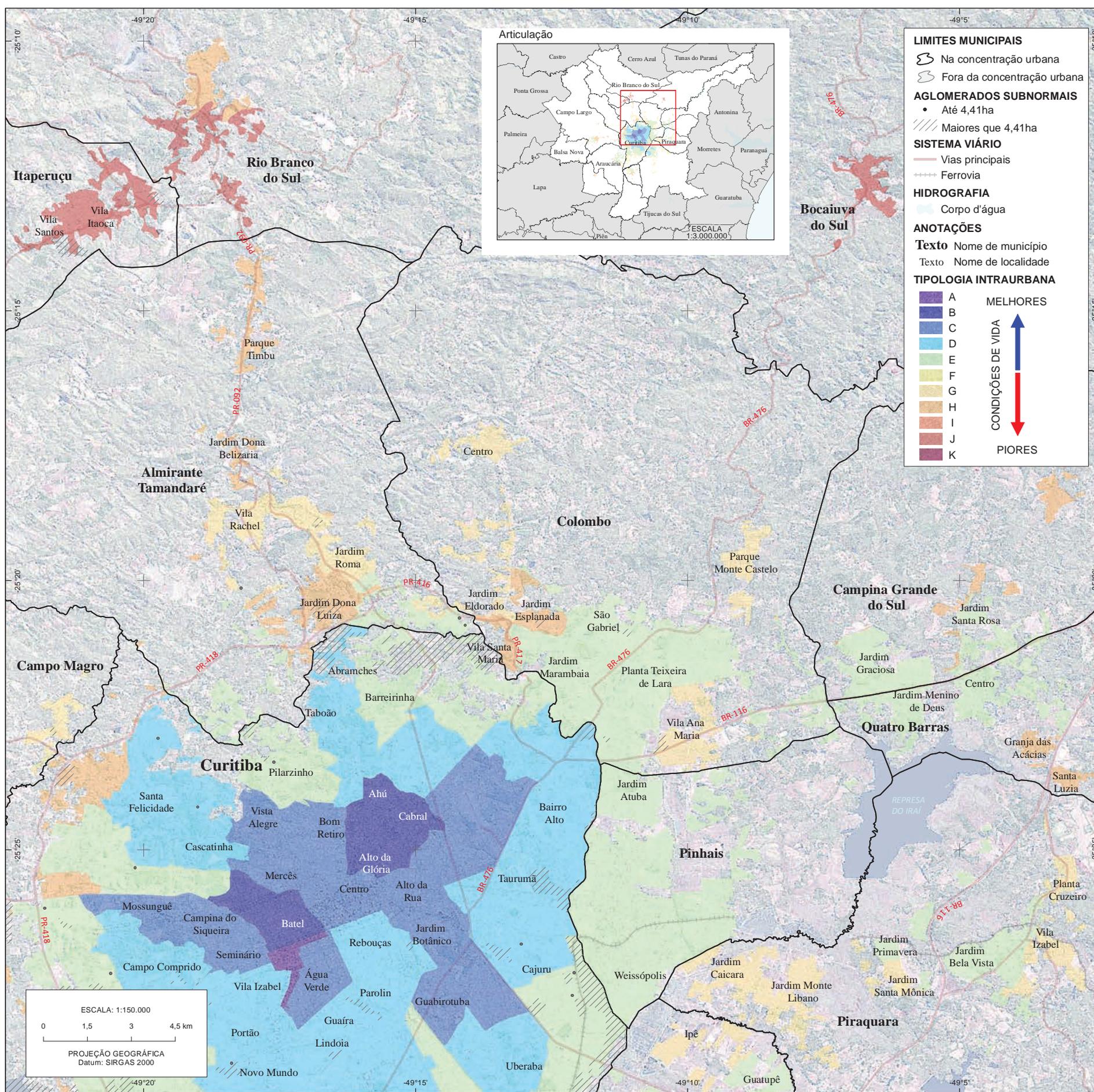
Mapa 9a - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Curitiba/PR"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

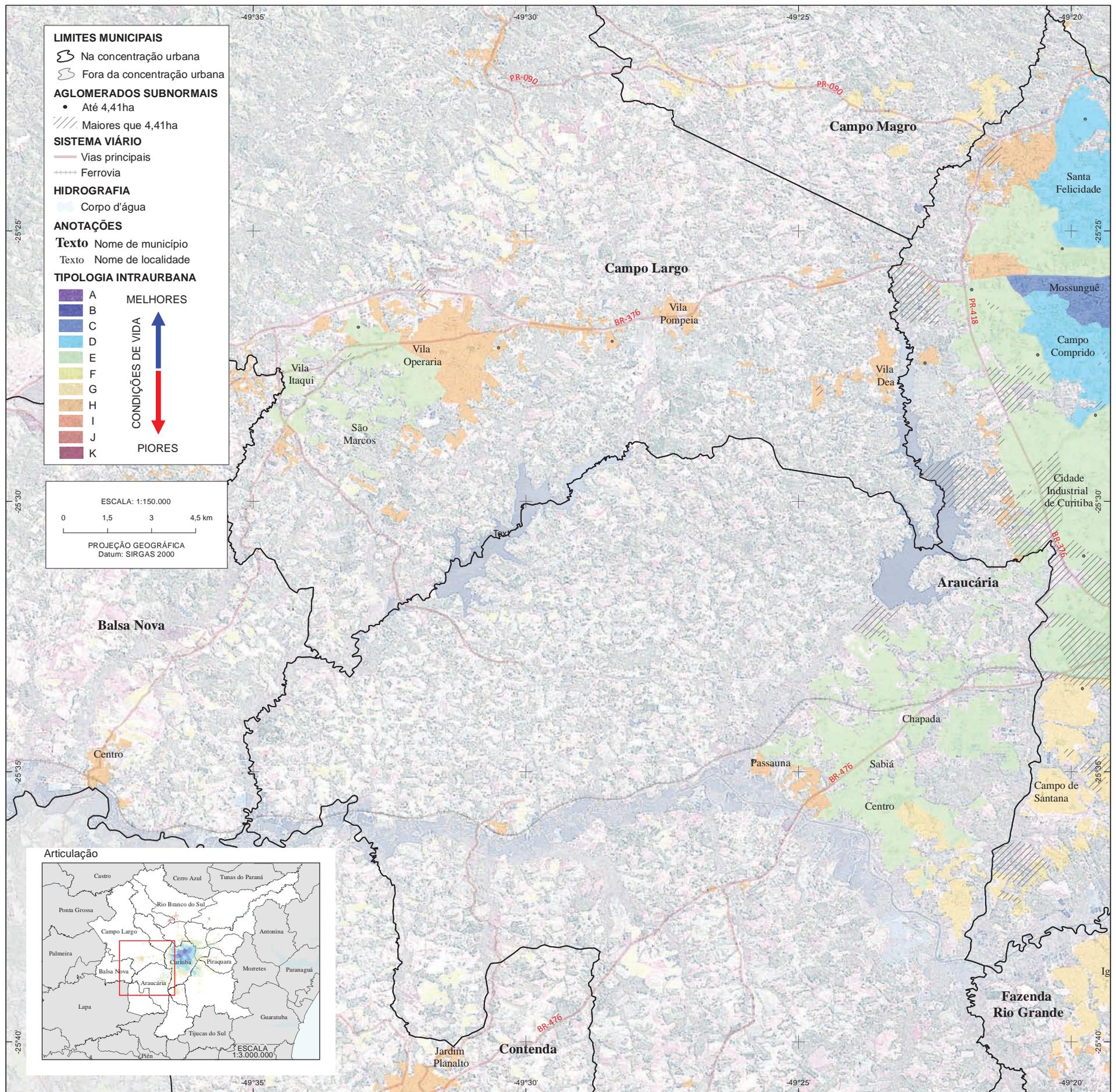
Mapa 9b - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Curitiba/PR"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

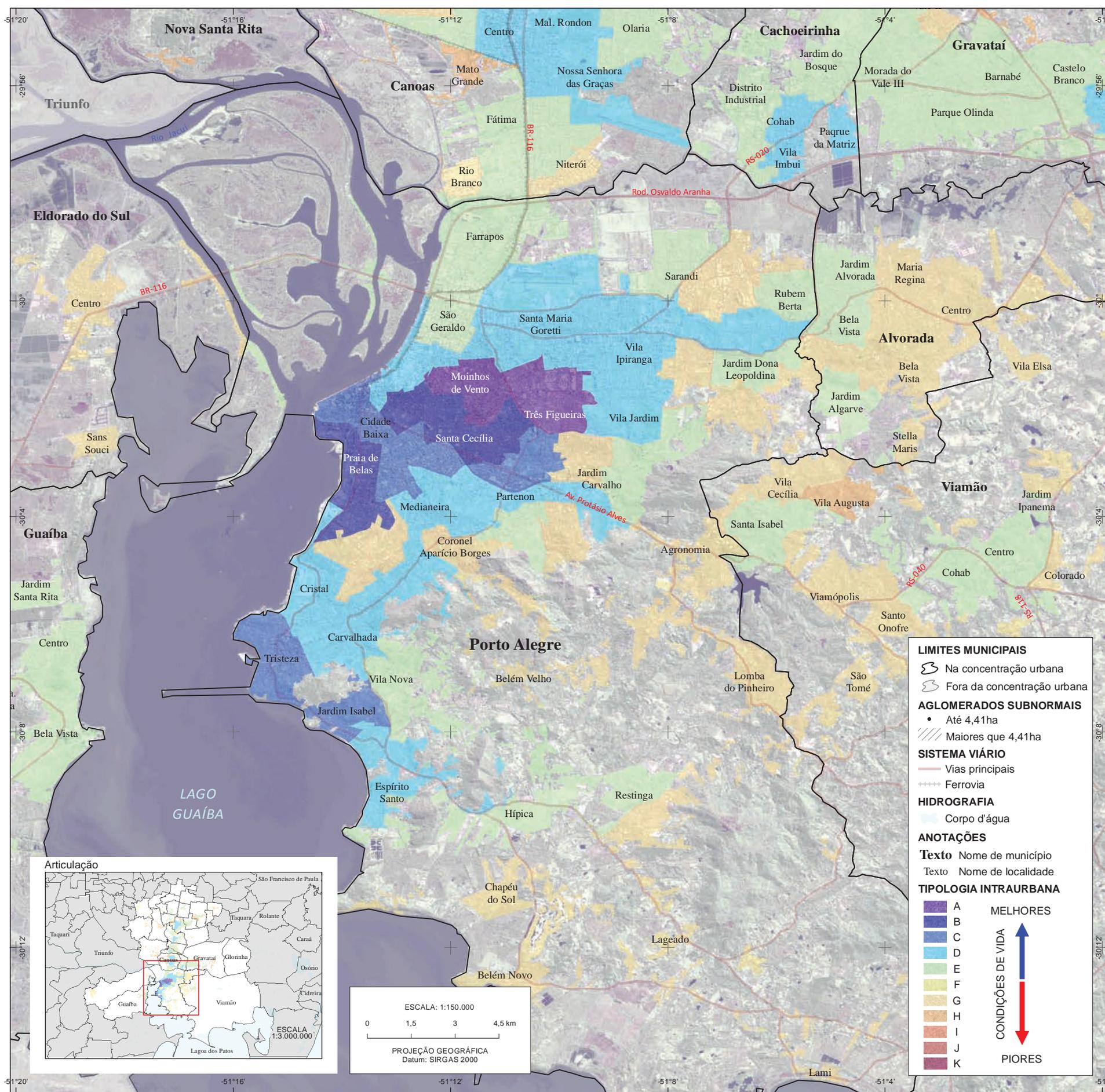
Mapa 9c - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Curitiba/PR"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

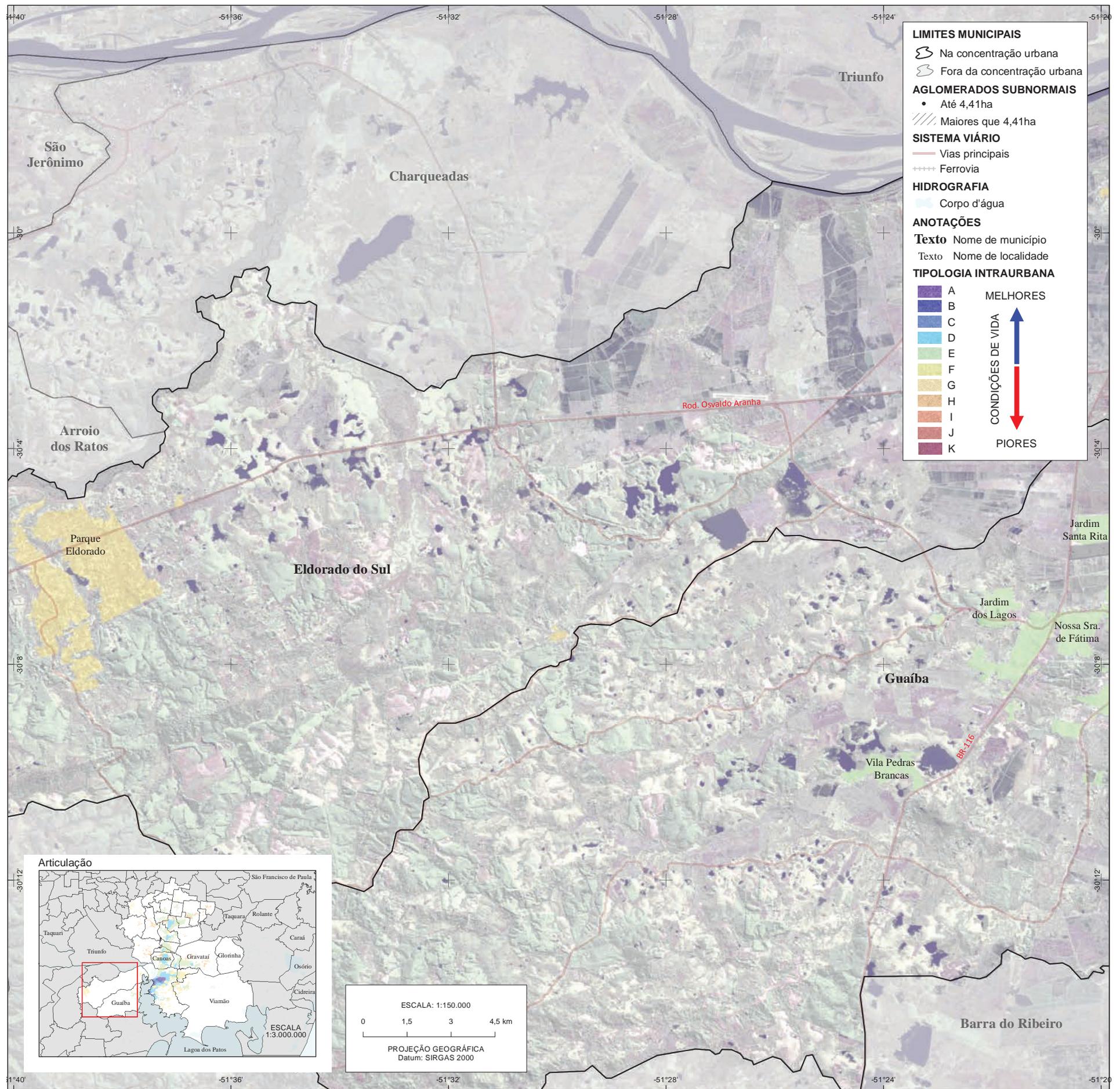
Mapa 10a - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Porto Alegre/RS"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

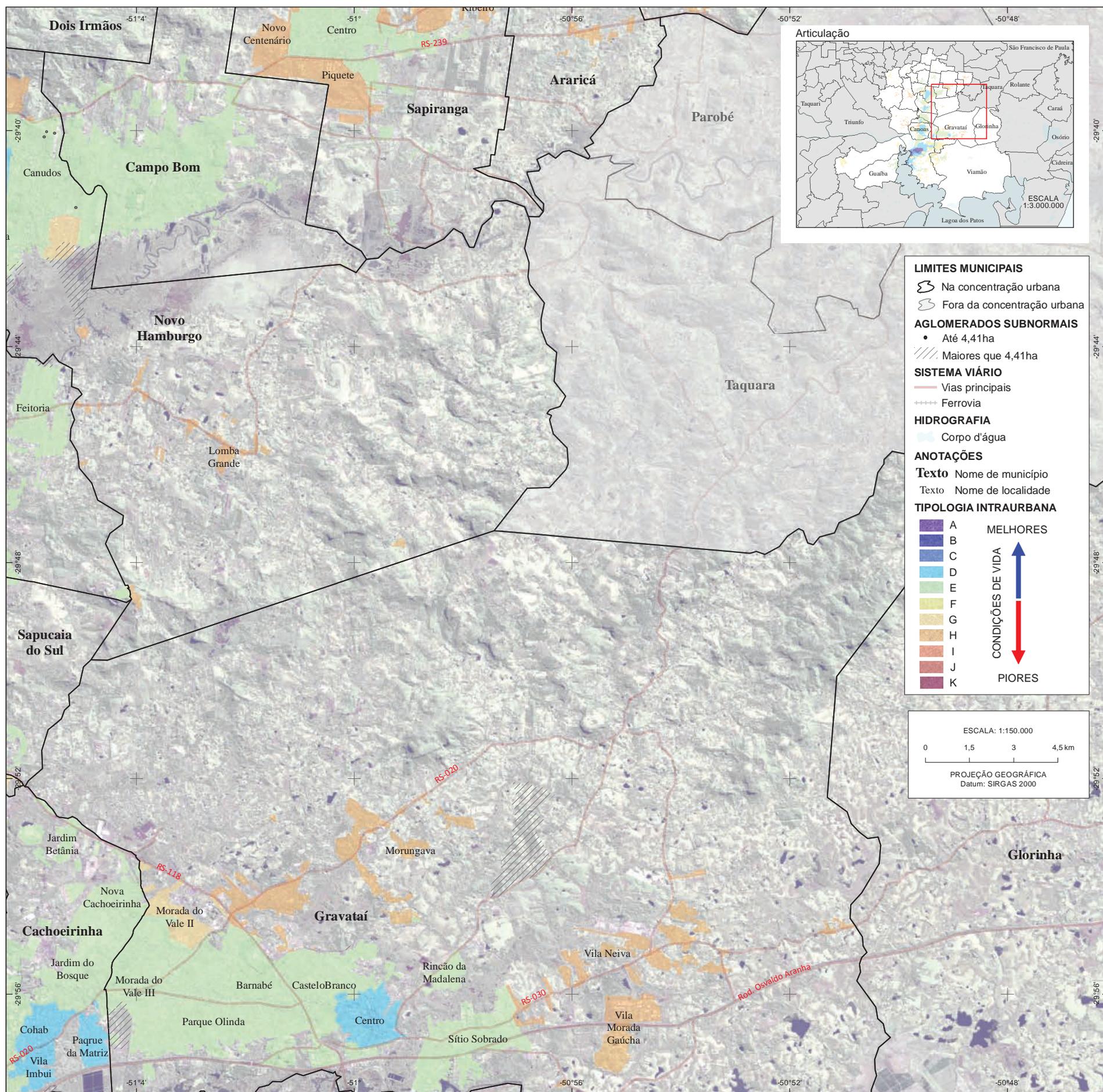
Mapa 10b - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Porto Alegre/RS"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

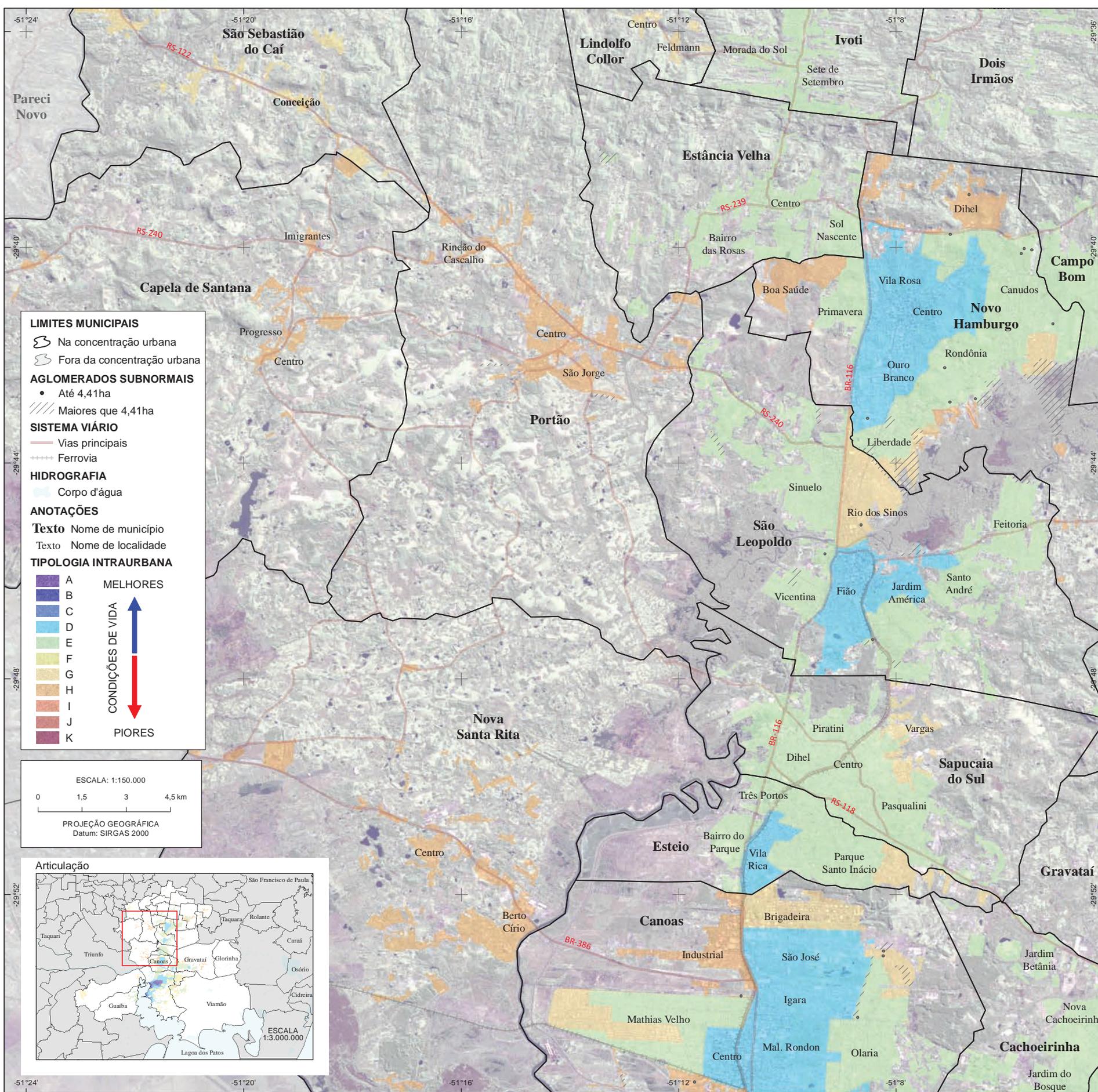
Mapa 10c - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Porto Alegre/RS"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

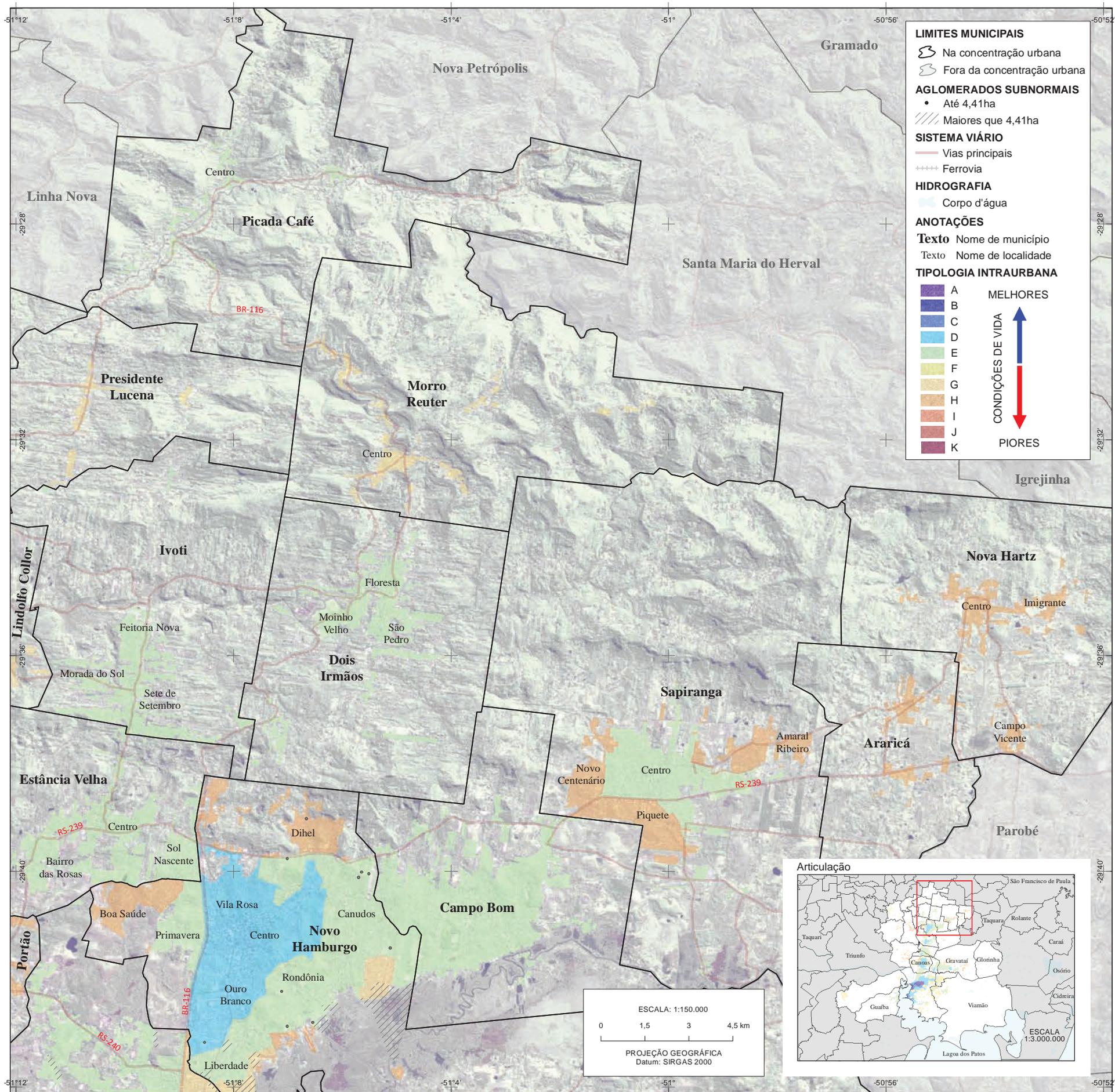
Mapa 10d - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Porto Alegre/RS"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

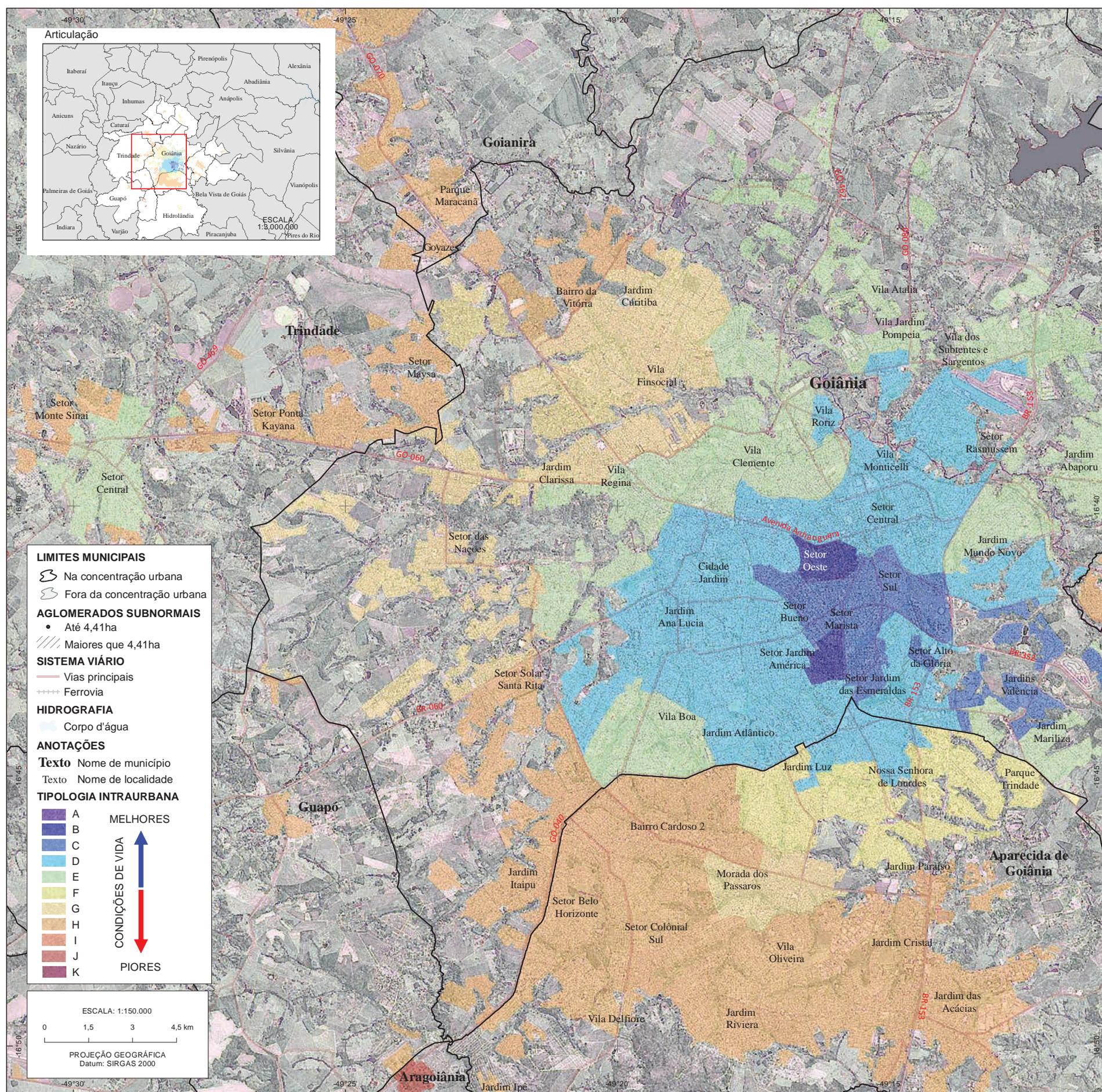
Mapa 10e - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Porto Alegre/RS"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

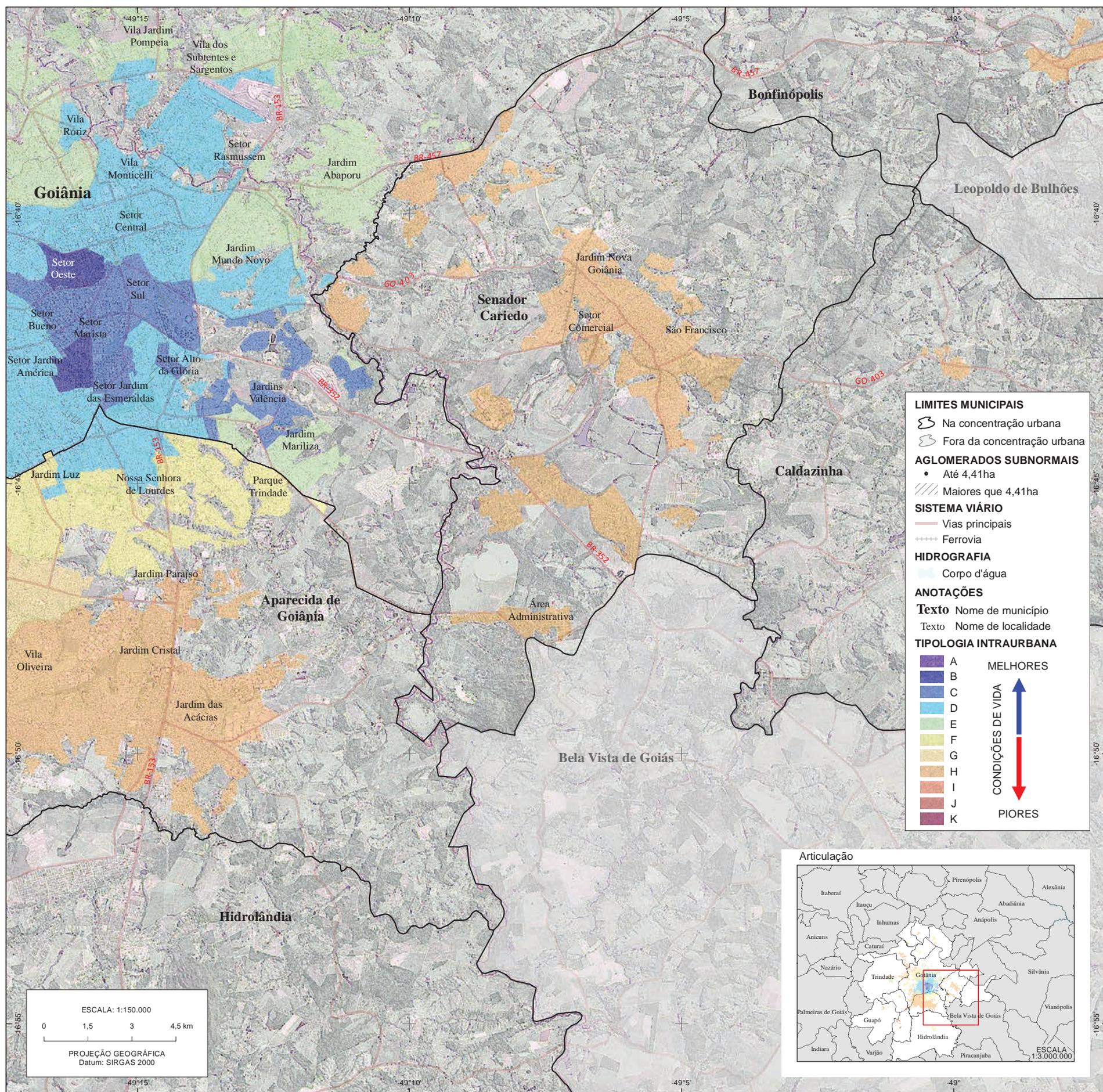
Mapa 11a - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Goiânia/GO"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

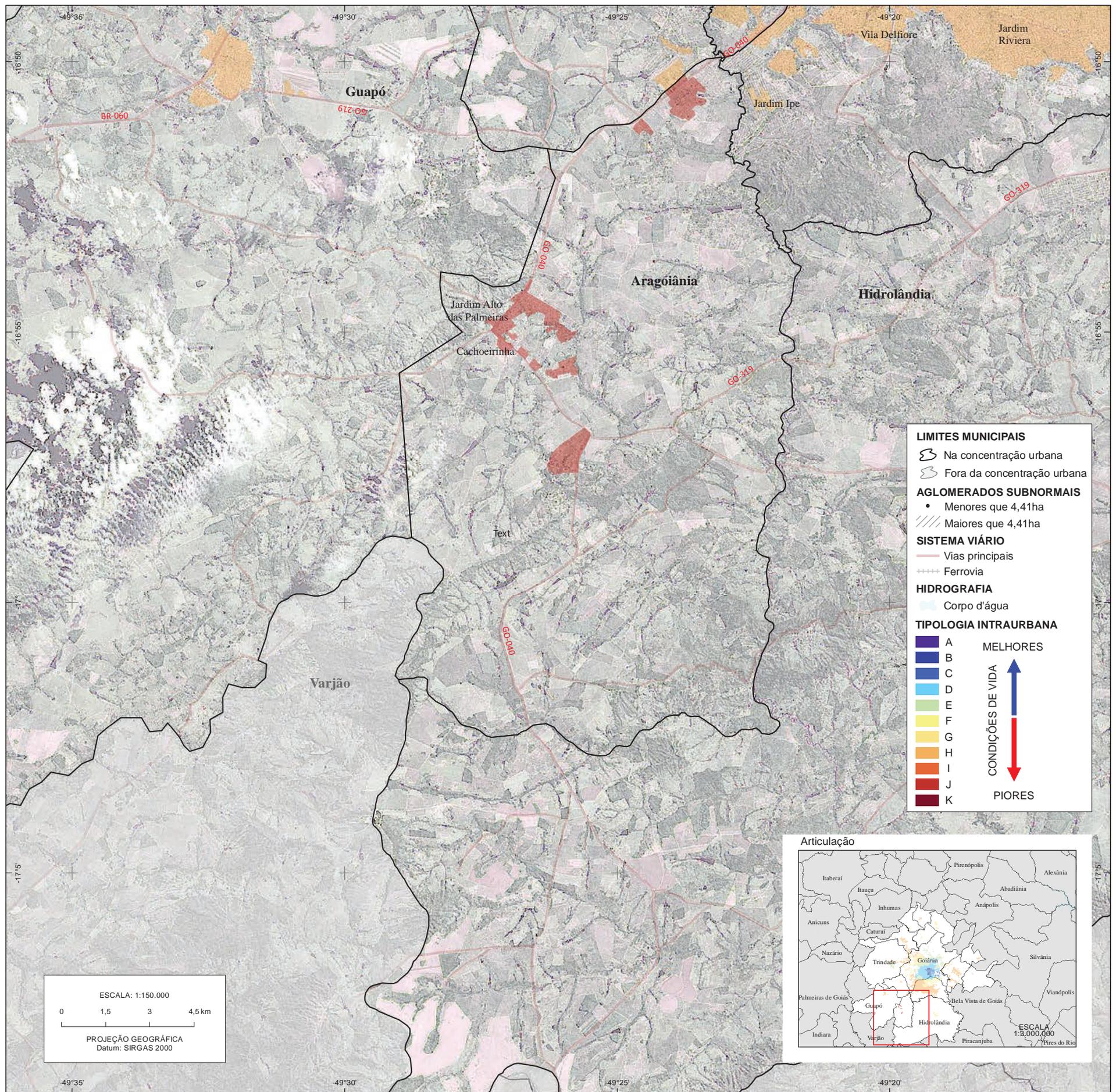
Mapa 11b - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Goiânia/GO"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

Mapa 11c - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Goiânia/GO"



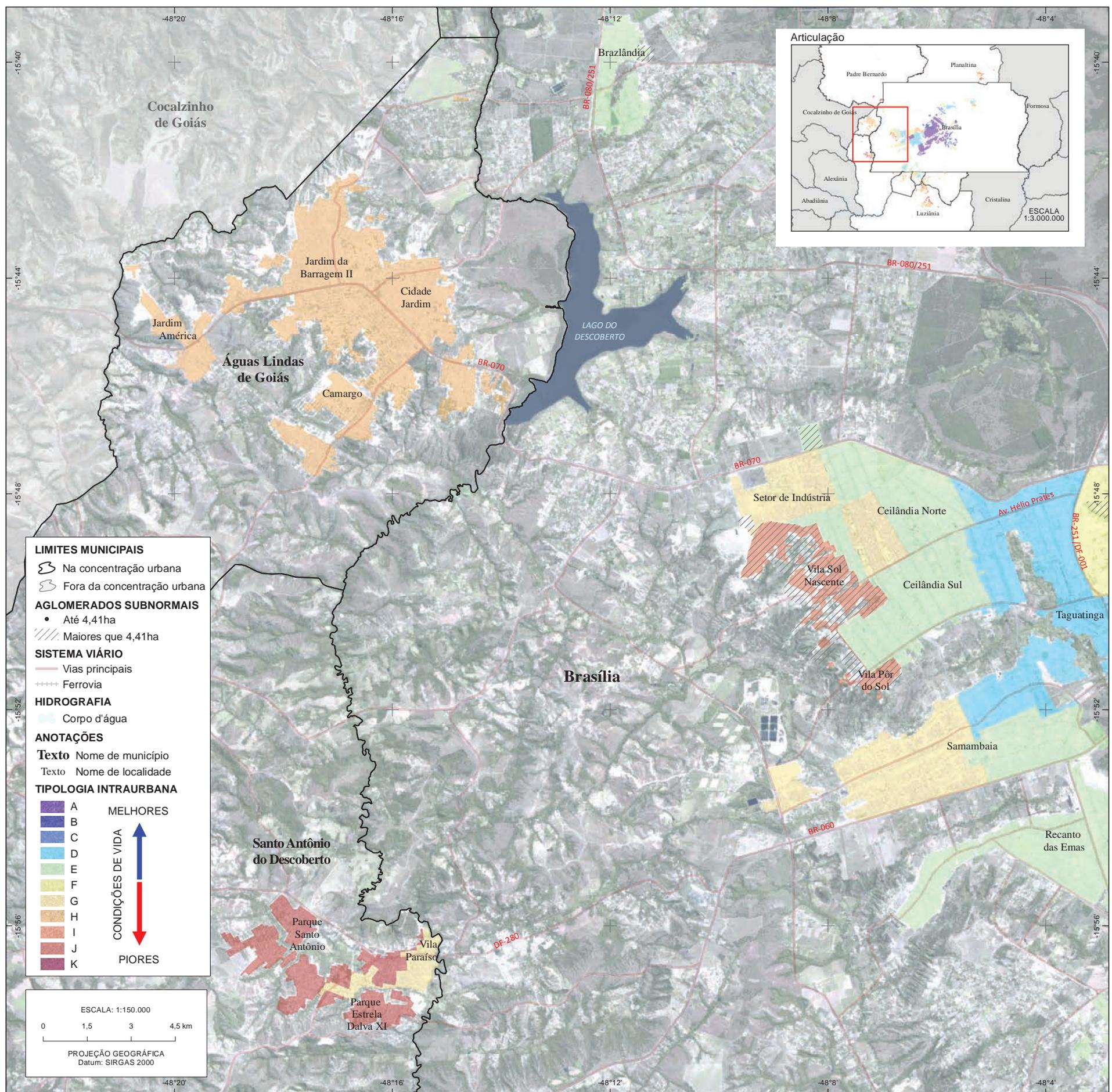
Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.

2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

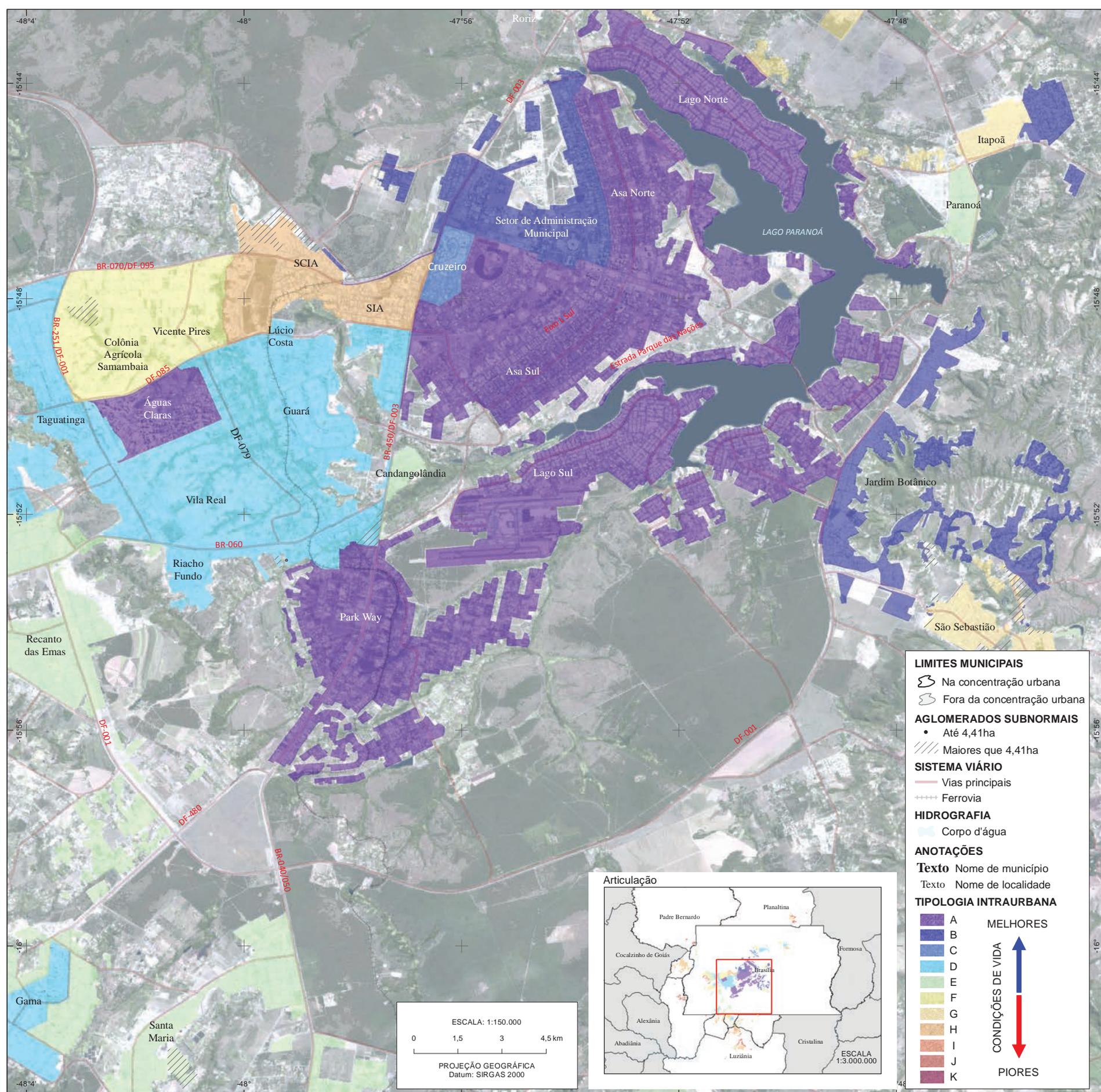
Mapa 12a - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Brasília/DF"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

Mapa 12b - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Brasília/DF"



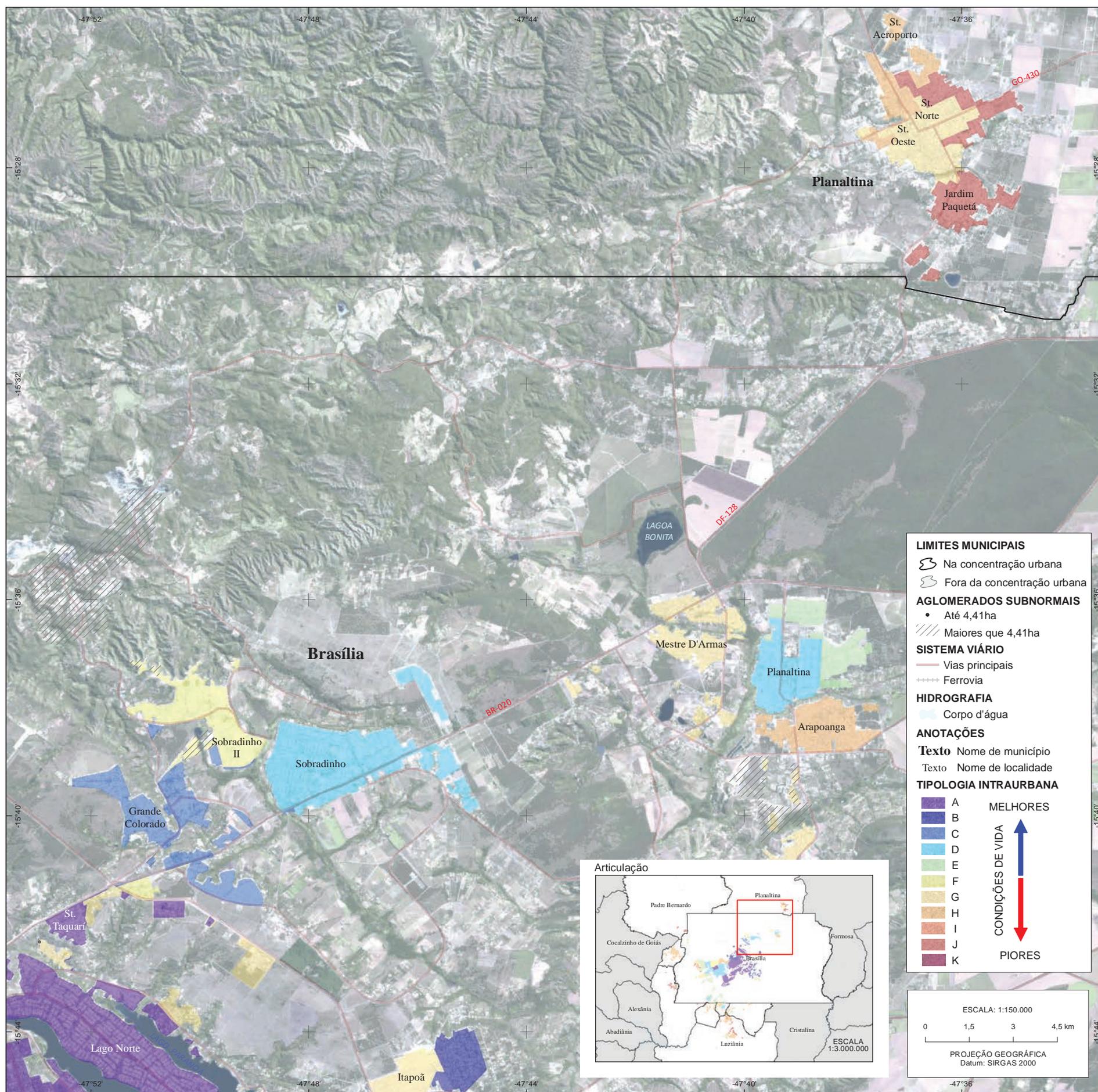
Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.

2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

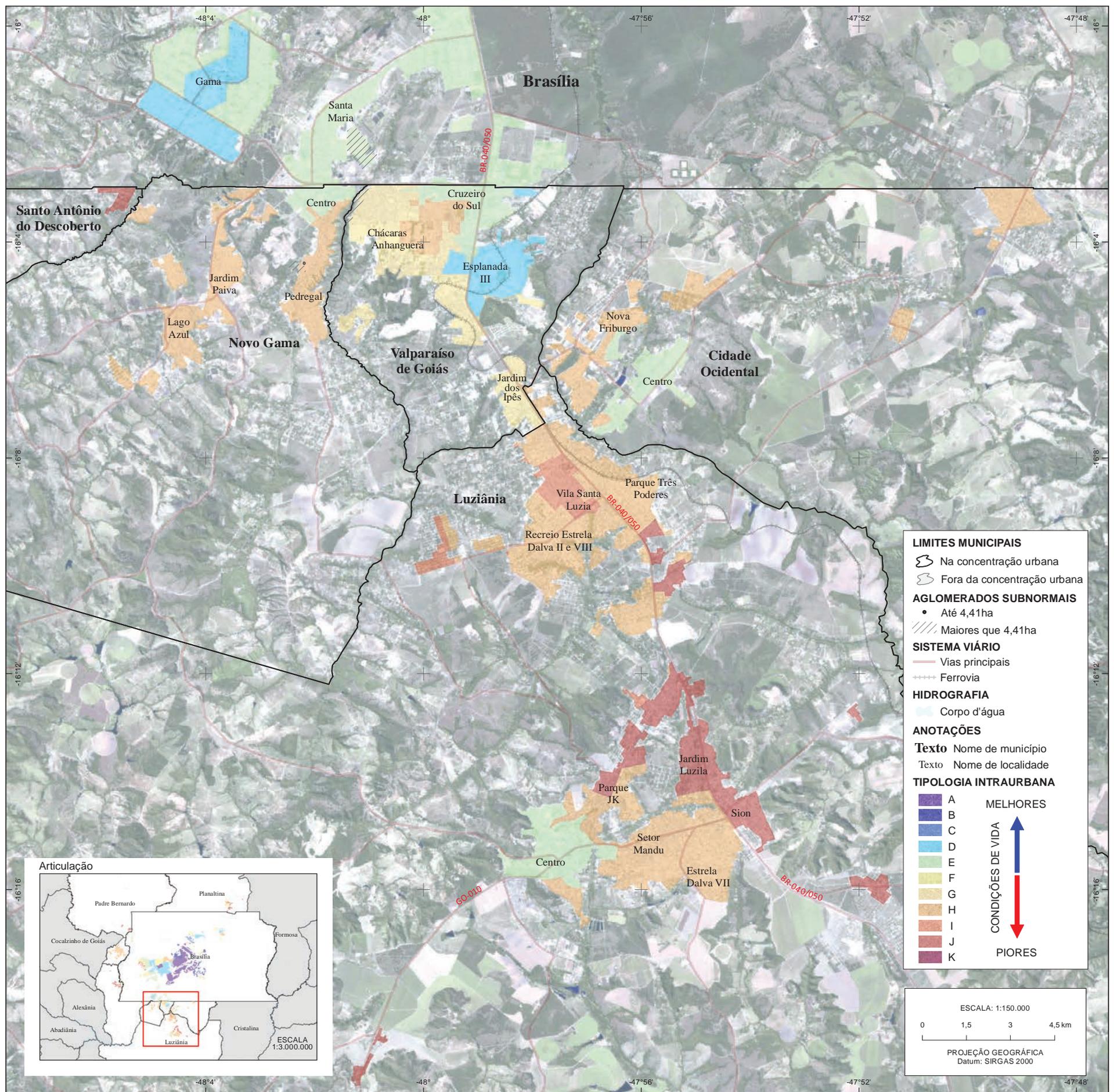
Mapa 12c - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Brasília/DF"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.
2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.
3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

Mapa 12d - Detalhe da tipologia intraurbana da Concentração Urbana de "Brasília/DF"



Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia e Coordenação de Cartografia. 2. IBGE, Censo Demográfico 2010. 3. Landsat TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

Notas: 1. Consideram-se Concentrações Urbanas os arranjos populacionais e os municípios isolados com mais de 100 000 habitantes. Os municípios isolados são aqueles que não fazem parte de arranjos populacionais.

2. A tipologia intraurbana refere-se somente às Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios em situação urbana.

3. Não estão representados nesta prancha os núcleos urbanos isolados da Concentração Urbana.

APÊNDICE 3

**Correspondência entre os nomes
dos grupos de ocupação**

Apêndice 3 - Correspondência entre os nomes dos grupos de ocupação do trabalho principal, usados no texto da publicação e os nomes oficiais utilizados na base de dados do IBGE

Ocupações citadas no texto	Nome oficial IBGE
Mal definidas	0 - Ocupações mal definidas
Dirigentes	1 - Diretores e gerentes
Ciências e intelectuais	2 - Profissionais das ciências e intelectuais
Técnicos nível médio	3 - Técnicos e profissionais de nível médio
Apoio administrativo	4 - Trabalhadores de apoio administrativo
Vendedores dos comércios	5 - Trabalhadores dos serviços, vendedores dos comércios e mercados
Qualificados da agropecuária	6 - Trabalhadores qualificados da agropecuária, florestais, da caça e da Pesca
Operários qualificados	7 - Trabalhadores qualificados, operários e artesãos da construção, das artes mecânicas e outros ofícios
Operadores de máquinas	8 - Operadores de instalações e máquinas e montadores
Ocupações elementares	9 - Ocupações elementares
Forças armadas	10 - Membros das forças armadas, policiais e bombeiros militares

Fontes: 1. IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia. 2. Censo demográfico 2010. Trabalho principal, ocupação. In: IBGE. BME: banco multidimensional de estatísticas. Rio de Janeiro, 2017. V6461. Disponível em: <<https://w3.bme.ibge.gov.br/app/adhoc/index.jsp>>. Acesso em: mar. 2017.

APÊNDICE 4

Áreas de Ponderação com menos de 400 domicílios (já existentes e criadas)

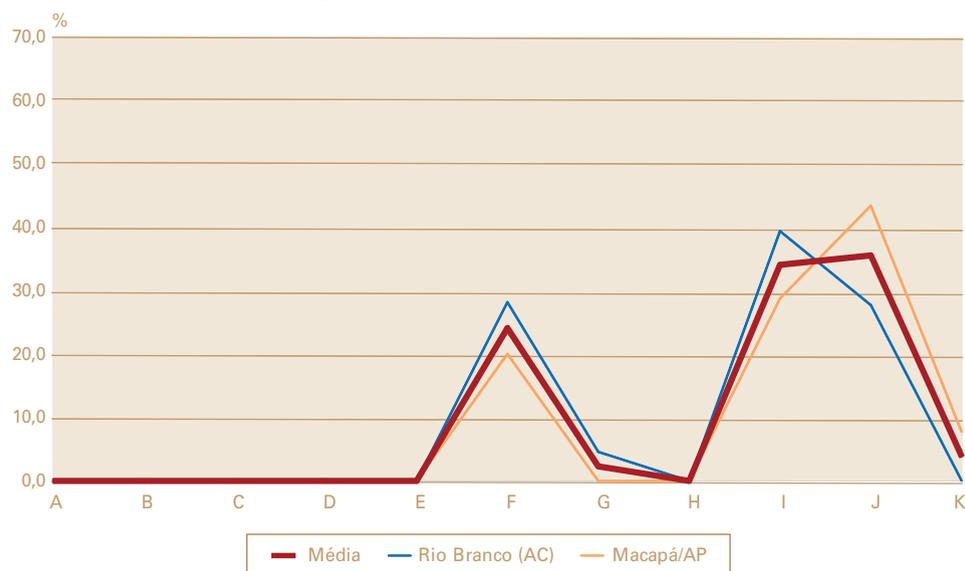
Apêndice 4 - Áreas de Ponderação com menos de 400 domicílios (já existentes e criadas)

Código - Área de Ponderação Tipologia Intraurbana	Número de domicílios amostrados	Área de Ponderação alterada no projeto?	Código original
1721000505010	397	Não	1721000005010
2111300505017	398	Não	2111300005017
2610707513013	396	Sim	-
2800308505008	396	Não	2800308005008
2802007501001	383	Não	2802007001001
2802502501001	286	Não	2802502001001
2918407505004	399	Não	2918407005004
2927408516020	394	Sim	-
2927408526047	397	Sim	-
2933307505013	390	Não	2933307005013
3115904501001	307	Não	3115904001001
3125002501001	355	Não	3125002001001
3135001501001	299	Não	3135001001001
3140308501001	386	Não	3140308001001
3154606505016	399	Não	3154606005016
3167509501001	250	Não	3167509001001
3202207511001	393	Sim	-
3301702505021	399	Não	3301702005021
3304557506019	397	Não	3304557006019
3304557506030	394	Não	3304557006030
3304557506059	398	Não	3304557006059
3304557506063	396	Não	3304557006063
3304557506133	398	Não	3304557006133
3304557506140	397	Não	3304557006140
3304557506185	397	Não	3304557006185
3304557506189	399	Não	3304557006189
3502408501001	383	Não	3502408001001
3504602511001	396	Sim	-
3515129501001	338	Não	3515129001001
3516309503001	398	Não	3516309003001
3518701505013	391	Não	3518701005013
3518800505026	388	Não	3518800005026
3538709505010	399	Não	3538709005010
3546256501001	295	Não	3546256001001
3548302501001	319	Não	3548302001001
3550308505052	395	Não	3550308005052
3550308505216	390	Não	3550308005216
3552205505016	399	Não	3552205005016
3556503523004	394	Sim	-
4117404501001	360	Não	4117404001001
4211256501001	295	Não	4211256001001
4217253501001	371	Não	4217253001001
4218350501001	350	Não	4218350001001
4301073501001	230	Não	4301073001001
4305108506016	392	Não	4305108006016
4315149501001	252	Não	4315149001001
5103403505016	399	Não	5103403005016
5108402505003	399	Não	5108402005003
5200258503001	398	Não	5200258003001
5203609501001	351	Não	5203609001001
5204557501001	362	Não	5204557001001

APÊNDICE 5

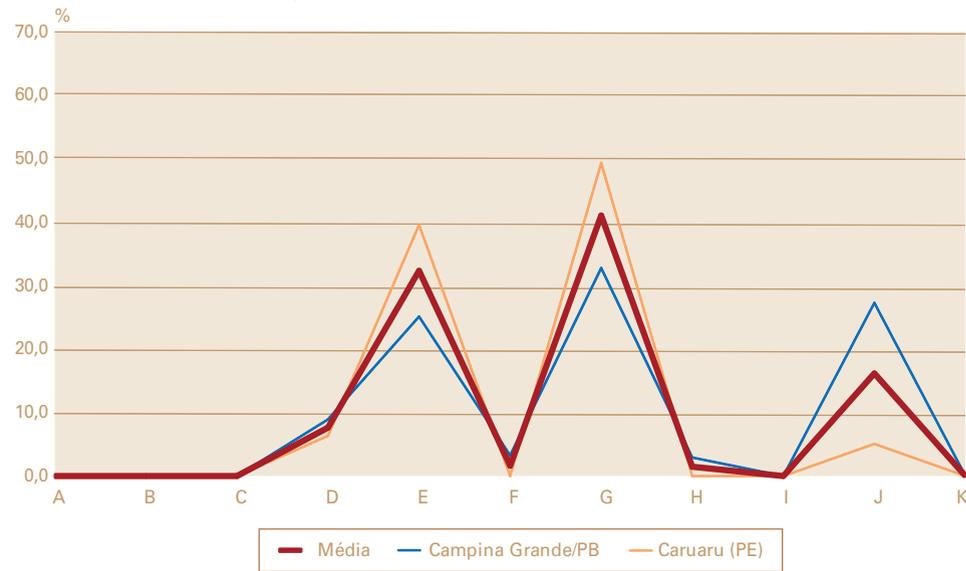
**Gráficos de distribuição da população
segundo os tipos intraurbanos**

Gráfico 1 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, nas Concentrações Urbanas de Rio Branco (AC) e "Macapá/AP"



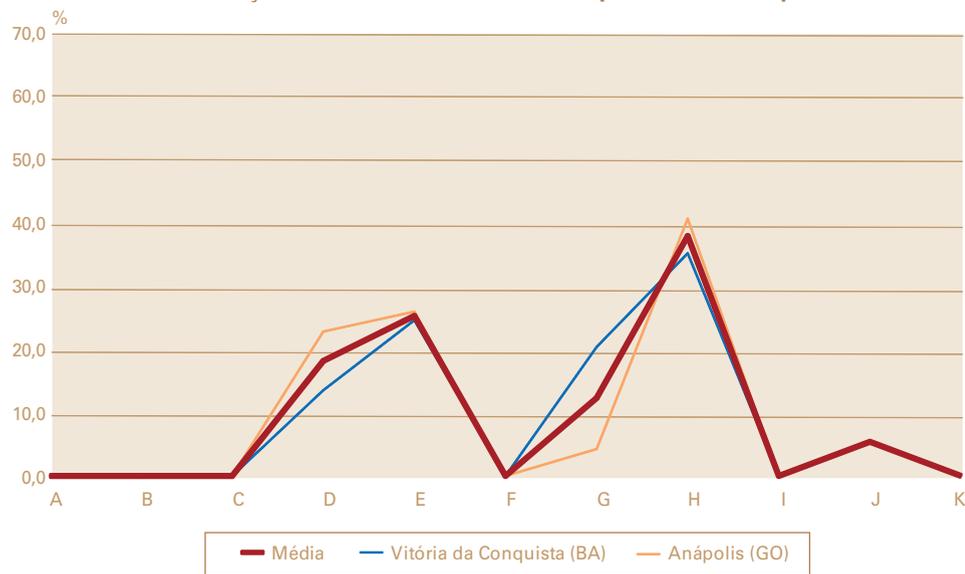
Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Gráfico 2 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, nas Concentrações Urbanas de "Campina Grande/PB" e Caruaru (PE)



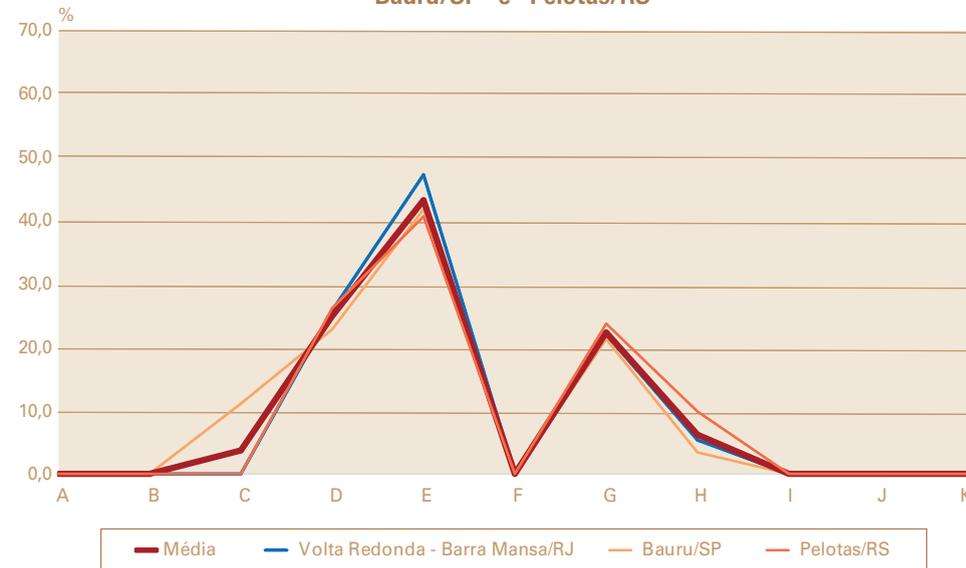
Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Gráfico 3 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, nas Concentrações Urbanas de Vitória da Conquista (BA) e Anápolis (GO)



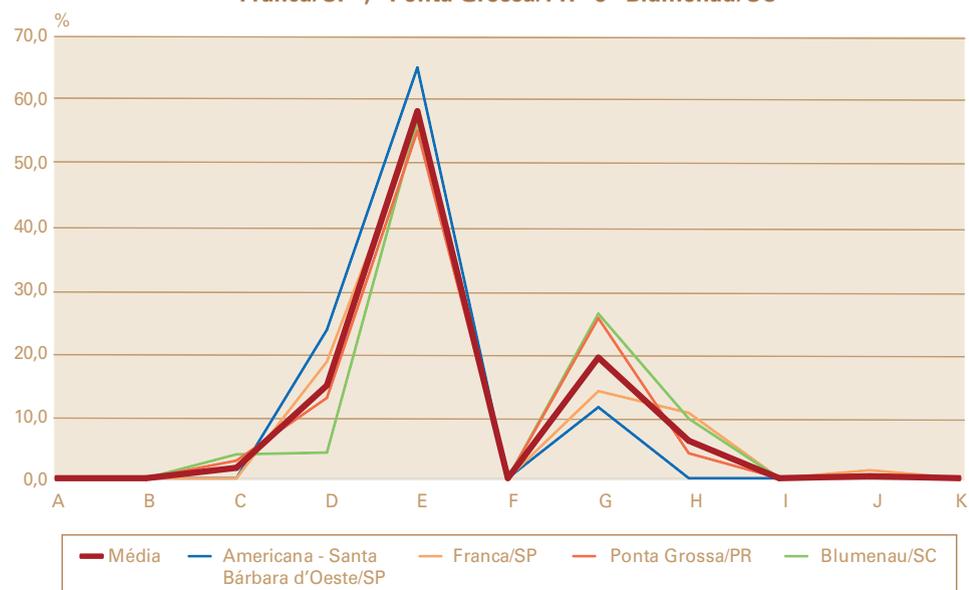
Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Gráfico 4 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, nas Concentrações Urbanas de "Volta Redonda - Barra Mansa/RJ", "Bauru/SP" e "Pelotas/RS"



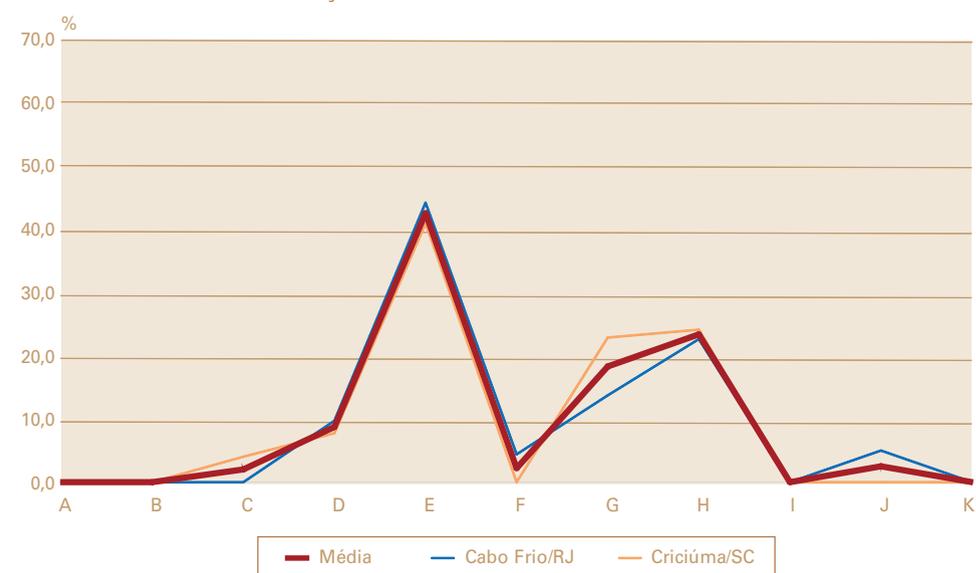
Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Gráfico 5 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, nas Concentrações Urbanas de "Americana - Santa Bárbara d'Oeste/SP", "Franca/SP", "Ponta Grossa/PR" e "Blumenau/SC"



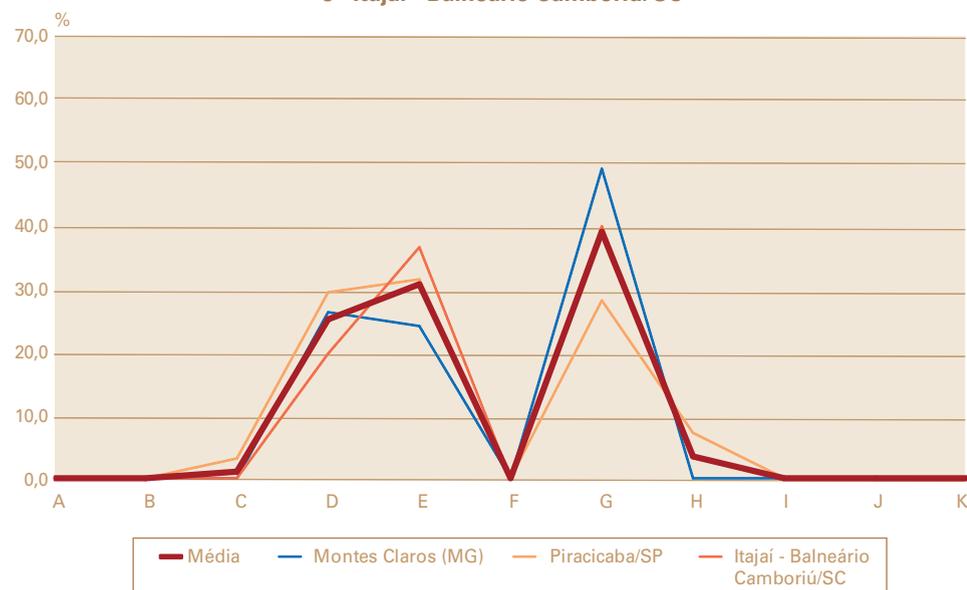
Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Gráfico 6 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, nas Concentrações Urbanas de "Cabo Frio/RJ" e "Criciúma/SC"



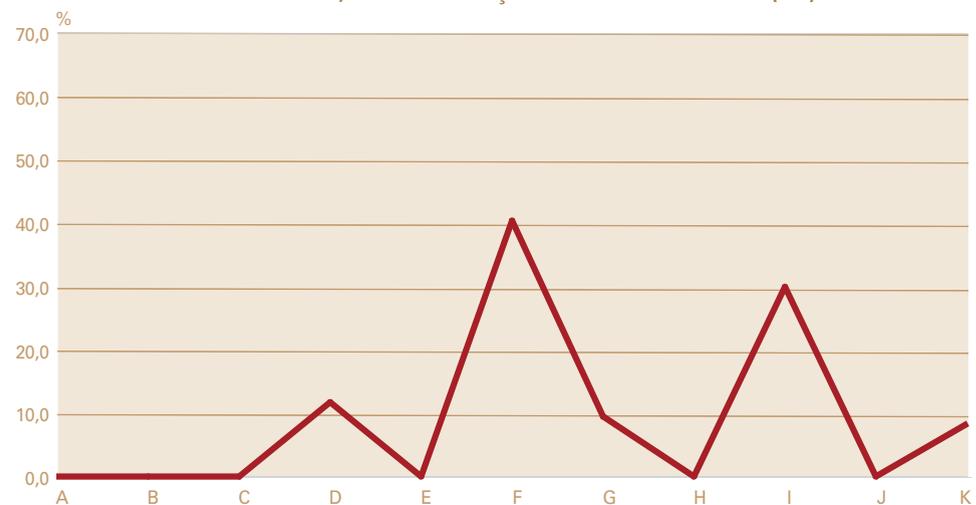
Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Gráfico 7 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, nas Concentrações Urbanas de Montes Claros (MG), "Piracicaba/SP" e "Itajaí - Balneário Camboriú/SC"



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Gráfico 8 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, na Concentração Urbana de Boa Vista (RR)



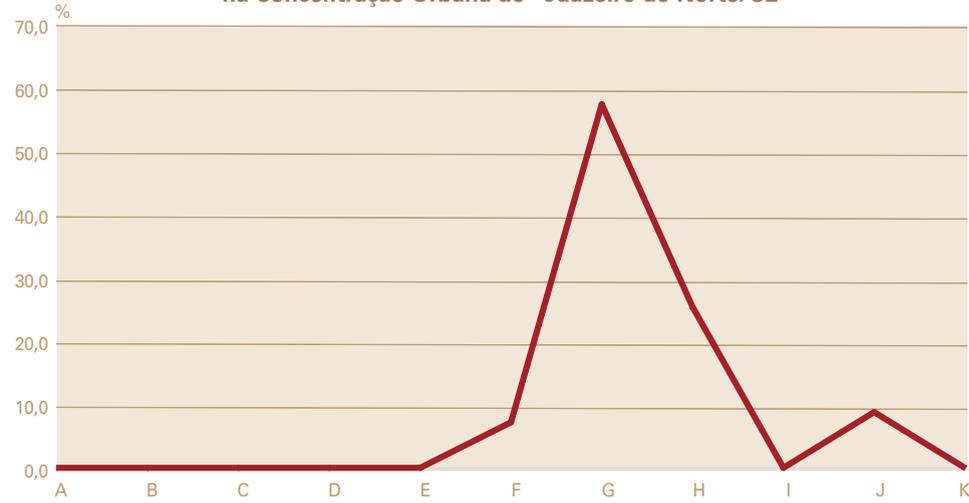
Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Gráfico 9 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, na Concentração Urbana de "Campos dos Goytacazes/RJ"



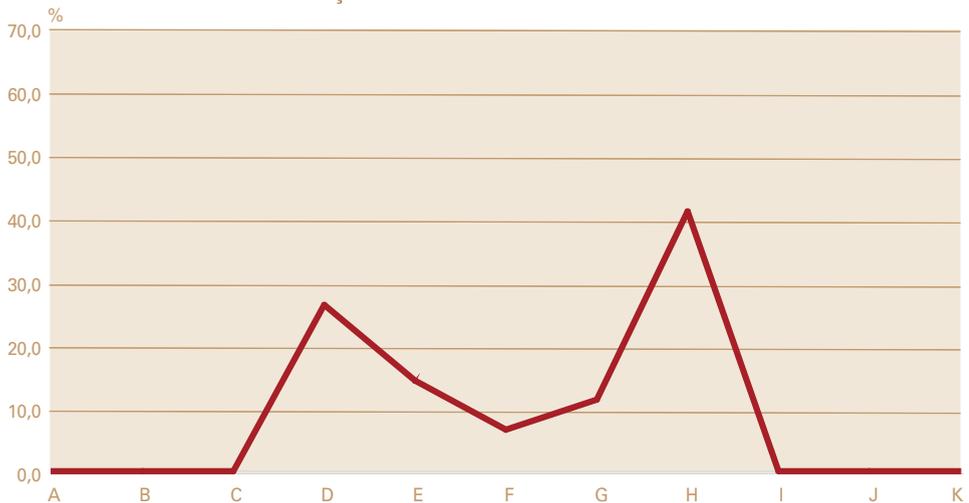
Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
 Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Gráfico 10 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, na Concentração Urbana de "Juazeiro do Norte/CE"



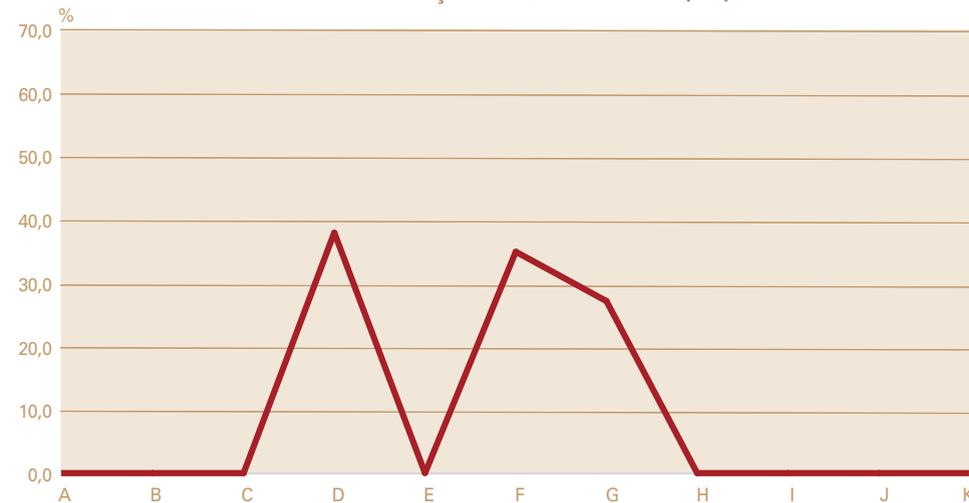
Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
 Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Gráfico 11 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, na Concentração Urbana de "Macaé - Rio das Ostras/RJ"



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
 Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Gráfico 12 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, na Concentração Urbana de Palmas (TO)



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
 Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Gráfico 13 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, na Concentração Urbana de "Petrolina/PE - Juazeiro/BA"



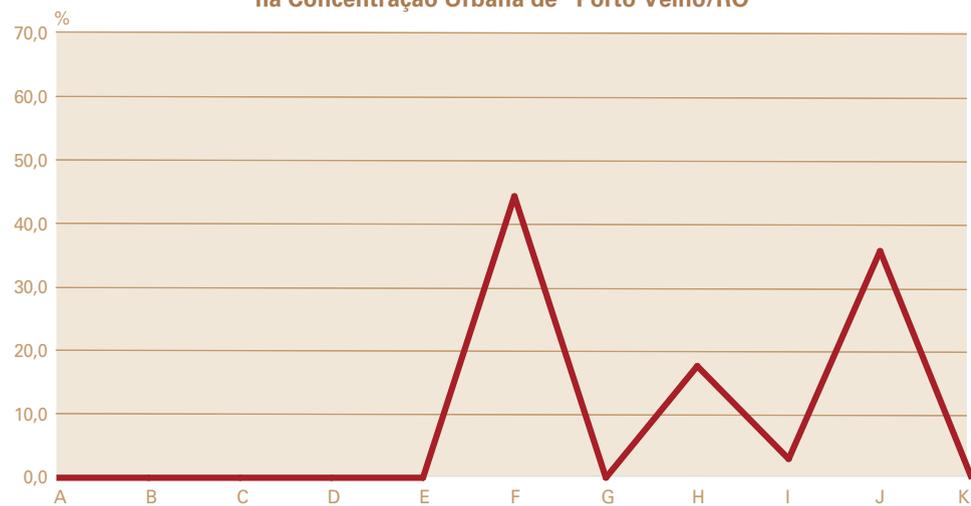
Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
 Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Gráfico 14 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, na Concentração Urbana de "Petrópolis/RJ"



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
 Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Gráfico 15 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, na Concentração Urbana de "Porto Velho/RO"



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
 Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

Gráfico 16 - Distribuição percentual da população, por tipos intraurbanos, na Concentração Urbana de "Presidente Prudente/SP"



Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
 Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

APÊNDICE 6

**População por Concentração Urbana
e tipo intraurbano**



Apêndice 6 - População por Concentração Urbana e tipo intraurbano - 2010

Nome da Concentração Urbana	Total de pessoas por tipo intraurbano											
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	Total
Americana - Santa Bárbara d'Oeste/SP	0	0	0	103 794	287 303	0	49 636	0	0	0	0	440 733
Anápolis (GO)	0	0	0	76 724	87 352	0	14 292	136 745	0	18 167	0	333 280
Aracaju/SE	0	42 374	0	218 827	100 706	24 563	234 846	227 713	0	74 440	0	923 469
Baixada Santista/SP	0	0	100 637	328 089	591 344	0	353 802	145 918	29 816	0	0	1 549 606
Bauru/SP	0	0	38 833	79 940	146 381	0	74 500	11 850	0	0	0	351 504
Belém/PA	0	0	28 918	130 078	30 073	480 357	327 094	432 686	68 674	453 418	48 347	1 999 645
Belo Horizonte/MG	184 668	91 394	157 656	832 181	2 032 145	50 869	976 788	368 536	0	27 996	0	4 722 233
Blumenau/SC	0	0	11 256	51 522	222 724	0	102 615	15 961	0	0	0	404 078
Boa Vista (RR)	0	0	0	33 160	0	114 171	26 808	0	84 650	0	23 452	282 241
Brasília/DF	364 526	61 275	60 919	571 521	899 002	111 251	489 679	475 100	81 323	136 122	0	3 250 718
Cabo Frio/RJ	0	0	0	31 972	145 604	14 469	45 199	74 514	0	16 449	0	328 207
Campina Grande/PB	0	0	0	42 360	119 356	15 413	155 731	13 870	0	129 659	0	476 389
Campinas/SP	23 718	34 703	160 569	415 276	705 954	53 907	300 212	168 227	0	0	0	1 862 566
Campo Grande (MS)	0	27 773	46 894	82 940	239 584	66 095	89 251	215 734	0	4 159	0	772 430
Campos dos Goytacazes/RJ	0	0	0	70 823	78 757	15 683	62 712	150 784	0	115 217	0	493 976
Caruaru (PE)	0	0	0	17 834	111 531	0	139 070	0	0	14 254	0	282 689
Caxias do Sul/RS	0	0	0	117 725	272 478	0	49 510	44 724	0	0	0	484 437
Criciúma/SC	0	0	13 887	26 762	141 440	0	79 061	83 394	0	0	0	344 544
Cuiabá/MT	0	0	83 953	137 436	42 818	116 267	198 082	194 993	14.267	0	0	787 816
Curitiba/PR	23 112	85 279	212 035	651 217	1 321 214	0	381 179	252 072	0	51.632	0	2 977 740
Feira de Santana (BA)	0	0	0	50 103	163 637	32 884	179 617	67 768	0	0	0	494 009
Florianópolis/SC	23.833	16.085	54 787	315 006	270 964	16 755	71 767	101 532	0	0	0	870 729
Fortaleza/CE	37.081	86.077	82 689	180 537	86 780	719 821	1 394 375	521 603	21 939	73 479	17 760	3 222 141
Franca/SP	0	0	0	66 521	201 542	0	49 649	37 258	0	4 530	0	359 500
Goiânia/GO	0	53.511	94 838	488 851	406 233	106 611	288 764	617 110	0	8 352	0	2 064 270
Internacional de Foz do Iguaçu/Brasil - Ciudad del Este/Paraguai	0	0	0	72 522	79 229	0	72 910	50 839	0	0	0	275 500
Ipatinga/MG	0	0	0	77 002	329 782	0	0	92 273	0	3 983	0	503 040
Itajaí - Balneário Camboriú/SC	0	0	0	89 651	166 200	0	181 297	14 511	0	0	0	451 659
João Pessoa/PB	0	0	101 773	161 102	86 138	32 280	350 340	217 153	0	79 927	0	1 028 713
Joinville/SC	0	0	39 400	136 658	240 244	0	59 781	38 532	0	0	0	514 615
Juazeiro do Norte/CE	0	0	0	0	0	27 682	220 973	97 744	0	33 861	0	380 260
Juiz de Fora/MG	0	0	52 567	50 931	389 691	0	0	42 806	0	0	0	535 995
Jundiaí/SP	0	0	25 858	156 308	232 000	0	126 630	138 587	0	0	0	679 383
Londrina/PR	0	0	83 719	55 523	400 176	0	100 411	0	0	15 588	0	655 417
Macaé - Rio das Ostras/RJ	0	0	0	100 720	54 815	25 115	43 319	157 349	0	0	0	381 318
Macapá/AP	0	0	0	0	0	99 711	0	0	143 167	216 166	38 386	497 430
Maceió/AL	0	33 795	0	94 184	0	146 144	288 086	507 843	0	40 087	0	1 110 139
Manaus (AM)	0	38 120	0	28 644	0	1 000 785	69 687	151 723	0	508 352	0	1 797 311
Maringá/PR	0	10 926	0	128 824	238 649	0	18 486	152 325	0	0	0	549 210
Montes Claros (MG)	0	0	0	89 142	81 702	0	166 173	0	0	0	0	337 017
Natal/RN	0	34 739	36 577	200 734	40 674	116 405	516 983	209 039	0	0	0	1 155 151
Palmas (TO)	0	0	0	80 206	0	73 845	57 366	0	0	0	0	211 417
Pelotas/RS	0	0	0	85 793	133 253	0	77 736	32 246	0	0	0	329 028
Petrolina/PE - Juazeiro/BA	0	0	0	51 152	56 823	33 914	110 782	76 849	0	39 303	0	368 823
Petrópolis/RJ	0	0	0	16 509	65 413	23 706	22 143	178 438	0	0	0	306 209
Piracicaba/SP	0	0	13 060	122 903	131 475	0	117 541	29 949	0	0	0	414 928
Ponta Grossa/PR	0	0	12 173	13 079	182 270	0	84 039	30 372	0	0	0	321 933
Porto Alegre/RS	62 442	107 816	149 091	603 939	1 593 522	0	864 883	250 155	0	0	0	3 631 848
Porto Velho/RO	0	0	0	0	0	175 994	0	69 781	11 742	141 742	0	399 259
Presidente Prudente/SP	0	0	0	100 981	136 365	0	18 294	71 684	0	0	0	327 324
Recife/PE	0	129 453	97 605	316 129	246 595	437 198	1 408 166	706 994	93 370	289 268	0	3 724 778
Ribeirão Preto/SP	0	0	113 222	123 780	321 349	0	181 796	0	0	0	0	740 147
Rio Branco (AC)	0	0	0	0	0	86 846	14 100	0	121 400	85 426	0	307 772
Rio de Janeiro/RJ	433 548	444 772	431 813	1 668 550	4 405 486	318 793	1 798 265	1 884 310	461 198	48 895	0	11 895 630
Salvador/BA	41 544	135 125	171 620	378 933	98 204	1 048 265	1 247 798	280 285	0	65 973	0	3 467 747
São José do Rio Preto/SP	0	0	46 400	134 791	283 298	0	22 228	59 749	0	0	0	546.466
São José dos Campos/SP	0	30 300	41 082	475 192	405 279	65 968	130 198	239 642	0	0	0	1 387 661
São Luís/MA	0	41 133	0	142 484	0	492 504	94 009	150 175	0	180 095	205 760	1 306 160
São Paulo/SP	543 039	439 888	949 137	3 332 130	8 645 991	188 475	4 203 675	1 104 833	0	0	0	19 407 168
Sorocaba/SP	0	0	26 055	254 346	381 804	8 763	44 681	58 430	0	0	0	774 079
Teresina/PI	0	0	52 383	58 653	43 226	256 392	108 373	292 611	0	30 926	39 454	882 018
Uberlândia (MG)	0	0	20 871	187 716	337 565	0	31 882	0	0	0	0	578 034
Vitória da Conquista (BA)	0	0	0	37 476	68 150	0	56 417	97 445	0	14 901	0	274 389
Vitória/ES	28 008	70 034	70 499	308 084	408 594	53 341	360 041	245 046	23 628	6 505	0	1 573 780
Volta Redonda - Barra Mansa/RJ	0	0	0	117 576	215 382	0	100 312	24.284	0	0	0	457 554
Total	1 765 519	2 014 572	3 682 776	15 173 546	29 204 266	6 651 242	19 504 040	12 112 094	1 155 174	2 928 872	373 159	94 565 260

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Métodos e Qualidade.
 Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

APÊNDICE 7

**Percentual da população por
Concentração Urbana e tipo intraurbano**

Apêndice 7 - Percentual da população por Concentração Urbana e tipo intraurbano - 2010

Nome da Concentração Urbana	Percentual (%) de pessoas por tipo intraurbano											Total
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	
Americana - Santa Bárbara d'Oeste/SP	0,00	0,00	0,00	23,60	65,20	0,00	11,30	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Anápolis (GO)	0,00	0,00	0,00	23,00	26,20	0,00	4,30	41,00	0,00	5,50	0,00	100,00
Aracaju/SE	0,00	4,60	0,00	23,70	10,90	2,70	25,40	24,70	0,00	8,10	0,00	100,00
Baixada Santista/SP	0,00	0,00	6,50	21,20	38,20	0,00	22,80	9,40	1,90	0,00	0,00	100,00
Bauru/SP	0,00	0,00	11,00	22,70	41,60	0,00	21,20	3,40	0,00	0,00	0,00	100,00
Belém/PA	0,00	0,00	1,40	6,50	1,50	24,00	16,40	21,60	3,40	22,70	2,40	100,00
Belo Horizonte/MG	3,90	1,90	3,30	17,60	43,00	1,10	20,70	7,80	0,00	0,60	0,00	100,00
Blumenau/SC	0,00	0,00	2,80	12,80	55,10	0,00	25,40	3,90	0,00	0,00	0,00	100,00
Boa Vista (RR)	0,00	0,00	0,00	11,70	0,00	40,50	9,50	0,00	30,00	0,00	8,30	100,00
Brasília/DF	11,20	1,90	1,90	17,60	27,70	3,40	15,10	14,60	2,50	4,20	0,00	100,00
Cabo Frio/RJ	0,00	0,00	0,00	9,70	44,40	4,40	13,80	22,70	0,00	5,00	0,00	100,00
Campina Grande/PB	0,00	0,00	0,00	8,90	25,10	3,20	32,70	2,90	0,00	27,20	0,00	100,00
Campinas/SP	1,30	1,90	8,60	22,30	37,90	2,90	16,10	9,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Campo Grande (MS)	0,00	3,60	6,10	10,70	31,00	8,60	11,60	27,90	0,00	0,50	0,00	100,00
Campos dos Goytacazes/RJ	0,00	0,00	0,00	14,30	15,90	3,20	12,70	30,50	0,00	23,30	0,00	100,00
Caruaru (PE)	0,00	0,00	0,00	6,30	39,50	0,00	49,20	0,00	0,00	5,00	0,00	100,00
Caxias do Sul/RS	0,00	0,00	0,00	24,30	56,20	0,00	10,20	9,20	0,00	0,00	0,00	100,00
Criciúma/SC	0,00	0,00	4,00	7,80	41,10	0,00	22,90	24,20	0,00	0,00	0,00	100,00
Cuiabá/MT	0,00	0,00	10,70	17,40	5,40	14,80	25,10	24,80	1,80	0,00	0,00	100,00
Curitiba/PR	0,80	2,90	7,10	21,90	44,40	0,00	12,80	8,50	0,00	1,70	0,00	100,00
Feira de Santana (BA)	0,00	0,00	0,00	10,10	33,10	6,70	36,40	13,70	0,00	0,00	0,00	100,00
Florianópolis/SC	2,70	1,80	6,30	36,20	31,10	1,90	8,20	11,70	0,00	0,00	0,00	100,00
Fortaleza/CE	1,20	2,70	2,60	5,60	2,70	22,30	43,30	16,20	0,70	2,30	0,60	100,00
Franca/SP	0,00	0,00	0,00	18,50	56,10	0,00	13,80	10,40	0,00	1,30	0,00	100,00
Goiânia/GO	0,00	2,60	4,60	23,70	19,70	5,20	14,00	29,90	0,00	0,40	0,00	100,00
Internacional de Foz do Iguaçu/Brasil - Ciudad del Este/Paraguai	0,00	0,00	0,00	26,30	28,80	0,00	26,50	18,50	0,00	0,00	0,00	100,00
Ipatinga/MG	0,00	0,00	0,00	15,30	65,60	0,00	0,00	18,30	0,00	0,80	0,00	100,00
Itajaí - Balneário Camboriú/SC	0,00	0,00	0,00	19,80	36,80	0,00	40,10	3,20	0,00	0,00	0,00	100,00
João Pessoa/PB	0,00	0,00	9,90	15,70	8,40	3,10	34,10	21,10	0,00	7,80	0,00	100,00
Joinville/SC	0,00	0,00	7,70	26,60	46,70	0,00	11,60	7,50	0,00	0,00	0,00	100,00
Juazeiro do Norte/CE	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	7,30	58,10	25,70	0,00	8,90	0,00	100,00
Juiz de Fora/MG	0,00	0,00	9,80	9,50	72,70	0,00	0,00	8,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Jundiaí/SP	0,00	0,00	3,80	23,00	34,10	0,00	18,60	20,40	0,00	0,00	0,00	100,00
Londrina/PR	0,00	0,00	12,80	8,50	61,10	0,00	15,30	0,00	0,00	2,40	0,00	100,00
Macaé - Rio das Ostras/RJ	0,00	0,00	0,00	26,40	14,40	6,60	11,40	41,30	0,00	0,00	0,00	100,00
Macapá/AP	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	20,00	0,00	0,00	28,80	43,50	7,70	100,00
Maceió/AL	0,00	3,00	0,00	8,50	0,00	13,20	26,00	45,70	0,00	3,60	0,00	100,00
Manaus (AM)	0,00	2,10	0,00	1,60	0,00	55,70	3,90	8,40	0,00	28,30	0,00	100,00
Maringá/PR	0,00	2,00	0,00	23,50	43,50	0,00	3,40	27,70	0,00	0,00	0,00	100,00
Montes Claros (MG)	0,00	0,00	0,00	26,50	24,20	0,00	49,30	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Natal/RN	0,00	3,00	3,20	17,40	3,50	10,10	44,80	18,10	0,00	0,00	0,00	100,00
Palmas (TO)	0,00	0,00	0,00	37,90	0,00	34,90	27,10	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Pelotas/RS	0,00	0,00	0,00	26,10	40,50	0,00	23,60	9,80	0,00	0,00	0,00	100,00
Petrolina/PE - Juazeiro/BA	0,00	0,00	0,00	13,90	15,40	9,20	30,00	20,80	0,00	10,70	0,00	100,00
Petrópolis/RJ	0,00	0,00	0,00	5,40	21,40	7,70	7,20	58,30	0,00	0,00	0,00	100,00
Piracicaba/SP	0,00	0,00	3,10	29,60	31,70	0,00	28,30	7,20	0,00	0,00	0,00	100,00
Ponta Grossa/PR	0,00	0,00	3,80	4,10	56,60	0,00	26,10	9,40	0,00	0,00	0,00	100,00
Porto Alegre/RS	1,70	3,00	4,10	16,60	43,90	0,00	23,80	6,90	0,00	0,00	0,00	100,00
Porto Velho/RO	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	44,10	0,00	17,50	2,90	35,50	0,00	100,00
Presidente Prudente/SP	0,00	0,00	0,00	30,90	41,70	0,00	5,60	21,90	0,00	0,00	0,00	100,00
Recife/PE	0,00	3,50	2,60	8,50	6,60	11,70	37,80	19,00	2,50	7,80	0,00	100,00
Ribeirão Preto/SP	0,00	0,00	15,30	16,70	43,40	0,00	24,60	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Rio Branco (AC)	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	28,20	4,60	0,00	39,40	27,80	0,00	100,00
Rio de Janeiro/RJ	3,60	3,70	3,60	14,00	37,00	2,70	15,10	15,80	3,90	0,40	0,00	100,00
Salvador/BA	1,20	3,90	4,90	10,90	2,80	30,20	36,00	8,10	0,00	1,90	0,00	100,00
São José do Rio Preto/SP	0,00	0,00	8,50	24,70	51,80	0,00	4,10	10,90	0,00	0,00	0,00	100,00
São José dos Campos/SP	0,00	2,20	3,00	34,20	29,20	4,80	9,40	17,30	0,00	0,00	0,00	100,00
São Luís/MA	0,00	3,10	0,00	10,90	0,00	37,70	7,20	11,50	0,00	13,80	15,80	100,00
São Paulo/SP	2,80	2,30	4,90	17,20	44,60	1,00	21,70	5,70	0,00	0,00	0,00	100,00
Sorocaba/SP	0,00	0,00	3,40	32,90	49,30	1,10	5,80	7,50	0,00	0,00	0,00	100,00
Teresina/PI	0,00	0,00	5,90	6,60	4,90	29,10	12,30	33,20	0,00	3,50	4,50	100,00
Uberlândia (MG)	0,00	0,00	3,60	32,50	58,40	0,00	5,50	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Vitória da Conquista (BA)	0,00	0,00	0,00	13,70	24,80	0,00	20,60	35,50	0,00	5,40	0,00	100,00
Vitória/ES	1,80	4,50	4,50	19,60	26,00	3,40	22,90	15,60	1,50	0,40	0,00	100,00
Volta Redonda - Barra Mansa/RJ	0,00	0,00	0,00	25,70	47,10	0,00	21,90	5,30	0,00	0,00	0,00	100,00
Total	1,90	2,10	3,90	16,00	30,90	7,00	20,60	12,80	1,20	3,10	0,40	100,00

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Métodos e Qualidade.

Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

APÊNDICE 8

Área por Concentração Urbana
e tipo intraurbano

Apêndice 8 - Área (km²) por Concentração Urbana e tipo intraurbano - 2010

Nome da Concentração Urbana	Total de área (km²) por tipo intraurbano											
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	Total
Americana - Santa Bárbara d' Oeste/SP	0	0	0	30,14	67,43	0	12,62	0	0	0	0	110,19
Anápolis (GO)	0	0	0	18,73	17,91	0	7,69	29,9	0	16,66	0	90,89
Aracaju/SE	0	5,89	0	33,38	8,69	2,52	22,12	35,5	0	10,73	0	118,84
Baixada Santista/SP	0	0	4,7	30,44	80,54	0	75,86	25,43	3,18	0	0	220,16
Bauru/SP	0	0	13,09	19,59	27,66	0	14,97	4,5	0	0	0	79,81
Belém/PA	0	0	2	12,11	2,21	53,45	14,84	49,02	2,38	72,22	11,98	220,2
Belo Horizonte/MG	33,96	9,41	17,99	122,36	292,78	24,95	139,23	125,16	0	15,92	0	781,77
Blumenau/SC	0	0	3,2	13,84	62,28	0	26,49	3,6	0	0	0	109,4
Boa Vista (RR)	0	0	0	14,66	0	33,37	4,81	0	29,25	0	4,22	86,32
Brasília/DF	159,3	40,4	11,27	105,22	100,44	28,01	61,95	111,6	10,54	37,63	0	666,36
Cabo Frio/RJ	0	0	0	5,39	42,05	6,19	12,04	21,81	0	15,13	0	102,62
Campina Grande/PB	0	0	0	8,9	15,9	2,21	14,88	1,31	0	16,59	0	59,79
Campinas/SP	2,57	12,01	67,36	105,72	156,9	14,13	58,21	57,08	0	0	0	473,98
Campo Grande (MS)	0	10,79	13,47	26,51	55,85	12,79	16,83	52,1	0	1,93	0	190,27
Campos dos Goytacazes/RJ	0	0	0	10,83	10,71	2,28	15,07	23,32	0	25,36	0	87,57
Caruaru (PE)	0	0	0	3,11	14,55	0	18,98	0	0	2,92	0	39,55
Caxias do Sul/RS	0	0	0	20,24	55,98	0	14,15	18,17	0	0	0	108,54
Criciúma/SC	0	0	2,24	5,13	41,82	0	24,89	30,27	0	0	0	104,35
Cuiabá/MT	0	0	22,63	25,29	9,67	37,18	36,1	44,07	5,31	0	0	180,24
Curitiba/PR	1,16	11,55	47,26	127,26	254,75	0	72,61	49,54	0	9,75	0	573,87
Feira de Santana (BA)	0	0	0	7,37	19,12	5,6	27,17	18,77	0	0	0	78,03
Florianópolis/SC	2,76	1,23	9,8	70,49	76,04	3,99	17,8	39,16	0	0	0	221,27
Fortaleza/CE	2,62	7,86	16,62	16,28	5,74	76,03	145,22	74,78	7,7	22,19	1,33	376,37
Franca/SP	0	0	0	19,4	44,12	0	7,99	9,91	0	0,69	0	82,11
Goiânia/GO	0	4,17	21,87	94,72	97,39	23,44	75,63	209,06	0	5,44	0	531,73
Internacional de Foz do Iguaçu/Brasil - Ciudad del Este/Paraguai	0	0	0	20,19	17,81	0	16,93	12,28	0	0	0	67,21
Ipatinga/MG	0	0	0	19,26	45,88	0	0	19,26	0	0,83	0	85,23
Itajaí - Balneário Camboriú/SC	0	0	0	11,94	35,52	0	46,04	8,43	0	0	0	101,92
João Pessoa/PB	0	0	17,84	26,43	8,44	3,46	46,46	36,12	0	24,74	0	163,49
Joinville/SC	0	0	14,5	33,63	46,75	0	15,43	13,18	0	0	0	123,48
Juazeiro do Norte/CE	0	0	0	0	0	3	29,36	12,68	0	3,81	0	48,85
Juiz de Fora/MG	0	0	5,34	4,27	56,86	0	0	22,76	0	0	0	89,23
Jundiaí/SP	0	0	9,68	37,27	64,17	0	24,25	71,99	0	0	0	207,36
Londrina/PR	0	0	20,79	13,23	98,44	0	21	0	0	2,31	0	155,76
Macaé - Rio das Ostras/RJ	0	0	0	24,5	11,23	2,43	7,89	37,98	0	0	0	84,01
Macapá/AP	0	0	0	0	0	17,02	0	0	13,53	33,99	5,45	69,99
Maceió/AL	0	2,21	0	11,61	0	23,17	28,7	57,31	0	6,72	0	129,72
Manaus (AM)	0	9,56	0	7,16	0	122,38	4,02	12,04	0	86,11	0	241,26
Maringá/PR	0	1,5	0	38,32	62,64	0	7,65	36,48	0	0	0	146,59
Montes Claros (MG)	0	0	0	16,09	11,92	0	28,25	0	0	0	0	56,26
Natal/RN	0	5,57	7,08	33,98	4,52	24	54,55	35,34	0	0	0	165,03
Palmas (TO)	0	0	0	35,77	0	16,59	12,26	0	0	0	0	64,62
Pelotas/RS	0	0	0	17,29	23,12	0	18,37	8,55	0	0	0	67,33
Petrolina/PE - Juazeiro/BA	0	0	0	9,3	7,69	8,85	20,58	14,66	0	9,11	0	70,19
Petrópolis/RJ	0	0	0	3,49	11,69	5,01	2,8	58,82	0	0	0	81,82
Piracicaba/SP	0	0	2,4	35,36	33,89	0	30,2	10,82	0	0	0	112,67
Ponta Grossa/PR	0	0	2,34	3,1	46,2	0	32,57	8,81	0	0	0	93,03
Porto Alegre/RS	8,16	11,33	16,73	115,35	291,75	0	145,82	62,95	0	0	0	652,09
Porto Velho/RO	0	0	0	0	0	35,88	0	17,3	3,3	46,51	0	102,99
Presidente Prudente/SP	0	0	0	29,84	27,59	0	8,13	17,97	0	0	0	83,53
Recife/PE	0	9,26	7,81	29,57	20,48	45,65	122,09	90,25	13,23	51,3	0	389,64
Ribeirão Preto/SP	0	0	29,73	37,06	63,77	0	35,44	0	0	0	0	166,01
Rio Branco (AC)	0	0	0	0	0	17,74	3,11	0	19,42	19,54	0	59,81
Rio de Janeiro/RJ	32,91	31,3	43,1	166,13	447,89	88,01	191,14	404,72	84,52	14,43	0	1 504,16
Salvador/BA	4,65	9,31	36,85	24,38	5,91	72,2	110,31	73,26	0	11,9	0	348,76
São José do Rio Preto/SP	0	0	16,52	32,16	56,67	0	2,92	36,29	0	0	0	144,57
São José dos Campos/SP	0	6,04	10,59	86,6	83,92	11,39	21,39	62,87	0	0	0	282,81
São Luís/MA	0	11,39	0	19,8	0	52,28	7,58	22,84	0	45,17	54,38	213,43
São Paulo/SP	81,94	46,63	119,54	370,21	756,34	42,58	327,02	230,01	0	0	0	1 974,27
Sorocaba/SP	0	0	12,44	58,74	57,92	1,2	17,88	36,59	0	0	0	184,76
Teresina/PI	0	0	15,29	10,67	5,27	35,66	13,08	45,4	0	4,48	6,24	136,09
Uberlândia (MG)	0	0	3,69	36,01	75,01	0	4,9	0	0	0	0	119,62
Vitória da Conquista (BA)	0	0	0	7,75	7,29	0	12,13	25,37	0	1,71	0	54,25
Vitória/ES	2,31	7,46	10,3	60,08	49,42	16,18	47,3	44,73	4,62	3,19	0	245,58
Volta Redonda - Barra Mansa/RJ	0	0	0	23,5	29,24	0	11,9	4,03	0	0	0	68,67
Total	332,34	254,88	656,11	2 457,14	4 125,77	970,82	2 467,61	2 686,11	196,98	618,99	83,6	14 850,35

Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.

Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

APÊNDICE 9

**Percentual de área por Concentração Urbana
e tipo intraurbano**

Apêndice 9 - Percentual de Área por Concentração Urbana e tipo intraurbano - 2010

Nome da Concentração Urbana	Percentual (%) de área por tipo intraurbano											Total
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	
Americana - Santa Bárbara d'Oeste/SP	0,00	0,00	0,00	27,40	61,20	0,00	11,40	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Anápolis (GO)	0,00	0,00	0,00	20,60	19,70	0,00	8,50	32,90	0,00	18,30	0,00	100,00
Aracaju/SE	0,00	5,00	0,00	28,10	7,30	2,10	18,60	29,90	0,00	9,00	0,00	100,00
Baixada Santista/SP	0,00	0,00	2,10	13,80	36,60	0,00	34,50	11,60	1,40	0,00	0,00	100,00
Bauru/SP	0,00	0,00	16,40	24,50	34,70	0,00	18,80	5,60	0,00	0,00	0,00	100,00
Belém/PA	0,00	0,00	0,90	5,50	1,00	24,30	6,70	22,30	1,10	32,80	5,40	100,00
Belo Horizonte/MG	4,30	1,20	2,30	15,70	37,50	3,20	17,80	16,00	0,00	2,00	0,00	100,00
Blumenau/SC	0,00	0,00	2,90	12,60	56,90	0,00	24,20	3,30	0,00	0,00	0,00	100,00
Boa Vista (RR)	0,00	0,00	0,00	17,00	0,00	38,70	5,60	0,00	33,90	0,00	4,90	100,00
Brasília/DF	23,90	6,10	1,70	15,80	15,10	4,20	9,30	16,70	1,60	5,60	0,00	100,00
Cabo Frio/RJ	0,00	0,00	0,00	5,30	41,00	6,00	11,70	21,30	0,00	14,70	0,00	100,00
Campina Grande/PB	0,00	0,00	0,00	14,90	26,60	3,70	24,90	2,20	0,00	27,70	0,00	100,00
Campinas/SP	0,50	2,50	14,20	22,30	33,10	3,00	12,30	12,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Campo Grande (MS)	0,00	5,70	7,10	13,90	29,40	6,70	8,80	27,40	0,00	1,00	0,00	100,00
Campos dos Goytacazes/RJ	0,00	0,00	0,00	12,40	12,20	2,60	17,20	26,60	0,00	29,00	0,00	100,00
Caruaru (PE)	0,00	0,00	0,00	7,90	36,80	0,00	48,00	0,00	0,00	7,40	0,00	100,00
Caxias do Sul/RS	0,00	0,00	0,00	18,60	51,60	0,00	13,00	16,70	0,00	0,00	0,00	100,00
Criciúma/SC	0,00	0,00	2,20	4,90	40,10	0,00	23,90	29,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Cuiabá/MT	0,00	0,00	12,60	14,00	5,40	20,60	20,00	24,40	2,90	0,00	0,00	100,00
Curitiba/PR	0,20	2,00	8,20	22,20	44,40	0,00	12,70	8,60	0,00	1,70	0,00	100,00
Feira de Santana (BA)	0,00	0,00	0,00	9,40	24,50	7,20	34,80	24,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Florianópolis/SC	1,20	0,60	4,40	31,90	34,40	1,80	8,00	17,70	0,00	0,00	0,00	100,00
Fortaleza/CE	0,70	2,10	4,40	4,30	1,50	20,20	38,60	19,90	2,00	5,90	0,40	100,00
Franca/SP	0,00	0,00	0,00	23,60	53,70	0,00	9,70	12,10	0,00	0,80	0,00	100,00
Goiânia/GO	0,00	0,80	4,10	17,80	18,30	4,40	14,20	39,30	0,00	1,00	0,00	100,00
Internacional de Foz do Iguaçu/Brasil - Ciudad del Este/Paraguai	0,00	0,00	0,00	30,00	26,50	0,00	25,20	18,30	0,00	0,00	0,00	100,00
Ipatinga/MG	0,00	0,00	0,00	22,60	53,80	0,00	0,00	22,60	0,00	1,00	0,00	100,00
Itajaí - Balneário Camboriú/SC	0,00	0,00	0,00	11,70	34,80	0,00	45,20	8,30	0,00	0,00	0,00	100,00
João Pessoa/PB	0,00	0,00	10,90	16,20	5,20	2,10	28,40	22,10	0,00	15,10	0,00	100,00
Joinville/SC	0,00	0,00	11,70	27,20	37,90	0,00	12,50	10,70	0,00	0,00	0,00	100,00
Juazeiro do Norte/CE	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	6,20	60,10	25,90	0,00	7,80	0,00	100,00
Juiz de Fora/MG	0,00	0,00	6,00	4,80	63,70	0,00	0,00	25,50	0,00	0,00	0,00	100,00
Jundiaí/SP	0,00	0,00	4,70	18,00	30,90	0,00	11,70	34,70	0,00	0,00	0,00	100,00
Londrina/PR	0,00	0,00	13,30	8,50	63,20	0,00	13,50	0,00	0,00	1,50	0,00	100,00
Macaé - Rio das Ostras/RJ	0,00	0,00	0,00	29,20	13,40	2,90	9,40	45,20	0,00	0,00	0,00	100,00
Macapá/AP	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	24,30	0,00	0,00	19,30	48,60	7,80	100,00
Maceió/AL	0,00	1,70	0,00	9,00	0,00	17,90	22,10	44,20	0,00	5,20	0,00	100,00
Manaus (AM)	0,00	4,00	0,00	3,00	0,00	50,70	1,70	5,00	0,00	35,70	0,00	100,00
Maringá/PR	0,00	1,00	0,00	26,10	42,70	0,00	5,20	24,90	0,00	0,00	0,00	100,00
Montes Claros (MG)	0,00	0,00	0,00	28,60	21,20	0,00	50,20	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Natal/RN	0,00	3,40	4,30	20,60	2,70	14,50	33,10	21,40	0,00	0,00	0,00	100,00
Palmas (TO)	0,00	0,00	0,00	55,40	0,00	25,70	19,00	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Pelotas/RS	0,00	0,00	0,00	25,70	34,30	0,00	27,30	12,70	0,00	0,00	0,00	100,00
Petrolina/PE - Juazeiro/BA	0,00	0,00	0,00	13,30	11,00	12,60	29,30	20,90	0,00	13,00	0,00	100,00
Petrópolis/RJ	0,00	0,00	0,00	4,30	14,30	6,10	3,40	71,90	0,00	0,00	0,00	100,00
Piracicaba/SP	0,00	0,00	2,10	31,40	30,10	0,00	26,80	9,60	0,00	0,00	0,00	100,00
Ponta Grossa/PR	0,00	0,00	2,50	3,30	49,70	0,00	35,00	9,50	0,00	0,00	0,00	100,00
Porto Alegre/RS	1,30	1,70	2,60	17,70	44,70	0,00	22,40	9,70	0,00	0,00	0,00	100,00
Porto Velho/RO	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	34,80	0,00	16,80	3,20	45,20	0,00	100,00
Presidente Prudente/SP	0,00	0,00	0,00	35,70	33,00	0,00	9,70	21,50	0,00	0,00	0,00	100,00
Recife/PE	0,00	2,40	2,00	7,60	5,30	11,70	31,30	23,20	3,40	13,20	0,00	100,00
Ribeirão Preto/SP	0,00	0,00	17,90	22,30	38,40	0,00	21,30	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Rio Branco (AC)	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	29,70	5,20	0,00	32,50	32,70	0,00	100,00
Rio de Janeiro/RJ	2,20	2,10	2,90	11,00	29,80	5,90	12,70	26,90	5,60	1,00	0,00	100,00
Salvador/BA	1,30	2,70	10,60	7,00	1,70	20,70	31,60	21,00	0,00	3,40	0,00	100,00
São José do Rio Preto/SP	0,00	0,00	11,40	22,20	39,20	0,00	2,00	25,10	0,00	0,00	0,00	100,00
São José dos Campos/SP	0,00	2,10	3,70	30,60	29,70	4,00	7,60	22,20	0,00	0,00	0,00	100,00
São Luís/MA	0,00	5,30	0,00	9,30	0,00	24,50	3,60	10,70	0,00	21,20	25,50	100,00
São Paulo/SP	4,20	2,40	6,10	18,80	38,30	2,20	16,60	11,70	0,00	0,00	0,00	100,00
Sorocaba/SP	0,00	0,00	6,70	31,80	31,40	0,60	9,70	19,80	0,00	0,00	0,00	100,00
Teresina/PI	0,00	0,00	11,20	7,80	3,90	26,20	9,60	33,40	0,00	3,30	4,60	100,00
Uberlândia (MG)	0,00	0,00	3,10	30,10	62,70	0,00	4,10	0,00	0,00	0,00	0,00	100,00
Vitória da Conquista (BA)	0,00	0,00	0,00	14,30	13,40	0,00	22,40	46,80	0,00	3,10	0,00	100,00
Vitória/ES	0,90	3,00	4,20	24,50	20,10	6,60	19,30	18,20	1,90	1,30	0,00	100,00
Volta Redonda - Barra Mansa/RJ	0,00	0,00	0,00	34,20	42,60	0,00	17,30	5,90	0,00	0,00	0,00	100,00
Total	2,20	1,70	4,40	16,50	27,80	6,50	16,60	18,10	1,30	4,20	0,60	100,00

Fonte: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.
Nota: Considerando as Áreas de Ponderação com mais de 40% de domicílios particulares permanentes ocupados em situação urbana.

REFERÊNCIAS

ACIOLY JUNIOR, C. C.; DAVIDSON, F. *Densidade urbana: um instrumento de planejamento e gestão urbana*. 19. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998. 104 p.

ANDRIGHETTI, Y. *Nordeste: mito e realidade*. 1. reimpr. São Paulo: Moderna, 1999. 175 p. (Polêmica).

ARAÚJO, T. B. Tendências do desenvolvimento regional recente no Brasil. In: BRANDÃO, C.; SIQUEIRA, H. (Org.). *Pacto federativo, integração nacional e desenvolvimento regional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013. p. 39-51. (Projetos para o Brasil). Disponível: <<https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/05/mioloPactoNOVO21.pdf>>. Acesso em: set. 2017.

ÁREAS urbanizadas do Brasil 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. 16 p. (Série relatórios metodológicos, v. 44). Disponível: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/geografia_urbana/areas_urbanizadas/default_2015.shtm>. Acesso em: set. 2017.

ARRANJOS populacionais e concentrações urbanas do Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 167 p. Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/geografia_urbana/arranjos_populacionais/default.shtm?c=9>. Acesso em: set. 2017.

ATLAS da vulnerabilidade social nas regiões metropolitanas brasileiras. Brasília, DF: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, 2015. 240 p. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=26406&Itemid=1>. Acesso em: set. 2017.

ATLAS do censo demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. 156 p. Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default_atlas.shtm>. Acesso em: set. 2017.

ATLAS do desenvolvimento humano nas regiões metropolitanas brasileiras. Brasília, DF: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA; Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro - FJP, 2014. 120 p. (Atlas do desenvolvimento humano no Brasil). Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/data/rawData/publicacao_atlas_rm_pt.pdf>. Acesso em: set. 2017.

ATLAS geográfico das zonas costeiras e oceânicas do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. 173 p. Disponível em: <<http://www.atlasmar.ibge.gov.br/>>. Acesso em: set. 2017.

BARROSO, L. P.; ARTES, R. *Análise multivariada*. Lavras: Universidade Federal de Lavras, 2003. 156 p.

BRAGA, R. M. Tendências e perspectivas das teorias locacionais no capitalismo contemporâneo. *Geografares*, Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, Programa de Pós-Graduação em Geografia, n. 6, p. 167-179, 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/geografares/article/view/1024/759>>. Acesso em: set. 2017.

CANO, W. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. 4. ed. Campinas: Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Instituto de Economia, 1998. 322 p. (Unicamp: 30 anos de economia, 1).

CAPEL, H. A modo de introducción: los problemas de las ciudades: urbs, civitas y polis. In: _____. (Coord.). *Ciudades, arquitectura y espacio*

urbano. Almería: Instituto Cajamar, 2003. p. 9-22. (Mediterrâneo Econômico, 3). Disponível em: <<http://www.publicacionescajamar.es/publicaciones-periodicas/mediterraneo-economico/mediterraneo-economico-3-ciudades-arquitectura-y-espacio-urbano/>>. Acesso em: set. 2017.

CARLOS, A. F. A. A metrópole de São Paulo no contexto da urbanização contemporânea. *Estudos Avançados*, São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, Instituto de Estudos Avançados, v. 23, n. 66, p. 303-314, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v23n66/a21v2366.pdf>>. Acesso em: set. 2017.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Famílias e domicílios: resultados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/97/cd_2010_familias_domicilios_amostra.pdf>. Acesso em: set. 2017.

CENSO demográfico 2010. Trabalho principal, ocupação. In: IBGE. BME: banco multidimensional de estatísticas. Rio de Janeiro, 2017. V6461. Disponível em: <<https://w3.bme.ibge.gov.br/app/adhoc/index.jsp>>. Acesso em: mar. 2017.

COFFEY, W. J.; MANZAGOL, C.; SHEARMUR, R. G. L'évolution spatiale de l'emploi dans la région métropolitaine de Montréal, 1981-1996. *Cahiers de Géographie du Québec*, Quebec: Université Laval, Département de Géographie, v. 44, n. 123, p. 325-339, déc. 2000.

CORAGGIO, J. L. La gobernabilidad de las grandes ciudades: sus condiciones económicas. *Cadernos Metrópole*, São Paulo: Observatório das Metrópoles, n. 3, p. 11-32, 2000. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/viewFile/9326/6921>>. Acesso em: set. 2017.

CORRÊA, R. L. Diferenciação sócio-espacial, escala e práticas espaciais. *Revista Cidades*, São Paulo: Grupo de Estudos Urbanos - GEU, v. 4, n. 6, p. 62-72, 2007. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/viewFile/570/601>>. Acesso em: set. 2017.

CRUZ, C. D.; REGAZZI, A. J. *Modelos biométricos aplicados ao melhoramento genético*. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa - UFV, Imprensa Universitária, 1994. 390 p.

DANTAS, E. W. C.; SILVA, J. B. da. A formação histórica da metrópole e principais tendências de desenvolvimento. In: PEQUENO, L. R. B. (Org). *Como anda Fortaleza*. 2. ed. Rio de Janeiro: Observatório das Metrópoles: Letra Capital, 2009. p. 1-39. (Conjuntura urbana, 5). Disponível em: <http://web.observatoriodasmetrolopoles.net/new/images/abook_file/Vol5_como_anda_fortaleza.pdf>. Acesso em: set. 2017.

DESENVOLVIMENTO regional e estruturação da rede urbana. In: CARACTERIZAÇÃO e tendências da rede urbana do Brasil. Brasília, DF: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, 2002. v. 3. Trabalho de pesquisa coordenado pelo IPEA, em parceria com o IBGE e o Núcleo de Economia Social, Urbana e Regional - Nesur do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, com o apoio de diversas instituições. Disponível em: <<https://archive.org/details/caracterizacaoeten20013bras>>. Acesso em: set. 2017.

DIVISÃO urbano-regional. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default_divisao_urbano_regional.shtm>. Acesso em: set. 2017.

GOTTDIENER, M. *A produção social do espaço urbano*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1997. 310 p. (Ponta, v. 5).

JOHNSON, R. A.; WICHERN, D. W. *Applied multivariate statistical analysis*. 3rd ed. Englewood Cliffs: Prentice Hall, c1992. 642 p.

LANDSAT TM 8: imagem de satélite. São José dos Campos: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE, 2017. Composição 6, 5, 4, cena 231/062 de 27.07.2016. Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>>. Acesso em: out. 2016.

MACK, R. W.; McELRATH, D. Urban social differentiation and the allocation of resources. In: WALTON, J.; CARNS, D. E. (Comp.). *Cities in change: studies on the urban condition*. Boston: Allyn and Bacon, 1974. p. 145-154.

METODOLOGIA do censo demográfico 2010. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 720 p. Acompanha 1 CD-ROM. (Série relatórios metodológicos, v. 41). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/metodologia/default_metodologia.shtm>. Acesso em: set. 2017.

MOURA, R.; KORNIN, T. A internacionalização da metrópole e os direitos humanos. In: MOURA, R.; FIRKOWSKI, O. L. C. de (Org.). *Dinâmicas intrametropolitanas e produção do espaço na região metropolitana de Curitiba*. Curitiba: Observatório das Metrópoles; Rio de Janeiro: Letra Capital, 2009. p. 17-29. Disponível em: <http://www.observatoriodasmetrolopoles.net/new/images/abook_file/livro_rmcuritiba.pdf>. Acesso em: set. 2017.

O'NEILL, M. M. V. C. *Segregação residencial: um estudo de caso*. 1983. 182 p. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.

OPENSTREETMAP. Sutton Coldfield: OpenStreetMap Foundantion, 2017. Disponível em: <<http://www.openstreetmap.org>>. Acesso em: maio 2015.

PARK, R. E. Human ecology. *American Journal of Sociology*, Chicago: University of Chicago Press, v. 42, n. 1, p. 1-15, July 1936.

PEREIRA, F. M.; LEMOS, M. B. Políticas de desenvolvimento para cidades médias mineiras. *Cadernos BDMG*, Belo Horizonte: Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais - BDMG, n. 9, p. 1-28, out. 2004. Disponível em: <<http://www.redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/pol%C3%ADticas%20de%20desenvolvimento%20para%20cidades%20m%C3%A9dias%20mineiras.pdf>>. Acesso em: set. 2017.

PERES, P. *O que é o projeto ZFM?* Manaus: Superintendência da Zona Franca de Manaus - Suframa, 2015. Disponível em: <<http://site.suframa.gov.br/assuntos/modelo-zona-franca-de-manauas/o-que-e-o-projeto-zfm>>. Acesso em: set. 2017.

- PRETECEILLE, E.; RIBEIRO, L. C de Q. R. Tendências da segregação social em metrópoles globais e desiguais: Paris e Rio de Janeiro nos anos 80. *EURE: revista latinoamericana de estudios urbano regionales*, Santiago de Chile: Pontificia Universidad Católica de Chile, Instituto de Estudios Urbanos y Territoriales, v. 25, n. 76, p. 79-102, dic. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0250-71611999007600004&lng=es&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: set. 2017.
- REGIÕES de influência das cidades 2007. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. 201 p. Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/regic.shtm>> . Acesso em: set. 2017.
- RELATÓRIO brasileiro para a Habitat III. Brasília, DF: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA: Conselho Nacional das Cidades - ConCidades, 2016. 141 p. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/160408_relatorio_habitat_iii.pdf>. Acesso em: set. 2017.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2012. 384 p. (Coleção Milton Santos, 1).
- _____. *A urbanização brasileira*. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2013. 174 p. (Coleção Milton Santos, 6).
- SASSEN, S. *Cities in a world economy*. 4th ed. Thousand Oaks: SAGE/Pine Forge Press, c2012. 399 p. (Sociology for a new century series).
- SINOPSE do censo demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. 265 p. Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/sinopse/sinopse_tab_uf_zip.shtm>. Acesso em: set. 2017.
- SOJA, E. W. Uma concepção materialista da espacialidade. In: BECKER, B. K.; COSTA, R. H. da; SILVEIRA, C. B. (Org.). *Abordagens políticas da espacialidade*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Departamento de Geografia, 1983. p. 22-74.
- _____. Para além de postmetropolis. *Revista UFMG*, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, v. 20, n. 1, p. 137-167, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/download/1781/1278>>. Acesso em: set. 2017.
- _____. *Postmetropolis: critical studies of cities and regions*. Malden: Blackwell, 2000. 440 p.
- SOUZA, M. A. de A.; MIRANDA, L.; BITOUN, J. Caracterização geral da região metropolitana do Recife. In: CLEMENTINO, M. do L. M.; SOUZA, M. A. de A. (Org.). *Como andam Natal e Recife*. 2. ed. Rio de Janeiro: Observatório das Metrópoles: Letra Capital, 2009. p. 93-124. (Conjuntura Urbana, 6). Disponível em: <http://www.observatoriodasmetrosoles.ufrj.br/Vol6_como_andam_natal_recife.pdf>. Acesso em: set. 2017.
- SOUZA, M. L. de. *A prisão e a ágora: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 632 p.
- SPOSITO, M. E. B. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: VASCONCELOS, P. de A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. (Org.). *A cidade contemporânea: segregação espacial*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 61-94.
- SPOSITO, M. E. B.; CATELAN, M. J. Hierarchy and heterarchy in Brazil's urban network. *Brazilian Geographical Journal: geosciences and humanities research medium*, Ituiutaba: Universidade Federal de Uberlândia - UFU, Faculdade de Ciências Integradas, v. 5, n. 2, p. 556-574, July/Dec. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/braziliangeojournal/article/download/26442/15656>>. Acesso em: set. 2017.
- STAT 505: applied multivariate statistical analysis. State College: Penn State University, Eberly College of Science, Disponível em: <<https://onlinecourses.science.psu.edu/stat505/node/146>>. Acesso em: set. 2017.
- VASCONCELOS, P. A. Contribuição para o debate sobre processos e formas socioespaciais nas cidades. In: VASCONCELOS, P. A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. (Org.). *A cidade contemporânea: segregação espacial*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 17-38.
- WALKER, R. A. Two sources of uneven development under advanced capitalism: spatial differentiation and capital mobility. *Review of Radical Political Economics*, Glasgow: SAGE Journals, v. 10, n. 3, out. 1978.
- WEBER, M. Conceito e categorias de cidade. In: VELHO, O. G. (Org.). *O fenômeno urbano*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 68-89. (Textos básicos de ciências sociais).

FOUPE TÉCNICA

Diretoria de Geociências

Coordenação de Geografia

Claudio Stenner

Gerência de Regionalização

Cayo de Oliveira Franco

Paulo Wagner Teixeira Marques

Gerência de Geoprocessamento e Qualidade

Felipe Mendes Cronemberger

Gustavo Medeiros de Pinho

Jose Carlos Louzada Morelli

Coordenação do Projeto

Maria Monica Vieira Caetano O'Neill

Equipe técnica

Mauricio Gonçalves e Silva

Mauro Sergio Pinheiro dos Santos de Souza

Diretoria de Pesquisas

Coordenação de Métodos e Qualidade

Sonia Albieri

Gerência de Metodologia Estatística

Antônio José Ribeiro Dias

Equipe técnica

Alexandre dos Reis Santos

Viviane Cirillo Carvalho Quintaes

Colaboradores

Diretoria de Geociências

Coordenação de Geografia

Adma Hamam de Figueiredo

Camilla Silva Motta dos Santos

Luis Cavalcanti da Cunha Bahiana

Marcelo Paiva da Motta

Evelyn de Oliveira Meirelles

Mario Conceição Rangel

Thalita Campos Lima

Pedro Henrique Braga Moreira Lima

Coordenação de Estruturas Territoriais

Romay Conde Garcia

Unidade Estadual do Amazonas

José Ilcleson Mendes

Alexsandra Maria do Nascimento

Argemiro Nogueira do Nascimento Neto

Fernando de Souza Lima

Ricardo Marinho Góes

Unidade Estadual da Paraíba

Roberto Salgado Beato

João Alfredo Neto de Oliveira

Marcos Caetano de Araújo

Saulo Rubens Ribeiro de Caldas Barros

Iraildo Vitoriano da Silva

Klênio Figueiredo Morais

Paulo Roberto da Silva

Unidade Estadual de Santa Catarina

Alceu Jose Vanzella

Roque Bohnenberger

Antônio Guarda

Danilo Cesar Lopes Meneses

Eurico Silva Campos

Projeto Editorial

Centro de Documentação e Disseminação de Informações

Coordenação de Produção

Marise Maria Ferreira

Gerência de Editoração

Estruturação textual

Katia Vaz Cavalcanti

Marisa Sigolo

Diagramação tabular e de gráficos

Mônica Pimentel Cinelli Ribeiro

Diagramação textual

Fernanda Jardim

Mônica Pimentel Cinelli Ribeiro

Projeto gráfico

Mônica Pimentel Cinelli Ribeiro

Produção do *e-book*

Roberto Cavararo

Gerência de Documentação**Pesquisa e normalização documental**

Ana Raquel Gomes da Silva

Juliana Chagas Moreira

Juliana da Silva Gomes

Kleiton Moura Silva (Estagiário)

Lioara Mandoju

Nadia Bernuci dos Santos

Solange de Oliveira Santos

Vera Lúcia Punzi Barcelos Capone

Normalização textual e padronização de glossários

Ana Raquel Gomes da Silva

Elaboração de quartas capas

Ana Raquel Gomes da Silva

Juliana da Silva Gomes

Gerência de Gráfica

Ednalva Maia do Monte

Impressão e acabamento

Newton Malta de Souza Marques

Helvio Rodrigues Soares Filho

Se o assunto é **Brasil**,
procure o **IBGE**.



/ibgecomunica



/ibgeoficial



/ibgeoficial



/ibgeoficial

www.ibge.gov.br 0800-721-8181

TIPOLOGIA INTRAURBANA

Espaços de diferenciação socioeconômica nas concentrações urbanas do Brasil

O presente estudo retrata a diversidade das condições de vida da população. Alinhado às necessidades de se aprofundar o conhecimento das formas de organização da estrutura interna das cidades, o IBGE apresenta os resultados obtidos em uma escala de detalhe maior do que a do município. Tal esforço vem a contribuir para o planejamento urbano de instituições nacionais, além de ampliar o diálogo com as organizações internacionais voltadas para a transformação dos espaços urbanos de modo sustentável.

A metodologia adotada em sua elaboração apoiou-se em sucessivas análises de agrupamentos de temas ligados à adequação de moradia e condições socioeconômicas da população, nas 63 maiores Concentrações Urbanas do País (mais de 300 mil habitantes), além das Cidades de Palmas e Boa Vista, capitais dos Estados do Tocantins e de Roraima, respectivamente. O conjunto totalizou 435 municípios analisados, onde residiam, segundo o Censo Demográfico 2010, mais de 96 milhões de habitantes, ou 50,4% da população do Brasil naquele ano.

Os resultados propiciaram a criação de 11 tipos intraurbanos que representam as diversas condições de vida dos habitantes nos tecidos urbanos das cidades brasileiras. A análise dos dados foi realizada em quatro dimensões: a primeira caracteriza cada tipo intraurbano e seus respectivos subtipos; a segunda discute a distribuição dos tipos em escala nacional e nas Grandes Regiões do País; a terceira identifica alguns padrões de estrutura de condições de vida, associando-os à forma urbana que as caracterizam; e, por fim, a quarta abordagem reúne as Concentrações Urbanas de mesmo porte populacional, conforme a distribuição da população segundo os tipos intraurbanos.

Esta publicação conclui, assim, uma série de estudos sobre as escalas de urbanização elaboradas pelo IBGE. Nela são apresentados os principais pontos conceituais adotados, a metodologia empregada e as análises efetuadas. Um conjunto de apêndices ao final da publicação, vastamente ilustrados com mapas, quadros, gráficos e tabelas, complementa seu conteúdo.

A publicação também está disponível no portal do IBGE na Internet, que reúne, ainda, inúmeros dados para download e geoserviços de mapas.

